



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ-UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS -MAHIS

ALYNE B. F. VIRINO RICARTE

O FOLHETO NA HISTÓRIA E A HISTÓRIA NO FOLHETO
Práticas e Discursos Culturais do Cordel de Circunstância em
Fortaleza (1987- 2007)

FORTALEZA – CEARÁ
2009

ALYNE B. F. VIRINO RICARTE

O FOLHETO NA HISTÓRIA E A HISTÓRIA NO FOLHETO
Práticas e Discursos Culturais do Cordel de Circunstância em
Fortaleza (1987- 2007)

Dissertação submetida à Coordenação do
Mestrado em História e Culturas – MAHIS da
Universidade Estadual do Ceará – UECE
como requisito parcial para obtenção do título
de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Erick de Assis Araújo

FORTALEZA – CEARÁ

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ-UECE
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS - MAHIS

Título do trabalho: **O FOLHETO NA HISTÓRIA E A HISTÓRIA NO FOLHETO
Práticas e Discursos Culturais do Cordel de Circunstância em Fortaleza (1987-
2007)**

Autora: Alyne B. F. Virino Ricarte

Defesa em : 27 / 03 / 2009

Conceito Obtido: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Erick de Assis Araújo
Universidade Estadual do Ceará - UECE
Orientador

Profª Drª Martine Kunz
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá
Universidade Estadual do Ceará - UECE

AGRADECIMENTOS



Se soubesse compor, esta seria a hora de uma poesia para expressar tamanha gratidão e carinho por aqueles que de uma maneira ou de outra estiveram comigo neste caminho, mas deixo esta arte aos poetas e comunico meus agradecimentos àqueles que compõem a história desta pesquisa:

Ao meu companheiro Ricarte, que me incentivou desde o início, ao meu lado nas horas de sorrisos e lágrimas com paciência e dedicação,

Aos meus pais pelo apoio, incentivo, amor e livros, por tudo,

Ao meu maninho meu primeiro aluno, o único a me questionar numa sala de ursinhos e assim me fazer crescer e apaixonar-me pela docência,

Ao afeto e admiração de toda a família, Os Bezerra Façanha, Os Virino's e Os Ricarte's,

Aos meus amigos, companheiros de luta e de caminhada: Aline Rosa, Carol Campos e Cícero Joaquim,

Aqueles que torceram por mim, me emprestaram livros, compreenderam minhas ausências, me deram oportunidades de crescer: Ana Hilda, Paula Virginia, Ítala Bianca, Alessandra, Rafinha, André e Carol Rocha, Ricardo Romcy, Ítala Melo,

Aos professores amigos pela atenção e conhecimento dividido sempre: Professor Gilmar de Carvalho, Professora Berenice Abreu, Professora Elba Ramalho, Albio, Lucilli, Germano e professora Martine Kunz,

Ao casal Jucá, Gisafran e Regina, que sempre me apoiaram, socorreram em metodologias e burocracias, sempre com atenção e carinho,

Ao programa do MAHIS que me fez parte de sua história,

Ao meu orientador Erick Assis,

Ao Grupo de estudo de estudo Oralidade, Cultura e sociedade pelo aprendizado estimulado e dividido,

À CAPES pelo fomento e credibilidade à pesquisa e

Aos cordelistas que dividiram comigo poesias e pensamentos: Guaipuan, Klévisson, Arievaldo, Paulo de Tarso, Vânia, Rouxinol, Pardal, Jotabê, Eliseu, Luciene, Lucas, França e Lucarocas.

RESUMO

Esta dissertação **O Folheto Na História E A História No Folheto - Práticas e Discursos Culturais do Cordel de Circunstância em Fortaleza (1987- 2007)** tem como objetivo identificar e construir uma análise das práticas como dinâmicas de produção e dos discursos como posturas ideológicas das produtoras Cecordel (Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste) e a Tupynanquim (Editora comercial) frente ao cordel de circunstância como temática específica na manifestação cultural da Literatura de Cordel em Fortaleza. Assim também como articular os domínios espaciais e estruturais de cada uma, desde a fundação do Cecordel (1987) e da Tupynanquim (1996). Neste trabalho a metodologia da história oral se apresenta como referencial para mapear a perspectiva desejada, por trabalharmos um período chamado história imediata tanto pelo corte temático, feito pela fundação das produtoras à atualidade, tanto pelas próprias temáticas dos folhetos que são acontecimentos analisados no presente e em sua maioria no presente imediato, fatos vislumbrados através dos meios de comunicação de massa. Assim também a pesquisa se apóia em amplas referências bibliográficas e nos próprios folhetos selecionados, catalogados e categorizados especificamente para este trabalho todos de circunstância. Uma pesquisa em movimento, assim como os conceitos e estruturas trabalhadas, entre as práticas culturais, a história imediata, a comunicação criativa, a cultura popular e a memória.

Palavras- chave: Cordel de circunstância, Práticas culturais, História do presente

ABSTRACT

This dissertation **The booklet in history and history on the booklet - cultural practices and speeches cordel from Fortaleza (1987 - 2007)** aims to identify and build an analysis of practices such as dynamic production and speeches as ideological attitudes of producing Cecordel (Cultural Centre of Cordelistas from Northeast) and Tupynanquim (publishing company) front to the cordel of circumstance as thematic in the cultural manifestation of the Cordel Literature in Fortaleza. Thus also as to articulate the space and structural domain of each one, since the foundation of the Cecordel (1987) and the Tupynanquim (1996). In this work the methodology of verbal history presents as a referential to map the desired perspective, for working by a period called immediate history in such as thematic cut, made for the foundation of the producers to the present time, as much for the thematic ones of the booklet that are analyzed events in the present and its majority in the immediate present, glimpsed facts by the media. Thus search relies on extensive bibliographical references and own its booklet selected too, catalogued and categorized specifically for this work. A following search, as well as the concepts and structures work, between cultural practices, immediate history, creative communication, popular culture and memory.

Keywords: Cordel of circumstance, Cultural practices, history of present

RESUMÉ

Cette dissertation **Le cordel en histoire et l'histoire en cordel : Pratiques et discours culturels du Cordel de la circonstance (1987 – 2007)** a comme objectif reconnaître et construire un'analyse des pratiques comme dynamiques de productions et des discours comme attitude idéologiques de las producteres Cecordel (Centre Culturel des Cordelistas em Nordeste) et la Tupynanquim (maison d'édition commercial) devant lê cordel de la circonstance comme sujet spécifie em la manisfestation culturel de la Litherature de Cordel em Fortaleza. De même que articuler lês domaines especiels et organize de chacun, près des la fondation de Cordel (1987) et de la Tupynanqim (1996). En le travaill la méthodologie de l'histoire oral est referencial pour montrer la perspective a désiré pour travaillons um temp s'appelé Histoire Immédiat pour lê coupé temathique a réalisé pour la fondation au temp present aussi pour lês temathiques des cordel comme sont l'action étudiont en present et em marjorité em present immédiat, phénomène voient par l'organisé de la communication. Alors, aussi la dissertation c'est base em grands referencias bibliographies et em les cordel ont selectioné, ont catalogue et on catégorié em especial pour a travail, tout de la circonstance. Une investigation em moviment comme les concepts et structures travaillons, entre las pratiques culturels, l'histoire immétiat, la communication creative, la culture populaire et la memoire.

Mot-clés: Cordel de la circonstance, Pratiques culturels, Histoire du present

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E QUADROS	09
1. INTRODUÇÃO	13
2. “NASCIA ALI O CORDEL, CÓPIA FIEL DA CULTURA DO SERTÃO”	35
2.1. Caminhos de uma tradição	36
2.1.1. Poesia cantada, poesia impressa	36
2.1.2. A poesia atravessou o mar	45
2.2. Cordel de circunstância e a circunstância do cordel	52
2.2.1. Vertentes da classificação	52
2.2.2. Aspectos da Comunicação e da Cultura Popular na trajetória do Cordel.	63
2.3. Espaços do Cordel: Percalços e sucessos em Fortaleza	72
2.3.1. Cecordel e Tupynanquim: Alicerces e arranjos nas “casas” de Cordel	78
2.3.2. Presente fértil: Espaços e circunstâncias de estímulo	82
3- PRODUÇÃO DE FOLHETOS: PROCESSO CRIATIVO E EDITORIAL	92
3.1. Cordel de Circunstância: A circunstância da criação	92
3.1.1. Cordelista: Um leitor criativo	94
3.1.2. Recriação da notícia: Táticas cotidianas em verso	101
3.2. Produção e circunstância editorial	115
3.2.1. Cecordel e Tupynanquim: Fundadores e Estrutura	116
3.2.2. História e Jornalismo: Os fatos e as fontes.....	125
3.2.3. Cordéis de Circunstância: Manchetes do jornal popular	128

4- DOMÍNIOS, DISCURSOS E DIVERGÊNCIAS	138
4.1. Dinâmicas da cultura e do consumo	139
4.2. Cultura e mercado: Produções do Cecordel e da Tupynanquim	141
4.2.1. Sobre o cordel: Um discurso circunstancial	148
4.2.2. Folheto e poesia: A estrutura do cordel	153
4.2.3. Circunstâncias para compreender o presente	159
4.3. Do sítio ao site	173
4.3.1. O Cordel no <i>Ciberespaço</i>	173
4.3.2. Cordel e <i>cibercultura</i> : A circunstância do presente	180
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
FONTES	197
ANEXOS	209

LISTA DE FIGURAS

1- Xilogravura: Guaipuan Vieira – Capa de folders para evento de oficinas, palestras e feira de 1995 (Acervo de Vânia Freitas)	13
2- Gravura: Klévisson Viana: A mala do folheteiro. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.	13
3- Xilogravura Dila In: VIANA, Arievaldo. Acorda Cordel em sala de aula . Fortaleza: Ed. Tupynanquim, 2007.p.23	13
4- Xilogravura: José Lourenço. In: ABREU,Márcia. História dos cordéis e folhetos . Campinas: Mercado das letras,1999, p.118.	13
5- Xilogravura: José da Costa Leite. In: ABREU,Márcia. História dos cordéis e folhetos . Campinas: Mercado das letras,1999,p.75.	13
6- Xilogravura e Folheto: Apolônio Alves dos Santos Feira de Nordestinos do Campo de São Cristóvão RJ s/d.	13
7- Xilogravura: JKC. Disponível em: www.ablc.br Acesso em 31 de agosto de 2008.....	13
8- Xilogravura: Rosalfico Saldanha In: ABREU,Márcia. História dos cordéis e folhetos . Campinas: Mercado das letras,1999, p.136.	35
9- Brasão ABLC- Academia Brasileira de Literatura de Cordel	44
10- Xilogravura José Costa Leite – Revista Cult . 54 . Ano V. 2002. Revista dedicada por Gilmar de Carvalho ao Poeta Pardal em 2002. (Acervo de Vânia Freitas)	45
11- BRASIL, Alexia. Cordel: Memória e Comunicação em rede . São Paulo,2006. 168p Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Programa de Estudos Pós graduados, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p.18.	47
12- Capa com desenho e fotografia de Oliveira de Panelas: Folheto Bush, ditador do mundo .Fortaleza: Tupynanquim,2003.	57
13- Capa desenho: Klévisson Viana: Folheto de EVANGELISTA, Lucas. O juiz que assassinou o vigilante em Sobral . Fortaleza: Tupynanquim,2005.	57
14- Capa desenho: Klévisson Viana: Folheto de PAIXÃO, Fernando. Zumbi dos Palmares . Fortaleza: Tupynanquim,2007.	57
15- Capa fotografia: Montagem de Klévisson Viana: Folheto de RINARÉ, Rouxinol. A história da Praça do Ferreira . Fortaleza: Tupynanquim,.	57
16- Capa fotografia: Montagem de Otávio Menezes: Folheto de MENEZES,Otávio. A mulher que escondeu o celular na vagina . Fortaleza: Cecordel, 2003.	58

17- Capa fotografia: Montagem de Otávio Menezes : Folheto de MENEZES, Otávio. A caveira do ET encontrada em Quixadá. Fortaleza: Cecordel, 2005.	58
18- Capa desenho: Vânia Freitas: Folheto de FREITAS, Vânia. O lamaçal do mensalão. Fortaleza: Cecordel, 2005.	58
19- Capa fotografia: Montagem de Vânia Freitas: Folheto de FREITAS, Vânia. A deputada que dançou porque dançou. Fortaleza: Cecordel, 2006.	58
20- Capa desenho Jotabê: Folheto de JOTABÊ O roubo ao banco central. Fortaleza: Cecordel, 2005.	59
21- Capa em Xilo: Stênio Diniz: Folheto de DINIZ, Antônio. O desastre com o avião da Tam. Fortaleza: Tupynanquim, 2007.	59
22- Capa em Xilo de Klévisson Viana: Folheto de VIANA, Klévisson. A grande vitória do Lula. Fortaleza: Tupynanquim, 2002.	60
23- Capa desenho Vânia Freitas: Folheto de FREITAS, Vânia. O centenário do casarão. Fortaleza: Cecordel, 2002.	60
24- Capa desenho André Artes: Folheto de VIEIRA, Guaipuan. Visita de Bin Ladem ao inferno. Fortaleza: Cecordel, 2003	60
25- Capa desenho: André Artes: Folheto de VIEIRA, Guaipuan. A chegada de Raul Seixas no céu- festa dos artistas. Fortaleza: Cecordel, 2003.	60
26- Logomarca do Cecordel desde a fundação em 1987	80
27- Logomarca da Tupynanquim desde a fundação em 1996	81
28- Foto re-inauguração da Banca do Cordelista em 1999.(Acervo Vânia Freitas)	88
29- Guaipuan recitando versos na VII Bienal do Livro em Fortaleza – 2006 (Acervo de Guaipuan Vieira)	88
30- II Encontro Mestres do Mundo-2006 (Acervo de Kévisson Viana)	88
31- Foto Klévisson Viana e Rouxinol do Rinaré – Divulgação do lançamento da Editora Hedra sobre os respectivos autores – Disponível no Blog da Tupynanquim. Acesso 30 de julho de 2007.	89
32- Xilogravura J.Borges In: VIANA, Arievaldo. Acorda Cordel em sala de aula Fortaleza: Ed. Tupynanquim, 2007. p. 23.	91
33- Xilogravura: José da Costa In: VIANA, Arievaldo. Acorda Cordel em sala de aula. Fortaleza: Ed. Tupynanquim, 2007.p.41.	91
34- Xilogravura: Joel In: www.ablc.com.br Acesso em 31 de agosto de 2008.	93

35- Xilogravura José Lourenço In: BRASIL, Alexia. Cordel Digital . Fortaleza: Edições Leo, 2005, p.19.	95
36- Capa e Folheto MENEZES, Otávio. O homem que se suicidou por causa da inflação . Fortaleza: Cecordel, 1989.	96
37- Capa do Folheto JOTABÊ. O maníaco do parque . Fortaleza: Cecordel, 1998.	98
38- Jornalismo em verso In: MANUAL DO PENHINHA . Walt Disney. São Paulo. Editora Abril, 1979, p.80.	102
39- Capa do Folheto JOTABÊ. Lula mais uma vez no poder . Fortaleza: Cecordel, 2007.	104
40- Xilogravura de Klévisson Viana. Folheto MAGALHÃES, Francisco Sergio. O Homem que foi pra Canindé de Joelhos . Fortaleza: Tupynanquim, 2007.	104
41- Capa folheto de LUCIENE, Maria. História cearense Barra do Ceará . Fortaleza: Cecordel, 2001.	111
42- Capa do folheto MENEZES, Otávio. O maior corno do mundo . Fortaleza: Cecordel, 2003.	114
43- Prelo de 1880 pertencente a Academia Brasileira de Literatura de Cordel – Acervo disponível em www.ablc.com.br . Acesso em 31 de agosto de 2008.	115
44- Fontes de Tipografia pertencente a Academia Brasileira de Literatura de Cordel – Acervo disponível em www.ablc.com.br . Acesso em 31 de agosto de 2008.	115
45- Guaipuan Vieira, década de 1980 na Casa Juvenal Galeno (Acervo de Guaipuan).	118
46- Cartaz Promocional com a atriz Ana Paula Arósio – Episódio “A quenga que matou o Delegado” da série Brava Gente exibido pela Rede Globo inspirado no folheto de mesmo nome de Klévisson Viana.	123
47- Desenho em xilogravura de Klévisson Viana. Disponível em: www.ablc.com.br Acesso em 31 de agosto de 2008.	123
48- Desenho em xilogravura de Arievaldo Viana. Disponível em: www.ablc.br Acesso em 31 de agosto de 2008.	123
49- Xilogravura e folheto: VIANA, Klévisson. Mala do Folheteiro - Um cordelista na França . Fortaleza: Tupynanquim, 2004.	124
50- Capas de cordéis de circunstância: Seleção de Mark Curran para o livro CURRAN, Mark. História do Brasil em Cordel . São Paulo: Edusp, 2003.	144
51- Capa do Folheto As Aventuras de Pedro Malazartes (um clássico reeditado) de Klévisson Viana editado pela Queima Bucha Monocromático 11cmx16cm.	145

52- Capa da Edição do IMEPH para público infantil. Pavão Misterioso reeditado por Arievaldo Viana e Jô Oliveira. 25cm ²	146
53- Capas de edições da Luzeiro – SP, tamanho de 15x21 disponível no site www.editoraluzeiro.com.br . Acesso em 21 de outubro de 2008.	146
54- Edições da Nova Alexandria de clássicos da literatura: A megera Domada e o Alienista reeditados em sextilhas. Destinada para o Público Infantil, tamanho de 20cmx30cm.	146
55- Panfleto promocional do VI Cordel na Cortez – Evento anual Congresso e feira de publicações da editora Cortez sobre Literatura de Cordel. São Paulo 2008.....	146
56- Desenho de Klévisson Viana de Leandro Gomes de Barros para divulgação de palestras sobre o poeta. Disponível no Blog da editora www.fotolog.terra.com.br/tupynanquimeditora2071 . Acesso em 18 de novembro de 2008.....	160
57- Capa do Folheto SANTOS, Antonio José. História da Literatura de cordel . Fortaleza: Tupynanquim,2007.	164
58- Layout da página inicial da Academia Brasileira de Literatura de Cordel: www.ablc.com.br .Acesso em 14.06.2007.	184
59- Capa do Folheto: A grande peleja virtual entre Klévisson Viana e Rouxinol do Rinaré. Fortaleza: Tupynanquim, 2007.	186
60- Layout da página inicial do site do Cecordel www.cecordel.cjb.net.br Acesso em 28.07.2007.	187
61- Layout da página Inicial Fotolog da Editora Tupynanquim. www.fotolog.terra.com.br/tupynanquimeditora2071 . Acesso 28.07.2007.	188
62- Xilogravura In: Dicionário Brasileiro de Cordel. Rio de Janeiro, 2005, p.162.	191
63- Xilogravura: Guaipuan Vieira – capa de folders para convite da re-inauguração da banca do cordelista em 1999. (Acervo de Vânia Freitas)	192
64- Capa e contra capa da Programação de Literatura de Cordel na VIII Bienal Internacional do Livro no Ceará, 12 a 21 de novembro de 2008, em forma de Folheto de Klévisson Viana.	194

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Números de publicações catalogadas para a pesquisa	135
QUADRO 2 – Gráfico comparativo das publicações de circunstância.	136

1. INTRODUÇÃO



Fig. 01-07

As pessoas que trabalham com comunicação e estudos culturais- em número ainda crescente- devem levar em consideração a história; e que aos historiadores - de qualquer período ou tendência - cumpre levar em conta seriamente a comunicação¹

Iniciar uma pesquisa é, antes de tudo, encantar-se com o tema e pelos percursos que esse tema pode proporcionar. O interesse pela Literatura de Cordel foi inicialmente pessoal. A citação acima demonstra o envolvimento pelas áreas que escolhi para atuar na pesquisa e no mercado de trabalho: a história e a comunicação. Além de que, para aquele que cresce fora da região em que nasceu, os costumes e tradições podem ser esquecidos ou estimulam um encantamento ainda maior do que para quem vive na própria região, e assim aconteceu quando retornei à cidade de Fortaleza e “conheci” o cordel. O encantamento pessoal seria suficiente pelos inúmeros aspectos representados no cordel, compartilhando assim o sentimento de Orígenes Lessa:

Essas criações artísticas de ordem popular, pelo imprevisto, imaginação, pela delicadeza da sensibilidade, poder de observação, pela força de expressão, pela instituição poética, pelo arranjo de imagens, pelo sentido de crítica, de protesto e de luta social que muitas vezes apresentam, estão a exigir a atuação dos estudiosos.²

¹ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia - de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004, p.14.

² LESSA, Orígenes apud: LOPES, José Ribamar (org). **Literatura de Cordel – Antologia**. Fortaleza: Edições Banco do Nordeste: 1994, p. 09.

Entretanto, o embrião dessa dissertação também é resultado de escolhas acadêmicas e profissionais porque encontrei nos chamados “Cordéis de Circunstância” a oportunidade de pesquisa na dinâmica entre as duas áreas, a história e a comunicação, minhas áreas de graduação, um universo de possíveis.

Os cordéis de circunstância chamados de “noticiosos”, são aqueles que tratam de acontecimentos da cidade, nacionais ou até mundiais dependendo da repercussão do fato ocorrido e do interesse de cada cordelista em transformar estes acontecimentos em poesias e publicá-las em folhetos, assim surgindo um cordel de circunstância.

Outra motivação à pesquisa é, sem dúvida, as inquietudes e anseios que movimentam historiadores e jornalistas: a curiosidade pelo que ainda não encontrou ou novas interpretações sobre os acontecimentos aparentes ou não; os questionamentos sobre as fontes e a busca constante por novas fontes e informações. Ao iniciar a pesquisa encontrei a produção em destaque da Editora Tupynanquim e do Cecordel – o Centro Cultural dos Cordelistas no Nordeste. Entretanto, encontrar os folhetos não significava encontrar o trajeto destas produtoras na cidade de Fortaleza, nem a história de vida e de criação dos poetas que constroem esses versos, e estas se formaram nas primeiras inquietudes sobre esse nicho local da Literatura de Cordel.

Como historiadora e jornalista, a história chamada de História do Presente ou História Imediata também me movimenta. Longe do confronto, vejo a história e o jornalismo coincidirem em certos aspectos, sem se confundirem, cada um com seus objetivos e metodologias, mas que podem estar presentes nos domínios da História Imediata. Esta percepção renovada da história me faz entender quando Jean Pierre

Rioux analisa “historiadores sedentos de atualidades e jornalistas em busca de legitimidade histórica¹” e a germinação de um pressuposto metodológico maior, tendo a história não somente como estudo do passado, mas também com menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente.

Entretanto, ao ingressar no Mestrado em História e Culturas percebemos que o trajeto da pesquisa é muito mais amplo, o que nos prende não é mais apenas a busca por um acontecimento ou interpretações sobre ele. Novos horizontes são construídos, o aprendizado e a narrativa possuem uma função social vislumbrada tanto pela responsabilidade em relação ao órgão de fomento, no meu caso a CAPES, como para a própria sociedade, o papel do pesquisador, do historiador se apresenta em suas dificuldades e riquezas. Nas disciplinas divididas com professores, no MAHIS, superamos estreitos limites ao reler e re-analisar nossos projetos. Assim também, como abrimos novas perspectivas de abordagens nas discussões de conceitos e tramas sobre as narrativas, espaços culturais nas cidades e na memória, áreas da oralidade da cultura escrita que proporcionam análises e construções mais significativas de nossa própria pesquisa. O trabalho no Grupo de Oralidade, Cultura e Sociedade², também foi essencial na minha própria concepção de pesquisadora: Disciplina de pesquisa, de metodologias, leituras e discussões que devem ser sempre socializadas com outros estudantes, no intuito de estabelecer

como meta, propiciar a troca de experiências nas diferentes áreas das Ciências Humanas e sociais(...) partindo do alcance da interdisciplinaridade(...) em busca de nova abordagem na

¹ RIOUX, Jean Pierre. Entre Jornalismo e história. In: CHAVEAU, Agnès; TETART, Phillippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Editora EDUSC. 1999. p119.

² O Grupo de Pesquisa Oralidade Cultura e Sociedade foi fundado em 2002 no mestrado de Políticas Públicas sob coordenação do Prof. Dr. Gisafran N. Mota Jucá, Prof. Dr^a Elba Ramalho e Prof. Dr^a Maria Esther Barbosa. O Grupo agora faz parte do campo de pesquisa do MAHIS na linha de Oralidade e Cultura Escrita e em 2008 organizou o I Simpósio de Oralidade e Memória Social para socializar o primeiro ano de pesquisa do grupo incorporado ao Mestrado de História da UECE.

investigação dos fenômenos culturais, recorrendo a critérios metodológicos e novas vertentes sobre estudos da oralidade.¹

Assim, deixo a historiadora se manifestar com mais firmeza em metodologias, discursos, domínios e possibilidades, mas como uma historiadora do presente, contemporânea de meu objeto, partilhando com aqueles que narro as incertezas, categorias, referências fundamentais e sensibilidades que só este contato poderia proporcionar.

A História do Presente confere a perspicácia de uma questão inerente aos historiadores, articular entre a parte voluntária e consciente da ação dos homens e os fatos ignorados que circunscrevem e limitam as ações e as interpretações. O historiador do presente deve, antes de tudo, perceber como pode se estruturar o discurso histórico, produzir instrumentos e categorias próprias, adequados ao objeto

Reconheçamos que a história do tempo presente, pela natureza de suas preocupações, permite reconhecer a historicidade fundamental das condições de produção e de validação do saber histórico, atrelando nosso ofício à exigência de conhecimento verdadeiro que o fundamente.²

Haverá ambição mais bela, como coloca François Bedarida, para o historiador do presente que essa expectativa ora confiante, ora ansiosa de uma resposta que surge a cada época, que persegue cada geração? E o que faz da história não um mero campo de conhecimento mas também um campo de reflexão das diferentes interpretações sobre acontecimentos, práticas e discursos. Articulações que o “cordel de circunstância” nos proporciona entre a história e o jornalismo, acontecimentos narrados em poesia que hoje se constituem como notícia e logo como história imediata.

¹ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O Nordeste e a História Oral: A contribuição dos grupos de pesquisa no Ceará. In: **Revista de História Oral**. Volume 9 nº2. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral, Julho a Dezembro de 2006. p.123-129

² CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: MORAIS, Marieta; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**(org). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.218.

A Literatura de Cordel desde suas primeiras manifestações¹, possui séculos de difusões e em lugares diferenciados, com características semelhantes ou não, principalmente em outros lugares do Nordeste, que possuem destaque, por vezes, maior que Fortaleza para essa tradição.

O que nos movimenta neste ciclo é exatamente a possibilidade de trabalho nas duas áreas, mesmo com enfoque em teorias e metodologias da história, trabalhar a perspectiva do folheto na história e também perceber as dinâmicas de uma história imediata escrita pelo poeta de circunstância. Os folhetos de “acontecido”, de acordo com Martine Kunz, acompanham a própria história do folheto desde sempre, destacando que Leandro Gomes de Barros em 1910 publicou sobre a passagem do cometa Halley e outros fatos que tiveram repercussão ao longo do século XX, o suicídio de Vargas(1954), a morte de Juscelino Kubitchek (1976), atestando a vitalidade do folheto noticioso.²

Delimitamos nosso trajeto espacial na cidade de Fortaleza, visualizando folheto “noticioso” como um fenômeno de destaque urbano, entre o período de 1987 e 2007 e também especificamente dois produtores de folhetos: O Cecordel e a Editora Tupynanquim, pertencentes ao meio urbano de Fortaleza, com papel de destaque na revitalização e na visibilidade dada à Literatura de Cordel na última década e que possuem características essenciais neste período datado pela pesquisa.

¹ A Literatura de Cordel em forma de editoras surgiu na Paraíba tendo Leandro Gomes de Barros como o primeiro editor-poeta. Apesar de existir em Fortaleza um lugar na Biblioteca Pública Menezes Pimentel para os folhetos de Cordel e exposições volantes no Museu do Ceará. Em Pernambuco, existe o único Museu do Nordeste voltado exclusivamente para a Literatura de Cordel: o Museu do Cordel, ponto de exposição, produção e reprodução de expressões artísticas populares e faz parte da Feira de Caruaru. A Feira inscrita no Livro de Registro dos Lugares, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN em dezembro de 2005 como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, dando à Pernambuco destaque nacional à produção e preservação da Literatura de Cordel.

² KUNZ, Martine. Orientação para pesquisa. Fortaleza, 27.03.2009. Notas manuscritas.

Utilizamos também, desta forma, uma das justificativas de José Erivan Oliveira ao trabalhar com cordéis urbanos na capital cearense, que tem no final da década de 1980 a fundação do Cecordel como fundamental para estes cordéis da cidade de Fortaleza e incluímos os de circunstância neste espaço

Este fato (a criação do Cecordel) marca um período novo na Literatura de Cordel, em Fortaleza até esta data, não existia um núcleo que se preocupasse exclusivamente com a produção de cordel ... o impulso que faltava para realização do cordel urbano¹

Período que sucede uma “estiagem” na produção de folhetos. No final da década de 1960, de acordo com poetas e estudiosos, a Literatura de Cordel sofreu um enfraquecimento e as publicações ficaram escassas. Os motivos deste enfraquecimento são diversos: os novos meios de comunicação de massa, rádio e televisão que chegam ao estado; queda da participação popular no Brasil, incluindo a dificuldade de encontros e críticas quando se instaurou a Ditadura Militar. Também dificuldades financeiras comerciais com a inflação e o alto preço que o papel atingiu. Podemos perceber uma conjuntura de motivos e não apenas um sistema causa-efeito:

Estes fatores, entre outros, atuando combinadamente teriam fluído na queda vertiginosa das tiragens, do número de gráficas especializadas, de autores e ilustradores em atividade, assim como em todo o processo de circulação do cordel(...) muitos estudiosos e poetas chegaram a decretar mesmo o desaparecimento do cordel. Poucos poetas continuaram a escrever folhetos maiores pois os custos de impressão aumentaram, diminuindo, conseqüentemente, a capacidade dos poetas para editá-los. ²

Quando a situação política e principalmente, econômica apontavam novas perspectivas, a Literatura de Cordel também iniciava uma nova caminhada na

¹ OLIVEIRA, José Erivan. **Literatura de Cordel no novo espaço urbano em Fortaleza**: trajetória, rupturas e inovações. Fortaleza, 2001, 120p. Dissertação (Mestrado de Letras e Literatura) Universidade Federal do Ceará-UFC.

² CEARÁ, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. **Antologia de Literatura de Cordel**. Fortaleza: Elaborado por pesquisadores do Projeto Literatura de Cordel, 1978, p. 20-21.

cidade de Fortaleza na segunda metade da década de 1980. Em 1987 um grupo de poetas cordelistas com a intenção de revigorar a produção dos folhetos fundam o Cecordel, que alcançou parte de seus objetivos na década de 1990 com destaque para os folhetos produzidos em Fortaleza e pela retomada de interesse para fundação de novas editoras como é o caso da Editora Tupynanquim.

Entretanto, para que estes últimos vinte anos estudados nesta pesquisa, possam encontrar uma fundamentação para este acontecimento cultural é necessário entender que mais de uma década passou até que o cordel tivesse o que é chamado de “um novo surto”,¹ ressurgindo estudos, outras discussões, encontros. Enfim, uma produção vasta em folhetos voltou a surgir e uma produção historiográfica sobre o cordel aponta características fundamentais para esta pesquisa. Ainda veremos com maior profundidade que do acervo pesquisado entre livros publicados, monografias, dissertações e teses o numero dobrou entre a década de 1970 e 1980.

Na década de 1970, o cordel apresenta-se em programas de rádio no interior, torna-se temática de matérias jornalísticas e filmes. As discussões sobre Cultura e Cultura Popular também estavam destacadas. E entre os motivos dessa revitalização do cordel, estaria o interesse pela Cultura Popular como forma de identidade da nação. Ressalta-se a necessidade destes setores (elite e governo) de estruturar uma “cultura nacional” a partir de elementos da Cultura Popular².

A Literatura de Cordel começou, neste período, a fazer parte de uma temática essencial para a discussão dos estudos culturais e da História Cultural, cada vez mais visível entre 1980 e 1990, de acordo com Peter Burke³. Essa “nova” cultura, encontra questionamentos que vão ser visíveis na produção acadêmica em

¹ Idem, ibidem.

² Idem, p.22.

³ BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005, p. 45.

Fortaleza. Para Burke, a idéia de Cultura Popular surgida no final do século XVIII foi deixada aos amantes de antiguidades, folcloristas e antropólogos, em relação às outras áreas. Contudo, na década de 1990 destacou-se a difusão da própria História Cultural que agora percebe esta Cultura Popular como culturas no plural.

Em 1976, a Universidade Federal do Ceará – UFC promoveu um ciclo de estudos com o pesquisador Raymond Cantel, apontado como um dos grandes responsáveis pelos novos estudos sobre Cordel. Apresentou as discussões pertinentes ao campo cultural naquele período, como o que seria a cultura “genuinamente popular” e o que seria o próprio cordel. Raymond Cantel assim como outros estudiosos, citamos Câmara Cascudo, denominam a Literatura de Cordel como “poesia narrativa, impressa, popular”¹

Estas discussões foram fundamentais no decorrer desta pesquisa, porque ao conhecer os poetas e as produtoras de folhetos da cidade de Fortaleza, atualmente, conhecemos poetas graduados em cursos superiores ou não, poesias impressas ou não, chamados de cordelistas e de cordel, e por muitos também de Cultura Popular.

As práticas culturais populares são situadas no contexto de sua produção também no sentido mais restrito. Busca-se saber como e por quem são produzidas, os eventos que possibilitam sua realização, como se articulam com outras práticas culturais, seu sentido para quem as produz e consome, as normas, os valores e os critérios de acordo com os quais são avaliados por aqueles que estão diretamente relacionados com tais manifestações, bem como as formas de organização e as atividades necessárias a sua existência²

É necessário então percorrer um balanço historiográfico para entender o tipo de produção, o período destas obras e as áreas em que a Literatura de Cordel é estudada. Encontramos produções bibliográficas nas áreas de sociologia, história, jornalismo, publicidade, linguística, antropologia, que trabalham com a temática da

¹ CEARÁ, Secretaria de Cultura. Op. Cit., p. 13-15.

² AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002, p. 51.

Literatura de Cordel, destacando as formas dos folhetos na região Nordeste e em Fortaleza.

Autores como Gilmar de Carvalho, Martine Kunz, Diatay Bezerra de Menezes e Fausto Neto trabalham a Literatura de Cordel no Ceará na comunicação, história, antropologia e sociologia. Outros autores que trabalham este tipo de literatura são os franceses Michel de Certeau e Roger Chartier em relação as manifestações culturais e suas representações, de leituras e publicações de folhetos.¹

A Cultura Popular tem suas diferentes formas de representações de acordo com determinados grupos, e possui para estas um conjunto de manifestações que refletem suas configurações e contradições específicas. Nesta dimensão, a temática da Cultura Popular se delimita na poesia popular em uma de suas formas impressas, a Literatura de Cordel.

A partir de determinados folhetos e do diálogo com os poetas autores procuramos compreender aspectos da cultura e da produção mercantil cultural desta classe e da sua história em Fortaleza, apresentada através da poesia e da memória destes cordelistas.

¹ CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em cordel: o mote do consumo**. São Paulo: Annablume, 2002. CARVALHO, Gilmar de. **Tramas da cultura: comunicação e tradição**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005. KUNZ, Martine. Melancia e Expedito: Cordel na fala e na escrita. **Revista de Ciências Sociais**. Volume 38 nº 1. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007. KUNZ, Martine. **Cordel-voz e verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001. MENEZES, Eduardo Diatay Bezerra de. Para uma leitura sociológica da literatura de cordel. **Revista de Ciências Sociais**. Volume VIII nº 1 e 2. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1997. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. CERTEAU, Michel de. **Cultura no Plural**. São Paulo: Papirus, 2001. CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Bertrand/ Rio de Janeiro: Difel, 1990.

Ao historiador, principalmente aquele que trabalha com depoimentos orais, o ofício da pesquisa se apresenta com relação aos fragmentos e, neste momento, é primordial a valorização do indivíduo através do sujeito histórico captado pela história oral, inclusive na percepção que a memória reconstitui o passado, mesmo um passado mais recente, como testemunhos participativos. Além da quantidade de autores que se propõem a discutir a história oral, sua teoria e sua prática construiu uma infinidade de propostas e conteúdos para a pesquisa histórica. Entretanto,

Sem querer menosprezar as demais fontes, é deixando-se envolver pela força da oralidade que nos conscientizamos acerca de algo revelador: sem o falar, a escrita seria impedida de se revelar. As palavras proferidas ou as palavras e as coisas divulgadas, na diversidade das ações cotidianas, não constitui em apenas uma forma de expressão mecânica dos sentimentos.¹

O papel do pesquisador não é restrito a uma coleção de depoimentos e nem completamente participativo, já que seu documento é vivo e em constante dinâmica. Ao historiador cabe costurar os depoimentos com conceitos teóricos ligados a temática e procurar articular, em uma fundamentação, o que foi captado no documento oral e no impresso através de livros, revistas e também, neste caso específico, os próprios folhetos, que se apresentam como fonte impressa. E assim perceber sua ligação intrínseca com a oralidade, através do produtor desta poesia, o cordelista, e também de como esta poesia percorre a história.

O referencial para formas culturais também está diretamente ligado à produção comercial, o que também é visível no caso da produção e dos produtores do cordel de circunstância, nas relações sociais de controle e mercado de bens culturais sem necessariamente destruir a manifestação em sua essência.

A modernização diminuiu o papel do culto e do popular tradicionais no conjunto do mercado simbólico, mas não os suprime. Redimensiona a arte e o folclore, o saber acadêmico e a

¹ JUCA, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2003, p.84-85.

cultura industrializada sob condições relativamente semelhantes. O trabalho do artista e do artesão se aproximam quando cada um vivencia que a ordem simbólica específica em que se nutria é redefinida pela lógica do mercado.¹

O mercado que se denomina como simbólico e com poderes simbólicos são representados principalmente por produtos culturais que obtiveram um valor de compra financeiro, mas possuem também valor diferenciado em posições relativas tanto de espaço, quanto de acordo com valores atribuídos a cada grupo social. O que nos movimenta é perceber direcionamentos diferenciados de cada produtora, de acordo com o espaço que ocupam e seu campo social de valores específicos. E este “poder simbólico pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”²

Sobre a Literatura de Cordel especificamente, encontramos muitas produções conhecidas atualmente, artigos acadêmicos e publicações em livros sobre a temática que retoma posições diferenciadas. Em destaque, encontramos uma vasta produção sobre temáticas referentes a Juazeiro do Norte com referência a cidade como “lugar santo” de Padre Cícero, folhetos com esse tema e os estudos são os mais encontrados. Na cidade de Fortaleza já são mais escassos e as temáticas apresentam-se diferenciadas no espaço urbano.

Estas temáticas e possibilidades do cordel em Fortaleza são visualizadas na pesquisa de José Erivan Oliveira que de acordo com o autor, veio preencher “a falta total de estudos sobre o cordel urbano na região”³

Ao conceituar esta temática como “novo cordel”, “cordel urbano” o autor nos coloca em contato com a produção urbana de Fortaleza, Crato e Juazeiro do Norte.

¹ CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p.22.

² BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2001, p.135.

³ OLIVEIRA, Op. Cit., p.12.

Entretanto, dialogamos nas questões sobre a produção na capital destacando dinâmicas e diferenças de enfoque e continuidades sobre o cordel na cidade.

Possuímos uma base argumentativa semelhante para a utilização da fundação do Cecordel como marco inicial da pesquisa, contudo vislumbramos situações diversas pois o trabalho deste autor fecha seu ciclo de pesquisa em 2001 e tem a maior parte de suas entrevistas datadas até o ano de 1997¹. Até esta data Tupynanquim possuía pouco mais de um ano de funcionamento e não era a potência editorial que se apresenta hoje e o Cecordel apresentava-se com maior destaque na região urbana para a produção de folhetos.

O ambiente editorial alcançou inúmeras mudanças na última década, incluindo as perspectivas de nossa problemática, por este motivo o destaque temporal aos folhetos e entrevistas entre 1998 e 2008 e que, de certo modo, dá continuidade a análise dos cordéis urbanos mesmo que centralizada em Fortaleza e sobre as temáticas de circunstância.

É pontual também perceber que a atualidade nos possibilita certas agilidades digitais de encontrar referências em Universidades de outros Estados. Mas como não era nossa intenção, não mapeamos o perfil e mercado sobre outras editoras da cidade ou do Estado, por isso não interpretamos a maior ou menor presença destas temáticas fora de Fortaleza.

No final da década de 1970 e na década de 1980 pesquisas ligadas à Literatura de Cordel estão em constante visualização como vimos. Na área de Sociologia em Fortaleza foi publicada pelo Mestrado de Sociologia da Universidade Federal do Ceará uma revista especial para a temática, tendo como autores dos

¹ A maior parte dos depoimentos transcritos na pesquisa datam entre Agosto e setembro de 1997. Mas o autor, José Erivan Oliveira, também inclui o período entre outubro e novembro de 1999 e julho de 2001.

artigos, entre outros, Eduardo Diatay Bezerra de Menezes; e Luis Felipe Baeta Neves¹. São trabalhos voltados às outras áreas que não especificamente à área histórica sobre a Literatura de Cordel. Na mesma publicação Luiz Tavares e Maria Tereza de Moraes², realizam um levantamento bibliográfico nacional com cerca de 150 temáticas ligadas à Literatura de Cordel, mas, a publicação data exatamente de 1977, então, as obras do levantamento estão datadas até este ano. E destas centenas de publicações apenas cerca de 15% foram publicadas em Fortaleza.

Fora do Estado do Ceará continuamos a encontrar referências na área de sociologia e antropologia³ e, em Fortaleza, encontramos menções também na área da sociologia⁴, principalmente sobre Juazeiro do Norte, como já citamos.

Os estudos culturais que se referem ao mercado cultural ligados às dinâmicas da comunicação aproximam a temática do cordel com as pesquisas na área da comunicação, tendo como referência nesta área, Gilmar de Carvalho. Encontramos novas gerações, incluindo os próprios poetas como é o caso do cordelista Geraldo Frota, o Pardal, graduado em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará, trabalhando com cordéis noticiosos, os mesmos que nos

¹ MENEZES, Diatay Bezerra de. Para uma leitura sociológica da Literatura de Cordel. In: **Revista de Ciências Sociais**. Volume VIII nº 1 e 2; Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- Ce;1977. NEVES, Luis Felipe Baeta. **A noção de arte popular: uma crítica antropológica**. In: **Revista de Ciências Sociais**. Volume VIII nº 1 e 2; Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- Ce;1977.

² TAVARES, Luiz; MORAIS, Maria Tereza. Levantamento bibliográfico In: **Revista de Ciências Sociais**. Volume VIII nº 1 e 2; Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- Ce;1977.

³ BARROSO, Maria Elenise. **Os cordelistas no DF: Dedilhando viola e contando a história** de. Dissertação do mestrado de sociologia na UNB, 1984. / SILVA, Fernanda Isis C. da. **Formação e informação da identidade cultural**. Dissertação em Biblioteconomia, Universidade de Alagoas, 1991. / SANTOS, Rogério da Costa. **A notícia na Literatura de Cordel**. São Paulo, Tese (doutorado)- Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. Schaden, 1984. / CARVALHO, Alexia. **Cordel digital**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

⁴ SANTOS, Francisca Pereira dos; BARREIRA. **Romaria dos versos: mulheres autoras na ressignificação do cordel**; UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.. Dissertação (Mestrado) Em Sociologia. Universidade Federal Do Ceará. 2002

referimos como os cordéis de circunstância¹. Dos trabalhos mais recentes utilizamos de Francisca Clara Machado voltado aos folhetos em Juazeiro² e o próprio trabalho monográfico que iniciou esta pesquisa: “Notícia Em Cordel: Produção Jornalística e Cultural de Cordéis de Circunstância em Fortaleza”³ na área de comunicação. E na área de história o trabalho monográfico de Maria Aparecida Lourenço Gurguri⁴ desenvolvido na Universidade Estadual do Ceará.

Em continuidade à perspectiva de justificativa da pesquisa, o que chamou a atenção desde o início, foi a ausência de uma análise histórica estruturada sobre essas duas produtoras: O Cecordel e a Tupynanquim, através dos próprios cordelistas e das instituições no aspecto de produção destes folhetos que fazem parte da tradição e o mercado cultural da cidade de Fortaleza.

A pesquisa, assim, propõe também em seus objetivos a discussão sobre a cultura impressa do cordel, representada e analisada pela interpretação da memória dos principais cordelistas das produtoras, revelando no mesmo contexto histórico impasses de um campo cultural e da literatura popular e também sobre o papel destes poetas na construção do que é denominado de História Imediata. Uma história do presente que transcende para novas sociabilidades dos historiadores pelo interesse sobre o cultural e também pelo contato com as fontes orais.

¹ FROTA, Geraldo Carvalho. **Literatura de Cordel como jornalismo popular**. Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará-UFC, Fortaleza, 1988.

² MACHADO, Francisca Clara Uchoa. **As profecias de Pe Cícero na Literatura de Cordel**. Monografia apresentada na Universidade de Fortaleza, Comunicação Social em 2006.

³ VIRINO, Alyne. **Notícia Em Cordel: Produção Jornalística e Cultural de Cordéis de Circunstância em Fortaleza**. Monografia apresentada na Fanor, Jornalismo, Fortaleza, 2006.

⁴ GURGURI, Maria Aparecida **Cordel é poesia e um pouco mais. Percursos de cordelistas de uma cidade industrial** (1999 a 2006) Monografia apresentada à Universidade Estadual do Ceará UECE, Fortaleza, 2008.

O Cordel aproximou a Cultura Popular de um público mais erudito, é comercializado em outros países como *souvenir* turístico e estudado em grandes universidades do mundo, mas não deixou sua representação simbólica do popular, do nordestino, da poesia cantada, do verso matuto falado, cantado e escrito. O Cordel “noticioso” lida com a visão que o cordelista tem da sociedade e de como busca através de uma comunicação popular e “autêntica” a retransmissão dos acontecimentos da história para a população que compra, lê e ouve suas poesias.

O trabalho sobre os folhetos de Cordel por si mesmo já envolve a oralidade e a escrita, pois o folheto possui a característica primordial de ser impresso e com uma construção para ser oralizada como suas primeiras manifestações, apresentando características modificadas com o passar do tempo dos versos cantados por trovadores da Idade Média européia. São visualizadas também manifestações comuns desde o século XIX redimensionadas no Nordeste e que chamamos hoje de Literatura de Cordel.

O poeta popular é caracterizado pela composição de versos, podem ser cantados, declamados ou impressos e apresentados com várias nomenclaturas diferentes. No Nordeste é caracterizado, por exemplo, com o chamado “repentista”, “violeiro” e o “embolador”, com um pandeiro, que são poetas que cantam suas poesias acompanhados de violas e assumem nomes e características próprias. Já o cordelista é aquele que produz o folheto chamado de cordel. De acordo com o Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel, o nome cordelista se enquadra àquele que “publica sua poesia”¹, este poeta se insere no processo de oralidade e também da escrita e impressão dos versos. Para Walter Ong

A cultura escrita, como veremos, é imprescindível ao desenvolvimento não apenas da ciência, mas também da história,

¹ NOBRE, Francisco Silva. **Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Edição ABCL, 2005.p.45.

da filosofia, ao entendimento analítico da literatura(...). Dificilmente haverá uma cultura oral ou uma cultura predominantemente oral no mundo, hoje, que não esteja ciente da enorme pletora de capacidades absolutamente inacessíveis sem a cultura escrita¹.

Assim, a oralidade e a cultura escrita apresentam-se como objeto e metodologia desta pesquisa à medida que é motivada pela possibilidade de explorar a memória construída destes poetas pertencentes às produtoras estudadas, sobretudo, discursos construídos por eles. Discursos constituídos que podem ser pessoais e que se tornam a ideologia das produtoras, na figura de seus fundadores e editores. Fundadores e editores que sempre expõem a necessidade de construir espaços de reprodução desta memória.

A historiografia sobre conceitos de cultura e produção cultural assim como a historiografia sobre a própria história oral e história cultural alargou os passos da pesquisa nos últimos anos, direcionando novos métodos e objetos. Com a História Nova a compreensão metodológica da história oral, através da memória, ganhou perspectivas que possibilitaram ao pesquisador ampliar suas discussões para além dos documentos escritos, com grande número de produções acadêmicas, como se refere Gisafran Jucá sobre essas possibilidades.

A descoberta de novos agentes para a história, fazendo brotar diferentes aspectos da cultura popular, antes desconsiderados, constitui o destaque maior presente nos trabalhos da história oral²

Essa possibilidade de trabalhar com a história oral nesta pesquisa é outro presente que a escolha metodológica nos trouxe. Constituímos um elo entre os folhetos como fontes e também com o poeta deste folheto, o próprio produtor da fonte.

¹ ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. São Paulo: Ed. Papyrus, 1998. p.23.

² JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Op. Cit., 2003.p.31.

A partir da relação entre estas fontes, percebemos que a compreensão do lugar social¹ destes cordelistas e o espaço histórico que sua produção de folhetos ocupa, são essenciais para os procedimentos metodológicos. As evidências apontam para um tipo de criação e produção características, pois os poetas do cordel de circunstância se auto-denominam “poetas-repórteres”, como leitores e pesquisadores das notícias transformadas em poesia. Assim, este poeta ultrapassa os campos da criação e da arte para o campo da comunicação, da recepção, e da recriação como novas práticas que não envolvem a passividade ².

A incorporação da história oral como opção metodológica está inserida intrinsecamente à postura do historiador que se volta à História Imediata, pois é construída, além de outras fontes, com testemunhos diretos, fontes vivas, em diálogo constante com os envolvidos aos fatos. São vastas as possibilidades que a história oral traz aos novos campos da história.

Contudo deve ser sempre justificada em sua utilização, porque assim como todos os documentos históricos, pode ser passivo a problemas de interpretação por uma série de condicionamentos circunstanciais.

Um destes problemas é a constante crítica à esta metodologia ligada à quem trabalha com história do presente, pois para alguns a história imediata está separada com uma linha tênue do jornalismo, e que este seria uma prática “pouco rigorosa(...), canalha (...),e que confundir história com jornalismo seria para grande glória deste e vergonha daquela(...) como coloca Jean Lacouture³. Problemas que

¹ Entendemos Lugar Social pertencente ao que Certeau discute como elemento da “operação historiográfica” onde o lugar social faz parte da natureza e da cultura estabelecida entre as sociedades. Para o discurso histórico deve existir uma articulação com a organização de lugares, para compreensão da produção cultural deste lugar. Ver CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense editora. 2002, p. 65.

² CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**. Rio de Janeiro: Vozes,1994.

³ LACOUTURE, Jean. A história Imediata. In: LE GOFF, Jacques.(org) **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes,2005.p.288-292.

devem ser trabalhados no corpo desta pesquisa sob proposições pessoais e fundamentais sobre diferenças e funções da história e da comunicação.

Além das questões de âmbito teórico-metodológico, utilizar os folhetos impressos também é uma análise desde o local onde determinados folhetos são encontrados para a venda, até a periodicidade e a necessidade dos cordelistas de transitarem no mercado de vendas e editoração dos folhetos, como também a própria estrutura da poesia, que atende o mercado, a aceitação local e o interesse do poeta como um conjunto.

O papel dos folhetos na memorização, na alfabetização escrita e nas tradições orais, também é uma questão envolvente aos poetas que consideram a sua participação, na Cultura Popular, importante neste âmbito estudado. Estas práticas simbólicas e de conhecimento dos cordelistas, de como adequar sua produção ao cotidiano são realizadas, muitas vezes, conscientemente. É uma ordem constituída por eles ou por quem lhes atribui este papel, para redistribuir os espaços culturais, que acompanhem a notícia como espetáculo que a mídia pode proporcionar e são apresentados através dos Cordéis de Circunstâncias.

A relação da Literatura de Cordel com a cultura popular envolve uma série de possibilidades teóricas sobre a mesma. Suas mudanças e complexidades na sociedade contemporânea, além dos valores sociais representativos nos espaços culturais apresentados pelo cordel. A poesia está sempre em movimento, ela dialoga com os momentos, com os leitores, com os espaços diferenciados.

É necessário perceber como estas mudanças são articuladas ao conceito de cultura, de popular, de literatura popular e é fundamental para a compreensão das características em movimento do cordel. Martine Kunz ao analisar estas questões considera que “As definições da literatura de cordel como ‘espelho da alma

popular’, ‘literatura genuína e popular’, expõem-nos ao risco de conceber o ‘popular’ como algo fixo no tempo, imóvel e imutável.”¹

Alguns cordelistas colocam a consciência que possuem sobre este campo específico, entre as manifestações populares e o mercado cultural, e que o cordel está inserido em ambos. Também a noção dos poetas sobre essas práticas

simbólicas de criação e recriação se apresenta de maneira semelhante ao que Certeau discorre sobre as ações criadas e recriadas:

A leitura introduz portanto uma ‘arte’ que não é passividade. Assemelha-se muito ao que foi feito com a teoria pelos poetas e romancistas medievais: uma inovação infiltrada no texto e nos termos de uma tradição. Imbricados nas estratégias da modernidade, os procedimentos de consumo contemporâneo parecem constituir uma arte sutil de ‘locatários’ bastante sensatos para insinuar as suas mil diferenças no texto que tem força de lei.²

As fontes, entre palavras cantadas, faladas, escritas e versadas, permitem várias visões, propondo diversificadas questões na escolha de procedimentos e também como posicionamento ideológico. Uma destas escolhas é que a pesquisa não pretende ampliar a discussão e trabalhar com os leitores destes folhetos, como José Erivan de Oliveira³, que mapeia as condições dos leitores do cordel urbano no Ceará citando entre outras cidades, Fortaleza.

Um leitor que, para o autor, se estrutura a partir deste período da década de 1980, pois seu perfil atual se inicia pela periodicidade das publicações. Apesar de se reconhecer a importância que o receptor desenvolve no processo de comunicação não estabelecemos uma pesquisa fundamentada em dados sobre os leitores como fez o autor José Erivan Oliveira por isso nos direcionamos ao papel

¹ KUNZ, Martine. **Cordel-voz do verso**. Fortaleza: Edições Museu do Ceará, 2001. p.31.

² CERTEAU, Michael. Op. Cit., 1994, p. 50.

³ OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. Efeito e recepção: leituras e leitores de cordel no espaço urbano. **Revista de Letras**. n 21, vol1/2, Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 1999.

que o leitor possui nas escolhas temáticas do cordelista e nos aspectos mercadológicos.

A identidade do leitor na capital no período recortado entra no processo de criação que por sua vez entra no perfil desse mesmo leitor, é uma circulação de mão dupla...a produção remete ao mercado que remete ao leitor. O poeta sabe disso. Seus sonhos, suas emoções, suas indagações sobre o mundo integram um coletivo mais abrangente.¹

Assim a pesquisa permeará os aspectos que este leitor influencia nesta criação e produção que é nosso foco e também na visualização do cordelista como leitor dos meios de comunicação, pois este entendimento também determina o seu processo criativo e de vendas do folheto.

O título **O Folheto na História e a História no Folheto - Práticas e Discursos Culturais do Cordel de Circunstância em Fortaleza (1987- 2007)** procura identificar e construir uma análise das práticas como dinâmicas de produção e dos discursos como posturas ideológicas das produtoras Cecordel (Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste) e a Tupynanquim (Editora comercial) frente ao cordel de circunstância como temática específica na manifestação cultural da Literatura de Cordel em Fortaleza, desde a fundação do Cecordel (1987) e da Tupynanquim (1996).

No primeiro capítulo **“Nascia ali o cordel, cópia fiel da cultura do sertão”**: os objetivos são de percorrer o caminho da manifestação cultural da Literatura de Cordel através da apresentação de algumas das diversas modificações e permanências do cordel, destacando Fortaleza no espaço cronológico estudado: 1987 a 2007 e as categorias próprias do Cordel de Circunstância.

¹ KUNZ, Martine. Orientação para pesquisa. Fortaleza, 27.03.2009. Notas manuscritas.

Conhecer diferentes períodos da cidade de Fortaleza e como o cordel se caracteriza nestes períodos também está no foco deste capítulo. Assim, conheceremos as produtoras, objeto da pesquisa: Cecordel e Tupynanquim, caracterizando manifestações e o período de fundação das produtoras, assim como o lugar destas no que chamamos de “revitalização do cordel em Fortaleza”.

No segundo capítulo: **Produção de Folhetos: Processo Criativo e Editorial**, compreendemos a construção dos folhetos de circunstância e o campo específico do cordelista na cultura local através da memória destes poetas e como se dá a escolha e as pesquisas para os temas transformados em cordel. Assim, entender a própria circunstância cultural, social, mercadológica e pessoal em que é produzido este folheto “de circunstância”.

Ainda como objetivo deste capítulo, está a apresentação e análise do cordelista como um leitor criativo dos meios de comunicação, onde focamos a produção do cordel de circunstância traçado no item anterior como um ato criativo frente às notícias que o poeta “lê” dos meios de comunicação e transforma em poesia. E ainda destacaremos a produção da editora e da associação sobre os cordéis de circunstância na medida de uma análise quantitativa que pode ser interpretada, juntamente com as entrevistas, sobre os objetivos de cada uma, formando exatamente um perfil criativo e editorial inserido na Cultura Popular, mas englobando aspectos da Indústria Cultural na produção destes folhetos.

No terceiro capítulo: **Domínios, Discursos e Divergências**, o propósito é analisar como a tradição do folheto encontra maneiras de se articular nas atuais perspectivas culturais e lógicas de mercado. A intenção é perceber discursos, divergências e práticas que cada produtor possui sobre o Cordel de Circunstância nesta lógica cultural-mercadológica.

Neste capítulo as discussões também envolvem a percepção de novas dinâmicas em que o cordel se insere, como aspectos da cultura popular e de uma *cibercultura*, incluindo discussões do folheto impresso e de páginas que divulgam cordel on line. Discutiremos assim, as práticas do Cecordel e da Tupynanquim em novos domínios, quando se inserem neste ciberespaço com páginas exclusivas.

Procuramos assim trabalhar no trajeto da dissertação, uma articulação entre as teorias e o trabalho empírico em forma de pesquisa e depoimentos, como um diálogo entre estas duas dinâmicas de um mesmo processo que trazem à história novas perspectivas para interpretações e para a sociedade: a possibilidade de inúmeros entendimentos sobre o aspecto cultural chamado de popular em que ela mesma vivencia.

Assim, aquele encantamento inicial apresentado se une as diferentes visões culturais e mercadológicas sobre a Literatura de Cordel, em especial os que chamamos “de circunstância”, para que seja uma porta de continuidade deste trabalho e de novos trabalhos para outros autores neste campo, inclusive nas possibilidades da História do Presente, enfrentando seus desafios, suas complexidades, mas sempre invocando novas interpretações e metodologias de compreensão e de encantamento tanto acadêmico quanto cultural, neste universo do cordel.

2. “NASCIA ALI O CORDEL, CÓPIA FIEL DA CULTURA DO SERTÃO”.

Se existisse apenas uma história da Literatura de Cordel seria interessante iniciar com suas origens, práticas e instituições ligadas à esta manifestação cultural. Contudo, o desenrolar histórico destes folhetos possui tantas “histórias” quanto pesquisas e poetas. O trabalho não é pequeno, nem objetivo, mas é necessário. As narrativas históricas são formas de conhecer as estratégias tradicionais, movimentos implícitos, lugares, instituições, poetas, assim como as linhas de conexão que irão constituir a criação, produção e consumo dos folhetos.

O romance popular
Que chamados de cordel
Antigamente corria
Na boca do menestrel
Penso, também, que era feito.
Manuscrito no papel

Leandro já em Recife
Ao ver a tipografia
Recurso que no sertão
É certo, não existia
Divisou ali caminho
De publicar um livrinho
E vender sua poesia

Com Silvino Pirauá
Outro vate de talento
De Patos na Paraíba
(terra de seu nascimento)
Os dois juntos começaram
No Recife publicaram
Aos primórdios de um invento

Lançaram quatro folhetos
Venderam de mão em mão
O sucesso foi tamanho
E grande a repercussão
Nascia, ali, o Cordel
Que era cópia fiel
Da cultura do sertão¹



Fig 08
Xilo Rosalfico Saldanha

¹ VIANA, Klévisson. **Folheto O universo do cordel**. Editora Tupynanquim: Fortaleza, 2005.

2.1. Caminhos de uma tradição.

Conhecer a Literatura de Cordel é antes de tudo apreciar os versos que compõem estes folhetos comuns em feiras populares, tanto no Nordeste, como em outros lugares do Brasil que a tradição alcançou. Contudo, estes versos não são formados apenas de uma construção própria, possuem características culturais e sociais que se transformaram ao longo dos anos e dos lugares em que “chegaram”, ou melhor, existe um contexto histórico que compõe esse fenômeno.

2.1.1. Poesia cantada, poesia impressa.

A construção chamada atualmente de cordel permeia hibridamente, através dos séculos, a oralidade e a cultura escrita. E esse hibridismo apresenta-se de maneira única nestas sociedades que possuem a poesia como representação de acontecimentos pertencentes ao seu processo histórico.

Pensar a poesia como forma de “cantar/contar” a história nos faz relembrar a tradição grega clássica onde este dom de poetizar, e assim perpetuar os acontecimentos é concebido pelos deuses. Conta a Mitologia Grega que após a vitória dos deuses do Olimpo sobre os seis filhos de Urano, conhecidos como Titãs, Zeus desejou criar divindades capazes de cantar a vitória e eternizar a glória dos deuses. *Mnemosine*, a deusa da memória, foi escolhida para gerar nove filhas, as musas, que cantariam o presente, o passado e o futuro.

Apesar dos séculos entre as poesias de Homero e a atualidade, e de tradições diferenciadas que atravessaram continentes; os poetas de cordel ainda possuem, atualmente, o hábito de clamar por uma entidade superior, muitos clamam à Deus e em algumas histórias também clamam pelas Musas para buscar inspiração de contar as histórias do Nordeste brasileiro:

Minha Rima é saborosa
Tal qual bebo caldo-de-cana
Bebo na fonte poética
Da lira camoniana
Sou o poeta das musas:
Antonio Klévisson Viana ¹

As sociedades chamadas de sociedades de “cultura oral”² possuem na forma poética o recurso primordial da memória para guardar aquilo que acham importante. Para Joseph M. Luyten³ a poesia é a modalidade comunicativa para essas sociedades, como ainda para os setores populares principalmente pela dinamicidade e pelo ritmo.

Com a escrita, e mais tarde com a impressão gráfica da mesma, muitas sociedades passaram uma transformação fundamental na cultura do conhecimento e da própria “conservação” da sua história. A escrita passou a ser a forma de obter o conhecimento de maneira física e não mais apenas na memória dos velhos, passada de geração em geração. O “estoque” de conhecimento passou a se dar pelo texto escrito e não mais sob formas *mnemônicas*⁴ e assim o papel do poeta historiador analisado por Hannah Arendt se projeta para uma constituição da escrita:

A tarefa do poeta historiador (postos por Aristóteles na mesma categoria, por ser seu tema comum *praxis*) consistem em fazer alguma coisa perdurar na recordação. E o fazem traduzindo *praxis* e *lexis*, ação e fala, nesta espécie de *poiesis* ou fabricação que por fim se torna a palavra escrita ⁵

As características principais dos folhetos impressos como poesias que tem o canto e a oralidade como gênese, são suas métricas, versos que mesmo escritos possuem métrica e estrutura para serem declamados, seguem o ritmo das

¹ Folheto **Os sertões de Conselheiro de Euclides e Gereba**. Klévisson Viana. Fortaleza: Ed Tupynanquim 2005.

² ONG, Walter. Op.cit., p.23.

³ LUYTEN Joseph. **O que é Literatura popular**. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1983. p.10.

⁴ ONG.Op.cit., p.33.

⁵ ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**.São Paulo: Perspectiva,2002. p. 74

cantorias, compostos para serem lidos em grupo. Os versos ritmados são ideais para serem cantados e esta é a atração e o encanto desta manifestação de arte e cultura, o discurso rítmico auxilia na recordação até mesmo psicologicamente, além de que a articulação da escrita compõe novas ordens:

Aprender a ler e escrever incapacita o poeta oral (...) introduz na sua mente o conceito de um texto como controlador da narrativa e por isso interfere nos processos de composição oral que nada têm haver com os textos, mas são a recordação de canções cantadas¹

Chamada de “revolução do impresso”², o período de novos costumes sobre a produção de escritos, possuem traços peculiares que ultrapassam a questão operacional dos tipos móveis por Gutenberg³. A escrita passou, aos poucos, a ser uma superfície material e “segura” para a representação da memória, como um estoque de conhecimento. A possibilidade de novas características culturais se expandiu nos espaços em que essa impressão tomou grande escala como também a sua própria produção. De acordo com Draaisma⁴ entre 1500 e 1600 a população dobrou, mas a produção de livros aumentou 14 vezes, de exemplar único passou a produção de massa.

A figura de Gutenberg, na Europa, é central quando essa revolução é citada, contudo é necessário lembrar que o Oriente já conhecia formas de impressão semelhantes aos tipos móveis que Gutenberg apresentou por volta de 1450. Outra reflexão a ser percebida é que os tipos móveis não transformam a sociedade em uma sociedade do impresso, as mudanças são gradativas e dependem do lugar

¹ ONG, Walter. Op., Cit., p.72.

² BRIGGS,Asa; BURKE,Peter. Op., Cit., p.38.

³ João Gutenberg ou Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg ([1390 ?](#) - [3 de Fevereiro de 1468](#)), foi um inventor [alemão](#) que se tornou famoso pela sua contribuição para a tecnologia da [impressão](#) e [tipografia](#). Inventou uma liga para os tipos de metal e [tintas](#) à base de óleo, além de uma prensa gráfica, inspirada nas prensas utilizadas para espremer as uvas no fabrico do [vinho](#): Os Tipos Móveis, o que foi o início da difusão da impressão, inicialmente de livros, folhetos e depois da constituição da imprensa escrita.

⁴ DRAAISMA, Douwe. Memórias escritas. In: **Metáforas da Memória: uma história das idéias sobre a mente**. São Paulo: Ed. EDUSC,2005. p.67.

físico e social em que a técnica da impressão chegou.

Na Europa, a impressão da Bíblia (livro sagrado dos cristãos) foi a maior difusora da cultura do impresso, impulsionaram a prática de leitura e grandes quantidades de impressões, mas sempre em conjunto com fatores sociais e culturais que aconteciam naquele momento. Já em outras localidades, os costumes e a religião não incentivaram as impressões, pelo contrário. Em Istambul, era considerado “pecado” imprimir livros sagrados até o século XVI.

Umberto Eco localiza na Europa do século XVI grandes tiragens na passagem artesanal para produção em série e não apenas uma produção voltada aos mais “ricos” e letrados. A publicação de textos populares ou popularizados nasceu praticamente com o início das obras impressas “trinta e poucos anos depois da invenção da imprensa, os tipógrafos já se dedicavam a divulgação de obras popularizadas”.¹

A literatura de cordel não é visualizada por Márcia Abreu² como uma modalidade literária, e sim, um “gênero editorial” ou “fórmula editorial” como trabalha Roger Chartier³, ela é configurada com direcionamentos materiais sempre atrelados com a referência a sua produção e impressão, não apenas aos conteúdos e formas. Caracterizam-se constantemente, através de seus vendedores, tipos de impressão, como por exemplo, quando denominadas de “*bibliothèque bleu*” referentes aos folhetos de tom azulado publicado em ligação com o *Ancien Regime* e de “literatura de cegos” devido a comercialização dos folhetos por deficientes

¹ ABREU, Márcia. **História dos cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das letras, 1999, p.24.

² Ibid., p. 23.

³ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Bertrand/ Rio de Janeiro: Difel, 1990.

visuais, denominação que teve início em 1749 com o ato de D. João V que concedeu à irmandade do Menino Jesus dos homens cegos a prioridade na venda de folhetos.

De acordo com Márcia Abreu¹, um cego, vendedor de folhetos, chamado Baltazar Dias não era apenas vendedor, era também compositor destes versos. A autora envolve a pesquisa sob forma de perceber possibilidades de impressão e leitura nos trajetos desta manifestação cultural. As fontes sobre Baltazar Dias, possibilitam Márcia Abreu perceber características essenciais, ele, um homem pobre, encontra uma forma de registrar seus trabalhos². Como deficiente visual demonstra também a intervenção de algum letrado para essa prática de escrever, pode tornar possível também, de acordo com a autora, a existência de grupos para leitura entre um letrado e ouvintes não alfabetizados.

Essas rodas de leitura que deixaram para as poesias um ambiente bem propício às cantorias são sempre lembradas como características do “cancioneiro medieval” representado inclusive no D. Quixote quando relata do que verá o que ler ou escutar a ler e quando cita a leitura em uma estalagem.

Contudo, este hábito existiu além da Europa. A transmissão oral também encontra formas semelhantes nas sociedades africanas. De acordo com Manuel Diégues Júnior, “Os africanos, também trazidos para o Brasil no período da escravidão, possuíam seus trovadores e o hábito de contar histórias cantando ou narrando”³. Diégues salienta que entre os cantadores mais conhecidos alguns são negros e que foi um negro escravo que guardou a tradição no Nordeste: Inácio da

¹ ABREU. Op. Cit., 1999, p.20-21

² Cabe notar que Baltazar Dias registra seus trabalhos sob forma de documento no ano de 1537, e a noção de direito autoral surgiu em 1719, sendo tardiamente difundida, com a primeira legislação na França em 1793. Cf. In: BRASIL, Alexia. **Cordel Digital**. Fortaleza: Edições Leo. 2005.

³ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Literatura Popular em Versos - Estudos**. Rio de Janeiro: Casa Rui Babosa, 1986. p.37.

Catingueira. Desta forma não é de se estranhar que o Nordeste brasileiro, de tradição híbrida de negros, índios e europeus tenha sido, e ainda é, terreno fértil para essas manifestações.

Ainda na obra de referência de Márcia Abreu, encontramos um assunto constante em pesquisas sobre a literatura popular conhecida como Cordel: o próprio nome “cordel”. A autora trabalha com nomenclatura de “Literatura de Cordel” para folhetos impressos portugueses e “literatura de folhetos” para os impressos do Nordeste brasileiro, argumentando que poetas nordestinos não reconhecem esse nome, cordel, como referente à raízes propriamente locais. No senso comum, encontra-se uma história logo caracterizada como “verdadeira” para a origem da denominação dos folhetos nordestinos como “cordel”, que a denominação vem de corda, oriundo dos folhetos serem vendidos nas feiras pendurados em cordas e por isso o nome cordel.

Em entrevistas com cordelistas, percebemos que não compactuam desta referência. Para Klévisson Viana, Rouxinol do Rinaré, Otávio Menezes e Abraão Batista¹, o nome *cordel* não pode ser uma alusão ao modo como eram vendidos, pois de acordo com estes cordelistas “vendíamos como vendemos hoje, em bancas, no chão, e não em cordas, essa história de cordel vem do exterior”, afirma Klévisson. Para Abraão Batista, foi na década de 1970 que estudiosos da Europa interessaram-se pela poesia nordestina em forma de folheto e colocaram este nome

¹ Entrevistas à autora: Rouxinol do Rinaré e Klévisson Viana 23.02.2007 na editora Tupynanquim. **Rouxinol** é Antonio Carlos da Silva, nasceu em Rinaré-Quixadá-Ce, poeta cordelista sócio-fundador da Sociedade dos Poetas e Escritores de Maracanaú (Sopoema), trabalha na Editora Tupynanquim. **Klévisson**, cordelista, editor fundador da Editora Tupynanquim, nascido em Quixeramobim, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. **Otávio Menezes** em entrevista dia 20.08.2006 na Secult, nasceu em Fortaleza, formado em história pela UFC, seu trabalho baseia-se na informação jornalística, é membro associado ao Cecordel e trabalha na Secult - Departamento de cultura popular e de patrimônio Imaterial. **Abraão Batista** em entrevista ao jornal Diário do Nordeste em 01.02.2006, é farmacêutico e professor, um dos mais importantes cordelistas e xilogravadores de Juazeiro do Norte, herdeiro da arte de mestre Noza conhecido, mundialmente, por obras que retratam a cultura local de Juazeiro.

ligado as cordas de música, referiam-se à forma como eram cantados nas feiras e mercados sempre acompanhados de uma viola, “de cordas”. Gonçalves Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Cordel¹ denomina “cordel” como um “verbete polêmico”². Entretanto, nesta pesquisa, utilizaremos o verbete: “folhetos” ou “folhetos de cordel” e trabalhando com conteúdo, “folhetos de circunstância” ou “cordéis de circunstância”. Sabendo assim que se referem à Literatura de Cordel nordestina como é conhecida popularmente.

Dentre as denominações para a poesia popular também encontramos formas ditas Repentes, Cantorias. Embora superficial, podemos fazer uma diferenciação na prática de ler/cantar e no suporte. A cantoria é a arte dos cantadores, que “duelam” ao som da viola, alguns destes são também cordelistas. Outros são repentistas, do chamado repente, são os improvisadores difundidos na mídia como inusitados. Alguns também só cantam as poesias dos cordéis como forma de divulgar o folheto impresso. Entre os cordelistas que são também repentistas, na atualidade, destaca-se José João dos Santos, o mestre Azulão³, que vende seus folhetos na feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

O que se chama de forma comum e diferenciada de *Cordel* que é a forma de poesia impressa em folhetos, porém, como vimos alguns autores e poetas

¹ Academia Brasileira de Literatura de Cordel foi fundada em dia 7 de setembro de 1988. Na diretoria, apenas três os cordelistas: o presidente, Gonçalves Ferreira da Silva, o vice, Apolônio Alves dos Santos e o diretor cultural, Hélio Dutra: Disponível in http://www.ablc.com.br/historia/hist_ablc.htm. Acesso em 09 de abril de 2007.

² SILVA, Gonçalves Ferreira. **Vertente da evolução da Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Editora Ilart, 2005.

³ Mestre Azulão: José João dos Santos, nasceu na Paraíba em 1932. Cantador de viola e poeta de bancada, autor de mais de 100 folhetos, vive há vários anos no Rio de Janeiro e atuando na famosa Feira de São Cristóvão, abriu caminho para outros poetas nordestinos. Frequentemente convidado para apresentações em universidades brasileiras e no exterior. Tem trabalhos publicados inclusive pela Tupynanquim Editora. Esteve em Fortaleza várias vezes, incluindo em outubro de 2008 para o I Congresso brasileiro de poetas cordelistas, folheteiros e editores.

contestam tal nomenclatura defendendo as seguintes estruturas: “Folheto Popular”, “Literatura de Folhetos”.

De maneira ampla todas estas formas fazem parte da poesia popular. De acordo com Gilmar de Carvalho, Patativa do Assaré¹ é a grande referência desta expressão; Klévisson Viana inclusive o chama de “poeta matuto”, quando fala do grande trabalho de Patativa para a divulgação da cultura dos poetas populares. Como “cordel urbano” consideramos a denominação de José Erivan Oliveira: “uma poesia amorfa e sem definição específica, constituiu-se em uma nova forma de literatura que vem quebrando as amarras do tradicional”²

Os poetas populares, no Nordeste, “criaram e recriaram” rimas e estruturas de versos até que se caracterizasse a estrutura atual. As primeiras e mais rudimentares métricas, da poesia popular impressa, são estrofes de quatro versos e sete sílabas que se modificaram para mais dois versos, criando *seis versos de sete sílabas*, a atual **Sextilha**, modalidade mais usada em desafios, romances e também na maioria dos cordéis de circunstância.

Esta é a sextilha
Seis versos metrificados
Seis sílabas cada um
São assim bem explicados
O segundo o quarto e o sexto
Estes três são rimados³

¹ Antonio Gonçalves da Silva (1909-2002) o Patativa, iniciou sua trajetória de poeta como cantador repentista escreveu apenas alguns folhetos de cordel e de acordo com Gilmar de Carvalho, se sobressaiu como poeta matuto. Dentre os títulos de folhetos destaca-se “Pau de Arara do Norte” gravado em 1964 por Luiz Gonzaga rebatizado com nome de “Triste Partida” transformando-se em uma das suas mais famosas músicas.

² OLIVEIRA, José Erivan. **Literatura de Cordel no novo espaço urbano....** 2001,p. 11.

³ **Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel**, Rio de Janeiro: edição da ABLC,2005,p.120. Observar que a rima é atribuída ao mestre Azulão, mas podemos perceber a falha, de impressão ou composição, na definição de sextilha e no terceiro verso: não seriam seis sílabas e sim sete. Contudo utilizamos o verso para exemplificar a métrica e rima da sextilha e como são citadas no Dicionário da ABLC.

Relativamente recente, a **Setilha** é uma outra modalidade de versos, ausente nos versos de Leandro Gomes de Barros¹, contudo, cantada em reuniões e festivais, muito utilizada por cordelistas atualmente. As

Fig. 09
ABLC



Setilhas são sete versos
Observe o seu feitio
Rima o segundo e o quarto
No quinto faz um desvio
Para rimar com o seis
O sétimo rima outra vez
Num mourão ou desafio²

De acordo com Gonçalo Ferreira, a setilha, mesmo ausente em versos de Leandro Gomes de Barros, foi criada por José Galdino da Silva (1866-1931) autor mais rico deste tipo de composição. Na obra *Dicionário Brasileiro de cordel* encontramos a maioria dos estilos conhecidos de métrica e estrutura.

Percebemos, através de uma breve apresentação, a constituição diferenciada da chamada Literatura de Cordel. Sempre em suportes diferenciados, como pertencente ao universo do oral e do escrito e logo ao universo digital. Nesta tradição herdada da oralidade mantém-se tipos de rima que se constituem em um elemento caracterizador pois mantém a musicalidade. O cordel possui uma forma poética particular, para José Erivan Oliveira

A métrica enquanto elemento constituidor de um corpus literário (a literatura de cordel) que se origina na literatura oral, lhe paga tributos diversos a essa, nessa dívida, está inclusa a musicalidade

¹ Leandro Gomes de Barros: Considerado pioneiro na publicação de folhetos rimados e na constituição de uma rede de distribuição de folhetos. É autor de uma obra vastíssima, o que lhe confere, o título de poeta maior da Literatura de Cordel de acordo com a ABLC. Nascido em Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, em 04 de março de 1918, deixando possivelmente um legado de mil folhetos escritos, aproximadamente, de acordo com a ABLC, embora centro cultural algum registre em número de títulos, tal façanha. Foi o maior editor antes de João Martins de Athayde, que o sucedeu, comprando sua coleção. O programa editorial de Leandro, em sua rede de captação de poetas e poesias, edição e divulgação, levou a Literatura de cordel às mais distantes regiões, graças ao bem sucedido projeto de redistribuição através dos chamados agentes.

² Mestre azulão In: **Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel**. Op. Cit., p.120.

que vem dessa oralidade, sendo assim, há uma correlação direta entre essa musicalidade e a maneira pela qual a métrica- é ela que determina, musicalmente, os compassos da viola - é tratada na Literatura de cordel.¹

Da mesma forma, a Literatura de Cordel não “chega” no Nordeste e em Fortaleza como conhecemos hoje. Sua “chegada” se aproxima muito mais de uma longa trajetória social e cultural do que com um “desembarque” de características

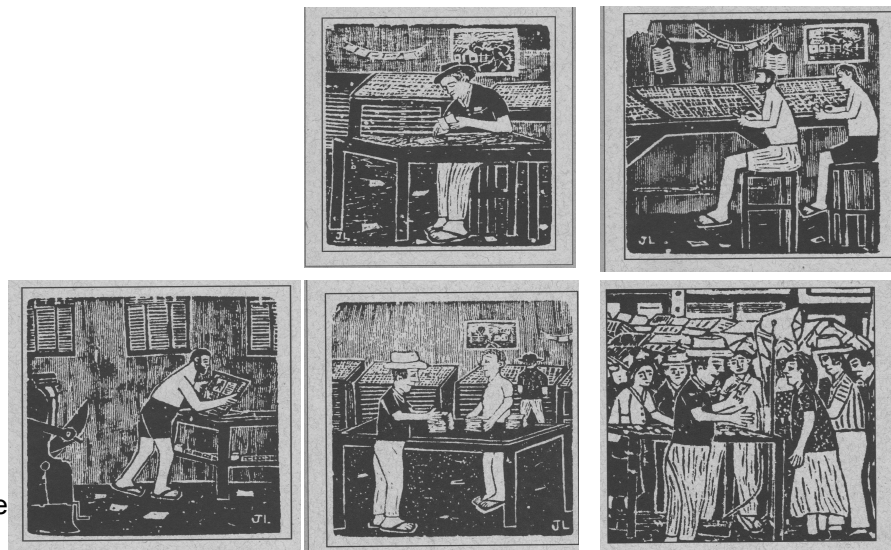


Fig.10
Xilo José Costa Leite

anteriores para a atualidade. Entretanto, de certo modo, a Literatura de Cordel “chegou” na medida em que os primeiros cordelistas se destacaram, quando as primeiras editoras são montadas e o espaço propício se constituiu.

¹ OLIVEIRA, José Erivan. **Literatura de Cordel no novo espaço urbano...**2001, Op. Cit,p.22

2.1.2. A poesia atravessou o mar.

Antes de iniciar a “trajetória nordestina” da Literatura de Cordel, é imprescindível notar, que as características européias desta manifestação, não se compõem como forma de herança. Alguns autores trabalham a Literatura de cordel nordestina como “resíduos do medievo”. A teoria da residualidade desenvolvida pelo Professor Roberto Pontes visualiza aquilo que remanesce de uma cultura para outra, para ele, “na Literatura nada é original, tudo é resíduo”¹. Observa-se assim várias pesquisas na área da Literatura sobre esses resíduos apresentados na Literatura de Cordel como temáticas, rimas, personagens, críticas políticas e sociais.

De alguma forma havia escapado para este lado do atlântico um passado que a terra nova não conheceu. Melhor, que o cordel daqui não era uma herança arcaica preservadora rigidamente, mas a memória viva, se bulindo se misturando e gerando novas idéias.²

Reconhecemos que novas idéias, claro, possuem algum tipo de conexão com algumas antigas tradições. No entanto, trabalharemos com o que Canclini³ caracteriza como “culturas híbridas”, nem massivas, nem eruditas, nem totalmente populares, híbridas no sentido de características formadoras de um novo conjunto de práticas e costumes.

Sobre a influência européia na Literatura de Cordel Nordestina, o folclorista Luis Câmara Cascudo⁴ e Manuel Diégues Júnior⁵ descreveram a existência em

¹ Teoria da Residualidade: Roberto Pontes- Grupo de Pesquisa de residualidade Literária e Cultural registrado na Universidade Federal do Ceará- UFC e no CNPq. Apresentado no VII Encontro Internacional de Estudos Medievais: Idade Média, permanência, atualização, residualidade; entre 03 e 06 de julho de 2007, UFC – Ce.

² BRASIL, Alexia. **Cordel: memória e comunicação em rede**. São Paulo, 2006. 168 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Programa de Estudos Pós graduados, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p.22.

³ CANCLINI, Nestor Garcia. Op. Cit.

⁴ CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore Brasileiro**. Global: São Paulo, 2004.p. 34.

⁵ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Op. Cit., 1986.

vários lugares da Europa ocidental além de Portugal que, desde o século XVII, possuíam “folhas volantes que atravessam o mar”¹ rumo às Américas.

Na Espanha especificamente, essa literatura era chamada *pliegos sulteos* e desenvolveu-se em alguns países da América Latina (Argentina, México, Peru) com a denominação de *corridos*, expressão usada para a poesia popular impressa sobre os acontecimentos e fatos marcantes na sociedade. Na Alemanha, os folhetos publicados eram editados avulsos em tipografias que foram caracterizadas como as primeiras editoras tipográficas semelhantes ao modelo conhecido atualmente, inclusive com capas em xilogravura².

Os folhetos volantes franceses do início da Idade Moderna, no século XV, possuíam uma diferença entre a literatura volante produzida para meio rural e para o meio urbano francês. Para a população dos campos, a *litterature de colportage* narrava os acontecimentos das vilas e cidades e para o meio urbano esse tipo de poesia era tido como forma de entretenimento com romances e casos fictícios. Assim como em Portugal, no Nordeste Brasileiro, muitos clássicos foram publicados sob forma de folhetos avulsos para se tornarem mais acessíveis financeiramente e também pela linguagem, mais fácil para a população de maneira geral, sem perder contudo o interesse neste novo mercado que se estruturava,

os editores sentindo o interesse de amplas camadas da população em tomar contato com conjunto de textos em circulação no universo letrado, percebem, a possibilidade de comercialização desse material desde que seu preço fosse acessível, daí a utilização de

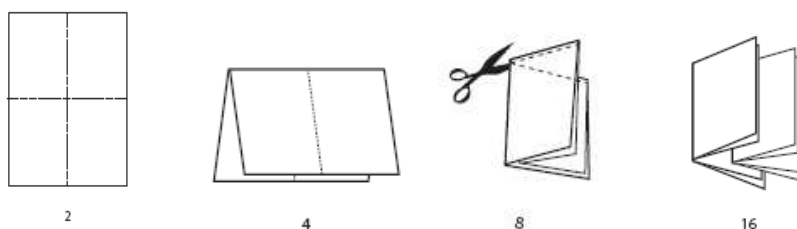
¹ CASCUDO, Câmara. Op. Cit., p. 34

² A Xilogravura é uma espécie de carimbo, um desenho esculpido na madeira, pincelado de tinta e “carimbado” na folha, num processo semelhante ao do negativo, pois o artesão talha o baixo relevo e o que sairá impresso com tinta é o relevo alto. Geralmente os antigos folhetos impressos de cordel possuíam a xilogravura em sua capa, apesar de atualmente as capas terem fotografias e desenhos, a gênese é a xilogravura, que possui esta nomenclatura tanto para a gravura talhada quanto para sua impressão. No Nordeste muitos artesãos criam técnicas novas e particulares de utilizar matéria prima e ferramentas.

papel barato, a opção por um pequeno número de páginas e vendas nas ruas ¹

O formato do folheto também se volta à uma perspectiva financeira. As folhas sempre são múltiplas de oito, de acordo com a dobradura de uma folha de tamanho padrão A4 (cerca de 30cmX21cm) o tipo mais comum. Mesmo com variações muitos autores reconhecem os romances com 32 páginas em diante e os folhetos, nos quais se incluem os de circunstância, de até 16 páginas.

Fig. 11
Dobraduras de uma folha
para compor o folheto de 11x16cm



Na lógica de mercado sobre os rolinhos impressos encontramos as mesmas práticas em volta do preço do folheto em Fortaleza. Essa acessibilidade continua nos direcionamentos de poetas e editores:

Aguardem caros leitores
Já estou decidido
O cordel será um sucesso
Nas bancas será vendido
Ao preço de um real
Assim lhes fará sentido²

Apesar de muitos autores trabalharem que a origem da Literatura de Cordel nordestina seja, principalmente, lusitana, Márcia Abreu defende que é um equívoco trabalhar com a idéia de que a literatura de cordel portuguesa é a fonte da nordestina. Para a autora a produção nordestina possui inúmeras “recriações”,

¹ ABREU, Márcia. Op. Cit.; p. 36.

² Folheto **Vida boa é de cachorro**. Eliseu Paulino. Fortaleza: Cecordel, 2005. Nascido em 1964, Pacatuba - CE. Tem vários folhetos publicados e até 2008 representou os poetas populares na banca do Cecordel na praça dos correios. É o único dos cordelistas pesquisado, que comuna edições no Cecordel e na Tupynanquim.

“adaptações” e “desdobramentos”, resultado da “fusão entre a literatura popular ibérica e a prática dos poetas improvisadores”¹.

De fato, existe uma série de semelhanças e diferenças entre os impressos nordestinos e portugueses. As apresentações orais dessas poesias, as disputas de “repentes” não são peculiaridades apenas do povo nordestino, existem em outros lugares do Brasil e da América Latina. É incontestável a grande contribuição lusitana para a Literatura de Cordel do Nordeste incluindo sua forma fixa em rimas A-B-C-B próprias de Portugal, apesar de que em toda a Europa os folhetos possuíam estrutura também em prosa e no Nordeste apenas em poesias, estabelecendo também novas estruturas nas rimas e composições.

A comunicação oral, como já citamos, faz parte de muitas sociedades de maneiras semelhantes, principalmente no narrar, contar, cantar histórias. Joseph M. Luyten trabalha com a concepção de que a comunicação oral acaba possuindo mais ênfase para compensar a falta de usos mais sistemáticos da escrita, citando o ensaio de Luiz Costa Lima:

Além de ser uma demonstração da supremacia da oralidade em nossa cultura(...) distingue entre uma cultura auditiva como a das camadas médias e elitistas do Brasil e uma cultura oral como é a manifestação das classes populares do Brasil. A literatura de cordel tem seu lugar de destaque neste tipo de comunicação, sobretudo por ser um elo de união entre comunicadores e receptores.²

Há diferentes hipóteses sobre a origem do cordel nordestino e também sobre as referências do primeiro lugar onde foi difundido esse tipo de manifestação no Brasil. De acordo com Abraão Batista, cordelista da cidade de Juazeiro do Norte, o cordel nordestino se desenvolveu em Pombal, na Paraíba, trazidos primeiramente para Campina Grande. Em João Pessoa surgiu oriunda dos mouros portugueses

¹ ABREU, Márcia. Op. Cit., p. 17.

² LUYTEN, Joseph. **A notícia na Literatura de Cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992, p. 19.

que assimilaram a tradição do oriente, dos árabes que migraram para Portugal. Sendo o Nordeste lugar de convergência natural, pois até 1763 a Bahia era a capital brasileira. Para José Ribamar Lopes o princípio foi ainda no século XIX, em meados de 1930 pelo poeta Agostino Nunes da Costa, considerado por Ribamar o “pai da poesia popular”¹.

Como grande referência de cordelista no nordeste está a figura de Leandro Gomes de Barros, nascido em 1865 em Pombal, na Paraíba, e falecido em 1918 no Recife, Pernambuco. Leandro foi o primeiro a editar e comercializar sistematicamente os folhetos, inclusive com uma espécie de catalogação. Até 1913 Leandro publicou apenas títulos de sua autoria e a partir de então passou a publicar títulos de outros cordelistas como Chagas Batista, Firmino Teixeira, Martins Athayde e Pedro Batista.

Essa movimentação editorial de Leandro, de acordo com José Ribamar Lopes, fez os folhetos “se multiplicarem feito moscas”². Com a morte de Leandro, seu genro Pedro Batista tomou frente da movimentação até 1921 quando a viúva de

Leandro vendeu a coleção para Martins Athayde. É interessante entender a movimentação editorial deste período, os direitos autorais pertenciam ao dono da coleção e não ao próprio autor. Aquele que comprasse determinada coleção cabia o direito inclusive de retirar o nome do autor para colocar o do editor-proprietário nos folhetos.

Na segunda metade do século XX já encontramos referências de várias tipografias em todo o país. De acordo com Manuel Diégues Júnior “Estados do Nordeste e em Belém foi onde se concentrou essa produção que quase diríamos de

¹ LOPES, José Ribamar. **Literatura de Cordel - Antologia**. Fortaleza: Editora Banco do Nordeste, 1994, p.18.

² Idem.

massa, ao passo que em outras áreas ela se torna esporádica”¹. Destacando-se a de Athayde em Pernambuco e a Editora Guajarina em Belém de propriedade de Francisco Lopes, que esteve em atividade entre 1914 e 1949. A Literatura de Cordel ainda é encontrada na região Norte desde este período, quando muitos nordestinos, principalmente cearenses, migraram nos *ciclos da Borracha*. No Amapá um folheto muito divulgado é “Incoerência Humana-a tragédia do Novo Amapá”² do cearense Francisco Hermes Colares.

Para o poeta Expedito Sebastião da Silva³ a década de 1940 e início da década de 1950 marcou a época do apogeu. Neste período José Bernardo e Manuel Cabloco já haviam fundado a Tipografia São Francisco comprando a coleção de Athayde de até 1949. A tipografia São Francisco “tomou impulso e se tornou a maior casa editora de Cordel no Nordeste”⁴.

A Tipografia São Francisco foi vendida pela família de José Bernardo, após a sua morte, para o Governo do Estado e rebatizada de Lira Nordestina, por patativa do Assaré na década de 1980, no período de revitalização desta tipografia após um período de crise na década de 1960. Da Lira Nordesina a coleção passou para a gestão da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Atualmente a Universidade do Cariri possui a coleção em forma de comodato e a Editora Tupynanquim, em Fortaleza, possui os direitos de republicá-las. A partir de Leandro

¹ - DIÉGUES, Manuel Junior. (org) **Literatura popular em verso- Estudos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1986. p.42

² O Novo Amapá era um navio que fazia a rota pelo rio Jarí entre o garimpo de Laranjal do Jari e Macapá, em 1981 o navio naufragou devido a superlotação, onde cabiam 140 pessoas estavam viajando mais de 500, trezentas e vinte pessoas morreram e 70 ficaram desaparecidas para sempre, no maior naufrágio fluvial do Brasil. Para fazer um paralelo da tragédia, a cidade de Macapá em 1980 tinha pouco mais de 150 mil pessoas.

³ Expedito Sebastião da Silva nasceu em 1928 em Juazeiro do Norte-Ce, um dos grandes poetas de cordel de nosso século, faleceu em 1977

⁴ KUNZ, Martine. **Expedito Sebastião da Silva**. Coleção cordel. São Paulo: Hedra, 2001, p. 15.

Gomes de Barros, começou a existir, assim, toda uma cultura de comercialização dos folhetos de cordel,

os produtores populares apropriaram-se de uma atividade editorial e começaram a publicar folhetos de olho no mercado que iria fazer com que ele (o folheto) circulasse, cumprisse seu papel encantatório, de ficção e notícia. O poeta tinha assim uma relação mais íntima com a comunidade da qual era intérprete, um porta-voz ¹

Percebe-se então que, que foi criada toda uma estrutura de mercantilização para constituir as vendas de folhetos de cordel, com períodos e ações de êxito ou não. Os caminhos da tradição popular do Cordel foram traçados de diferentes meios para caracterizar o folheto que conhecemos hoje. Nesta perspectiva, estas manifestações são constituídas pelos próprios poetas na produção dos folhetos e nas características que compõem a temática classificada como “de circunstância” pertencentes aos cordéis chamados de “urbanos”.

Atualmente duas produtoras se destacam no espaço de Fortaleza: A Editora Tupynanquim, fundada em 1995 tendo como editor-proprietário o cordelista Klévisson Viana e a Associação Cecordel - Centro Cultural de Cordelistas do Nordeste, que em 2007 completou 20 anos. Cabe lembrar que entre capital, região metropolitana e interior do Ceará existem várias associações e grupos, assim como outras editoras voltadas para a edição e comercialização do folheto de cordel.

¹ CARVALHO, Gilmar de **Publicidade em cordel: O mote do consumo**. São Paulo: Annablume, 2002. p.06

2.2. Cordel de Circunstância e a circunstância do cordel.

A Literatura de Cordel envolve, em sua trajetória, tempos e lugares diferenciados num sistema complexo de estruturação que articula o pesquisador a uma enorme quantidade de vertentes e cabe a ele a escolha e defesa de posicionamentos à respeito dessa tradição. Contudo, esta prática é que torna a pesquisa sobre a tradição dos cordéis de circunstância, envolvente, estimulante e diferenciada.

2.2.1. Vertentes da classificação.

“Variedade temática: tentativa de classificação”¹ é desta forma que Manuel Diegues Júnior inicia sua discussão sobre as classificações temáticas da Literatura de Cordel. Assim seria proceder irrefletidamente se apenas escolhêssemos uma classificação e trabalhássemos com ela para se obter uma base de conhecimento do que caracterizamos como o “Cordel de Circunstância”. As classificações temáticas ocupam páginas e páginas de muitos livros e pesquisas sobre a Literatura de Cordel sem, contudo, existir uma forma própria e aceitável por todos os autores.

Para Eduardo Diatay B. de Menezes a classificação temática é uma “querela inútil”, pois para cada folheto não possui apenas características de um tipo, eles se assemelham entre si em sua estrutura e composição. Esse sistema classificatório está, no entanto, em torno do que é predominante em cada um dos folhetos como um tema e como um traço peculiar central.

As classificações buscam um direcionamento que propõem inclusive delimitações para dissertações e teses, tendo em vista o número crescente de pesquisas em diversas áreas sobre a literatura de Cordel. Tem o propósito de

¹ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Op. Cit., p.52.

orientar leituras, são palavras chave que compõem conjuntos temáticos que não fecham as interpretações, indicam caminhos.

Para Pellegrini Filho, existem classificações tradicionais como a do “cordel circunstancial, um folheto com caráter jornalístico, de época”, que ele exemplifica com os títulos “Posseiros do Maranhão”, “Gasolina subindo e o povo passando fome”, “Pelé na copa do mundo”, “Tragédia na Belém Brasília”. Apesar de todos os questionamentos, Diatay conclui em um aspecto que se associa com a presente pesquisa, onde

propor uma classificação ou tipologia é deduzir uma estrutura conceptual, ordenada segundo certas regras lógicas de uma realidade heterogênea (...) trata-se de algo que sofreu ou sofre ainda mutações, sugiro, a título de hipóteses, que seja caracterizada pelas temáticas predominantes em cada uma delas, não seguindo a literatura culta(classicismo, arcadismo, romantismo, realismo, simbolismo, etc... e nem pela tradicional listagem de ciclos já examinada e criticada¹

Deste modo, a classificação de “Cordel de Circunstância” é a que utilizaremos neste trabalho, sendo também chamado de “Cordel Noticioso” como utiliza Geraldo Frota, o cordelista Pardal. É o folheto que se ocupa de poetizar fatos acontecidos que também se tornam “grandes” notícias nos meios de comunicação. Os folhetos trabalhados narram fatos antigos que marcaram a história da cidade, do país e até do mundo, mas em destaque encontramos poesias sobre a História Imediata.²

Contudo, apesar da definição ser talvez o suficiente para entendermos essa classificação de cordel de circunstância, vários autores construíram classificações e

¹ MENEZES, Diatay B. de. História do Cordel. Disponível em: < www.cordelon.hpg.com.br>. acesso em 30.04.04.

² História Imediata neste momento entendida como história do presente, mas não apenas ligado ao jornalista, como normalmente atribui-se o conceito do imediato, ao jornalista cabe o noticiar, ao historiador é atribuída a função da pesquisa e reflexão, a história “imediata, do presente. Certos historiadores como Pierre Nora se propõem a estudar certos fenômenos recentes com o recuo histórico necessário para apreendê-los.” In: BURGUIÈRE, André. **Dicionário das Ciências Históricas**. São Paulo: Editora Imago, 2002, p. 408.

nomenclaturas sobre este tema. Assim cabe-nos fazer um balanço do que já foi proposto e definir nossa própria nomenclatura aos cordéis trabalhados nesta pesquisa.

Através de Manuel Diégues Júnior, encontramos fora do Brasil sugestões de Júlio Caro Baroja, na Espanha e Robert Mandrou¹. Nas classificações utilizadas por estes estrangeiros a nomenclatura que mais se aproxima do nosso Cordel de Circunstância é a de “Cordel Histórico”, utilizada por ambos. Nesta classificação de “histórico” dois pesquisadores brasileiros apresentam a nomenclatura próxima à de circunstância: Ariano Suassuna que divide as temáticas em ciclos e um destes é o “Histórico e Circunstancial”² mesma denominação usada por Carlos Alberto Azevedo para definir estes folhetos de cordel que destacam acontecimentos da história.

Um pesquisador de destaque na área de Literatura de Cordel, também estrangeiro, é Raymond Cantel, que apesar de consciente das querelas envolvidas sobre as classificações temáticas do cordel, nomeia os folhetos de circunstância aproximando-os da concepção de “noticioso”, de “informação”, nos quais ele inclui: mortes, crimes, acidentes, calamidades naturais, esportes etc.³ Ainda próximo desta concepção de notícia, Cavalcanti Proença intitula uma classificação de “Folheto de Reportagem”. E Liêdo Maranhão propõe que segue a temática próxima do que ele chama de uma classificação popular usando “Folhetos de acontecidos”⁴.

Entretanto, após todo esse discurso sobre uma classificação “autêntica” à cultura popular do cordel, Diégues Júnior também faz sua própria classificação temática. Divide em “Temas tradicionais” que englobam romances, contos maravilhosos, histórias de animais e tradição religiosa, “Fatos circunstanciais ou acontecidos”, englobando de natureza física (enchentes, secas...) de repercussão

¹ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Op.cit.,1986, p.52.

² CEARÁ, Secretaria de cultura, desporto e promoção social. **Antologia de Literatura de Cordel**. Fortaleza 1978.p.43.

³ Idem, p.45.

⁴ Idem, ibdem.

social (festas, novelas, astronautas), cidade e vida urbana, crítica e sátira, elemento humano (presidentes, cangaço, misticismo...) e “Cantorias e pelejas”.

Diégues comprova com seu discurso e sua prática a necessidade de uma classificação mesmo que para objetivar estudos e não para enquadrar a poesia popular em uma fórmula pronta.

Uma outra classificação, agora não apenas temática mas estrutural, está presente no universo do Cordel, quando diferenciamos os tradicionais romances dos de circunstância. Alguns autores se diferenciam pela temática, há outra possibilidade de classificação, pelo número de páginas. Até 16 páginas considera-se “Folheto” e de 24 em diante “Romance”. Contudo, de acordo com Antologia de Literatura de Cordel¹ o povo se identifica mais com a métrica, por isso, aparecem romances de 16 páginas.

Ao analisar cordéis urbanos, em algumas cidades do Ceará, José Erivan Oliveira classifica em uma tipologia própria as temáticas mais comuns encontradas por ele em Fortaleza; são elas: “cordéis esdrúxulos ou espalhafatosos”, de “personalidades” e de “acontecido ou reportagem”, e estes últimos, segundo a pesquisa do autor, representam quase metade da produção de Fortaleza e são os mais procurados na Banca do Cecordel. Entretanto lembramos que no período em que o autor classificou, a Tupynanquim não possuía nem o volume de publicações nem a visibilidade atual, fato que trás, atualmente na cidade, aos cordéis chamados clássicos ou romances, uma quantidade maior do que os de acontecido.²

¹ Idem, p.36.

² OLIVEIRA, José Erivan. **Literatura de Cordel no novo espaço urbano...** 2001,p.66.

De acordo com Guaipuan Vieira¹, presidente do Cecordel, os cordéis noticiosos, de circunstância, exercem um papel fundamental, pois a temática “entra” mais em contato com o povo, com o cotidiano e permite ao cordelista estar sempre criando, em busca de novas temáticas. O costume do Cecordel são publicações em folhetos, poucas são as publicações caracterizadas de romance. A Tupynanquim editora possui uma grande publicação de romances devido a concessão de direitos para republicação de antigos clássicos que pertenceram a Leandro Gomes de Barros em parceria com Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Para alguns cordelistas o Cordel de Circunstância começa a ser chamado também de “Cordel Novo” mesma denominação que José Erivan Oliveira se refere ao “cordel urbano”. De acordo com os cordelistas Vânia Freitas, Pardal e Guiapuan Vieira o Cordel Novo se apresenta, por utilizar os fatos acontecidos e também novas características, a capa com uma foto da própria notícia, dos meios de comunicação que inspirou a construção da poesia.

Para a cordelista Vânia um exemplo do Cordel Novo são os Folhetos de Otávio Menezes, que compõem tendo como fonte de pesquisa os meios de comunicação e nas capas utiliza reprodução e recriação, através de montagens, de fotos e não xilogravuras ou desenhos como é o “tradicional” no folheto.



Fig 12
Capa: Fotografia

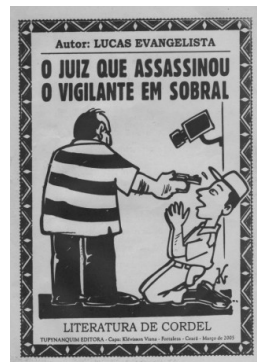


Fig 13
Capa: Desenho

¹ Guaipuan Vieira, cordelista, presidente do Cecordel. Em entrevista a autora 23.02.2008. Casa Juvenal Galeno.

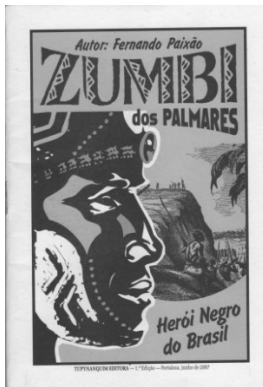


Fig 14
Capa: Gravura e
desenho



Fig 15
Capa: Gravura e
Fotografia

Desta forma, consideramos que as classificações não são estruturas fechadas, nem uma tentativa de enquadrar em modelos prontos a cultura popular. Visualizamos como uma maneira de objetivar e direcionar pesquisas nesta área, e assim, construímos cinco tipologias (classificações temáticas) para os cordéis de circunstâncias nesta pesquisa que abrange os Cordéis de Circunstância da Editora Tupynanquim e do Cecordel. Analisamos através das temáticas, não as formas de construção, mas as características comuns entre os folhetos definindo a seguinte nomenclatura:

- **Casos Inusitados da imprensa:**

Notícias de “Extra terrestres”, casos exóticos que se aproximam do escárnio e gracejo, mas possuem o acontecimento publicado em jornais de grande circulação para associá-lo ao de circunstância e não apenas de gracejo pelo humor; nesta temática incluem-se também fofocas e vida de celebridades. Exemplos presentes na pesquisa: Folhetos “A mulher que escondeu o celular na vagina”, “A caveira do ET em Quixadá” de Otávio Menezes.



Fig 16
Capa e poesia Otávio
Menezes



Fig 17
Capa e poesia Otávio
Menezes

- **Política:**

Fatos políticos direcionados à crítica como cerne da poesia, contendo críticas sérias e com escárnio, como corrupção, crimes e fatos inusitados envolvendo políticos. Nota-se que os acontecimentos políticos, como grandes guerras, tratados, eleições, foram classificados em História e Memória. Exemplos presentes na pesquisa: Folhetos “Cueção de dólares aperta a vida de cearense”, “A deputada que dançou porque dançou” e “No lamaçal do mensalão”, de Vânia Freitas.



Fig 18
Capa e poesia Vânia
Freitas



Fig 19
Capa e poesia Vânia
Freitas

- **Tragédias (naturais ou provocadas) e Crimes:**

Possuem a temática principal envolvendo assassinatos, roubos, grandes acidentes e tragédias naturais, que envolvem emoção, crítica, opinião pública sobre fatos, conselhos para a sociedade. Exemplos presentes na pesquisa: Folhetos “O trágico acidente do ônibus da Itapemirim” de Otávio Menezes, “Juiz perde o juízo e mata vigia indefeso” de Vânia Freitas e “Roubo do Banco Central” de Jotabê.



Fig 20
Capa e poesia Jotabê



Fig 21
Capa em Xilo e poesia
Stênio Diniz

- **História e Memória:**

Apesar de todos os subitens anteriores possuírem, de certo modo, o papel de história e memória, alguns acontecimentos históricos envolvendo política, como tratados, guerras entre países e cidades, pesquisas, fatos e história de localidades se destacam; como também de pessoas de maior visibilidade em determinadas áreas, premiações, história de vida de *pós morte* destas figuras são consideradas especialmente “históricas” pelos próprios cordelistas. Sendo que nesta classificação estão muitos folhetos, por exemplo, da Guerra de Canudos, Antônio Conselheiro serão referenciados nesta pesquisa porque utilizamos como foco a produção dos folhetos no espaço temporal proposto (1987-2007) como forma de visualizar as circunstâncias que se tornaram fatos históricos neste período. Exemplos presentes na pesquisa: Folhetos “A grande vitória de Lula - o Brasil sem medo de ser feliz” de Klévisson Viana, “A história da Praça do Ferreira” de Rouxinol do Rinaré e “O mundo abalado pela tragédia da guerra e do terror” de Vânia Freitas.



Fig 22
Capa e poesia
Klévisson Viana

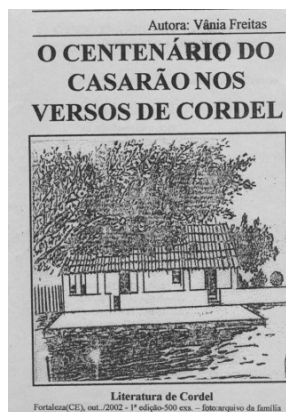


Fig 23
Capa e poesia Vânia
Freitas

- **“Causos” com fatos e personagens históricos**

Neste subitem percebemos as temáticas referentes aos “causos” comuns da população, aquelas histórias narradas como um conto, como encontro com o diabo, chegada no céu, contos conhecidos, mas incorporando personagens reais, peleja de dois personagens históricos. Nas edições selecionadas temos como exemplo

“Encontro de FHC com Cabral” de Arievaldo Viana, “Chegada de Raul Seixas no céu” de Guaipuan Vieira.



Fig 24
Capa e poesia
Guaipuan Vieira



Fig 25
Capa e poesia
Guaipuan
Vieira

Estes subitens definidos são essenciais para a pesquisa na medida em que através destas tipologias a pesquisa volta-se às temáticas recorrentes nas produtoras trabalhadas e características que sejam semelhantes ou não. No segundo capítulo após um levantamento das temáticas, segundo esta classificação, e sua divisão como tratamento às fontes, apresenta-se uma divisão quantitativa das temáticas em ambas as produtoras com gráficos representativos e a devida interpretação destes dados para que auxiliem na análise do perfil destas produtoras e das temáticas recorrentes em cada uma delas, construindo um perfil editorial próprio do Cecordel e da Tupynanquim

Pensar nas temáticas envolve várias estruturas para a compreensão do alcance e motivação diferenciada do Cordel de Circunstância. O poeta é influenciado pelo seu meio e pelos objetivos que propõe através de sua poesia. Expõe este sentimento de escárnio constantemente, evidenciando sua conscientização política em gracejos leves ou ácidos, e também expondo outro objetivo, de que o leitor interaja desta concepção crítica :

(...) depois que esse tipo entra
Na política nunca sai
Usa o dinheiro que possui
Compra votos, nunca cai
E o mal mais se estica

Quando faz essa política
Um filhinho de papai
Como esse aqui veio
Cujo nome eu dou completo
Deputado do Amazonas
Artur Virgilio Bisneto
Um afamado bonequeiro
Insolente, desordeiro
Obsceno e indiscreto¹

Outro fator que aproxima o folheto de circunstância da comunicação jornalística, diz respeito às temáticas das narrativas noticiadas:

O filão da literatura de cordel são os acontecimentos, especialmente relatos de crimes nos quais o pliego lança as bases daquilo que seria, mais tarde, o jornalismo popular, Julio Nombela, folhetinista que durante a juventude trabalhava para um cego, que quando ocorria um crime que chamavam passionais, tragédias, roubos de importância, passavam as instruções e informações para construir um folheto.²

Assim, Gilmar de Carvalho caracteriza os noticiosos como um “felling empresarial”³ e que é a comunicação popular que tem neste tipo de folheto um dos pilares de sua sustentação e que também pode acabar se direcionando ao jornalismo sensacionalista. Esta dinâmica caracteriza diversas vertentes entre atividades empresariais e a produção tradicional e representam, principalmente, através do Cordel de Circunstância, a produção simbólica e o mercado cultural em novas práticas.

¹ Folheto **O Deputado bundão** - Otávio Menezes. Fortaleza: Cecordel, 2004.

² BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: 2001.p156

³ CARVALHO, Gilmar. **Tramas da Cultura – Comunicação e tradição**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

Para Sebastião Breguez, os cordéis de circunstância são analisados como um jornalismo popular. Entretanto deve-se perceber que esse chamado jornalismo popular não é um produtor de notícia, porém um difusor no processo comunicacional da sociedade. Liga-se mais aos sistemas de cultura popular que aos de jornalismo pela característica essencial de não ter responsabilidade com a apuração da notícia e com periodicidade, mas com a comunicação de um fato de maneira ímpar e popular. Por isso Canclini coloca como uma cultura híbrida e caracteriza que é possível pensar o popular como sistema híbrido e complexo.

E é desta forma que os Cordéis de Circunstância se aproximam das discussões pertinentes à comunicação e à cultura popular. Novos perfis não transformam a manifestação em outra “coisa”, fazem parte do hibridismo citado por Canclini e da forma como visualizamos uma cultura: viva e em movimento; um amálgama também entre o tradicional, no sentido de antigo, e as inovações de cada prática.

2.2.2. Aspectos da Comunicação e da Cultura Popular na trajetória do Cordel

A partir da segunda metade do Século XX, o homem intensificou seu pensamento acerca da comunicação, visualizando a si próprio como o produto e criador de uma cultura comunicacional. Ao contrário do que algumas pessoas focalizam, a comunicação não é apenas formada pelos meios de comunicação social, rádio, TV, internet..., a comunicação envolve todos os mecanismos da vida em sociedade, é um complexo infinitamente maior que os meios de comunicação representados por aparelhos tecnológicos.

A comunicação se confunde com a própria vida(...) pessoas que foram impedidas de se comunicarem durante longos períodos,

enlouqueceram ou ficaram perto da loucura. A comunicação é uma necessidade da pessoa humana, do homem social !¹

De acordo com Bordenave, toda comunicação se estabelece nas pessoas que ao se relacionarem com seres interdependentes compartilham experiências, idéias e sentimentos, “influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas”². Há na comunicação elementos básicos para ocorrer trocas de experiências que Bordenave se refere. É necessário um emissor e um receptor que trocam uma mensagem através de um meio específico. Essa relação é de fácil visualização nos meios de comunicação de massa, é notória uma notícia jornalística como mensagem, passada através do rádio como o meio, de um emissor na pessoa do locutor e da própria emissora radiofônica, aos seus receptores ouvintes daquela notícia.

Na Literatura de Cordel, o folheto de circunstância, estudado nesta pesquisa, há exatamente o mesmo circuito. Um emissor, o poeta cordelista, que passa sua mensagem que é a própria poesia, através de um meio: o folheto impresso de cordel e continua para o receptor, o leitor desta literatura. Mas o percurso é sempre complexo e efetiva-se ao mesmo tempo em outros caminhos paralelos, aos processos de comunicação que se difundem em vários canais. O cordelista também é um leitor dos meios de comunicação, ele absorve e retransmite a sua maneira (a poesia) o que absorve da mídia e re-processa para novos leitores que passam a conhecer os fatos sob novas perspectivas. O poeta é um personagem que pode ser notado na sociedade como um leitor e um produtor de mensagens através de formas diferenciadas, além de que é um personagem que vivencia a repercussão da história cotidiana e assim perpetua sua cultura através dos versos, mas sempre envolvido com o presente.

¹ BORDENAVE, Juan, E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.p.19.

² Idem, p.36.

Esta manifestação, o cordel, está presente em diferentes e intrínsecas relações sociais e culturais, na comunicação e em conceitos pertencentes a estas dinâmicas históricas da atualidade. Assim, além da comunicação, definir Cultura e, especificamente, cultura popular é um trabalho complexo. Desse modo, conceituar estas manifestações não se apresenta como tarefa fácil, pois inúmeras definições são expostas por historiadores, sociólogos, antropólogos, comunicólogos. Por isso, tomar um direcionamento é essencial para que a pesquisa assuma conceitos e relações que comunem com sua perspectiva.

Ao lado da chamada cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, existe a cultura criada pelo povo, que articula numa concepção de mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais.¹

A cultura pode se articular do ponto de vista do produtor, da sociedade em que está inserida. Divulga seu trabalho na própria maneira de viver suas relações cotidianas, e propaga costumes e tradições do grupo em que está inserido. Segundo Ecléa Bosi, a Cultura de Massa acaba perpassando a Cultura Popular e expressa suas práticas cotidianas na arte, nas relações com o folclore e outras manifestações com novos fluxos, e são essas que definem a identidade dos grupos. Para a autora a “cultura popular é igual a cultura de massa mais o folclore”.²

Para Ecléa Bosi a cultura popular está em constante reelaboração, faz parte do que a sociedade chama tradicionalmente de Folclore, e que “apenas no museu o folclore está morto”³. Ainda para a autora, a espontaneidade e motivação fazem a Cultura Popular ser sempre revivida na comunidade que a produz e a admira, e que na dimensão das crenças e valores perpetuam-se no universo simbólico do qual fazem parte.

O conceito de Cultura de Massa está ligado ao de Indústria Cultural e as novas concepções sobre comunicação surgem com a escola de Frankfurt, na Alemanha, a partir da segunda metade do século XX. Para os pesquisadores da

¹ BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Vozes: São Paulo, 1986. p.63.

² Idem, p.67.

³ Idem, p.64.

escola frankfurtiana, a informação na Cultura de Massa, é passada de forma massiva e alienante pelos meios de comunicação também chamados meios de comunicação de massa. Preceito não mais aceito, de maneira fechada, na atualidade, como para Chartier, com o conceito de resignificação, e para Certeau com a estrutura apresentada do leitor criativo, o qual será destacado no próximo capítulo.

Para Nestor Garcia Canclini, as culturas na América do sul são “culturas híbridas”,¹ nem culta, nem popular e nem massiva. A cidade concentra essas culturas gerando um sistema de comportamentos comuns entre o popular, o culto e o massivo, deixando a definição específica e direta uma tarefa impossível para comunicólogos, historiadores, sociólogos ou antropólogos.

A cultura popular em forma de folclore é estudada por Luiz Beltrão, um dos primeiros estudiosos de Comunicação no Brasil. Ele identifica o processo de “Folkcomunicação” pela primeira vez em 1967 na sua tese de doutorado onde especifica o processo de comunicação coletiva em etapas: o processo do comunicador líder e o processo que o autor chamou de “audiência Folk” que são os “ouvintes” da mensagem, transmitida pelo líder de opinião, o comunicador líder do primeiro processo.

Trazer a comunicação popular para o espaço da cultura fez introduzir a dimensão do conflito histórico ao qual o popular se define como movimento de resistência (...) o estudo da comunicação popular permitiu redefinir o próprio conceito de popular superando a versão populista e idealista onde o povo é consciência de classe em oposição à massa despolitizada.²

Contudo, esta complexidade sobre o conceito de cultura e em destaque Cultura Popular, apresenta-se em vários autores com perspectivas ligadas sobre

¹ CANCLINI, Nestor Garcia. Op. Cit., p.20.

² PEREZO, Cecília Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**. Editora Vozes; Rio de Janeiro:1998.p.113.

pontos de vista diferenciados, o que aumenta sempre essa complexidade. O caráter histórico das transformações culturais concebem as práticas populares no contexto em que estão inseridas sem necessariamente extingui-las.

As práticas populares são situadas no contexto de sua produção, mas também em sentido mais restrito¹. A Literatura de cordel, como outras manifestações culturais, busca intencionalmente uma produção voltada à tradição, mas também ao mercado e estas ações são refletidas pelos pesquisadores na área, e também pelos próprios cordelistas como veremos nos próximos capítulos.

A comunicação e o ato de noticiar tornou-se, nos últimos anos, não apenas um ato produtor, mas um objeto de estudo e análise sob vários aspectos. Assim nos inclinamos ao caráter comunicador da Literatura de Cordel como produção cultural, notadamente popular, histórica e jornalística.

A todo pesquisador
Da cultura popular
Que nela valor descobre
E bem sabe conservar
O cordel como jornal

Do campo e da capital
Das terras do além mar²

Com este envolvimento em comunicação, circulação de notícias e informações que são produzidas de maneira específica deste produto cultural, percebemos as feições da Literatura de Cordel envoltas numa valorização de bens simbólicos que são os bens culturais, voltados às dinâmicas da sociedade urbana, ligados a tradição, ao desenvolvimento de uma preservação cultural e a um mercado sobre os Cordéis de Circunstância entre produtores e consumidores.

¹ AYALA, Marcos; AYALA, Ignez. Op. Cit., p.20.

² FROTA, Geraldo Carvalho. Op.Cit.1994.

Sobre estas concepções dos folhetos como bens simbólicos, nem sempre foi desta forma. A Literatura de Cordel por muito tempo foi considerada, no Brasil, uma manifestação cultural inferior. No dicionário Aurélio¹ encontra-se a seguinte definição: “a de pouco valor ou nenhum valor literário, como as brochuras penduradas em cordel nas bancas dos jornaleiros”. Contudo, não se pode considerar a definição preconceituosa, o próprio conceito de Cultura Popular e seus produtos foram considerados como antigas tradições repassadas. Antônio Arantes considera esse tratamento ao conceito, impróprio; para o autor, esta concepção é como se a cultura “tradicional” fosse decaindo para chegar à popular².

No final da década de 1970, seguindo para o início da década de 1980 e principalmente depois do final da Ditadura Militar brasileira, os conceitos envolvidos com cultura começam a ser revistos. Mesmo assim, rever esses conceitos e suas manifestações não se apresenta como tarefa fácil. A complexidade atual da cultura popular como objeto de estudo envolve o folheto em novas perspectivas, novas publicações, associações, pesquisas acadêmicas, ações que retomam as atividades dos cordelistas. Em Fortaleza destacam-se cordéis institucionais e educativos, que impulsionam novos estímulos e pesquisas para vários grupos e faixas etárias.

Por um largo período, muitos de nossos intelectuais desdenharam a literatura de cordel, pois careciam da luz de um Silvio Romero, de um Almeida Garret...era desconhecido o verbete cordel no tempo do Leandro Gomes de Barros o primeiro autor a produzir e publicar folhetos e romances em escala comercial.³

E é indubitável que nos últimos anos, a partir da última década do Século XX, intensificou-se o interesse das elites empresariais e governamentais pelo que diz

¹ **Dicionário Aurélio Buarque de Holanda**. 9ª edição. São Paulo, 1957.

² ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. Brasiliense: São Paulo, 1990, p.17. São Paulo, 1957.

³ SILVA, Gonçalo Ferreira. Op. Cit., p.15.

respeito à cultura popular, ligada ao que se caracteriza “folclórico”, “e não há nada mais fragmentário e contraditório que o folclore”.¹

Na 13^o edição do Dicionário Aurélio, não consta mais a definição citada anteriormente, agora é citada como “Cordel: literatura de folhetos.” Assim, notamos que o estudo da história social e cultural da comunicação impressa torna-se uma tarefa importante nas ciências humanas, entende-se um novo circuito do impresso desde a sua oralidade, às editoras e leitores.

O lugar dos livros no folclore e dos motivos folclóricos nos livros (impressos) mostram quando a tradição entrou em contato com o texto impresso e como devem ser relacionados com outros meios de comunicação(...)os impressos não se limitam a relatar a história, eles a fazem²

Na Cultura Popular, o novo e o arcaico (no sentido de antigo) se entrelaçam. Essa interseção do que é “novo” e do que é “antigo” é visualizado plenamente na Literatura de Cordel que circula entre a tradição oral e as tecnologias da impressão. O popular entra no circuito do que Gramsci chamou de cultura erudita, pois é ensinado e perpetuado nas instituições escolares, além de que os produtores dessa cultura, os cordelistas, não são apenas homens simples sem escolaridade, muitos possuem formação superior ou ocupam cargos públicos, poucos ainda sobrevivem unicamente da circulação de sua poesia, mesmo os que tem estrutura de editora. Para alguns poetas a poesia é transmitida pelo desejo de perpetuar a tradição, como se refere Otávio Menezes, mas também para alguns cordelistas, como para o poeta Jotabê, que os folhetos significam também sobrevivência financeira.

O poeta cordelista, em determinados momentos, começou a ser instigado por acontecimentos e fatos marcantes de sua época, possui o desejo de manter uma

¹ GRAMSCI *apud* MENEZES, Eduardo Diatay Bezerra de. Para uma leitura sociológica da literatura de cordel. In: **Revista de Ciências Sociais**. Volume VIII nº 1 e 2; Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- Ce; 1997. p.21.

² DARTON, Robert. A História da Leitura. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. Editora da Universidade Estadual Paulista: São Paulo, 1992. p. 21

tradição, de manter viva sua manifestação, mas também “faz média com a mídia”¹ quando começa a partir do século XX a se ligar em instituições, empresas, entidades, redes comerciais, para ampliação do mercado editorial e assim sustentavam os custos da impressão, com as propagandas nos cordéis que são encomendados por empresas, estudadas por Gilmar de Carvalho².

A edição de folhetos remete à implantação das gráficas e pressupõe rastreamento das produções populares excluída por conta do viés elitista das abordagens do campo jornalístico no Ceará e da literatura³

Além da lógica de mercado, ocorre por vezes algo que é citado pelo cordelista Otávio Menezes que é a situação “paternalista”, por exemplo, do Patrimônio Imaterial⁴, nova lei do ministério da cultura, implementado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN implantado em Fortaleza com o projeto Mestres da Cultura. Quando fala do projeto, Otávio expõe seu incômodo com duras críticas ao Estado que, na sua perspectiva, toma para si a responsabilidade de transmitir a cultura do povo. Situação citada de forma

análoga por Fausto Neto:

O mundo deste saber é denominado pelas ideologias dominantes de “saber popular”(…) Neste sentido retira as culturas de seu lugar, nomeia com etiquetas, as reelabora de acordo com sua gramática e as devolve à sociedade numa operação que estabelece a aparência de que a produção e circulação dos bens culturais ocorre de maneira harmônica e devidamente homogeneizada.⁵

¹ KUNZ, Martine. Op. Cit., 2001, p.31.

² CARVALHO, Gilmar de. Op. Cit. 2008, p. 90.

³ CARVALHO, Gilmar. Op. Cit., 2002, p.24.

⁴ Patrimônio Imaterial: A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Cf. www.iphan.gov.br. Acesso em 14 abril de 2006

⁵ NETO, Antonio Fausto. “O discurso punido: uma leitura em torno da literatura de cordel”. In: Revista de Ciências Sociais. Volume VIII nº 1 e 2; Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ce;1997.p.145.

Mesmo com estas queixas, o cordelista Otávio também se exalta com satisfação quando afirma que o cordel sobrevive, apesar das idiossincrasias, intempéries e dificuldades e das antropofagias da Indústria Cultural midiática e globalizante.

São imprescindíveis as divulgações na mídia, a distribuição eficiente, a abertura de espaços e fóruns de discussão e de publicação de textos de cordel, de autores tradicionais e contemporâneos, para dinamização do movimento da Poesia Popular “Universal” na Internet, por exemplo, fazendo parte das novas tecnologias que se colocam como espaço primordial e dinamizador de nossa Literatura Popular. Percebemos, agora, as feições da Literatura de Cordel envolvida com a valorização de bens simbólicos que são os bens culturais, voltados às dinâmicas da sociedade urbana, ligados a tradição, ao desenvolvimento de uma preservação cultural e a um mercado entre produtores e consumidores.

O Cordel aproximou o popular para um público mais erudito, é comercializado no exterior como *souvenir* turístico e estudado em grandes universidades do mundo, mas não excluiu sua representação simbólica do popular, do nordestino, da poesia cantada, do verso matuto falado, cantado e escrito. O Cordel “noticioso” lida com a visão que o cordelista tem da sociedade e de como ele busca, através de uma comunicação popular, a retransmissão dos acontecimentos da história do presente para a população que compra, lê e ouve suas poesias.

Assim como uma manifestação em movimento, o cordel encontra novas dinâmicas sem perder a noção e tradição desta manifestação cultural, movimentações de tal importância que trataremos com maior profundidade quando fizermos referência às novas dinâmicas das próprias instituições, o Cecordel e a

Tupynanquim. Cordelistas possuem perfis no Orkut¹, assim como sites sobre Literatura de Cordel são comuns, além de *blog's* individuais e como seria um pensamento retrógrado imaginar a “morte” de uma manifestação em detrimento de outra, podemos visualizar novos espaços ocupados pela cultura popular, que deve ser vista como “em movimento”, e não sua “morte”; e que “os meios de comunicação eletrônica, que pareciam destinados a substituir a arte culta e o folclore, agora os difunde maciçamente” ².

E para perceber as diversas práticas e discursos sobre a Literatura de cordel, especialmente de circunstância, nos dispomos a conhecer a trajetória destas duas produtoras devido a responsabilidade que o tempo e o espaço histórico possuem sobre as ações e as visões de mundo da Editora Tupynanquim e do Cecordel.

2.3. Espaços do Cordel: Percalços e sucessos em Fortaleza.

As idéias e as ações pessoais, de empresas ou instituições não nascem apenas de uma determinação individual. Cada idéia, cada ação nasce de uma série de aspectos externos e internos.

¹ Acesso ao Orkut dia 09 de janeiro de 2007. O site de relacionamentos Orkut é uma [rede social](#) filiada ao [Google](#), criada em [19 de Janeiro](#) de [2004](#). Seu nome é originado no projetista chefe, [Orkut Büyükkökten](#), engenheiro [turco](#) do [Google](#). As pessoas podem entrar nas comunidades que podem funcionar como [fóruns](#) de interesses comuns. O sistema de busca possui atualmente mais de cinquenta milhões (50.455.326 em 12/04/2007) de usuários cadastrados. O [Brasil](#) é o país com o maior número de membros, superando inclusive os [EUA](#). Cerca de 55,82% dos usuários do sistema, aproximadamente 28 milhões de usuários, declaram ser [brasileiros](#). Na verdade esse número não apresenta muita exatidão, já que muitos membros criam mais de um perfil por usuário, ou declaram residir em outros países. Aproximadamente 57,10% são pessoas que tem de 18 a 25 anos. Porém esse número não é real, pois pessoas menores de 18 anos também participam da rede, colocando idades incorretas. Pessoas de 26 a 30 anos têm o segundo colocado em participação de idades com 12,12%, (este número apresenta maior exatidão). Os interesses ao se cadastrar na rede são inúmeras, porém 66,72% estão participando para fazer novos amigos e encontrar os antigos; em segundo lugar estão aqueles que procuram contatos profissionais, com 21,14%. Informações disponíveis in: [www.wikipédia.org](#). Acesso em 09 de abril de 2007.

² CANCLINI, Nestor Garcia. Op. Cit., p.12.

Para compreender as idéias expostas e as atitudes tanto dos coordenadores ou editores proprietários das produtoras, sejam instituições ou empresas, é interessante perceber o contexto histórico que se articula no mercado na cidade de Fortaleza e o que representam neste momento de revitalização da literatura de cordel no espaço urbano da capital cearense.

No Brasil a cultura escrita não se difundiu facilmente, a alfabetização já foi índice de inserção social. Até o início do século XX, 70% dos brasileiros maiores de 15 anos eram analfabetos. A relação dos escritos com a maioria da população dependia da mediação de um sujeito que soubesse ler e transmitisse aos outros as informações de um livro, de um jornal, de um folheto. Essa prática deu à Literatura de Cordel um papel essencial na difusão de informações e entretenimento, já que o folheto de Cordel pertencia ao universo da oralidade e da escrita, lido e cantado em grupos.

A Imprensa no Brasil, como instituição, ainda está comemorando seu bicentenário em 2008, um tempo relativamente curto para abrangência de uma cultura, principalmente com o impacto que o impresso trouxe às regiões que se estabeleceu. De acordo com Gilmar de Carvalho, a imprensa régia foi a responsável pelo desenvolvimento matricial dos livretos chamados por Câmara Cascudo de “livros do povo”, como a Donzela Teodora, Imperatriz Porcina, Princesa Megalona, “uma adaptação do cancioneiro medieval com o Nordeste brasileiro” ¹.

A atividade tipográfica no Ceará teve como marco inicial o primeiro jornal “Diário do Governo do Ceará”, de 1821, ligado à Confederação do Equador. A produção impressa noticiosa em Fortaleza sempre esteve ligada às classes elitistas, Gilmar de Carvalho lembra o fato que em 1892 o movimento da Padaria Espiritual tentou fazer um elo entre as impressões e a poesia popular com seu artigo 34 do

¹ CARVALHO, Gilmar de. Op. Cit., 2005, p.16.

programa da Padaria, que visava organizar os cancioneros populares genuinamente cearenses. Entretanto, com o enfraquecimento do movimento, o artigo não foi cumprido pelo movimento.¹

O início do século XX envolveu um contexto referencial para estudos sobre cultura e costumes, tradições e vivências destes personagens que depois seriam chamados de populares. “Um novo tipo de história”² direcionado pelo movimento de Lucien Febre e Marc Bloch: *Annales d’histoire économique et sociale*, a Escola de Annales, mais humana, preocupada com a narrativa de eventos mais do que com a análise de estruturas.

Costumes e estruturas são vistos mais pela sua função social no presente, pela sua contribuição de cada elemento para a manutenção de toda a estrutura(...)inicia-se a atenção a cultura e à cultura popular, valores e expressões de arte, um padrão de cultura com aspecto expressivo do simbólico, a cultura como um elemento ativo³

Contudo, essa nova efervescência dos estudos culturais não chegou automaticamente ao Brasil no ponto de vista da cultura nas comunicações. Na década de 60 do século XX enquanto intelectuais conheciam as idéias dos *Annales* e a imprensa se nutria de uma paixão política pela comunicação, o Golpe Militar de 1964 suprimiu e oprimiu muitas manifestações, a cultura da contestação era reprimida e com ela muitos encontros teatrais, musicais, literários, são menos divulgados e promovidos.

A década de 1960 e início de 1970 para a Literatura de Cordel é vista como um período de poucas produções e poucos estudos. Gilmar de Carvalho aponta a chegada do professor francês Raymond Cantel ao Nordeste como o momento em que se estabelece o “nexo chamado Sorbone/Sertão”, proporcionado pelo encantamento do professor com a Literatura de Cordel que para ele estava “extinta” e conhecida apenas em livros como as narrações sobre a *littérature de colportage*. A construção de “cordeltecias” em várias Universidades incluindo a *École de hautes*

¹ CARVALHO, Gilmar de. Op. Cit., 2002, p. 65.

² BURKE, Peter. Op. Cit., 2002. p.30.

³ Idem, p.166.

études iniciou-se neste período. Entretanto, este não foi o momento em que o interesse pela Literatura de Cordel se destacaria nos próprios lugares de sua produção, como nos estados do Nordeste, entre eles, o Ceará.

Não se pode também expor uma forma simplista de causa e efeito para um decréscimo de produções em folhetos. Uma contextualização de vários fatores contribuiu para esta situação. Além da década de 1960 ter sido um período político com dificuldades a reuniões, por exemplo, e de acordo com Otávio Menezes, em certo ponto esta tensão criada dificultou os grupos de viola, mesmo representando a Cultura Popular que não foi tão intensamente marcada e divulgada pela contestação engajada, dificilmente encontramos folhetos deste período ou com versos sobre a ditadura ou afins.

Com a política de desenvolvimento do Nordeste a partir dos da década de 1950, com a Sudene, as tradições são colocadas de lado em prol da industrialização. Ainda nesta década, até o início da década de 1960 mesmo antes do golpe militar a administração personalista trouxe à imprensa brasileira um problema que afetou de grandes jornais à pequenas tipografias. A imprensa brasileira apresentou uma crise estrutural em torno da escassez do papel. Crise que atingiu toda a cultura do impresso e que proporcionou diversas interpretações, “com prejuízos que abrangeram desde a economia desses estabelecimentos até a propagação da cultura e o resguardo das instituições democráticas”¹.

Para termos uma noção material desta crise, vejamos o preço do papel em números, que são significativos. O dólar da importação passou de 8,90 para 112 Cruzeiros, o papel nacional não seguiu diferente, o quilo que custava Cr\$ 3,60 em 1950 passou para Cr\$ 8,90 em 1958 e chegou a atingir Cr\$ 112,00 em 1963, subindo constantemente para Cr\$ 204, Cr\$ 218, Cr\$ 222, Cr\$ 228, ainda antes de

¹ SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Editora Summus, 1986,p. 410.

1964. Em Fortaleza, grandes jornais solidificados como o jornal O Nordeste², chegaram ao final de suas publicações neste período; assim podemos perceber como os folhetos impressos que ainda eram fabricados de forma artesanal e avulsos pelos poetas sofreram com a escassez do papel.

A escassez dos folhetos de cordel neste período é sentida em todo o país. A Editora Luzeiro em São Paulo possuía uma distribuição de 1 milhão de folhetos, dos quais 80% vinham do Nordeste e fechou suas distribuições durante a década de 1960. Outro fator suscitado por Gilmar é a massificação da televisão como meio de comunicação e principalmente de entretenimento. Sabemos que a questão de que um meio de comunicação proporciona a “morte” de outro não é uma regra.

Entretanto, unindo outros fatores como técnicos, podem até influenciar que o meio “esquecido” possa novamente se adequar às novas dinâmicas da comunicação e propagação cultural.

A seca de 1958 também é apontada como provocadora de uma grande migração do homem nordestino para as cidades, fato que propiciou a adoção de outros meios de entretenimento e informação. Mas essa migração provocou, ao mesmo tempo, o fenômeno de distribuição da tradição do cordel, quando muitos cordelistas, moradores do sertão, saíram de suas pequenas cidades do interior e levaram sua cultura.

² Jornal católico de Fortaleza, O Nordeste completou 45 antes de seu fechamento. Como jornal católico ligado a figuras de destaque na contestação política a instituição que o mantinha deixou afetar-se pela crise do papel para encerrar sua publicação, in: VIRINO. Alyne. **“O Nordeste na Década de 60: Das mudanças estruturais e ideológicas ao fechamento do jornal”**. Monografia apresentada na Universidade Estadual do Ceará – UECE para obtenção do título de licenciatura plena em História, Fortaleza, Agosto de 2005.

Essa migração de corpos e tradições pode ser visualizada no filme “O homem que virou suco” de 1981, onde o imigrante nordestino levou sua arte de poesia popular à cidade grande. Podemos perceber essa expansão também com folhetos de cordel na região Norte do país. Em Rondônia, o imaginário da cultura popular é estudado através de folhetos produzidos na própria região, e com características pertencentes aos cordéis nordestinos.

No final da década de 1970, as produções eram esparsas, direcionadas a determinados trabalhos encomendados e pontuais, como o folheto “Incrível e fantástica briga com o satanás da inflação”, encomendado a Abraão Batista em 1979 por uma campanha publicitária do Jumbo Mercantil. Segundo Martine Kunz, as publicações, na segunda metade do século XX, de muitos folhetos populares estavam ligadas à instituições, empresas, entidades, comércios, campanhas institucionais ou propagandistas, voltados a diversos objetivos e não apenas ao mercado editorial de cordel¹.

Com o final da Ditadura Militar e a retomada do preço do papel mais acessível, iniciou-se novamente um clima favorável às impressões. De acordo com Guaipuan Vieira, na metade da década de 1980 os poetas e violeiros encontram-se com frequência em bares, casas, e lugares para apresentação de repentes, cantorias de viola e venda de folhetos impressos. No circuito intelectual, pesquisas temáticas sobre cordel começaram a ser alvo de debates e atenção, como uma cultura popular de visibilidade “genuinamente” nordestina.

A importância da arte popular com forte tradição no Nordeste ganha força na década de 80 também com a imprensa sindical e a redemocratização(...) outro ciclo com características bem próprias, mas dando início a um novo ciclo, conhecido como imprensa ou comunicação popular.²

¹ KUNZ, Martine. Op. Cit., 2001, p.31-32.

² BARBALHO, Alexandre. **O estado pós 64**: intervenção planejada da cultura. Revista política e trabalho. 15.set.1999, p..63-78 ISSN. Edição on line 1517-5901UFPB; disponível em <www.ccha.utpb.br/pgs/politica/15-barbalho.html> acesso 08.jan.2005.

A organização dos poetas cordelistas e das impressões em circuito comercial e organizados para produção e venda de seus folhetos, em Fortaleza, começou no final da década de 1980. Em 1987 foi criado o Cecordel - Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste:

Um tipo de associação de poetas que viria assumir, de fato, o compromisso de criar suportes de apoio ao folheto popular e, conseqüentemente, ao cordelista, num momento em que os organismos existentes com tais finalidades estavam falidos¹

Outra referência atual sobre publicações de Literatura de Cordel é justamente a Editora Tupynanquim. Consolidada no mercado cearense há mais de dez anos é dirigida por pelo cordelista editor, Klévisson Viana. Segundo Klévisson, a editora proporcionou, em Fortaleza, um novo direcionamento à Literatura de Cordel:

É necessário o resgate ao passado, dos velhos cordelistas, antigos poetas da cidade e do interior, mas também é preciso manter a chama acesa dos novos cordelistas, de uma nova geração que surge e compõe muitos títulos.²

Entre idas e vindas da manifestação da Literatura de Cordel, a década de 1990 e início do século XXI consolidou um período de “revalorização pela importância na busca pelo que é tradicional e genuíno”³. Um novo trânsito e convergência entre a valorização de um patrimônio cultural com produção tradicional e que também é voltada ao mercado cultural. Neste âmbito as produtoras escolhidas por esta pesquisa representam este caminho, surgiram e vem se consolidando neste período escolhido para pesquisa. O Cecordel e a Editora Tupynanquim, possuem poesias compostas na temática de circunstância próprias

¹ Geraldo Frota Carvalho, o Pardal. Em entrevista á autora 24.02.2006.

² Klévisson Viana, cordelista, editor proprietário da Tupynanquim em entrevista dia 23.02.2006.

³ CARVALHO, Gilmar de .Op. cit., 2005, p. 45

de uma história sobre o presente com características e com a preocupação de preservá-las.

A literatura atual
Das opções ao leitor
Revistas fotonovelas
O rádio e o televisor
Jornal, gibi, coquetel
Destronaram o cordel
Resgatemos seu valor

Salve leitor brasileiro
Sobretudo nordestino
Vamos cantar o cordel
Com força e sem desafino
Ressuscitar o cordel
Não o deixemos ao leu
Não me deixe em desatino¹

2.3.1. Cecordel e Tupynanquim: Alicerces e arranjos nas “casas” de Cordel.

Nas últimas décadas do século XX Fortaleza viu crescer e consolidar-se no mercado cultural da capital a produção de Folhetos de Cordel através, principalmente, de duas produtoras: o Centro Cultural de Cordelistas do Nordeste – Cecordel e a Editora Tupynanquim.² Entretanto, estas produtoras não se estabelecem ao acaso, são modificadas e modificadoras do espaço natural, social, econômico e cultural em que se estabelecem.

¹ Folheto “**Súplica ao mestre em prol do cordel**” Geraldo Valério. Recife: Editora Coqueiro s/d.

² Atualmente outras editoras e associações buscam este mercado, entretanto, são relativamente novas no setor como a Sopoema- Sociedade dos escritores e trovadores de Maracanaú(2004), a Aestrofe- Associação dos escritores, trovadores e folheteiros do Estado do Ceará(2005), e a editora Quadrix. Além disto muitos poetas envolvidos nestas publicações também publicam nas produtoras estudadas, o Cecordel e a Tupynanquim.

No início das últimas décadas do século XX, observa-se nitidamente o crescimento da divulgação e do incentivo à produção e circulação da Literatura de Cordel. O que se dá paralelamente ao interesse da elite pela Cultura Popular, sob forma de “respeito” às diferenças culturais, ao Folclore, como preservação da memória de um povo, incluindo assim a própria televisão e seus objetivos de comunicação

Qual é a significação mais profunda de programas oficiais que pretendem preservar memória dos folhetos pelas novelas de televisão(Dias Gomes, por exemplo) pela música (Alceu Valença, Gilberto Gil, Ednardo), pela prosa de ficção (desde Franklin Távora, Lins do Rego, Jorge Amado, Suassuna), pelo teatro (João Cabral de Melo Neto) (...) Tomar a Literatura de cordel(...) como objeto de conhecimento constitui uma operação epistemológica que busca instituir o caráter de cientificidade do esforço de compreensão das produções simbólicas das classes subalternas, uma apropriação ideológica(...). É normalmente um ato de poder que se funda em um saber¹

O período visualizado como de enfraquecimento do folheto de cordel teve no final da década de 1980 uma guinada em novas perspectivas adotadas por um grupo de poetas. Guaipuan Vieira, piauiense, faz parte desse grupo. Guaipuan, filho do poeta Hermes Vieira é o fundador do Cecordel e iniciou seu relato justamente falando do período de enfraquecimento, quando “ia acabando” e que naquela época todos os tipos de poetas e intelectuais se encontravam, “aqui mesmo” narra na própria casa Juvenal Galeno, mostrando os jardins internos do casarão. Nestas reuniões conheceu Otávio Menezes. E então o poeta relata como foi o trajeto deles, (Guaipuan e Otávio) para fundação do Cecordel.²

Em 1987 os projetos culturais da Sefaz – Secretaria da Fazenda, em Fortaleza convidou seus funcionários para montarem com trabalhos próprios uma exposição artística e o poeta Guaipuan liderou esta “empreitada” com auxílio de Otávio Menezes. Assim os dois poetas colocaram na exposição e apresentaram

¹ MENEZES, Eduardo Diatay Bezerra de. Op. Cit., 1977. p.12-13.

² Guaipuan Vieira – Casa Juvenal Galeno – em entrevista á autora 08/10/2007

oralmente um dos seus primeiros folhetos de repercussão, de acordo com Guaipuan sobre um crime da época que estava virando um “causo” popular: O bandido corta nádegas.

Após a exposição Guaipuan e Otávio Menezes uniram-se com outros poetas como F. F. Nascimento da Academia Brasileira de Cordel, V. Santos do projeto Rondon, Dimas Mateus da Casa do Cantador, e após várias reuniões na casa Juvenal Galeno sobre a organização de uma fundação e resolveram constituir uma associação: o Centro de Cordelistas do Nordeste- Cecordel:



Fig 26
Cecordel

O cecordel não nasceu de supetão, nasceu de um encontro com vários intelectuais e poetas, traçamos metas, planos, atas. Só não foi fundação por questões burocráticas. E não em 14 de agosto de 87 a gente registrou, tem CGC em todo Brasil. E com essa entidade mantemos contato com todo o Nordeste, criamos em 87 também a Banca Nacional do Cordel, a primeira banca em praça pública no Nordeste depois da época de enfraquecimento do cordel, pela década de 60, 70. Na praça do Ferreira ficamos 5 anos com a banca, promovíamos cantadores, festivais de emboladores, recital de poemas....¹

Para Guaipuan foi o surgimento do Cecordel que incentivou muitas outras entidades, editoras, associações: “o que tiver de associação de lá pra cá são oriundas do Cecordel, nós fizemos um trabalho de intercâmbio que vai dar no que temos hoje, um novo apogeu do Cordel”.²

Se situarmos cronologicamente a fundação de editoras, associações, grupos, percebemos a afirmação de Guaipuan em inúmeras delas. Entretanto, o poeta editor fundador da Editora Tupynanquim não situa a influência do Cecordel para seu surgimento. A editora foi criada em 1995 e dois anos depois começa a editar folhetos de cordel. Seu fundador, Klévisson Viana nos remete a novos trajetos e influências para a decisão de fundar a editora. Inicia seu relato primeiramente por

¹ Idem.

² Guaipuan Vieira – Casa Juvenal Galeno – em entrevista à autora 18.02.2008.

opções pessoais, a família do poeta cartunista, do interior do Ceará, sempre foi ligada à poesia popular :

Lembro de o meu pai voltar do roçado e ler um folheto pra gente... então desde o início da década de 1990, quando trabalhava no Jornal O Povo como cartunista já tinha objetivo de trabalhar com literatura de cordel, fazer alguma coisa nesse sentido, os anos foram passando e isso ficou uma paixão guardada na gaveta que de vez em quando eu revisitada. ¹

Em 1998 Klévisson Viana lançou o álbum “Lampião... Era o Cavalo do Tempo atrás da Besta da Vida”, que faturou o prêmio HQ Mix de Melhor Graphic Novel daquele ano e esse mesmo trabalho possui, hoje, diversas adoções como leitura em escolas em nível nacional. Naquele ano, Klévisson teve contato com uma das maiores coleções de folhetos de um intelectual: a coleção de Joseph Luyten. Com o que poeta nos conta percebemos os primeiros impasses com os depoimentos de Guaipuan. Cronologicamente, a narrativa de Klévisson não condiz já que o Cecordel já havia sido fundado há dez anos e na praça do Ferreira havia a Banca do cordelista estruturada pelo Cecordel: “Sabia que essa tradição tava meio morta aqui no Ceará, a gente virava Fortaleza de ponta a cabeça e não achava um folheto para comprar” ²

Fig 27
Ed. Tupynanquim



Então quando voltei pra Fortaleza com uma idéia fixa de retomada, coincidentemente, meu irmão Arievaldo, também poeta, se juntou com um poeta de Canindé, Pedro Paulo e produziu uns títulos e lançaram uma caixinha com folhetos. Ai foi a gota d'água ... e comecei mesmo a publicar meus trabalhos e ver de uma forma

empresarial que pudesse se auto-sustentar. ³

2.3.2. Presente fértil: Espaços e circunstâncias de estímulo.

¹ Klévisson Viana – Editora Tupynanquim – em entrevista à autora 23/02/2007.

² Klévisson Viana – Editora Tupynanquim – em entrevista à autora 12/03/2008.

³ Klévisson Viana – Editora Tupynanquim – em entrevista à autora 23/02/2007.

De certo, a década de 1990 em Fortaleza foi marcada também por novos direcionamentos e empreendimentos políticos e sociais, que alavancaram o setor de valorização cultural, como o turismo. De acordo com o grupo de Estudo Técnico de Planejamento da capital cearense, entre 1991 e 1997, Fortaleza, Recife e Salvador foram líderes no número absolutos de turistas no Brasil, sendo que Fortaleza é a cidade de maior permanência em tempo, destes. Ressalte-se ainda feiras e locais de venda de artesanato e produtos culturais como para vendedores ambulantes dos folhetos de Cordel, como cita o cordelista Jotabê, “é notável a venda bem maior para turistas dos folhetos”¹ e Maria Luciene confirma em versos:

O turismo cultural
Fornece oportunidades
Favorecendo auto estima
Dentro da comunidade
Envolvendo pras pessoas
Origem diversidade
O turismo sustentável
Estimula a criação
Hospedagem restaurante
Serviço e restauração
para aventura e pesquisa
Valor distribuição²

Entre as metrópoles brasileiras, Fortaleza, na última década do século XX, entre 1991 e 2001 apresentou o maior IDH - Índice de desenvolvimento Humano, com crescimento de 17%, tido pelo Jornal Folha de São Paulo³ como um surto de desenvolvimento. Fator que pode ser reflexo de uma das políticas aplicadas no Estado cearense de abrigar parques industriais na região metropolitana, tornando o Ceará com um grande exportador de grifes de luxo com apoio logístico dos portos do Mucuripe em Fortaleza e do Pecém, além da reforma do aeroporto internacional Pinto Martins em 1998/99.

¹ Cordelista Jotabê em entrevista á autora em 18.08.2006.

² Folheto **Cordel de pesquisa Norte e Nordeste**. Maria Luciene – Fortaleza: Cecordel, 2003. A poetisa atualmente publica com incentivos públicos e privados. Já publicou também através de fomento da Secult, e foi a primeira mulher a associar-se ao Cecordel.

³ Jornal **Folha de São Paulo**: São Paulo, 13. de novembro de 2005.

O incentivo ao patrimônio nacional cultural também foi um destaque no Brasil e em Fortaleza, quando pesquisadores, instituições não governamentais e governamentais voltaram-se à reflexão da cultura como ícone de identidade brasileira. Em muitas partes do mundo ocidental, foi um

período de ênfase à criatividade cultural e à cultura como força ativa na história, em vez de substituir a história social da cultura pela história cultural da sociedade, faz-se necessário trabalhar com as duas idéias de forma conjunta e simultânea e independentemente do grau de dificuldade que isso possa acarretar ¹

Em 1997 o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, em comemoração aos seus 60 anos de fundação promoveu, em Fortaleza, o encontro “Patrimônio Imaterial: Estratégias e formas de proteção”, onde diversos representantes de instituições públicas, não governamentais, empresas privadas e representantes da UNESCO, discutiram subsídios para a construção de um instrumento legal que identificasse, promovesse e fomentasse ações “portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”², “com especial atenção àquelas referentes à cultura popular”³

Foi definido oficialmente no Brasil, no último ano do século XX, o conceito de Patrimônio Imaterial. O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI⁴ é um programa de fomento que busca estabelecer parcerias com instituições dos governos federal, estadual e municipal, universidades, organizações não-

¹ BURKE, Peter. Op. Cit., 2002. p.171.

² BRASIL. Constituição(1988).Emenda Constitucional 42/2003. Nova redação ao artigo 216. **Centro de documentação e informação de coordenação de publicações**. Brasília:2006.p.137.

³ **Carta de Fortaleza**, documento redigido no Encontro Nacional de Patrimônio, IPHAN, em 14 de novembro de 1997.In: www.iphan.gov.br. Acesso em 03.04.2005.

⁴ O **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial** – PNPI instituído pelo Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000.

governamentais, agências de desenvolvimento e organizações privadas ligadas à cultura, à pesquisa e ao financiamento.

Cinco anos depois, o Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Ceará (COEPA), selecionou os novos 12 “Mestres da Cultura Tradicional Popular” dentre 85 inscritos. A iniciativa começou em 2003, por meio da Secretaria da Cultura do Estado (SECULT), em consonância com a Lei Estadual que instituiu o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular no Ceará, com o propósito de valorizar relevantes nomes da Cultura Popular cearense. A Lei reconhece a participação dos mestres na formação de nossa identidade, para que repassem seus conhecimentos às novas gerações. Compartilhar histórias, o sentido de pertencer e as práticas sociais comuns, são as diretrizes do registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular. De acordo com a organização do registro e de eventos:

Os contemplados são legítimos representantes da oralidade, uma das principais características da cultura popular(...) Os selecionados são pessoas que têm os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de uma determinada comunidade cearense.¹

O registro dos Mestres da Cultura, além de conferir um auxílio financeiro mensal e vitalício aos selecionados no valor de um salário mínimo, implica no reconhecimento, ao menos institucional, destes.

Desta forma, é incluída a própria consciência que o poeta popular tem do seu papel como figura representante da tradição e propagadora da memória desta tradição, papel primordial assumido pelos representantes das instituições estudadas, como Guaipuan Vieira, presidente do Cecordel e Klévisson Viana editor-proprietário da Tupynanquim. Ligações com mercado estão presentes como poderemos visualizar nos próximos capítulos e o direcionamento das produtoras envolve características de seus discursos. Esta preocupação com a tradição e com

¹ Disponível em www.ceara.gov.br/noticias_de_17/06/2005. Acesso em 11 de abril de 2007

a memória desta prática de versos impressos em folhetos é representada por pesquisadores e por cordelistas:

Do passado e do presente
Tentei repassar a história
E pra você que é estudante
Que luta e quer ter vitória
Guarde os folhetos na caixa
E as frases na memória ¹

Fazendo resgate histórico
Minha pena é verdadeira
Para a geração futura
Que aças pesquisar queira
Deixo um documento escrito
Sobre a praça do Ferreira ²

O século XXI iniciou-se, de acordo com a grande mídia, com a reviravolta da queda de um dos símbolos de poder dos Estados Unidos, as torres do *Wold Trade Center*, que os jornais divulgaram como a primeira Guerra do Século XXI. No envolvimento da Literatura de Cordel com as dinâmicas sócio-culturais os cordéis de circunstância são representações essenciais.

A socióloga Alice Maria Amorim³ pesquisa folhetos de circunstância referentes ao dia 11 de setembro de 2001 como pertencente a enorme carga de impacto que o acontecimento trouxe ao mundo, influenciando nas escolhas de poetas populares do Nordeste Brasileiro não apenas divulgando o fato, mas atingindo um posicionamento sobre os acontecimentos, uma forma de representar opiniões e olhares sobre a atualidade, sobre a história imediata. O que podemos visualizar nas narrativas dos poetas quando falam de acontecimentos importantes e

na própria escolha da temática.

¹ Folheto **História da barra do Ceará**. Maria Luciene. Fortaleza: Cecordel 2003

² Folheto **História da Praça do Ferreira**. Rouxinol do Rinaré. Fortaleza: Tupynanquim, 2005

³ AMORIM, Maria Alice. **O folheto de circunstância: 11 de setembro em cordel**. Cecordel. Disponível em :<www.cecordel.cjb.net>. Acesso em 29.04.04.

Tinha cento e dez andares
O dito prédio citado
Conhecido em todo mundo
Por ser muito visitado
Sofreu um terrível dano
A mando de um tirano
Loucamente endiabrado¹

As torres gêmeas no chão
Uma nova relação
De poder entre os países
Ato de brutalidade
Dividiu a humanidade²

Percebemos, desta forma, a composição do “lugar social” em que estas produtoras de Folhetos de Cordel se inserem na cultura local influenciada por acontecimentos cotidianos, da cidade, do Brasil e do mundo, e não apenas do lugar físico em que se encontram.

O Cecordel e a Tupynanquim tem seu espaço de produção de visões de mundo como um universo simbólico onde seus poetas produzem enunciados(poesias) à uma audiência. Assim estes lugares sociais passíveis de resignificação pelos sujeitos, uma vez que são autores ativos da própria história. Analisamos o conceito de lugar social ligados à posições de referência de idéias, de atitudes sócio-culturais introduzidas aos sujeitos, que aqui se apresentam como os poetas populares das duas instituições, caracterizado como um espaço simbólico do qual o sujeito produz e não como um lugar geográfico.

Para Michel de Certeau³, o que liga as idéias e os lugares é um gesto de

¹ Folheto **Tragédia em Nova York**. Jotabê. Fortaleza: Cecordel, Outubro de 2001.

² Vânia Freitas- Folheto **O mundo abalado pela tragédia da Guerra e do terror**. Fortaleza, Cecordel, Fevereiro de 2002. Membro de Cecordel, mulher do Pardal, guarda, informalmente, o patrimônio material de fotos e matérias sobre a associação e do marido. Começou a escrever faz pouco tempo em relação aos outros membros.

³ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Forense: Rio de Janeiro, 2002. p. 65- 77.

historiador. Assim, pensamos esta ligação entre os cordelistas estudados e o lugar social em que se enquadram não apenas como o espaço físico da cidade de Fortaleza, mas um espaço social urbano de suas produções. Espaço das editoras na sociedade em busca de um tipo de preservação da cultura e do consumo. E em função destes lugares instauram-se métodos para a criação da poesia e a formação dos folhetos, como veremos mais especificamente no próximo capítulo. Verificando assim, o trabalho do historiador, principalmente o historiador do presente, relacionado com o cordelista que relata a história imediata como produto de um lugar social e cultural.

O Cecordel atualmente tem como principal divulgador dos folhetos, a Banca do Cecordel que hoje localiza-se na Praça dos Correios, no centro de Fortaleza, mas eventualmente passa por modificações e reestruturações devido a forma de sustentabilidade operacional da Banca.

O Cecordel reúne-se sob forma de associação todo primeiro sábado de cada mês na Casa Juvenal Galeno, ainda sob a liderança de Guaipuan Vieira. Outra estrutura que remonta ainda seu início é sua maneira de publicação, além dos folhetos editados pela instituição muitos outros folhetos são lançados foto-copiados e não em gráficas, o que acontecia na década de 1980 quando seus folhetos eram impressos no mimiógrafo da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

De acordo com a associação a publicação oficial mensal é de 500 a mil folhetos, cada mês um dos 16 poetas atuantes no centro são sorteados para esta publicação fomentada pelo Centro. O Cecordel atua hoje também em escolas, em diversos tipos de encontros, oficinas, feiras, eventos, possuindo inclusive um site para contato com a associação e para conhecermos as edições.



Fig 28
Banca Nacional do Cordel
Poetas Pardal, Jotabê e Vânia

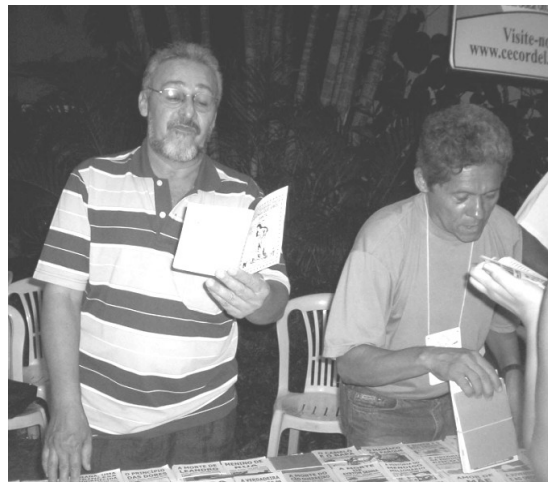


Fig 29
VII Bienal do Livro em Fortaleza- 2006
Guaipuan Vieira e Jotabê

A Editora Tupynanquim perdura e cresce sob a liderança de seu editor proprietário e possui novos espaços dentro do mesmo lugar social do Cordel em Fortaleza. Sua publicação está ligada à projetos gráficos específicos. Entre Folhetos o editor confirma a publicação nestes treze anos de atuação de 500 títulos com um catálogo rotativo de 300 títulos. Além do acervo de romances clássicos como os alguns títulos de Leandro Gomes de Barros, que já estão sob domínio público. Também participam, com maior intensidade de feiras e todo o Brasil e já constituem um mercado sólido do folheto de cordel incluindo publicações para âmbito internacional em encontros ligados a temática.

A editora Tupynanquim também ocupa espaços “em rede” o *blog* da editora e de seus principais poetas possibilitam esse intercâmbio internacional e servem de suporte para a divulgação destes bens culturais.



Fig 30
II Encontro Mestres do Mundo–2006. Poetas:
Ana Lúcia, Geraldo Amâncio, Klévisson Viana,
Oswald Barroso, Mestre Azulão, e Otávio
Menezes.



Fig 31
Klévisson Viana e
Rouxinol do Rinaré

Parte das circunstâncias que podemos caracterizar como de estímulo também estão as próprias possibilidades metodológicas e historiográficas sobre a percepção da história do presente.

Com o pensamento sobre a Nova História iniciada pelos estudos em *Annales* a história do presente não se limita mais à história renovada do político, mesmo que esta aja como um agente dinamizador. Jaques Le Goff afirma que frequentemente a história do presente era melhor feita por sociólogos, cientistas políticos e alguns grandes jornalistas e que a porta agora estaria aberta ao contemporâneo para estudo da História Imediata por historiadores.¹

¹ CHAVEAU, Agnès, TETART, Phillippe. Questões para a história do presente In: CHAVEAU, Agnès, TETART, Phillippe (org) **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Editora EDUSC.1999. p. 11.

Apesar do estudo historiográfico metodológico do presente ainda estar sendo desbravado, a produção editorial encontra-se vasta neste período em que se iniciam as discussões singulares para refletir sobre a natureza da presença física do historiador no momento dos acontecimentos, “ele está presente em seu tempo e em seu tema”¹

Chamada por A. Chaveau de a “Nova geração” estes historiadores do presente tem um modo de análise centrado na noção de cultura, de aspectos sócio-culturais. Estruturas que deixam exatamente uma relação possível e fértil para a pesquisa sobre a Literatura de Cordel no tempo presente.

Não nos espantaremos, pois, por ver tratar tão a vontade a história do presente ao mesmo tempo como término de uma periodização e a fina película cronológica que deseja apenas expressar-se, mas também como um momento particularmente favorável à observação da ação de tempo passado sobre o presente e , enfim, como uma permuta tangível entre memória e acontecimento.²

Assim, configuramos um trajeto geral sobre a experiência da poesia popular impressa, chamada de Literatura de Cordel com enfoque em Fortaleza. Permeamos contextos específicos sobre folhetos e história destas representações e como as instituições estudadas neste trabalho que constituem um perfil tradicional e mercadológico na cidade de Fortaleza, desde o “ressurgimento” desta prática na década de 1990 até a atualidade. Assim, nosso direcionamento durante a dissertação poderá traçar melhor o processo criativo e de produção mercantil destes folhetos ditos de circunstância, encerrando desta forma o objetivo de uma apresentação inicial da temática, do contexto e das produtoras estudadas.

É importante destacar que a tradição, em diferentes aspectos, encontra uma maneira de inserção nas sociedades pós-modernas, não há mais uma tendência ao

¹ 148- Idem, p.16.

² RIOUX, Jean Pierre. Pode-se fazer uma história do presente?. In: CHAVEAU, Agnès, TETART, Phillippe (org). Op. Cit., p.40-41.

desaparecimento do folclore em detrimento dos meios de comunicação de massa assim a importância daquele que estuda o presente e reflete sobre estes imediatos. É nesta dinâmica que a Cultura Popular é redimensionada, o saber cultural é industrializado e pertence agora a uma lógica de mercado. “Lógica” analisada a seguir destacando as dinâmicas de construção dos cordéis, produção estruturada pelo processo de criação e edição das poesias e dos folhetos.

Não se sabe exatamente
O Cordel de onde veio
Alguns afirmam que os mouros
Lhe serviam de correio
Até a península ibérica
E de lá pra nosso meio

Pois lá na Península Ibérica
Cordão se chama cordel
Onde eram pendurados
As folhinhas de papel
Nascendo daí o nome
Desta cultura fiel ¹



Xilo: J. BORGES

Fig 32
Xilo: J.Borges



Fig 33
Xilo: José da Costa

¹ Poesia de Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana In: **Acorda Cordel em Sala de aula**. Fortaleza: Tupynanquim, 2006,p.23.

3- PRODUÇÃO DE FOLHETOS: PROCESSO CRIATIVO E EDITORIAL

Nosso caminho continua com o que entendemos por atos de produção: dinâmicas que envolvem as escolhas criativas e perfil editorial. Na Literatura de Cordel as articulações que contornam estes atos de produção são aspectos referenciais na compreensão de sentidos pertencentes à comunicação e à Cultura Popular.

Criar e editar: são ações necessárias para a construção material e ideal do Cordel. E para a compreensão deste processo, a intenção é traçar as dinâmicas dessa criação e edição dos folhetos chamados de circunstância produzidos pelo Cecordel e pela Tupynanquim.

3.1. Cordel de Circunstância: A circunstância da criação.

Em seus próprios versos o cordelista nos traça as muitas circunstâncias de sua criação. Pedem inspiração;

Inspirai-me Rui Barbosa
Valei-me Nossa Senhora
A luz de Cego Aderaldo
Me iluminai nessa hora
Deusas da Grécia e do Egito
Afiem meu saber agora¹

Expressam emoções sobre o fato a ser narrado;

O poeta popular
Escreve em cima do fato
Cuja emoção fortalece
O seu gracejo pacato
No entanto aqui descrevo

¹ Folheto **Lei Maria da Penha** – Valdecy Alves. Fortaleza: Editora Tupynanquim. 2007.

Um brutal assassinato¹
Expressam conhecimento sobre o tema que escreve; como podem escrever
e para quem escrevem;



Fig 34
Xilo: Joel

Vou contar uma história
A qual muita gente já contou
Cada poeta que escreve
Tem seu jeito diferente
Minha caneta traça
Para o leitor novamente

Quem gosta de apreciar
O folheto de cordel
Fique atento pra ouvir
Versejando no papel
Valentia, amor e respeito
Findar de forma cruel²

E também sobre as pesquisas que realizam para compor os versos

O poeta quando tem
Um bom fato não dispensa
O que vou dizer não é
O que minha mente pensa
Nem é caso inventado
É o que foi divulgado
No Brasil pela imprensa.³

Desta forma, entender o processo de criação destes folhetos é ler seus versos e também poder compreender através dos depoimentos dos poetas cordelistas as condições, estado, e situações em determinado momento para a composição dos versos dos folhetos de circunstância.

Entretanto, um dos primeiros passos dessa trajetória é perceber o poeta como um pesquisador de suas fontes para estruturar suas poesias com base nos

¹ Folheto **História da execução dos médicos em Iguatu-Ce por um capitão da PM** – Guaipuan Vieira. Fortaleza: Cecordel. 2007.

² Folheto **Lampião e Maria Bonita na história** – Maria Luciene. Fortaleza: Cecordel, 2003.

³ Folheto **Chifre do Ronaldinho** – Otávio Menezes. Fortaleza: Cecordel, 2003.

acontecimentos por ele escolhidos. Um leitor dos meios de comunicação de massa, considerada sua principal fonte, o que chamaremos de um leitor criativo.

3.1.1. Cordelista: Um leitor criativo.

Vivemos um período social e cultural em que diversas idéias sobre os meios de comunicação são reestruturadas. As antigas idéias de que os meios de comunicação de massa são irrefutavelmente influenciadores e inimigos da cultura popular, não compõem mais a maioria dos conceitos ativos em circulação.

Devemos abandonar a idéia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares. Devemos também descartar a suposição de que a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico e que os produtos são absorvidos pelos indivíduos como uma esponja que absorve água. Suposições deste tipo têm muito pouco a ver com o verdadeiro caráter das atividades de recepção e com as maneiras complexas pelas quais os produtos da mídia são recebidos pelos indivíduos, interpretados por eles e incorporados em suas vidas.¹

Chamamos de leitor criativo o próprio poeta. Um leitor dos meios de comunicação de massa e que se torna criativo sobre aquilo que ouve, vê, lê, em rádio, televisão, jornais e revistas. “A leitura introduz uma arte que não é a passividade”²

Ignorantes que só vêem TV não sabem que noticiário também é envergado para o lado que interessa. A mídia coloca e tira, é tão forte que colocou o Collor no poder depois tirou... mas quando a gente tem noção de política, sabe os interesses que tão em jogo e então a gente escreve nosso olhar, nossa visão dos fatos...em forma de cordel...³

¹ THOMPSON, Jonh B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2008. p.31.

² CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p. 95.

³ Vânia Freitas, cordelista associada ao Cecordel – Entrevista à autora em 05 de março de 2007. Em sua residência no Montese.

Esses meios de comunicação são as principais fontes do poeta quando escreve sobre as circunstâncias. Sua relação com a mídia possui assim implicações dessa relação ligadas com suas práticas sociais, com seu espaço de criação. E não é de hoje que o cordelista tem conhecimento de que o meio em que vive, cultural e socialmente, pode influenciar nas suas poesias.



Fig 35
Xilo José Lourenço

A linguagem regional sempre fez parte de uma das características principais do Folheto de Cordel, principalmente por seu interesse em um público amplo, incluído aqueles leitores que não sabiam ler e conheciam as histórias por meio de rodas de leitura.

O Folheto de Cordel também foi muito difundido no meio rural. Ainda no século XIX, segundo Joseph Luyten¹ os folhetos que contavam acontecimentos da cidade eram levados ao meio rural por poetas andarilhos. No Nordeste esses poetas andarilhos eram responsáveis pela difusão de “notícias da cidade” através dos folhetos.

Vários “Nordestes” da Literatura de Cordel; como se refere Martine Kunz destacam-se cordéis do mar (litoral) e cordéis do sertão (interior nordestino)². Além do Nordeste encontramos diferentes tipos de editoras em todo Brasil, desde as antigas tipografias de Juazeiro do Norte até a atual editora Luzeiro, localizada em São Paulo que por alguns cordelistas, como Klévisson Viana, é considerada a maior editora atual de cordéis.

¹ LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura popular**. Editora brasiliense: São Paulo, 1983. p17.

² Nos artigos: KUNZ, Martine. Cordel do Mar e do Sertão. In: CARVALHO, Gilmar de. **Bonito pra chover** (org). Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001, p.63-78. e KUNZ, Martine. Melancia e Expedito: Cordel na fala e na escrita. **Revista de Ciências Sociais**. Volume 38 nº 1. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007. A autora trabalha com a reflexão em torno de dois grandes poetas nordestinos Expedito Sebastião da Silva (1928-1997), operário tipógrafo que nunca viu o mar e José Melancia (1909-1977) poeta pescador de Canoa Quebrada.

Estas “organizações tipográficas” e editoras se formaram de antigas práticas desde a Europa moderna firmaram-se como instituições culturais e econômicas,

O surgimento da indústria editorial criou novos centros e novas redes

de poder simbólico que se baseavam principalmente nos princípios da produção mercantil, e que eram por isso mesmo relativamente independentes do poder político simbólico controlados pela igreja e pelo estado¹

Na área rural os “poetas de bancada” são em sua maioria oriundos destas cidades do interior, por vezes mostram-se conservadores, tradicionais, defensores do governo e do padre. Na área urbana é que aparece um tipo de abertura nas concepções políticas e religiosas.

O folheto de Cordel urbano, criado e editado nas cidades tem um novo perfil, além de continuar como “um noticioso” dos acontecimentos também se apresenta como uma poesia questionadora, crítica. A interpretação do poeta e sua indignação diante dos fatos tornou-se um elemento essencial principalmente nos folhetos sobre política. O poeta Otávio Menezes desde a década de 1980 expõe críticas sociais e políticas através dos folhetos como “O homem que se suicidou por causa da inflação”, de 1989, publicado pelo Cecordel, até escândalos recentes:



Fig 36
Otávio Menezes

Primeiro saiba o leitor
Que esse assunto é comentado
Desde quando o deputado
Sérgio era vereador
Dizem que ele foi o autor
De um plano pra desviar
Verbas públicas e usar
No seu enriquecimento
Recursos do orçamento
Da merenda escolar²

¹ THOMPSON, Jonh B. Op. Cit., 2008. p.57.

² Folheto **Caso da merenda escolar e a ética do deputado**. Otávio Menezes. Fortaleza: Cecordel.

Para Joseph Luyten¹ um dos motivos dessa característica é o próprio afastamento do sertão pelo poeta, no interior nordestino as relações políticas são mais controladoras, dificultando a crítica direta do poeta. Contudo, para Luyten essa urbanização desestrutura o cordel em suas temáticas tradicionais pois com a urbanização e politização dos folhetos as reivindicações são as pautas.

Há de fato, no período de revitalização do cordel, na década de 1980, uma profunda modificação em muitos círculos desta manifestação. O folheto tem novas tipologias de produção, difusão e consumo; o que influencia no seu processo criativo. Entretanto, como vimos, as produções culturais estão sempre em movimento e não está em nossas perspectivas rejeitar as mudanças na predisposição de que determinada expressão cultural popular só pode ser assim considerada se preservada de maneira intacta, o que nas dinâmicas atuais, de cultura e sociedade, seria inviável. O próprio Luyten, dez anos após a publicação da opinião anterior considera sobre os cordéis urbanos que: “o verdadeiro progresso dá-se não pela rejeição de valores antigos, mas pelo rejuvenescimento e atualização de moldes tradicionais”.²

O poeta popular de cordel normalmente direciona sua criação para o que alguns autores como Luyten³ ou os próprios cordelistas como Otávio Menezes chamam de “poesia fixa”. A poesia fixa é aquela que foi criada para ser escrita e veiculada no folheto. Diferente da “poesia móvel” que possui característica de ser mudada “ao sabor do momento”, a exemplo dos repentis, batalhas poéticas.

Mas as poesias fixas, no folheto de cordel, também podem ser cantadas nas feiras, encontros, bienais, mas com o verso decorado pela escrita. “Cantam” para

¹ LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura popular**. São Paulo: Editora brasiliense, 1983. p.63.

² LUYTEN, Joseph. **A notícia na Literatura de Cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992, p 85.

³ Idem, p. 23.

que a atenção do leitor–consumidor seja voltada ao cordel. É uma maneira de divulgação que continua a encantar todo tipo de público.

Após a retomada do cordel, na década de 1980, vimos uma modificação nos leitores mais freqüentes e com essa modificação o próprio cordelista busca esses novos leitores. O poeta também se foca na criação para temáticas que alguns consideram como “temáticas seguras” para interesse do público em geral e assim para a venda. Cordelistas como Jotabê, Vânia Freitas e Guaipuan Vieira consideram esses temas como o de circunstância, principalmente casos que repercutem na mídia e que o leitor quer saber mais e de diferentes maneiras.

Entretanto, Klévisson Viana lembra que são os antigos clássicos as temáticas que sempre serão bem vendidas. Considerações que estão ligadas justamente ao processo de criação e edição de cada poeta.

Não realizamos uma pesquisa específica para conhecer o leitor atual do cordel, o conhecemos através do foco de criação e produção dos cordelistas, associações e editoras. O cordelista Jotabê vive da venda de seus folhetos, a poesia é seu sustento, o encontramos em praias, feiras. Na VII Bienal do Livro em Fortaleza, em 2006, nos relatou com satisfação de trabalhador e olhar de artista o que poderia ser apenas um número: a venda de mais de 6 mil títulos de folhetos editados pelo Cecordel no evento. Contudo, não deixou de lado sua perspectiva mercadológica no interesse pelo leitor:

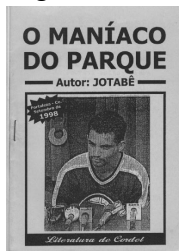


Fig 37
Jotabê

Penso na poesia que meu público vai querer, tem gente do interior, tem turista, tem pesquisador (...) sempre faço o que sei que vai interessar, na época do maníaco do parque, fiz logo um, assim que saiu a notícia, pode olhar que coloco a data no cordel, a notícia tá correndo nos jornais e já tem folheto, e mesmo depois, sempre procuram estes títulos(...) temas de humor também vende muito pra turista, seu Lunga... mas as atualidades, tragédias, política, tem público de todo jeito(....) ¹

¹ Cordelista Jotabê – Em entrevista à autora 18.08.2006 na VII Bienal do Livro e Fortaleza.

A criação dos cordéis de circunstância se inicia nesta intenção do leitor, para Jotabê, por exemplo, os folhetos representam sua sustentabilidade financeira, assim a busca do leitor deve ser considerada como essencial para a escolha do que irá criar.

Para o cordelista Pardal os folhetos de circunstância também exercem outro fascínio do poeta, a necessidade de uma comunicação popular. E a “produção cultural jornalística, no sentido de transmitir acontecimentos, é de interesse de todas as classes, grupos...”¹

A escolha do poeta pode estar ligada à necessidade de venda e circulação, contudo é diferente da escolha do editor. Ao editor cabe um pensamento explicitamente mercadológico e assim deve ser como veremos mais à frente. Entretanto o poeta também tem a consciência de temas que são mais procurados, compõe e também exerce novas ações em busca dessa divulgação. O poeta Guaipuan Vieira em 2000 disponibilizou três de suas temáticas mais procuradas no site de Domínio Público, dois deles de circunstância: Mainha, o maior pistoleiro do Nordeste e A chegada de Lampião ao céu. Pelo site podemos ter uma idéia da procura, o primeiro com 1.511 acessos e o segundo tema com 7.457 acessos².

O processo de criação do cordel exige um processo de pesquisa, já que trabalhamos com as temáticas de circunstância, e uma criatividade que possui o eixo central num acontecimento ou em um personagem real. É marcante essa recontextualização de materiais simbólicos, uma recontextualização crítica. É a ação que Thompson caracteriza como uma “apropriação” que é

¹ FROTA, Geraldo Carvalho. Op. Cit. p.32.

²www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/searshsession.jsp?query=cordel&maxresults=10000&search=&first=50&skip=0&pagina=1 Acesso em 17.03.2008.

(...)esse extenso processo de conhecimento e auto-conhecimento. Apropriar-se de uma mensagem é apoderar-se de um conteúdo significativo e torná-lo próprio. É assimilar a mensagem e incorporá-la à própria vida(...) é adaptar a mensagem à nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias em que a vivemos; contextos e circunstâncias que normalmente são bem diferentes daqueles em que a mensagem foi produzida.¹

Esta recepção como apropriação de produtos da mídia como atividade criativa coloca a interface entre a tradição e a mídia moderna. Ao entender a base desta apropriação como “leitura” dos poetas frente aos meios de Comunicação de Massa, o ato criativo é compreendido ainda pelo que Chartier² relaciona à ressignificação das práticas. O leitor contemporâneo apropria-se desta pluralidade de entendimento e articula práticas diferenciadas, sugerindo usos sociais que constroem outras modalidades de ressignificação do artefato cultural. Essa relação será primordial quando tratarmos sobre os novos espaços do cordel, o espaço midiático das novas tecnologias da comunicação.

Nesse âmbito da tradição e mídia, o cordel de circunstância expõe uma espécie de jornalismo popular não apenas relatos históricos em verso. Marc Curran³ Câmara Cascudo⁴ trabalham com essa dinâmica no sentido da Folkcomunicação, um intermediário no processo da comunicação entre a tradição e a exposição midiática em forma de espetáculo de atração.

A chamada “Folc-Comunicação” por Cascudo⁵ tem como objetivo principal impedir o desaparecimento de temas folclóricos. São formas de comunicação pertencentes aos Meios de Comunicação de massa, publicações, eventos fixos, atualmente programas de rádio e televisão. Uma relação interdependente do

¹ THOMPSON, Jonh B. Opt. Cit. p.45.

² CHARTIER, Roger. Práticas da escrita. In: **História da vida privada – da renascença ao século das luzes**. Vol 3. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

³ CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. Edusp: São Paulo, 2003

⁴ CASCUDO, Luis Câmara. Op. Cit., 1999, p.240.

⁵ Idem, ibidem.

folclore com a mídia no intuito de difusão das manifestações culturais a determinado público.

De acordo com Mark Curran¹, o primeiro pesquisador brasileiro a relacionar cordel com jornalismo foi Ernesto Kawal, ele empregou o termo “recodificação”, à semelhança de “apropriação” de Thompson, indicando a situação em que o poeta capta a mensagem dos meios de comunicação de massa e a recodifica para o público popular. “O que era sabido intuitivamente pelos poetas recebia agora seu reforço teórico.”²

Dessa associação entre fatos históricos narrados na mídia e a liberdade de criação da poesia pelo cordelista é que ele obtém a flexibilidade da narração e a oportunidade de criação de sua própria arte.

O cordelista vê a notícia, corre para o computador escreve, ou então, escreve ainda a mão... a imprensa local vai servir de subsídio, saber o nome, o local por exemplo, a hora, como foi, o jornal serve pra isso, é o campo de pesquisa do poeta, o resto ele imagina...³

O cordel apresenta-se como meio híbrido em termos de criação, produção, disseminação e consumo. Enquanto conservadoramente folclórico, como citam Curran e Cascudo em seus suportes e na origem de seus poetas, permeia a modernidade midiática em suas pesquisas para escolha de temáticas e na composição criativa do folheto de Cordel de Circunstância.

¹ CURRAN. Op. Cit. p. 24.

² Idem, ibidem.

³ Guiapuan Vieira – Presidente do Cecordel – Em entrevista à autora 08.10.2007. Casa Juvenal Galeno

3.1.2. Recriação da notícia: Táticas cotidianas em verso.

A medida que definimos diversas práticas em torno da Literatura de Cordel, situamos também as contradições quando essas práticas são definidas. Ainda na segunda metade do século XX, o dicionário de Língua Portuguesa revisto por Aurélio Buarque de Holanda e Gustavo Barroso, definem literatura de cordel como “de pouco ou nenhum valor” em comum com outro dicionário de Caldas Alete definido como “literatura popular de pouco merecimento...” Enquanto que dicionários nacionais mudaram seu verbete “Literatura de cordel” apenas na década de 1980, e sob a exigência de poetas, um livreto infantil, O Manual do Peninha, não regional, aponta para articulações que realizamos para o folheto ligado à comunicação jornalística.

O personagem Peninha de Walt Disney é jornalista do jornal “A Patada” e em 1979 a editora Abril lançou no Brasil almanaques com seus personagens sobre várias profissões para crianças e adolescentes e o “Manual do Peninha” trata de jornalismo de uma maneira simples, interativa e com muitas informações que normalmente conhecemos em livros de teoria. Nessa publicação entramos em contato com o conceito de Literatura de Cordel de maneira ímpar no capítulo intitulado “Jornalismo em versos”:



Fig 38
Manual de Jornalismo do
Peninha

Numa de suas viagens pelo mundo Tio Patinhas esteve no Recife, por volta de 1930. E viu, numa praça, um fato curioso: um homem cantava, acompanhado de uma viola, os versos de um livreto e depois vendia ao público. Como era baratinho o velho pão duro comprou um. Era a história de Lampião, o rei do cangaço, toda contada em rimas pitorescas e

imaginosas.

Sem querer Tio Patinhas acabava de conhecer a **Literatura de Cordel**. De 1930 a 1950 esse tipo de comunicação popular foi muito difundido no Nordeste brasileiro. Além de literatura, era

também uma forma de jornalismo naquela época; os jornais eram raros no interior nordestino, o rádio era coisa de rico e a TV ainda não existia por lá. Esses livretos eram uma forma do homem do povo ficar sabendo dos acontecimentos(...) Hoje com a concorrência dos jornais, rádio e televisão, a Literatura de Cordel tem menos público. Mas ainda é importante para o estudo do folclore e da cultura popular do Nordeste.¹

Para Sebastião Breguez, os cordéis de circunstância são analisados como um jornalismo popular, os cordéis destas temáticas estão inseridos, como vimos, no que é chamado por ele de “rede folkcom”² de comunicação, ligado ao conceito de folkcomunicação. Entretanto, deve-se perceber que esse chamado jornalismo popular não é um produtor de notícia, mas um difusor no processo comunicacional da sociedade.

O cordelista não produz notícia no sentido dos jornalistas, ele não acompanha o fato em si, normalmente não realiza entrevistas com as partes, não produz com a chamada “objetividade jornalística”. O cordelista recria, “apropria-se”, “ressignifica” a notícia no sentido de “ler” os acontecimentos nos meios de comunicação de massa e reescrever nas poesias. O próprio poeta coloca os meios de comunicação como sua fonte, para Guaipuan Vieira³ é como podem dar credibilidade que estão narrando um acontecimento de fato ou com pessoa real:

Eu vi o que aconteceu
Através da televisão
Informe-me nos jornais
Com muita admiração
Vendo vinte e poucos países
Contra uma só nação ⁴

¹ **Manual do Peninha**, São Paulo: Abril, 1979, p.79.

² Breguez www.breguez.jor.br_artigos.htm>. Acesso em 28.04.04.

³ Guaipuan Veira em entrevista à autora dia 18.02.2008. Casa Juvenal Galeno

⁴ Folheto **Debates de guerra** - Abraão Batista. Fortaleza: Cecordel,1991

Outra analogia ao jornalismo em si é que este se observa como uma “fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos”¹, o que para o cordelista também é uma “batalha por seus leitores”, por visibilidade, quando compõe todo tipo de folheto. Um personagem do cotidiano que notícia acontecimentos da história imediata, da qual ele vivencia através da mídia.

A história cotidiana possui muitos personagens que vivenciam os acontecimentos diários de destaque na mídia ou não. Os poetas são indivíduos de um grupo, de receptores das notícias de um jornal, por exemplo, recriam o que absorvem dos meios de comunicação e tornam-se emissores quando propagam o acontecimento recriado, ressignificado, de maneira própria, para a sociedade em que vivem. Realizam um processo de comunicação ligado ao que Michel de Certeau coloca quando discute o exercício de narrativa e interpretação da história do presente com indivíduos chamados “ordinários”, que não fazem parte do círculo de “grandes personagens históricos”, mas sim da história que é narrada pelos próprios sujeitos que constroem esse cotidiano e que também interpretam a história das chamadas personalidades. E nos cordéis de circunstância de ambas as produtoras percebemos as temáticas envolvidas à personagens “históricos”:

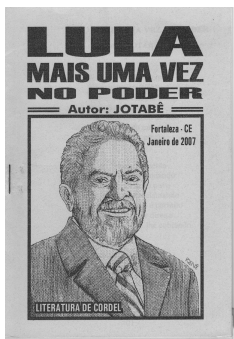


Fig.39
Jotabê

Escrevo mais um cordel
Para toda esta nação
Sobre o presidente Lula
Vou fazer a narração
De quem mereceu de fato
Ter um segundo mandato
Pra governar o povão.²

Mais uma vez retorno
Pra levantar minha voz
E lamentar o ocorrido
Muito triste para nós
A morte da escritora
Nossa Rachel de Queiroz³

¹ ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2002. p.7.

² Folheto **Lula mais uma vez no poder** -Jotabê. Fortaleza: Cecordel, 2007.

³ Folheto **Lembrando a Imortal Rachel de Queiroz**—Otávio Menezes. Fortaleza: Cecordel, 2003.

Ou temáticas envolvendo sujeitos ditos “ordinários”:



Fig.40
Xilo: Klévisson Viana

O Seu gaudino é rezador
E muito conhecido
Em messejana é querido
Todos lhe da mais valor
É filho de Nosso Senhor
E não reza por dinheiro
É fiel e verdadeiro
Com sua reza que cura
Tira a gente da amargura
Ao rezar o dia inteiro¹

O fato aconteceu
Com um homem de muita fé
Que vivia com a esposa
Num ranchinho de sapé
Possuía duas filhas
Zefa e Maria José²

Uma articulação que envolve, além das temáticas, a estrutura. O próprio lead³ é visualizado em algumas poesias “de circunstância”. Na primeira estrofe do folheto O roubo do banco Central do poeta Jotabê:

No dia oito de agosto
No centro da capital
Um grande roubo se deu
De modo fenomenal
Uma quadrilha exemplar
De forma espetacular
Roubou o banco central⁴

¹ Folheto **O homem que foi pra Canindé de joelhos** – Francisco Sérgio Magalhães. Fortaleza: Tupynanquim, 2004.

² Folheto **José Galdino, o rezador de Messejana** – Chico Salvino. Fortaleza: Cecordel, 2000.

³ Lead: é a estrutura inicial da notícia onde perguntas básica e mais importante sobre o acontecimento são respondidas: O que, Como, Onde, Quando, quem e por que. Esta estrutura chamada da de pirâmide invertida traz os princípios da “objetividade jornalística”.

⁴ Folheto **O roubo do banco Central** - Jotabê, editado pelo Cecordel no mesmo mês do acontecido traz na capa a referência desta data. Agosto de 2005. Fortaleza, Ce.

Existe a mesma estrutura, como uma notícia: O que: *Roubou o banco central*; Como: *De forma espetacular*; Onde: *No centro da capital*; Quando: *No dia oito de agosto* e Quem: *Uma quadrilha exemplar*.

De certo modo, o cordel de circunstância alcança características próprias da notícia, narra acontecimentos, relata uma série de fatos onde ele escreve, escolhe o ritmo e a seqüência da narrativa. Também cumprindo o papel da notícia em informar, aumentara canais de comunicação entre emissor e receptor e também guardar e produzir conhecimento.¹

Entretanto, o cordel não tem, geralmente, o impacto de uma manchete de jornal, como notícia inédita, o conhecido “furo de reportagem”, mas sua eficiência como instrumento de comunicação popular não deve ser menosprezada. O poeta de Cordel de Circunstância não se define como um repórter apenas, mas como um “poeta–repórter” com a consciência que constroem sua poesia de fatos “presenciados” através da imprensa. O que importa aos poetas é exatamente as circunstâncias avaliadas como importantes para o grupo, a sociedade.

De acordo com Joseph M. Luyten,² o poeta José Soares, nascido em Pernambuco, foi o maior poeta repórter do Brasil. José Soares chegava a publicar antes mesmo dos grandes jornais o que levava muitos a denominá-lo como um verdadeiro jornalista, pois essa ação de ser o primeiro a publicar seria um “furo de reportagem”.

Outros fatos que o associam ao jornalismo diretamente é que muitos diziam que ele já possuía folhetos sobre celebridades faltando só a estrofe sobre a morte de tal pessoa, por isso era tão rápido em publicar alguns folhetos. Essa prática é comum nos próprios jornais. É comum jornais pré-estruturarem cadernos especiais;

¹ LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2002,p.06.

² LUYTEN, Joseph M. Op. Cit., 1992. p 101.

um exemplo recente quando o Papa católico João XXIII adoeceu e morreu, no dia seguinte foi veiculado um caderno especial de reportagens sobre o religioso, o que seria inviável de se fazer apenas em uma noite.

Estar próximo dos acontecimentos e das notícias era o mérito do cordelista-repórter para conquistar a atração do povo para seus folhetos. A agilidade e a proximidade dos fatos com seus leitores tornaram José Soares um ícone para quem trabalha com notícia em cordel. “Durante a década de 1970, nenhum fato importante, nacional e internacional, lhe escapou. É claro que sua predileção era pelos fatos ocorridos locais.”¹ Uma proximidade que também é aspecto de notícia jornalística na hierarquização dos assuntos de uma matéria.

Para o povo que “consome” os folhetos de circunstância a informação da Literatura de Cordel é vista sempre como elemento fidedigno. Não realizamos uma pesquisa aprofundada sobre os leitores do Cordel de Circunstância em Fortaleza e também não encontramos pesquisa que a fizesse. Contudo, autores como Joseph Luyten² e Ana Maria de Oliveira Galvão³ trabalham com leitores de folhetos de maneira metodológica autêntica, mesmo que, em geral, Luyten afirme que até a década de 1990 não existia estatística completa sobre a penetração dos folhetos.

Os leitores destacados por esses autores possuem no cordelista um líder de opinião, já que as poesias emitem interpretações e críticas sobre os fatos narrados e não apenas narram o fato.

A comunicação popular, devido esse retorno, possui no folheto de circunstância um dos vértices de sustentação. E também alterna a comunicação de fatos do cotidiano e de notícias com o encantatório, como por exemplo os títulos que trazem a figura de Lampião. É por este motivo que Gilmar de Carvalho

¹ Idem.

² Idem.

³ GALVÃO, Ana Maria. **Cordel, leitores e ouvintes**. Minas Gerais: Faculdade de educação, 1994.

caracteriza a grande quantidade de folhetos sobre Pe Cícero no Ceará com seus “milagres” que exerce um fascínio encantado sobre a população nordestina principalmente¹.

Entretanto, a comunicação do fato histórico e a busca por colocar no folheto fatos de repercussão, o que tornará o folheto vendido e o poeta conhecido, acaba por tornar o senso de oportunidade como principal foco para a escolha de suas temáticas.

O produtor popular vai buscar, quase sempre, um modelo de imprensa sensacionalista, baseado na estrutura do *fait divers* definido por Roland Barthes, dando ênfase a desastres, fenômenos naturais, mortes, acontecimentos de grande impacto e adesão imediata para atingir o público alvo.²

Essa espetacularização da notícia permeará também os cordéis. Como um leitor criativo, o cordelista não é passivo, nem neutro ao narrar os fatos em forma

de poesia. Visualizamos sempre o uso da emoção;

Muito triste na verdade
Eu até me sinto ruim
Pra falar do acidente
Do ônibus da Itapemirim
Onde dezenas de vidas
Acabaram tendo um triste fim

Terminei o meu “repente”
Impresso neste cordel
Dando algumas informações
Sobre este ocorrido cruel
Certo que as vítimas
Hoje estão todas no céu

Cumpri, assim, meu papel
De poeta repentino
Rimando sobre o fato
Que tirei do matutino
Fato que entristeceu
Todo o povo nordestino³

¹ CARVALHO, Gilmar de. Op. Cit., 2005. p. 48

² Idem. p 24.

Também percebemos o posicionamento do poeta sobre tal acontecimento de repercussão;

Nessa violência estranha
Por um direito meu
Vou contar pra o leitor
Como o caso aconteceu
Cumprindo a lei do dever
Lutando para viver
O vigilante morreu
(...)
Depois de todo o levante
Entre o dinheiro e o poder
Qual será a punição
Todos querem saber
Vão dizer que o magistrado
É um louco alucinado
E a lei não pode prender ¹

E notamos ainda críticas políticas e sociais:

Leitor preste atenção
Nesta minha poesia
Versada neste cordel
Com muita diplomacia
Pra lhe falar dos tais
Dos problemas sociais
Que temos no dia a dia
(...)
O tempo vai se passando
E mais problema acumula
Se um aplica uma lei

O outro chega e anula
E diante deste desmando
Eu fico me perguntando
Do que tá servindo o Lula?²

Essa “recriação” da notícia é que se relaciona com a dinâmica que Michel de Certeau conceitua de “táticas e estratégias”. As táticas seriam o que os indivíduos

³ Folheto **O trágico acidente do ônibus da Itapemirim** - Otávio Menezes. Fortaleza: Cecordel, 2004.

¹ Folheto **O Juiz que assassinou o vigilante em Sobral** - Lucas Evangelista. Fortaleza: Editora Tupynanquim, 2005.

² Folheto **Os problemas sociais** - Jotabê. Fortaleza: Cecordel, 2004.

e grupos realizam nessa “recriação”, uma ação através de novas práticas, sobre estratégia, que é o está imposto. Esta tática para o cordelista está justamente nessa “desobediência” sutil em torno do que é colocado pela imprensa, ele a tem como fonte e referência, mas encontra uma maneira própria de expressar-se, o sujeito não é passivo, ele redimensiona o fato, transformado em poesia, dentro de sua realidade sócio-cultural, ele comunica algo novo, “o sujeito cotidiano se inventa sobre mil maneiras de caça (referindo-se às táticas) não autorizadas”¹ O poeta-repórter é um sujeito que usa, consome a notícia e a fabrica novamente. Ele emprega suas táticas próprias de apropriação e recriação nos modos de proceder na atividade cotidiana.

Este cordelista que se propõe a poetizar fatos reais do cotidiano, da história da cidade e fatos que marcam a sociedade é além de um receptor dos meios de comunicação de massa e emissor dos acontecimentos em forma de poesia. Ele é também produtor de uma peça cultural com valor mercantil e simbólico; é o que o

faz um leitor criativo aos moldes do conceito exposto por Michel de Certeau. Traz a notícia do campo jornalístico para um campo específico, seu campo cultural de poesia popular, e também para um campo de identidade e preservação da história imediata de uma maneira impar, torna-se também uma nova fonte, pertencente a um grupo ligado à comunicação, à história e às dinâmicas da cidade.

Através das poesias de circunstância o poeta expressa idéias, posicionamentos diante dos fatos que marcam a sociedade. As rimas ácidas invadem a poesia de cordel impondo-se às rimas romanceadas de folhetos clássicos. Temas políticos são referências para demonstrar a “acidez” dos folhetos e a necessidade de explicar ao leitor o porquê destas rimas, o cordel é modelo de informação destes poetas para o povo:

Estes são fatos concretos

¹ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., 1994, p.38.

Que levam a literatura
De uma forma bem simples
Sem muita nomenclatura
Para o povão entender
Nossa atual conjuntura¹

Para o povo que deseja
Ter alguma informação
Sobre o que vem ocorrendo
Na política da nação
Fiz esta pequena história
Falando do mensalão²

Este “poeta – repórter” chega a dialogar com suas fontes através de poesias que “recriam” as informações de uma entrevista. Como nos coloca o poeta Otávio Menezes a respeito da entrevista do Juiz Percy Barbosa sobre o assassinato do vigia de Sobral³ ao jornal O Povo em 15 de maio de 2005:

Neste seu depoimento
Que ele deu a imprensa
Disse que não é costume
Seu responder a ofensa
Que ele não seria o monstro
Que todo mundo pensa ⁴

A produção em verso do cordelista faz parte das dinâmicas da cidade e seu posicionamento diante dos fatos é essencial para perceber como este grupo se identifica na sociedade, qual o papel que eles próprios se atribuem além dos já referidos, de entretenimento:

Daqui vai o meu abraço
Pra quem gostar de poesia

¹ Folheto **Crime e corrupção**- Eliseu Paulino e Elano de Freitas. Fortaleza: Cecordel, 2004

² Folheto **A pequena história do mensalão** - Otávio Menezes. Fortaleza: Cecordel, 2006.

³ Em maio de 2005 um juiz de Sobral assassinou o vigia de um estabelecimento, com um tiro a queima roupa. O assassinato foi gravado pelas câmaras internas de segurança do local. O crime teve grande repercussão no Estado e no Brasil todo; o folheto de Otávio Menezes não é o único sobre o assunto.

⁴ Folheto **Depoimento do Juiz Percy sobre a morte do vigia** - Otávio Menezes. Fortaleza: Cecordel, 2005.

Os versos retratam tudo
Além de muita alegria
Porque fazem bem a alma
Aos sofrimentos alivia ¹

E também de preservação da história e da memória de um povo, e que o cordelista tem o papel fundamental de incentivo à leitura e à preservação da memória; este papel é bem definido em cordéis da poetiza Luciene Maria, folhetos como "Cordel de pesquisa Norte e Nordeste":

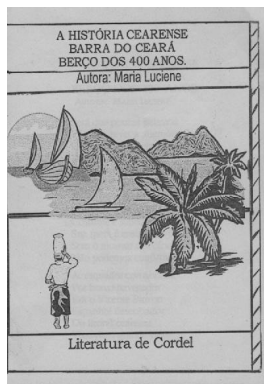


Fig.41
Maria Luciene

Vou deixar para a pesquisa
Com riqueza e otimismo
Cultura Norte e Nordeste
Cidadania e Civismo
O leitor vai conhecer
O Folclore o turismo

A leitura é um hábito
Nosso jeito de viver
As frases mais importantes
Muitas vezes faz crescer
Valorizar arte faz
Aprofundar seu saber²

O folheto "História cearense - Barra do Ceará: berço dos 400 anos" também destaca esta preocupação com a história e identidade do povo:

Do passado e do presente
Tentei repassar história
E pra você estudante
Que luta e quer ter vitória
Guarde o folheto na caixa
E as frases na memória³

A história de um grupo e a história da sociedade escrita por este grupo é a organização do que foi seletivamente demarcado como significativo na memória social. É o que dá harmonia a um grupo e estabelece sua identidade.

¹ Folheto **Vida boa é de cachorro**- Eliseu Paulino. Edição avulso (fotocópia do autor) 2005

² Folheto **História da Barra do Ceará**- Maria Luciene. Fortaleza: Cecordel,2003.

³ Idem.

Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Como afirma Ecléa Bosi a linguagem é o instrumento socializador da memória pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como lembranças e as experiências recentes.¹

Se retornarmos aos primeiros tipos de transmissão da história, encontraremos, a percepção da memória como algo sobrenatural, como para os gregos antigos, a memória era tida como um dom a ser exercitado. A deusa *Mnemosine*, mãe das Musas, protetoras das artes e da história, possibilitava aos poetas a inspiração de lembrar do passado, das histórias passadas e transmiti-las aos mortais. Assim para os gregos a memória e a imaginação têm a mesma origem: lembrar e inventar tem ligações profundas. Entretanto, esta prática reserva ao sujeito que lembrava um papel social fundamental. O poeta que recontava estas histórias era o produtor do que era importante preservar do esquecimento. É uma espécie de memória viva do seu grupo.

Os sujeitos protagonistas da história passada e imediata são as pessoas, são elas que constroem a história cotidianamente. As pessoas são, ao mesmo tempo, agentes e narradores de suas próprias histórias que remontam estes acontecimentos na sociedade: “A possibilidade de cada pessoa ou grupo organizado produzir sua história possibilita a mudança dos paradigmas dominantes da História”²

Os cordelistas atualmente, para compor suas poesias em cordéis de circunstância, não buscam mais as musas como nos romances antigos, mas buscam um subsídio invocativo que traduz a ânsia por uma verdade, algo que estabeleça a credibilidade dos fatos escritos na sua poesia: a invocação aos meios de comunicação. A maioria narra que o fato está na imprensa, que foi visto, lido e

¹ [Kessel, Z. Memória e memória coletiva](http://www.museu.dapessoa.org.br/escolas/textos_apoio.thm). Brasil 2000. Disponível em: [www. Museu da pessoa. net/escolas/textos_apoio.thm](http://www.museu.dapessoa.org.br/escolas/textos_apoio.thm). Acesso em 20 de outubro de 2006.

² Idem.

em qual meio. Os meios de comunicação acabam reconstruindo o subsidio de que o fato é “verdade” e não apenas a imaginação do poeta.

No Nordeste e principalmente no Ceará, os causos de gracejo são comuns para a cultura local, encontramos muitos folhetos destes “causos” que utilizam essa característica do humor. Contudo, para alguns poetas esses fatos inusitados, que mais parecem um gracejo, são invocados pelo poeta com toda uma defesa sobre a verdade destes casos quando o poeta determina a imprensa como sua fonte, defendendo assim que aquele acontecimento faz parte da história do povo e não apenas uma piada.

O cordelista Otávio caracteriza, entre risadas da sua própria obra, que suas poesias sempre de circunstância são de fatos verdadeiros e defende que “até as histórias que parecem piada são verdade”¹ Otávio defende em sua fala procurando entre pastas o recorte de jornal, como a busca pela fonte, no seu caso a imprensa sempre citada como fidedigna para ratificar sua argumentação.

O recorte do jornal da Paraíba traz a notícia:

Mulher é detida com celular na vagina: Os agentes penitenciários que estavam de serviço no último domingo no presídio do Róger, se surpreenderam com a descoberta feita durante a revista íntima(...) tentando entrar com 260 comprimidos do alucinógeno e um aparelho celular com duas baterias. Tudo foi embrulhado em um preservativo. A mulher foi conduzida pelo diretor do presídio para a 2ª Delegacia Distrital, indiciada no artigo 12 da lei 6367/76. ²

Primeiras estrofes do folheto de Otávio:

Chegou aos meus ouvidos
Através do noticiário
A história de Rosanira

¹ Otávio Menezes. Em entrevista à autora dia 20.08.2006. SECULT, Fortaleza- Ce.

² **Jornal da Paraíba**, 12 de Abril de 2005 (sem referência do caderno, é um recorte da página)

E seu amante Cesário
 Ele um réu já condenado
 Levava, pobre coitado
 Vida de presidiário(...)

Bom leitor afinal
 Já matou a charada
 Já entendeu que a mulher
 Trabalhou bem planejada
 Sem pedir qualquer conselho
 Foi guardar o aparelho
 Naquela parte lavada(...)¹

Outro folheto de gracejos comuns são sobre traição, o chamado “corno” e mais uma vez Otávio utiliza a sua fonte, a imprensa, para justificar ser uma história cotidiana e não um “causo” fantasioso. A foto da capa também é da revista, ele procura novamente entre as pastas o “boneco” e mostra como fez: cortada e colada, depois escaneada para impressão.

Foi na *Isto é* que li
 Uma matéria especial
 Dizendo que José Adauto
 É o corno principal
 De Fortaleza, o orgulho
 Dos cornos da capital²

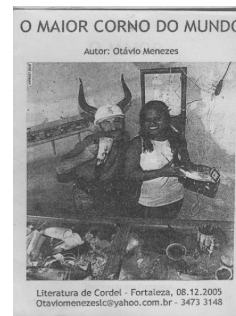


Fig.42
 Otávio
 Menezes

Desta forma pudemos compreender o processo de criação das poesias que formam o Folheto de Cordel de circunstância em Fortaleza. A percepção do cordelista como um indivíduo criativo que se adapta à sociedade em que vive para preservar a estrutura do cordel e seus valores simbólicos. E estes cordelistas interagem entre si ou com a sociedade ocupando tipos de ações diferenciadas no intercâmbio destas formas simbólicas colocando o contexto de sua produção, a produção dos folhetos, como a ação dinâmica essencial para estas práticas.

¹ Folheto **A mulher que escondeu o celular na vagina**. Otávio Menezes. Cecordel. 2005

² Folheto **O maior corno do mundo** - Otávio Menezes. Fortaleza: Cecordel, 2005.

3.2. Produção e Circunstância Editorial.

Mais uma vez os versos do poeta nos transmitem o trajeto dos costumes na história, incluindo a história e transformações do próprio folheto e suas editoras:



Antes da tipografia
Se fazia a impressão
Do cordel, a editora
Hoje faz a edição
E numa máquina ofsete
Fez ela a publicação¹

Fig.43
Prelo de 1880



Fig.44
Fontes de Tipografia

Quando traçamos o trajeto do próprio cordel no Nordeste e em Fortaleza, nos deparamos com a presença das editoras e associações como produtoras deste objeto cultural de valor econômico e simbólico.

As duas produtoras trabalhadas nesta pesquisa possuem processo diferente de execução de suas práticas: O Centro Cultural de Cordelistas do Nordeste como associação, possui um número de associados que contribuem mensalmente com uma quantia em dinheiro. Todo mês um cordelista é sorteado e a associação publica de quinhentas a mil cópias (de acordo com a arrecadação) do folheto à escolha do poeta sorteado. Cada cordelista é responsável por suas vendas e pela arrecadação destas, sendo que em feiras, eventos e na Banca do Cordelista existe a união da associação para venderem títulos de todos. A Tupynanquim é uma editora comercial e como tal possui acordos diferenciados a cada caso, existem poetas que publicam individualmente, pagam apenas pelo serviço de edição à

¹ Folheto **História da Literatura de Cordel** - José dos Santos. Fortaleza:Tupynanquim (s/d)

impressão e parcerias do poeta com a editora dividindo custos e ganhos. A Editora também possui um espaço no Centro Cultural Dragão do Mar onde tem uma banca ao lado dos cinemas para venda de publicações que a interesse.

Estas relações operacionais são fundamentais à produção dos folhetos, o contexto que explicitamos neste momento. Contudo, como trabalhamos com as temáticas ditas de circunstância também se torna referência a possibilidade de pesquisar as temáticas produzidas em números e o perfil de cada produtora, um perfil comercial econômico como também cultural, social e envolvido com os gestores destas produtoras.

3.2.1. Cecordel e Tupynanquim: Fundadores e Estrutura.

Tanto a história como o percurso editorial do Cecordel e da Editora Tupynanquim são diretamente ligados ao perfil de seus fundadores. Ao traçar o caminho das produtoras iniciamos com o próprio trajeto de seus fundadores gestores até então.

Guaipuan Vieira é presidente fundador do Cecordel, uma associação, há 20 anos e na Editora Tupynanquim de maneira comercial temos Klévisson Viana, fundador, proprietário e também o editor encarregado de todas as publicações. Por isso quando trabalhamos a trajetória destas produtoras iniciamos com o próprio percurso como poetas fundadores. Trabalhamos com estes dois poetas de forma diferenciada dos outros não apenas pelo fato de serem mais destacados mas pela posição de gestão que ambos ocupam.

Sandra Pesavento¹ expõe que o historiador algumas vezes “deixa passar” a situação que a autora denomina de “cultura implícita” por dois fenômenos: pela falta ou estreiteza de base documental “tradicional” e que quando esse pensamento é minoritário não seria verdadeiramente aquele que pode imputar este a um grupo, uma sociedade.

Entretanto, compreendemos essa cultura implícita estruturada por estes dois poetas em duas frentes: primeiramente, como trabalhamos com a produção dos folhetos de circunstância de uma editora e uma associação, o caráter minoritário (apenas dois poetas) tem efeitos materiais já que as decisões de produção passam por estes poetas/gestores, seja por decisão absoluta ou por voto mas de caráter essencial para expressão dos folhetos na sociedade.

E também em segunda frente, não menos importante, conseguimos visualizar situações que só as fontes orais poderiam nos fornecer. Sensações, olhares, silêncios conciliadores ou rancorosos, uma estranheza mútua entre os poetas que por suas posições, influenciam na produção de folhetos de circunstância. Situações que não estariam tão legíveis em outras fontes, geralmente impressas, nem nos próprios folhetos. Os domínios, discursos e divergências destas produtoras ainda serão discutidos no próximo capítulo, mas, entender estes poetas fundadores é entender a estrutura que perdura ou se renova no Cecordel e na Tupynanquim.

Filho do poeta e folclorista Hermes Veira, Guaipuan Vieira nasceu no Piauí em 1951 fixando residência em Fortaleza na década de 1970. Com pouco mais de vinte anos, o jovem poeta freqüentava a Casa Juvenal Galeno, local também das entrevistas, o que nos proporcionou uma narrativa cheia de olhares em diferentes ângulos, mãos que apontavam cantos da casa...

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Escrita, linguagem, objetos: Leituras de história cultural. **Nuevo Mundo, Mundo Nuevos**. Vol 6 . Disponível em www.nuevomundo.revues.org/document1499.



Fig.45
Guaipuan Vieira – Dec. 80

comecei como todos os poetas da nossa geração ligados a cultura popular, comecei vindo para cá, aqui na Casa Juvenal Galeno que era um elo de poeta e intelectuais,(...)mas só esse elo ainda não era bem o que eu queria(...) em 87 trabalhava na Secretaria de Cultura e lá todos conheciam que eu escrevia então quando montaram uma exposição com talentos do departamento me chamaram para expor ¹

Para compor a exposição Guaipuan chamou outro poeta, Otávio Menezes, que na época também iniciava seu destaque com o folheto sobre o bandido corta nádegas, primeiro folheto de cordel de circunstância de Otávio. Desta exposição surge um grupo de poetas como narrou Guaipuan até que em agosto de 1987 registraram o Centro Cultural de Cordelistas do Nordeste.

Desde então o Cecordel iniciou suas atividades em Fortaleza. No mesmo ano da fundação a associação conseguiu com patrocínio de um refrigerante uma banca na Praça do Ferreira, para Guaipuan essa banca foi um marco na revitalização do Cordel na capital cearense.

O arquivo da cordelista Vânia Freitas possui alguns folder e convites da década de 1990 tanto pelos acontecimentos como pela reestruturação e re-inauguração da banca mas neste período a poetiza apenas acompanhava o marido Pardal na secretaria e tesouraria da associação, por isso não é um arquivo oficial.

Na banca promovíamos cantadores, emboladores, recital de poemas(...) e é a partir da banca e da nossa revitalização que outras entidades começaram a surgir, todas as entidades da década de 1990 pra cá são oriundas do Cecordel, por exemplo a Tupynanquim editora. O que tiver de associação, editora sempre tem influencia do Cecordel porque nós fizemos um trabalho de intercambio cultural com todos os estados e assim o Cecordel volta ao seu apogeu porque hoje todo mundo ouve falar em cordel, nós

¹ Guaipuan Vieira em entrevista à autora dia 18.02.2008. Casa Juvenal Galeno

fomos os pioneiros a abrir as feiras de cordel de novo, a cantar o cordel em feira, em praça pública ¹

Com esse depoimento de Guaipuan podemos continuar observações pertinentes, embora implícitas, sobre as duas produtoras, o Cecordel e a Tupynanquim.

O período de revitalização do Cordel em Fortaleza é visto por poetas como Guaipuan, Otávio Menezes e também por pesquisadores como Gilmar de Carvalho na década de 1980. Entretanto, quando o poeta, editor – proprietário da Tupynanquim se refere a este período ressalta que na época da fundação da editora em 1996 (nove anos após a fundação do Cecordel) a tradição do cordel estava “agonizante” no Ceará: “você virava Fortaleza inteira e não encontrava um único folheto para comprar”²

Klevisson Viana fundou a editora com intenção ampla de publicações, foi com seu irmão Arievaldo Viana que iniciou a publicação de folhetos. Arievaldo publicou em 2006 o livro juntamente com o projeto didático “Acorda Cordel em sala de aula” adotado por escolas e patrocinado pelas prefeituras de Canindé e Caridade, também se refere ao “sopro de revitalização” no final da década de 1990 e não cita as reuniões ou associações fundadas anteriores, inclusive o Cecordel:

o cordel esteve ameaçado de extinção pelo fechamento de várias editoras e falecimento de grandes poetas do passado (...) o sopro de revitalização só viria a acontecer a partir de 1999 com o surgimento das editoras Tupynanquim (Fortaleza-Ce), Coqueiro (Recife-Pe) e Queima-bucha (Mossoró-Rn)³

Esses discursos divergentes entre os dois será ainda mais evidenciado quando tratarmos das temáticas e publicações dos folhetos de circunstância.

¹ Idem

² Klevisson Viana. Em entrevista à autora 12.03.2008. Editora Tupynanquim.

³ VIANA, Arievaldo. Op. Cit. 2007. p.13.

O Cecordel atualmente tenta reestruturar a Banca dos Cordelistas, desde 1999 no Largo dos Correios, centro de Fortaleza. Até o mandato do prefeito Juracy Magalhães, a associação contava com apoio de um salário mínimo para manter um funcionário diário na banca, atualmente buscam patrocínio para essa ação que também já teve o patrocínio da Editora Demócrito Rocha.

Dos 16 poetas associados atuais a maioria possui emprego fixo em empresas, escolas, órgãos públicos e o poeta Jotabê, por exemplo, que vive da poesia especificamente percorrendo toda a cidade em feiras, eventos, praias, com objetivo de vender folhetos. A intenção da Banca de acordo com o presidente do Cecordel é ser um ponto de convergência, de encontro entre poetas e também de pesquisadores com os poetas. Exatamente o que foi feito no início desta pesquisa para conhecer as reuniões do Cecordel no primeiro sábado de cada mês na casa Juvenal Galeno, centro de Fortaleza.

O presidente Guaipuan também divulga a Banca e o próprio Cecordel nos meios de comunicação de massa ao longo de seus vinte anos de fundação. Em 1980 escrevia matérias literárias nos jornais “Meio-Dia” e “Folha do Ceará” (atualmente extintos). Ainda na década de 1980 continuou a experiência de locutor de rádio iniciada ainda em Teresina-Pi, na Ceará Rádio Clube com programa sertanejo, intercalado de notícias culturais e políticas. O caderno “Trombeta do Povo” em parceria com o Jornal O Povo também saiu mensalmente durante o ano de 1998 divulgando acontecimentos, eventos culturais, artigos e poesia dos cordelistas e pesquisadores. Desde 1997 Guaipuan está na Rádio AM Pitaguary (Maracanaú) aos sábados, 11hs com um programa de Forró de Raiz.

No ano de comemoração dos 20 anos de fundação do Cecordel, foram publicado folhetos comemorativos e o site da associação foi reestruturado:

Que se repita esta data
Cinqüenta vezes ou cem

A união faz a força
E dela nasce o bem
Se estivermos unidos
Nunca seremos vencidos
E a gente vai mais além.

O CECORDEL tem história
De cunho bem literário
Um marco padronizado
Na folha do calendário
Mais uma vez digo eu
Meus parabéns pelo seu
Vigésimo aniversário.¹

Ainda na última década do século XX foi fundada a Editora Tupynanquim por Klévisson Viana, cartunista, poeta, proprietário e editor e por suas mãos já passou mais de trezentos títulos de diversos poetas para serem editados e publicados pela Tupynanquim.

A editora é uma sala (no mais alto edifício da Rua Bezerra de Menezes) repleta de publicações, as vezes de caixas com encomendas, nas paredes inúmeros cordéis pendurados e na mesa um misto do que é o Klévisson: livros de poesia, gravuras sendo desenhadas no nanquim, catálogos de títulos e um telefone sempre tocando. É lá que ele sempre faz seus relatos, o poeta relembra de que seu interesse pelos folhetos vem desde seus pais e avós, a dedicação à Klévisson à poesia popular, também é herança familiar:

Meu pai era semi-analfabeto mas gostava de poesia, minha vó também, minha mãe talentosíssima com as mãos(...) a poesia e o desenho viajam ao longo do tempo na minha família, pessoal talentoso(...)da minha mãe herdei o lado artístico e do meu pai o lado comercial.²

Klévisson Viana começou a trabalhar como cartunista do Jornal O Povo ainda menor de idade e fez parte dos profissionais do jornal até 1995, quando saiu

¹ Jotabê. 20 anos de Cecordel. Disponível em www.cecordel.cjnet.com.br. Acesso em 20 de julho de 2008.

² Klévisson Viana. Em entrevista à autora 12.03.2008. Editora Tupynanquim.

para montar uma Editora e logo confeccionou mais de quarenta títulos para Unicef solidificando o nome da Tupynanquim.

Neste mesmo período de fundação da editora, Klévisson participou do Salão Internacional de Humor com seu primeiro livro *solo*, a HQ (história em quadrinhos) "Lampião - Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida", que recebeu o prêmio HQ Mix 1998, na categoria melhor álbum nacional e foi quando teve o encontro com Joseph Luyten. Para o cartunista, esse encontro foi fundamental para a Tupynanquim iniciasse a edição de folhetos:

Passei uma semana hospedado na casa dele (Luyten) e coincidentemente ele é um dos maiores colecionadores de folhetos do mundo e a mulher dele de quadrinhos. Ai juntou açúcar no mel, já gostava das duas coisas (...)conheci a coleção monstruosa dele (...) voltei pra Fortaleza com aquela idéia fixa na cabeça e meu irmão estava produzindo uma caixinha com folhetos, foi a gota d'água para meu interesse de publicar meus trabalhos, já comecei a ver de uma forma empresarial, que pudesse se auto sustentar e começaram a surgir poetas, contatos com veteranos que andavam desmotivados e voltam a produzir como José Leite, Manuel Monteiro, João Firmino Cabral que estabelecem essa ponte entre tradição e modernidade.¹

O nome de Klévisson é sempre requisitado na mídia, alcançando visibilidade para seus trabalhos e os da editora. Recentemente foi chamado, com seu irmão Arievaldo, "Marketeiros do Cordel" ². Entre os cordéis publicados, de sua autoria, pela editora, está "Romance da Quenga que matou o Delegado", adaptado para a TV pelo programa "Brava Gente, da Rede Globo de Televisão. O que contribui para

¹ Klévisson Viana. Em entrevista à autora 20.08.2005. Editora Tupynanquim.

² Jornal O Povo . Disponível em www.opovo.com.br. Acesso em 22 de outubro de 2008.



Fig.46

visibilidade da editora também é sua parceria com a ABC - Academia Brasileira de Cordel e Cantoria com sede em Fortaleza para republicar títulos pertencentes à antiga editora São Francisco (Lira Nordestina), a coleção foi comprada no Governo Virgílio Távora e estava sob tutela da ABC.

Na Academia Brasileira de Literatura de Cordel com sede no Rio de Janeiro e fundada em 1988, Klévisson ocupa a cadeira de nº 11, cujo patrono é José Pacheco, o famoso autor de "Chegada de Lampião no Inferno" e Arievaldo ocupa a cadeira nº 40 de João Melquiades Ferreira, imortalizados na Academia do Cordel.



Fig.47
Gravura de Klévisson
ABLC



Fig.48
Gravura de Arievaldo
ABLC

Esse destaque dado à figura de Klévisson proporciona à própria editora contratos comerciais e parcerias importantes no campo cultural. Entretanto, o poeta deixa claro sua linha editorial de publicar poetas, não instituições específicas apesar de ser presidente de uma associação: AESTROFE – Associação de Escritores Trovadores e Folheteiros do Ceará com quarenta poetas participantes. Sobre o acervo o poeta não nos passou os documentos dos catálogos, mas foi firme nos números que divulga, apresentando a perspectiva econômica que a editora traz:

Nosso acervo tem mais de 500 obras, 800 edições muitas não são reeditadas. Mas o catalogo rotativo tem 300 títulos com uns dois milhões de exemplares. Minha vida melhorou muito, tenho casa, a sala da editora, tudo com dinheiro do cordel ¹

Klévisson faz questão de divulgar nas palavras ditas e poetizadas o cordel como negócio de sustentabilidade própria, retrucando sobre poetas que divulgam não conseguirem sobreviver da venda e produção de folhetos.



Fig.49

Para provar ao mundo
Que a cultura está viva
Poetas da atualidade
Estão nessa coletiva
Tupynanquim e Coqueiro
São editoras na ativa

Espero que admirem
Essa mostra por inteiro
No ano do Brasil na França
Foi inclusa no roteiro
Levem de recordação
A mala do Folheteiro ²

¹ Klévisson Viana. Em entrevista à autora editora Tupynanquim 12.03.2008.

² Folheto **Mala do Folheteiro**- Klévisson Viana. Fortaleza:Tupynanquim,2005.

De maneira intensiva as duas produtoras abordadas fazem parte da revitalização atual do Cordel em Fortaleza, situação ratificada pelo pesquisador Gilmar de Carvalho:

O quadro atual nordestino é de retomada de ofensiva onde se destacam a “Tupynanquim”, em Fortaleza, empreendimento dos irmãos Klévisson e Arievaldo Viana com catalogo significativo de lançamentos e reedição dos clássicos (...) esse movimento editorial vem estimulando e sendo estimulado pelo surgimento de novos autores reunidos em torno da Academia dos Cordelistas do Crato(CE), do Centro Cultural de Cordelistas do Ceará(Nordeste) em Fortaleza e da Sociedade dos poetas mauditos de Juazeiro do Norte.¹

Ao estudar a história do presente, o ator do contemporâneo possui esta relação íntima e indissociável com a história que deseja construir. Ele vê no historiador não apenas um pesquisador de suas memórias, mas muitas vezes, principalmente, um divulgador de sua história e de suas idéias e que podem influenciar a visão da sociedade para com suas ações a partir de então.

Seja com a sua relação com a testemunha oral, seja com o público, ou com aspectos metodológicos do jornalismo, o historiador é cada vez mais parte integrante do contemporâneo por isso o cuidado ao tratar destas relações tanto metodológicas e teóricas quanto na visão dos cordéis de circunstância como representantes desta história imediata de forma ímpar, em folhetos, versos que contam, noticiam, as histórias do presente.

¹ CARVALHO, Gilmar de. Op. Cit., 2005. p.21.

3.2.2. História e Jornalismo: Os fatos e as fontes.

Sob a pressão dos meios de comunicação os poetas populares que compõem temáticas de circunstância constroem um espaço de tensão na percepção desta história do presente para o jornalista e para o historiador.

Relacionar a história e o jornalismo em aspectos metodológicos e temáticos pode ser um terreno arriscado, Jean Pierre Rioux, quando trabalha “Entre história e jornalismo” em *Questões para a história do presente*, inicia sua análise citando que estas afirmações podem “desagradar aos guardiões dos templos da ciência histórica” e continua:

A seus olhos, o historiador do presente é um ingênuo, um marginal, agitador por defeito e impotente por vocação(...) mas se ainda por cima ele frequenta as salas de redação ou passa por muito midiático, sua conta será alta. Quer dizer que o diálogo entre história no presente e jornalismo retroativo faz não somente o historiador universitário que o pratica correr alguns riscos, mas que pode também desnudar cruelmente alguns fraquezas intelectuais ou humanas da confraria de seus caros colegas ¹

Entretanto o Historiador do presente tem relações diversas com o jornalista, por isso muitas vezes trabalhos de história do presente podem desenvolver a impressão que se tratam de pesquisas voltadas apenas para uma superficial análise imediata e não do tempo imediato como tempo e espaço aptos para complexas reflexões.

O fator do recuo temporal para que a análise dos acontecimentos históricos sejam satisfatórios não se sustenta mais assim como o não envolvimento subjetivo seria o único que poderia compor uma interpretação madura e consistente.

¹ RIOUX, Jean Pierre. Op. Cit. p. 119.

Tomamos como referencial também aspectos do historiador do presente/imediato com suas reações metodológicas de história oral. De uma maneira óbvia o pesquisador que se dedica aos depoimentos como fontes possui uma demarcação temporal limitada, que para muitos historiadores já constitui uma história do presente, pois o chamado recuo não seria longo.

Assim, essa relação temporal com a fonte e com os acontecimentos investigados que a historiador tem com suas fontes orais começa a ser visto com credibilidade. Uma relação “extensiva” ao panorama de história do presente imediato e articulada, em suas devidas proporções e diferenças, com a relação que o jornalista tem com sua fonte.

Mais precisamente, o estudo do jornalismo histórico é instrutivo, a história do presente e agora do imediato sempre foi marcada pelo jornalístico. “De certa maneira ela é mesmo filha da imprensa”¹. Os procedimentos se relacionam, de maneira complexa ou simples, com as técnicas jornalísticas principalmente em relação ao recuo temporal e o contato com as fontes vivas, em diálogo com o pesquisador (jornalista/historiador) e em constante mutação.

As fontes de nosso tempo, o tempo presente, são marcadas pelos acontecimentos imediatos, principalmente as fontes orais, vivas. O depoimento pode ser captado em um momento e interpretado, contudo como assegurar que daqui a uma semana ou dez anos aquela fonte ainda terá a mesma perspectiva em relação aos fatos narrados, a memória nos traz facetas imprevisíveis e que não necessariamente dependem do recuo longo sobre o acontecimento.

Além da relação do próprio historiador, ele é também testemunha do tempo que analisa. Historiador do imediato é pesquisador e testemunha, mas a consciência desta situação pode guiá-lo a nunca ignorar o rigor científico. Pode

¹ CHAVEAU, Agnès, TETART, Phillippe. Op. Cit., p.22.

procurar a neutralidade da mesma forma que qualquer outro historiador em contato com suas fontes, pode ser passivo ou ativo, neutro ou engajado.

Para Agnès Chaveau pode inclusive ter uma relação direta com seu tema mesmo com tomadas de posicionamento adotando observação rigorosa sobre seu tema e suas fontes.¹

De um jeito ou de outro essa história(imediata) tomou emprestado e interiorizou mais do que se diz, algumas boas receitas da imprensa. Na escolha de seus temas, impelida pela atualidade e submetida à pressão das testemunhas e dos atores que desejam que sua experiência seja rememorada numa produção ou numa co-produção histórica. Em suas práticas de pesquisa de campo ou no uso do gravador. No estilo mais conciso de sua escrita e na cor, por vezes, mais cambiante de seu relato. Em suma em seu contato permanente com os vivos e a impetuosidade do atual.²

Contudo, esta mestiçagem metodológica da história imediata com a própria história e o jornalismo não significa a confusão de gêneros, nem do papel desempenhado por ambas para com suas fontes e para com a sociedade em seu trabalho final. O que não deve ser esquecido é que esta História do Presente Imediato é um gênero híbrido.³

¹ Idem, p.26.

² RIOUX, Jean Pierre. Op. Cit. p. 125

³ Idem, p.22.

3.2.3. Cordéis de Circunstância: Manchetes do jornal popular.

No primeiro capítulo discutimos as possibilidades de classificação sobre as temáticas dos folhetos de circunstância. Apesar de acreditarmos no caráter essencialmente analítico de certas distinções, elas são apresentadas entre as temáticas de circunstância para refletir diferentes perfis editoriais de cada produtora, o Cecordel e a Tupynanquim.

As tipologias escolhidas e trabalhadas nesta pesquisa se sobrepõem de maneira complexa e variada como vimos no capítulo anterior. Entretanto, com as características especificadas se tornam base privilegiada para o exercício de conhecimento sobre a realidade editorial de cada produtora e também a realidade social, cultural e comercial de cada uma nos seus processos de intercâmbio simbólico das temáticas.

Os Folhetos de Cordel são formados por todo um complexo de criação, produção e circulação. Uma manifestação literária, apesar de registrada na oralidade, que possui ações mais clássicas ou conservadoras e comprometidas com a expectativa de mercado. Ágil em “recriar” o circunstancial no circuito de inserção do folheto no processo de criação e consumo de bens culturais.

Dentre as cinco distinções entre as temáticas a maioria dos títulos é do Cecordel. Não por uma questão econômica, já que a editora Tupynanquim possui mais estrutura mercadológica. A situação é que o Cecordel possui mais títulos referentes aos de circunstância. Uma decisão editorial que faz parte do perfil de cada uma.

Entretanto, a intenção é verificar os números, os tipos de temáticas e no próximo capítulo construir a análise deste perfil editorial frente às temáticas de circunstância, pois se constituem como parte de uma visão de mundo e da cultura dos próprios cordelistas sobre estes folhetos e à própria realidade que se vive.

Em todas as temáticas abordadas o número de publicações maior, particularmente, é do Cecordel. Sendo que na temática dividida como Política não consta nenhum folheto da Tupynanquim. Nos títulos sobre Corrupção, escândalos desde o Caçador de Marajás (1990) e o Mensalão (2005), todos são publicações de poetas pertencentes à associação estudada principalmente poetas como Jotabê, Vânia Freitas, Guaipuan e Otávio Menezes.

A poetiza Vânia como Otávio Menezes e Paulo de Tarso citam estes cordéis como responsabilidade do cordelista em conscientizar e expor escândalos de maneira humorística e crítica.

Porém nesta sua conversa
Eu mesmo não acreditei
Num cordel que eu escrevi
A todo mundo eu alertei
Numa linguagem simples
Foi mesmo assim que eu falei:

Cuidado com este homem
Verifique seu passado
Não vá em sua conversa
Não seja mais um enganado
Esse tal de Collor de Melo
É candidato safado ¹

¹ Folheto **A CPI do PC e o Impeachment do Collor**- Paulo de Tarso. Fortaleza: Cecordel. 6^o Edição 2008 (1^o edição foi de 1992).

Também ligando a questão do humor estão os casos inusitados noticiados na imprensa que são “recriados” pelos cordelistas em forma de folheto. É notável que

as questões do humor também possuem uma ligação constante com o cordel, mesmo em fatos reais, passíveis de gracejos ou não, a “cearensidade”¹ tem na sua marca o humor, desde os primeiros impressos ligados ao humor à marca atual os cordelistas ligados ao mercado não podem se desligar desta situação. Segundo Flávia Marreiro o humor já é característica cearense,

que tem implicações ainda mais variadas, dos impactos turístico-empresariais da imagem cearense à vida cotidiana, passando pelos aspectos simbólicos que entram na construção da imagem nacional do Ceará, na sua auto-imagem²

Mas levando em consideração exatamente a complexidade da temática e a necessidade de retornar as discussões escolhidas para este capítulo, retomamos com exemplos em que as notícias e acontecimentos reais, tornam-se férteis para o humor que não “escapa” de nossos poetas.

A Tupynanquim possui dois títulos referentes, sendo um do poeta Arievaldo Viana sobre “O ET em Quixadá” e o outro título de Klévisson Viana, tido como uma resposta de uma provocação.

O poeta conta que compôs a poesia como se fosse “um jumento” respondendo a uma carta lida no programa de Televisão da Rede Globo de Jô

¹ PORDEUS, Ismael Jr. Cearensidade. In: CARVALHO, Gilmar de.(org) **Bonito para chover**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.p.11.

² MARREIRO, Flávia. Irreverência cearense: atualização e permanência. In: CARVALHO, Gilmar de.(org) **Bonito para chover**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003. p.186.

Soares, a qual menosprezava o animal. Esse folheto valeu ao poeta uma entrevista no programa para divulgação de seu trabalho e da Literatura de Cordel no Ceará.

Os outros títulos ligados à essa temática são principalmente de Otávio Menezes que desde 1987 publica folhetos de circunstância, destes estão “História do soldado que pediu esmola fardado”(1987) e “O padre que virou mulher” (1988) um dos primeiros folhetos do poeta e que relaciona um fato inusitado com críticas e humor, sempre enfatizando que tem como fonte de pesquisa notícias da grande imprensa. Das composições de Otávio Menezes até 2006 cerca de 90% são de circunstância e destes publicados todos seus folhetos fazem parte da nossa classificação de “circunstância”.

Uma das temáticas também comum entre as produtoras chamamos de “causos” com personagens e fatos históricos. Tanto a Tupynanquim como o Cecordel possuem publicações que através do humor crítico ou não compõem títulos como “Encontro de FHC com Cabral”, de Arievaldo Viana, e Carta de seu Lunga à FHC”.

Notamos que não se trata de um cordel de circunstância propriamente dito, já que não são fatos reais acontecidos na sociedade, contudo utilizam personagens reais da política brasileira que estão oportunamente na mídia ou fazem parte da história, por exemplo e que podem representar acontecimentos de maneira parcial expondo personalidades.

Das temáticas consideradas como de circunstância mais completas, se pudéssemos mensurar, são os casos sobre tragédias naturais ou acidentais e crimes de grande repercussão.

Destes títulos uma minoria foi encontrada publicada pela Tupynanquim: “O terrível assassinato dos empresários portugueses” de Klévisson Viana e Vidal Santos e “O Juiz que assassinou o vigilante em Sobral” de Lucas Evangelista e dentre estes, fatos também encontrados publicados pelo Cecordel: “Turismo da morte-chacina dos portugueses” de Guaipuan Vieira e “Juiz perde juízo” de Vânia Freitas.

Há tempos que não escrevo
Por está fora da reta
Mas a musa da poesia
Me tirou mais uma seta
Pois o crime de Sobral
É tragédia nacional
Precisou da minha meta ¹

Dentre essas temáticas é comum a publicação de cordéis com temáticas regionais, de acontecimentos na própria cidade de Fortaleza ou no interior, poucos são nacionais como “Desastre do avião da Tam”, de Stênio Diniz, editado e publicado pela Tupynanquim ou de acontecimentos mundiais como “Bombas terroristas fazem vítimas em Madrid”, de Vânia Freitas publicado pelo Cecordel.

Com o coração contrito
Permeado de pensar
Reuni os elementos
Para poder relatar
O maior dos acidentes
Que pude presenciar ²

Os números mais vastos da temática de circunstância, presente tanto no Cecordel como a Tupynaquim pertence à que titulamos como História e Memória. Incluem cordéis biográficos, tanto sobre a vida de personalidades histórias como

¹ Folheto **O juiz que assassinou o vigilante em Sobral** - Lucas Evangelista. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.

² Folheto **O desastre com o avião da Tam** -Stenio Diniz. Fortaleza: Tupynanquim, 2007

homenagens pós-morte, como a morte de Patativa do Assaré ou do Papa, por exemplo.

Nesta temática incluem-se desastres ou crimes que se tornaram fatos históricos de visibilidade como a tragédia em Nova York em 11 de setembro de 2001 com a derrubada das torres gêmeas: “EUA em chamas”, de Guaipuan Vieira.

Acontecimentos do cotidiano, contudo que se tornam marcantes para a história de uma comunidade também são eternizados pelos cordelistas: “CTPM e o metrô” de Rouxinol do Rinaré publicado pela Tupynanquim.

Outro foco importante nesta temática são folhetos com a história de um acontecimento, um local, mesmo que não contemporâneo, mas são interpretações do presente. São comuns as temáticas sobre Conselheiro em Canudos e sobre o banditismo com Lampião.

Caros apreciadores
Da escrita em poesia
Quero lembrar nestes versos
Um personagem que havia
Que segundo meus estudos
Ficou famoso em Canudos
Na região da Bahia ¹

Os cordelistas Rouxinol do Rinaré um dos principais poetas da Tupynanquim e Maria Luciene que já foi associada ao Cecordel têm folhetos sobre a história de Fortaleza e outros locais: “História da Praça do Ferreira” de Rouxinol e “História da Barra do Ceará” e “Origem da Praça dos Mártires” de Luciene.

Segundo os próprios poetas, a intenção é o “resgate” histórico do que é importante para a sociedade do presente, deixando esse objetivo marcado inclusive nos próprios versos:

¹ Folheto **Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos**- Antonio Queiroz de França e Rouxinol do Rinaré. Fortaleza: Tupynanquim, 2002.

Fazendo um resgate histórico
Minha pena é verdadeira
Para a geração futura
Que acaso pesquisar queira
Deixo um documento em versos
Sobre a Praça do Ferreira ¹
Peço a Deus inspiração
Por ser o reto Juiz

Aqui registro a memória
O acontecimento diz
Barra é patrimônio histórico
Ta nas pesquisas que fiz ²

Coletamos cerca de 150 folhetos de circunstância, entre publicações do Cecordel e da Tupynanquim, sendo destes 27,5% publicados pela Tupynanquim e 72,5% pelo Cecordel³ números que correspondem às publicações gerais das produtoras.

Porcentagem esta também compatível com a produção pessoal dos gestores. Dentre os títulos dos folhetos publicados de Klévisson 25% são compatíveis às temáticas de circunstância e de Guaipuan cerca de 80% de seus títulos são de circunstância.

Para compreender a estruturação destas temáticas e a produção de cada editora vejamos números dos cordéis estudados de acordo com cada sub-temática dos folhetos de circunstância e as produtoras referentes:

¹ Folheto **História da Praça do Ferreira** - Rouxinol do Rinaré. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.

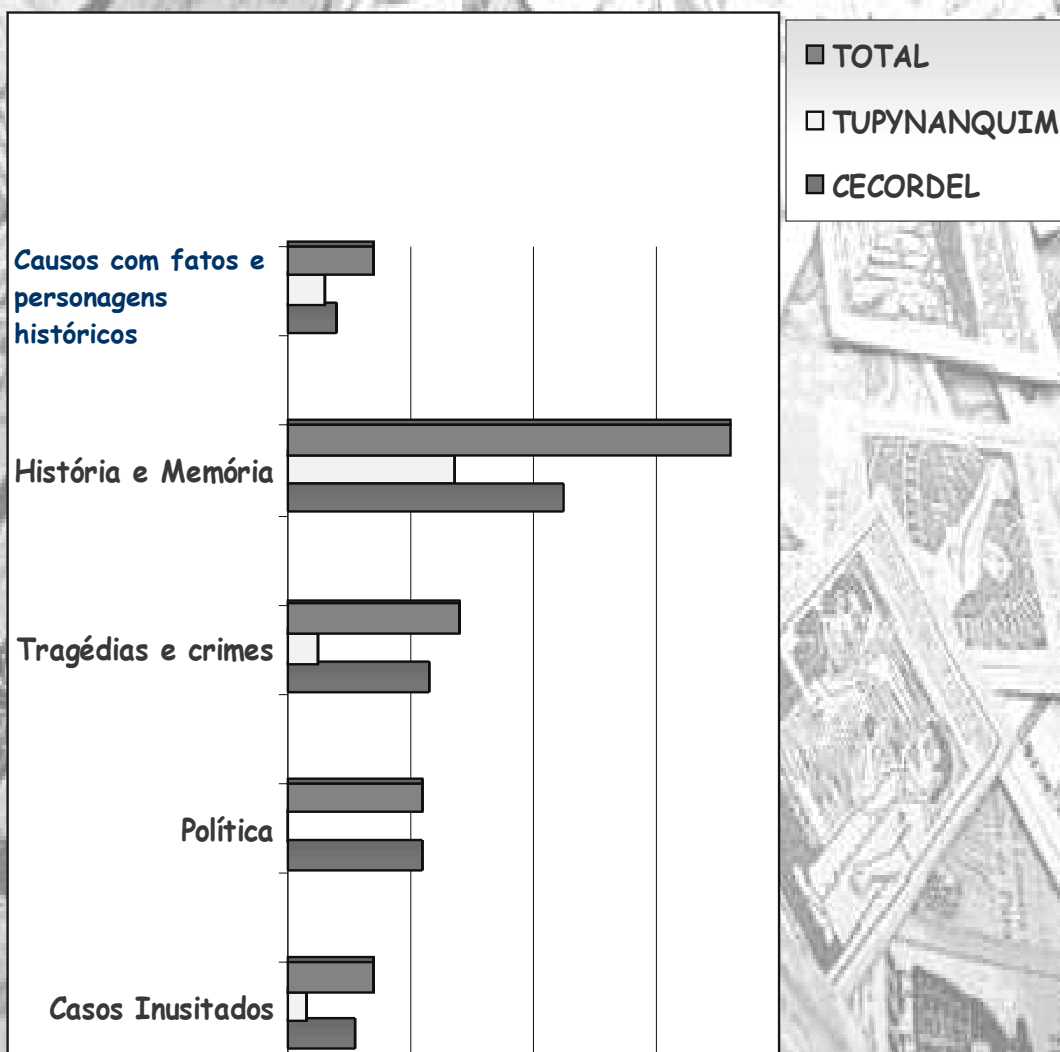
² Folheto **Origem da Barra do Ceará** - Maria Luciene. Fortaleza: Cecordel, 2004

³ Algumas coleções conhecemos completas: Rouxinol do Rinaré, Klévisson Viana, Guaipuan Vieira, Vânia Freitas(ate 2006) e Otávio Menezes(2006). Outras coleções com um grande número como os títulos são as de Jotabê, Arievaldo Viana e Paulo de Tarso. A catalogação foi feita de cada cordelista, pois a Editora Tupynanquim não possui uma catalogação ordenada dos títulos de circunstância, apenas dos chamados pelo editor de clássicos e romances e o Cecordel não nos forneceu um catálogo único organizado das publicações, por não terem um levantamento geral sistematizado, o levantamento de publicações é feito por Vânia Freitas e Pardal, mas muitos poetas publicam por conta própria, até em fotocópias deixando difícil um sistema de catálogo completo. Desta maneira, apesar de iniciarmos o corte temático ainda na década de 1980, a maior parte dos títulos é da década de 1990 e após o ano 2000, os títulos antes deste período são de coleções próprias dos autores, nenhum foi visto à venda ou adquirido para pesquisa.

Temáticas	Cecordel	Editora Tupynanquim	Total
Casos Inusitados da imprensa: Como casos de Ets que viram notícia. Notícias exóticas de casos que se aproximam do escárnio e gracejo, mas possuem publicação em jornal de grande circulação para associá-lo ao de circunstância e não apenas de gracejo; nesta temática incluem-se também fofocas e vida de celebridades artísticas.	11	03	14
Política: fatos políticos direcionados à crítica como cerne da poesia, contendo críticas sérias e com escárnio, como corrupção, crimes políticos e fatos inusitados mas que envolva políticos. Nota-se que os acontecimentos políticos, como grandes guerras, tratados, eleições, estão na classificação de História e memória	22	00	22
Tragédias e Crimes: possuem a temática principal envolvendo assassinatos, roubos, grandes acidentes e tragédias naturais, que envolvem emoção, crítica, opinião sobre fatos, conselhos para a sociedade.	23	05	28
História e memória: acontecimentos históricos envolvendo política, como tratados, guerras entre países e cidades, pesquisas, fatos e história de localidades, como também de pessoas de destaque em determinadas áreas, premiações, história de vida de pós morte destas figuras consideradas históricas pelos cordelistas. Sendo que nesta classificação estão muitos folhetos, por exemplo, da Guerra de Canudos, Antonio Conselheiro, mas não serão referenciados pois utilizamos acontecimentos vivenciados pela sociedade e pelos cordelistas no recorte temporal proposto.	45	27	72
“Causos” com fatos e personagens históricos Neste subitem percebemos as temáticas referentes aos “causos” comuns da população, aquelas histórias narradas como um conto, como encontro com o diabo, chegada no céu, contos conhecidos incorporando personagens reais, peleja de dois personagens históricos. Nas edições selecionadas temos como exemplo “Encontro de FHC com Cabral” de Arievaldo Viana, “Chegada de Raul Seixas no céu” de Guaipuan Vieira.	08	06	14

Quadro 1

Produção de Cordéis de Circunstância



De fato, apenas os números não poderiam fazer diferença em uma análise deste contexto, entretanto, como envolvemos a própria produção e edição os números serão representativos para depois associarmos esses números com o perfil editorial de cada produtora, assim demonstrando como uma amostra sistemática, do que analisaremos subjetivamente como as práticas e os discursos do Cecordel e da Tupynanquim sobre os cordéis de circunstância.

Um bom poeta andarilho
Do povo seguia a pista
E funcionava como
Verdadeiro jornalista
Seus poemas de aventuras
Cantava como artista

E para informar o povo
Os poetas cordelistas
Traduziam os fatos como
Verdadeiros jornalistas
Comprava o povo cordel
Como hoje compra revistas¹

¹ Folheto **História do Cordel** - José Antonio Santos. Fortaleza: Tupynanquim, 2007

4. DOMÍNIOS, DISCURSOS E DIVERGÊNCIAS.

A primeira impressão quando citamos “práticas e discursos” pode nos levar a percepção de estruturação de um discurso e da construção das práticas respectivamente. Contudo, ao conhecermos o universo criativo, editorial e comercial do Cecordel e da Tupynanquim interpretamos um caminho inverso. As práticas são explícitas, exaltadas pelos cordelistas e então, da representação destas, se constitui um discurso em torno das ações e domínios de cada produtora, na figura de seus fundadores e de outros poetas.

Acabamos assim, construindo o mesmo trajeto de percepções do processo criativo e editorial aos domínios, discursos e divergências que tem o Cordel de Circunstância como primordial nesta pesquisa. O intuito de articular nossas observações às fontes refletimos características do historiador do tempo presente como fundamenta Chartier:

Ao passar da história das estruturas e das conjunturas para a das representações e das práticas, a história moderna multiplicou as questões para as quais, em último caso, não existe resposta possível nas fontes disponíveis. Com ou sem razão para o modernista, o historiador do tempo presente por sua capacidade de construir observatórios ajustados as suas preocupações, parece estar em condições de superar os entraves que classicamente limitam a investigação histórica.¹

Uma investigação histórica que, no nosso caso, permeia a entender a lógica de mercado sobre bens culturais, tanto pelos livros como pelo que se dinamiza nas próprias “bancas de cordel”. Percebe-se que essas relações deixaram de ser exercício apenas acadêmico de reflexão. Os cordelistas, principalmente gestores de

¹ CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: MORAIS, Marieta; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**(org). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 215-216.

comércios ou associações não só entendem, mas discutem as potencialidades econômicas e culturais que a Literatura de Cordel possui.

E essa pluralidade de aspectos também deixa estreita as relações do Cordel de Circunstância em sua ligação com acontecimentos passados ou contemporâneos não apenas como acúmulo de temáticas, mas como aspectos entre memória e as experiências vividas destes cordelistas desde as redes de distribuição comercial e divulgação dos aspectos populares da cultura às novas redes virtuais.

4.1. Dinâmicas da cultura e do consumo.

As discussões crescentes sobre cultura, incluindo Cultura Popular da década de 1960 para atualidade envolvem um amplo contexto; incluindo as articulações do consumo que remodelam algumas produções culturais:

Em primeiro lugar, se caracteriza por uma lógica de uma sociedade produtivista que correspondeu às necessidades elementares da população(...)mais do que um conjunto de valores que devem ser defendidos ou idéias que devem ser promovidas, a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda extensão da vida social¹

Essa percepção se pauta na importância do consumo e o público consumidor, frente às dinâmicas do que é produzido na cultura popular uma “preocupação” antiga dos próprios cordelistas:

Quando o poeta imagina
De escrever uma história
Tem que ir de acordo ao povo
Pra obter vitória
Que seja um sofrimento

¹ CERTEAU, Michel de. **Cultura no Plural**. Papirus: São Paulo, 2005. p.192

Ou um acontecimento
Tem que forçar a memória¹

Trabalhar com aspectos da cultura é uma tarefa árdua pela multiplicidade de ações e discursos, contudo o foco é o Cordel em forma de folhetos produzidos por duas produtoras específicas, fundadas em Fortaleza na década de 1980 e 1990.

Assim, nos debruçamos a um foco específico já que cada tempo/espço constitui um sistema cultural, teorias correspondentes, experiências diferentes. A necessidade é articular as representações culturais e as instituições sociais.

As dinâmicas da cultura e do consumo apresentadas na atualidade são ordens sociais baseadas nos conceitos ligados à cultura de massa, a qual podemos sucintamente verificar com o esquema:

Industrialização ⇨ veículos de comunicação de massa ⇨ cultura de massa

Entretanto, é um esquema abreviado de causas e conseqüências, pois as transformações que ainda acontecem formam um sistema bem mais complexo de redistribuição de papéis culturais e sociais e das relações de produção no mercado.

Neste sistema, a cultura de massa apresenta-se como toda cultura ou concepção desta, sem conceitos fechados, múltipla e em movimento constante com espaço e tempo, mas tendo como base tecnológica os meios de comunicação de massa e como sistemas sociais de idéias e ações de uma sociedade de consumo.

O ato de consumir, referencial no pós-modernismo, apresenta-se de forma individual, mas o consumo em si como relação cultural e social possui referência coletiva. Estas características coletivas de idéias e práticas frente à cultura de massa estão cada vez mais ligadas e influenciadas pela cultura popular. A cultura

¹ Poeta José Borges In: FAUSTO NETO, Op. Cit., 1979.p.85-86

popular em forma de massificação pode em vários casos determinar o consumo, mas não um consumo imediato, é algo gradativo assim como essa massificação,

a cultura de massa não aparece de repente como uma ruptura que permita um confronto com a cultura popular. O massivo foi gerado lentamente a partir do popular¹

Essa perspectiva de ligação entre a cultura popular e o consumo se relaciona também à Literatura de Cordel, que possui todo um sistema de produção cultural ligado à rede mercadológica da atualidade, onde é produzido e comercializado. Os indivíduos ligados à esta prática possuem um discurso que pertence aos conceitos de cultura popular, cultura de massa, produção cultural inclusive o consumo deste bem, o folheto. Nesta ligação percebemos o folheto como uma tradição popular, mas sem perder as características de um mercado de criação, edição e venda.

Quando Pierre Bourdieu trabalha com a noção de bem simbólico considera que cada campo cultural é regido por práticas específicas e que as práticas do artista estão, não apenas ligadas, mas condicionadas ao sistema de relações que estabelecem os agentes vinculados com a produção e circulação da obra. Por esse motivo trabalhamos com foco nas produtoras e os indivíduos que fundamentam o discurso destas.

O Folheto de Cordel possui elementos propícios à representação das dinâmicas do consumo em relação à Cultura Popular devido às contribuições culturais diversas que recebe o cordel, como também devido ao caráter de mercadoria do folheto.

Apesar da concepção da poesia popular como uma “manifestação autêntica genuína de caráter do povo”², o folheto de Cordel como uma prática cultural possui

¹ BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001 p. 181.

² AYALA, Marcos; Op.Cit. 2002.p.18.

características que se modificam de acordo com o contexto social em que está inserido.

E neste contexto social as práticas culturais atravessam etapas de produção, armazenamento e circulação que são necessárias para construção do conteúdo simbólico de informação. A Literatura de Cordel passa por este trajeto na criação da poesia, na escolha do suporte que irá ter, sendo no caso do folheto o próprio papel e diferentes formatos e na sua comercialização tradicional em feiras, eventos ou em livrarias.

O poder cultural e simbólico apresenta-se como um quarto poder para Thompson¹ depois dos poderes caracterizados por ele como econômico, político e o poder coercitivo, exercendo e recebendo influência da sociedade e do tempo/espço que se contextualizam.

Quando anexamos a esse bem simbólico um valor econômico pelo qual ele pode ser adquirido ele se torna uma mercadoria e passa a ser apresentado por um sistema de representações exatamente deste plano simbólico.

Aquilo que seria representação para ele (referindo-se ao poder simbólico) assume as características da ideologia, operando através da instauração das práticas significantes, ou seja, práticas de comunicação²

A articulação entre a poesia como Cultura Popular e o mercado está situada justamente nesta valorização simbólica que pode ser imensurável no sentido cultural e social ou atribuído em valor monetário quando será comercializada. Uma articulação que veremos nitidamente com o crescimento do mercado editorial, pois muitos bens simbólicos possuem um suporte material que o estabilizam e atribuem valor econômico enquanto prática naquelas etapas de produção, armazenamento e circulação.

¹ THOMPSON, Jonh B. Op. Cit., 2008. p.24,25.

² FAUSTO NETO, Antônio. Op. Cit., p .21.

O surgimento da indústria editorial criou novos centros e novas redes de poder simbólico que se baseavam principalmente nos princípios da produção mercantil, e que eram por isso mesmo relativamente independentes do poder político e simbólico controlados pela igreja e pelo estado¹

A indústria editorial constrói uma prática discursiva referente ao público consumidor e esse público recontextualiza a produção. E a Literatura de Cordel é um meio híbrido entre a relação de produtores e consumidores influenciando a circulação deste bem cultural simbólico.

É necessário, assim, fazer um breve contexto de como se apresenta o contexto editorial atual de algumas produtoras de Literatura de Cordel. Como vimos nos capítulos anteriores, as décadas de 1960 e 1970 foi um período de publicações esparsas, tanto dos folhetos, como das pesquisas sobre eles. Publicações dentre livros, monografias, dissertações e teses catalogadas² dobraram entre a década de 1970 e 1980. Na segunda metade da década de 1980 surgem instituições importantes para o incentivo e publicação de folhetos. O Cecordel foi fundado em 1987 e em 1988 são fundadas ABLC- Academia Brasileira de Literatura de Cordel e

¹ THOMPSON. Op. Cit., p.57.

² Além dos próprios trabalhos pesquisados para esta dissertação, encontramos catálogos próprios de pesquisas na área de autores como Mark Curran em **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Edusp, 2003 e de Joseph Luyten em **Um século de Literatura de Cordel – Bibliografia especializada sobre Literatura popular em verso**. São Paulo: Nosso Estúdio gráfico, 2001 e um Levantamento Bibliográfico de Luiz Tavares Júnior e Maria Teresa de Moraes da **Revista de Ciências Sociais**. Volume VIII nº1 e 2. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1977. Dentre estes trabalhos encontrados, na íntegra ou em referências datadas na década de 1960 são menos de 20 produções encontradas. A concentração de trabalhos se inicia na segunda metade da década de 1970 com cerca de 20% das publicações incluindo a de Ariano Suassuna **Literatura Popular em verso**. Fundação Rio de Janeiro: Rui Barbosa, 1976 e a publicação da Universidade Estadual do Ceará: Revista de Ciências Sociais Vol VIII de 1977 com 16 artigos de pesquisadores do Estado sobre Literatura de Cordel. As publicações, só da década de 1980 dobram em quantidade e nas décadas seguintes mantêm uma média, sendo que a partir do final da década de 1990 surgem as publicações on line e os primeiros anos do século XXI são marcados por sites específicos, republicações, livros de coletâneas de poesias e inúmeras reportagens e pesquisas que trabalham com a temática.

a UCRAN-União dos cantadores, repentistas e apologistas do Nordeste no Rio de Janeiro e em São Paulo respectivamente.

Os Cordéis de Circunstância são constantes temáticas em todo o país em períodos históricos diferentes.



Fig. 50

De 1991 para atualidade, o período foi fértil para as editoras, tanto as que surgem direcionadas ao cordel como as que publicam folhetos entre suas edições variadas como a editora Nova Alexandria, de São Paulo que surgiu com intuito de republicação de clássicos da literatura e logo estava reeditando clássicos da Literatura de Cordel. No mesmo ano, em 1991, a editora Coqueiro foi fundada em Olinda- PE com objetivo de edição de folhetos de cordel e livros com temáticas regionais. Assim como a Tupynanquim, fundada em 1997, a editora Queima-Bucha, em Mossoró-RN, iniciou suas produções voltadas às outras temáticas e logo acabaram investindo e se destacando no mercado de cordéis em diversos formatos.

Os principais poetas publicados pela Tupynanquim, como Rouxinol do Rinaré e Antonio Queiroz de França, assim como seu editor-proprietário, incentivam também a criação de entidades sem fins lucrativos como a SOPOEMA- Sociedade de escritores e trovadores de Macaranaú fundada em 1999 e já no século XXI a AESTROFE- Associação de escritores, trovadores e folheteiros do Estado do Ceará. E assim como as editoras publicam os poemas de cordel no que chamam de “formato tradicional”: capa monocromática, em papel jornal, de tamanho 11cmx16cm, como também em suportes e formatos diferenciados

As temáticas infantis ocupam considerável fatia do mercado atual deste circuito. Dentre as edições de temáticas infantis, além das editoras citadas, também estão as publicações do IMEPH – Instituto Meta de educação e pesquisa em recursos humanos, que estão na lista do PNBE- Plano Nacional de Biblioteca Escolar como livros altamente recomendados e da Cortez que promove eventos e publicações na área há seis anos.

Estas editoras específicas seguem o modelo, tanto de publicação como de gerenciamento. A conhecida editora Luzeiro em São Paulo, se denomina a “mais antiga casa publicadora de cordel em atividade ininterrupta”.¹

Fundada na segunda metade do século XX por José Pinto Sousa teve o nome de Tipographia Sousa até a sua morte quando seu enteado e filho assumem com o nome de Prelúdio, sempre situada no Brás, área de grande concentração de nordestinos. Em 1973 mudou pela última vez sua razão social para assumir o nome de Luzeiro Ltda. Suas publicações e vendas possuem mercado entre livros e discos de modinhas, cantorias e sertanejos, livros de temáticas populares, até quadrinhos do Zé do Caixão. Já os folhetos de cordel dispõe de diferentes formatos, o mais comum em São Paulo tem tamanho de 15cmx21cm, capa normalmente com desenhos coloridos e papel revista (couchê).

¹ Página inicial da editora. Disponível em: www.editoraluzeiro.com.br. Acesso 10.09.2008.

As semelhanças são na métrica das sextilhas que é muito utilizada assim como nos folhetos nordestinos e nas temáticas de circunstância que são esparsas assim como em todas as editoras citadas.

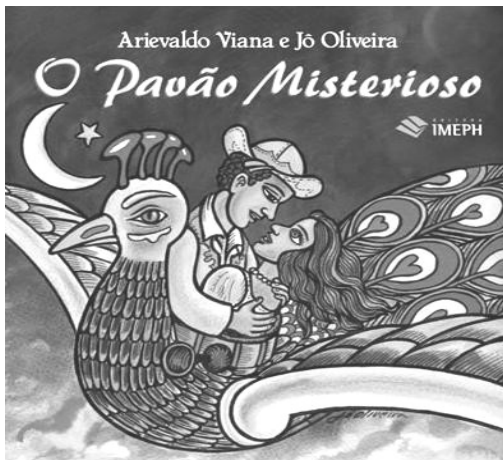


Fig. 51
Folheto de Klévisson Viana
editado pela Queima Bucha
Monocromático 11cmx16cm

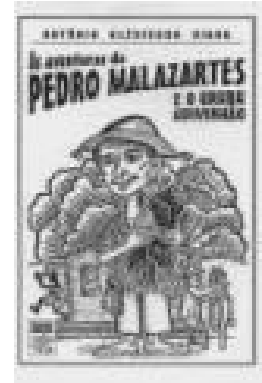


Fig 52
Edição do IMEPH para público
infantil. 25cm²

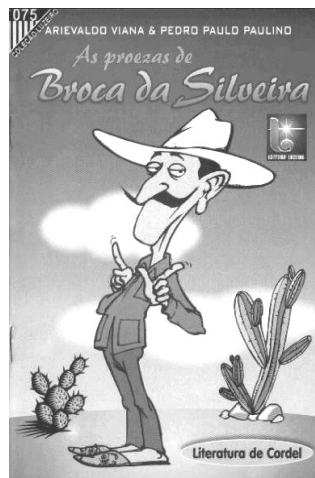


Fig.53
Edições da Luzero - 15x21cm

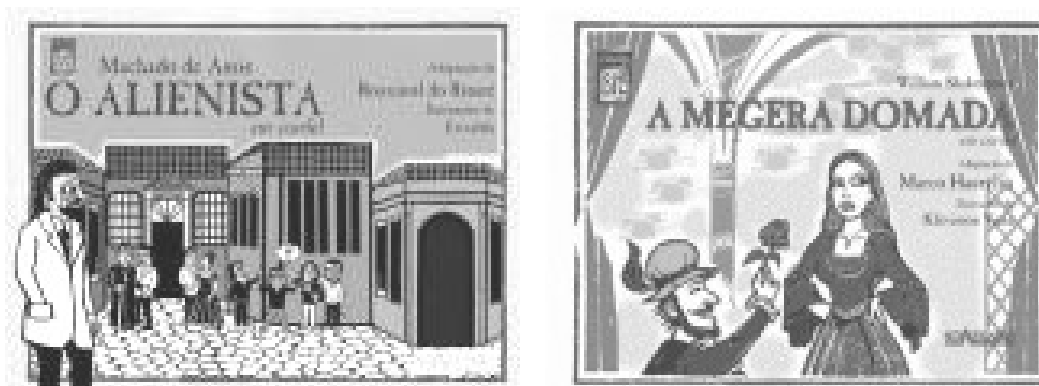


Fig 54
Edições da Nova Alexandria releitura de clássicos
através de poesia em sextilha. Destinada para o
Público Infantil
20cmx30cm

Fig.55
VI Cordel na Cortez – Evento anual
Congresso e feira de publicações.
São Paulo 2008.



Os folhetos de circunstância trabalham, como vemos, com uma recriação, crítica ou não, como uma atividade situada e criativa das notícias divulgadas nos meios de comunicação social. E como tal se direciona a notícias que terão um retorno do público consumidor.

o processo reprodutivo de circulação da mercadoria do modo de produção capitalista não revela, pois, o que se institui por detrás dele, ou seja, o significado concreto da sua circulação.¹

A própria escolha das temáticas e das notícias se articulam para notícias de impacto na sociedade, inclusive notícias espetacularizadas pela mídia como vimos no processo de criação dos próprios poetas, para Certeau as “instâncias ideológicas metamorfoseiam-se em espetáculo”². O crescimento do cultural neste aspecto é a indexação do que transforma povo em público. Entende-se público como agente

¹ FAUSTO NETO, Antônio. Op. Cit., p. 23

² CERTEAU, Michel de. Op. Cit., 2001, p. 198

consumidor não simplesmente de bens materiais, mas de discursos sobre tal “produto”.

As notícias percorrem “a boca do povo” antes mesmo dos métodos de impressão, é marca ainda dos processos de comunicação oral contar/cantar acontecimentos, “as notícias correram línguas e correram vozes”¹. E os cordéis de circunstância constituem-se como um lugar de autoridade simbólica quando narram a história do cotidiano, a história do presente que propicia lugares de auto-referenciação.

O discurso “contra” o incentivo das temáticas se estrutura muitas vezes tentando se cristalizar. Mesmo assim a possibilidade de diálogo com as fontes, no sentido realmente de conversar, possibilita perceber a importância cultural e o retorno comercial que estes “noticiosos” trazem.

No campo dos estudos folclóricos “muitos depoimentos vêm com pesar a comercialização”² da poesia popular em forma de folheto de cordel como uma perda de “autenticidade” de antigamente que é vista no cordel urbano sobre notícias, ou institucionais e até mesmo em rede digital, a internet, como veremos. A prática do cordel pode ser entendida como reprodutiva da cultura, independente do suporte material.

Assim compreendemos as dinâmicas de cultura e consumo de maneira geral para poder compreender a ligação específica com o cordel em forma de folheto, com temáticas de circunstância que é a forma e tema trabalhados nesta pesquisa com essas dinâmicas que articulam o discurso sobre a produção e importância dos folhetos do Cecordel e da Tupynanquim.

¹ GOULART, Ana Paula. **A mídia e o lugar na história**. In: Simpósio 200 anos de história da mídia no Nordeste. 2008, Fortaleza.

² FAUSTO NETO, Antônio. Op. Cit., p. 78

4.2. Cultura e mercado: Produções do Cecordel e da Tupynanquim.

As práticas culturais em estudo, os folhetos de cordel, estão sempre ligadas a discursos pertinentes a sua origem, sua importância, sua denominação do que é o cordel propriamente dito da atualidade, de quais temáticas são ou não importantes para a tradição do cordel. Estes discursos são formados não apenas por estudiosos ou críticos da área, os próprios produtores, cordelistas, possuem a formação de idéias sobre as práticas que executam.

4.2.1. Sobre o cordel: Um discurso circunstancial.

É pertinente conhecer primeiramente a concepção de discurso quando se liga á cultura, pois os elementos culturais estão ligados às instituições e/ou indivíduos que direcionam esse conteúdo ao valor fundamentalmente simbólico de um bem, uma prática, como também dividem idéias de mercado com atribuições de valor econômico a este bem.

Outro entendimento pertinente, não menos importante, é analisar quem pratica tais discursos. Podemos sempre interpretar através de outras fontes, a diferença de ideologias explícitas e implícitas de uma idéia em forma de discurso como também conhecendo as práticas e interesses de quem discursa.

Se desejarmos nos reportar ao problema da organização, produção, administração, circulação e avaliação dos bens culturais na sociedade, e, de modo particular, à Cultura Popular, há que se perguntar sobre quem fala, em que condições sócio-institucionais e com que objetivos se discursa acerca das culturas entendidas como práticas culturais do povo. ¹

¹ NETO, Antonio Fausto. Op. Cit.,1977. p.144.

A produção cultural da Literatura de Cordel está inserida em uma rede capitalista de produção e comercialização que se articula econômica e ideologicamente com o contexto em que é criada e propagada.

A lógica de mercado sobre um folheto de cordel é a lógica capitalista, existe um preço material para confecção do bem, papel e impressões, um preço sobre o serviço de preparação do folheto por gráficas e editoras e sobre a criação do poema e capa, em xilogravuras ou não como é mais comum nos de circunstância. Com o pagamento destes custos acontece a venda por um valor estipulado e deve “sobrar” um montante chamado de lucro sobre o investimento.

Entretanto, esse lucro financeiro pode não ser de imediato, em algumas relações, o lucro pode ser estrutural e não em dinheiro propriamente dito. Alguns acordos podem gerar, por exemplo, visibilidade da instituição frente a outras instituições e na imprensa, com objetivos em novos investimentos futuros.

Por discurso cultural entendemos a concepção de Certeau que a define como toda linguagem estruturada sobre “problemas culturais na medida em que haja relação entre sua forma e conteúdo”.¹

Através do diálogo sobre cordel de circunstância neste parâmetro de discurso cultural e lógica de mercado, podemos visualizar as nuances implícitas dos discursos das produtoras estudadas e sua influência sobre a escolha de forma e conteúdo do cordel.

¹ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p.195.

A técnica da impressão no papel, em folhetos e em livros, teve como uma das conseqüências mais importantes o envolvimento de negociantes no processo de difusão de informação. Livrarias, editoras, bancas em feiras foram criadas e constituíram um mercado de bens simbólicos de caráter social, econômico e cultural, um valor de consumo foi atribuído ao conhecimento gerado por essas informações. Essa cultura do impresso, para ser difundida, dependia das possibilidades plurais de técnicas, espaços, máquinas e indivíduos.

De maneira operacional temos a técnica da impressão dos tipos móveis que causaram grande impacto na multiplicação em série, intensificando a função do sistema de produção para uma “era de consumo”. Técnicas que continuam a se modernizar como a fotocópia da atualidade, e continuam com a mesma intenção de aumentar a produção e lucros sobre o consumo.

Tão importante como as possibilidades de um suporte material é a figura de um produtor. Este indivíduo pode ser um criador, no caso do folheto, um autor, ou apenas um negociante para as vendas, contanto que em seus objetivos exista o elo entre a intenção, preocupação, com o aspecto cultural e social do bem simbólico e do seu valor econômico de mercado, chamado de agente.

Uma definição completa do modo de produção cultural deve incluir instâncias capazes de assegurar não apenas a produção de receptores dispostos e aptos a receber (pelo menos em médio prazo) a cultura produzida, mas também a formação de agentes capazes de reproduzi-la e renová-la.¹

Assim, ao contextualizar o campo cultural das fórmulas editoriais compreendemos os agentes de produção e circulação como essenciais nesse processo. E o circuito da literatura de cordel também segue esse trajeto.

¹ BOURDIEU, Pierre. **O Mercado de bens simbólicos** in: Teoria crítica do Designer. Dept de arte e designer USP, 2003. Disponível em www.espacoacademico.com.br/010/10bourdieu02.htm. Acesso em 15 de outubro de 2006

Vimos formas que podem ser consideradas como uma gênese, mesmo em alguns aspectos, do cordel ainda nos séculos XVI e XVII que acompanharam a lógica de produção editorial. Para Chartier ¹ quando, por exemplo, buscavam um papel ordinário e brochuras de baixo preço seguiam essa lógica, inclusive na França, século XVI e XVII, a denominação deste tipo de folheto vai ser dada pela cor da capa dos folhetos, assim intitulados de “*bibliothèque bleue*”(biblioteca azul). As intenções de publicação também podem ser visualizadas nos *pliegos* de cordel da Espanha que na sua prática de venda possuem uma ou duas folhas com resumo da história.

É ainda no século XVII que Umberto Eco localiza a passagem da produção artesanal para a produção em série com modelo capitalista de produção e de gerenciamento, incluindo campanhas de divulgação de livrarias no ano de 1776.² O trânsito entre cultura como atividade empresarial e produção tradicional na Literatura de Cordel tornaram-se desde o início e nos últimos anos com mais intensidade, um trânsito não unidirecional, mas de circularidade.

No Nordeste brasileiro essa circularidade se apresenta ainda com Leandro Gomes de Barros, na década de 1930, quando possuía uma equipe de agentes distribuidores e divulgadores dos folhetos, formando o início do que vemos hoje como um núcleo de produção e edição com uma rede de circulação para venda do que publicava como autor e/ou como editor.

Outra ligação comercial com a divulgação desta cultura é o caso da Editora Guajarina em Belém-PA que durou de 1914 a 1947 com um projeto editorial de

¹ CHARTIER, Roger. **Desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002. p.68.

² DARNTON, Robert. **Edição e sedição. Universo da Literatura clandestina**. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p.29.

público alvo bem definido, os nordestinos que migraram para extração da borracha na Amazônia.

Atualmente, como vimos, a maior editora de publicação de folhetos é a Luzeiro em São Paulo que na década de 1960 chegou a publicar mais de um milhão de folhetos e 80% de sua produção está ligada ao consumo de nordestinos e turistas. De acordo com o poeta Crispiniano Neto¹ que atualmente atua como Secretario de Cultura do Estado do Rio Grande do Norte, até 1960 eram cerca de 42 editoras só de folhetos no Nordeste e que neste período seguiam o mesmo esquema de vendas da Luzeiro: possuíam agentes de vendas que também eram poetas e publicavam pela editora, aquele que, em um ano, não vendesse 5 mil folhetos teria que sair da rede.

Outro fator que apresenta o aspecto editorial mercadológico como algo não tão recente é, por exemplo, a crise do preço do papel como um dos fatores que afetou as publicações de folhetos ainda na década de 1960.

No circuito entre mercado e tradição está em destaque justamente o folheto de circunstância que trabalhamos. Sua criação, produção e circulação dependem de uma estrutura mercadológica da “venda” de notícias sem perder o caráter tradicional do folheto.

4.2.2. Folheto e poesia: A estrutura do cordel.

Interessante perceber as práticas, como vimos no capítulo anterior, para poder interpretar os discursos de cada produtora sobre o cordel de circunstância.

¹ Crispiniano Neto: I Congresso Brasileiro de poetas cordelistas, editores e folheteiros. 16.nov.2008. Centro de Convenções Fortaleza- CE.

Entretanto um exercício anterior é perceber as concordâncias e divergências sobre o próprio cordel. Para esses produtores o que é o cordel?

As práticas são recortadas do seu contexto, fragmentadas e diluídas de acordo com os interesses e estratégias específicas e passam a ser institucionalizadas no circuito da cultura de massa(...) portanto é algo que deve ser reexaminado, revisto, e, finalmente, consumido de maneira distinta do restante da cultura sistematizada e predominante da sociedade.¹

Buscar legitimar práticas envolvidas com a cultura é um exercício complicado, sobre Cultura Popular, esse exercício torna-se mais complexo e pode se tornar irresponsável se fechar as ações e seus agentes e também os rotulando.

O cordel como uma prática essencialmente popular possui divergências sobre suas nomenclaturas e classificações, como vimos no primeiro capítulo, sobre a legitimidade de seus poetas e sobre a utilização de diversos suportes para difundi-lo.

Nestas perspectivas de definição da validade de um para a desestruturação da forma de cordel de outro, as produtoras estudadas também se manifestam na figura de seus representantes ou de poetas que as compõem, e de certo modo, seus conceitos também se direcionam às suas práticas.

Os poetas populares também são questionados se “merecem” ou não título de cordelista. O poeta Otávio Menezes relembra, em seu depoimento, uma discussão pertinente quando iniciou sua produção em Literatura de Cordel ainda quando cursava história, no final da década de 1970, na Universidade Federal do Ceará.

¹ FAUSTO NETO, Antônio. Op. Cit., 1979.p.66.

Segundo o cordelista, alguns estudiosos acadêmicos da década de 1980 acreditavam que sua poesia, mesmo impressa e transmitida em forma de folheto de cordel, não era Literatura de Cordel, pois seu grupo era composto de poetas como Paulo de Tarso e Geraldo Carvalho, que se situavam no *locus* acadêmico, cordelistas que estavam na Universidade, cursando ensino superior. Assim eram “acusados” de reproduzir poesia popular de forma “não popular”, porque faziam parte da classe social “erudita” que possuía escolaridade .

Apesar do cordelista Otávio não especificar nomes dos acadêmicos desse embate, podemos visualizar essa posição, na obra de José Ribamar Lopes, *Literatura de Cordel –Antologia*, publicada através do Banco do Nordeste em 1994, exercitando o constante diálogo entre fontes orais e escritas que a pesquisa nos proporciona. Ribamar Lopes documenta no livro, de maneira pontual, os relatos de Otávio, citando as discussões do Ciclo de Estudos da Universidade Federal do Ceará iniciado em 1976.

Em um dos encontros do ciclo, tiveram a oportunidade de ouvir Raymond Cantel, no auge de suas pesquisas sobre os folhetos de cordel, foi indagado sobre o que seria a Literatura de Cordel e respondeu: “Poesia narrativa, impressa, popular”, ¹ e que as produções que têm autores não populares evidentemente não seriam Literatura de Cordel.

Arnaldo Saraiva, citado por Márcia Abreu possui o posicionamento que “É correto dissociar cordel e popular, uma vez que tanto autores como o público desta literatura não pertencem exclusivamente às camadas populares”². Entretanto, entendemos a cultura e assim o cordel com formas articuladas e dinâmicas uma

¹ LOPES, José Ribamar. Op. Cit., 1994, p.13

² SARAIVA, *apud* ABREU, Márcia. Op. Cit., 1999. p. 23.

produção da cultura popular como a Literatura de Cordel não estaria assim, necessariamente, imposta em classes econômicas ou instituições.

Para o cordelista Otávio Menezes, assim como para Ecléa Bosi, essa cultura, a dita popular, é sempre recriada, reestruturada por novos mecanismos, nesse caso da sociedade urbana. As próprias manifestações de cultura popular, como a Literatura de cordel em Fortaleza, se organizam em instituições, Centros, como o Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste - Cecordel, em Associações como a Associação dos Cordelistas de Maracanaú, e editoras comerciais como a “Tupynanquim” e estas estruturas não retiram a prática do lócus do popular.

Sobre os autores, poetas de cordel, tanto Guiapuan como Klévisson concordam com Otávio sobre o caráter popular do cordelista, o que é valorizado

é a rima, a métrica, a temática, o poeta pode estudar e chegar a universidade, o que complica é nunca ter contato e cair de pára-quedas no popular depois da universidade¹

Guiapuan assim como muitos outros cordelistas do Cecordel, possui formação superior, mas todos possuem o que chamam de uma “raiz no povo”, são filhos e netos de poetas, nascidos no interior ou em sua família a formação de leitura teve a presença do cordel, da poesia popular em suas variadas formas. O presidente do Cecordel questiona a ligação com o popular na mesma perspectiva de Klévisson e questiona que existem poetas pela moda, para ele o verdadeiro cordelista canta e vai vender seu folheto, para ele a linguagem é essencial.

Poetas de nascimento e formação só erudita é que não pode, cordel é linguagem coloquial, própria do povo, tem que ter redundância, se for corrigir passa a ser erudito(...) muitos estudiosos trabalham em cima do cordel, mas um catedrático não

¹ Klévisson Viana, cordelista, editor proprietário da Tupynanquim, em entrevista a autora em 23.02.2006. Fortaleza, Ce

vai escrever um cordel, um deles me pediu o segredo, então melhor *num* escrever¹

Outra estrutura de impasse é a do próprio cordel como poesia popular. Encontramos duas possibilidades entre teóricos e os próprios cordelistas. Uma o Folheto de Cordel como um tipo de poesia popular, mas que nem toda poesia popular seria cordel. O folheto e sua métrica determinada determinaria a possibilidade de uma poesia popular “virar” cordel. Assim, se articulam como poesia popular sem ser necessariamente cordel. O Repente, por exemplo, que é cantado e tem sua prática ligada a poetas, que criam e cantam, simultaneamente, muito difundido em feiras e praias para turistas, e explorados na mídia como o inusitado, o cordelista seria aquele que compõe para imprimir sua poesia em folhetos. Alguns autores, como vimos no primeiro capítulo, questionam a utilização do nome cordel, defendendo estruturas como “Folheto popular”, “Literatura de Folhetos” como um nome genuíno da Cultura Popular do Nordeste e não uma nomenclatura externa.

O diálogo de opiniões sobre o cordel não cessa nestes direcionamentos, as opiniões continuam permeando as concepções do cordel tanto em forma de idéias como nas práticas, ou seja, suas produções.

A produção do Cecordel é toda estruturada em folhetos 11cmX16cm e o próprio Guaipuan assim coloca que cordel deve ter esse formato. Para o cordelista as mudanças no local de difusão do campo para a cidade ou a formação acadêmica dos poetas não influenciam se é ou não cordel, para o presidente do Cecordel

O que mata é mudar a forma 11 por 16, colocar desenho no conteúdo, não pode ser ilustrado, cordel não é livro ilustrado, o folheto tem que ser desse jeito, papel jornal, com cara de livreto. Tem poeta contrario as minhas idéias, aceita que pode ser adaptado ao período, mas tem que ter cuidado a adaptar pois se destruimos a nossa história... adaptar não é mudar²

¹ Guaipuan Vieira, cordelista, presidente fundador do Cecordel, em entrevista a autora em 06.08.2006. Fortaleza,Ce

Quando Guaipuan se refere ao livro ilustrado, podemos relacionar com as publicações da Tupynanquim, entre outras. A primeira obra de Klévisson Viana de destaque é justamente um livro ilustrado com poesias na mesma forma das poesias publicadas no que denominamos de folheto de cordel. O livro de Klévisson “Lampião ... era o cavalo do tempo atrás da besta da vida” reeditado pela editora Hedra.

Para o cordelista editor da Tupynanquim, o folheto é apenas o suporte “não quer dizer que não seja cordel”¹. Ele cita inclusive seu cordel que foi adaptado para a Tv no programa *Brava Gente*, da emissora Rede Globo: “O romance da quenga que matou o delegado” e para ele não deixou de ser cordel

Tem poesia ruim que faz o suporte de cordel, o folheto, e acha que ta bom, já publiquei muita coisa assim, e faço de encomenda porque é um dinheiro que entra pra financiar outras coisas mais coerentes. Achar que desenho muda, não conhece o que é (se referindo ao cordel); o poeta popular faz nesse suporte porque é barato, se o poeta pudesse fazer mais caro com certeza faria.²

Para o pesquisador Gilmar de Carvalho, definir a legitimidade do que é ou deve ser cordel também é uma atividade complexa, que cordel não deve ser confundido com folheto,

Cordel seria uma forma mágica e encantada de ver o mundo , com olhar mítico de quem vê o mundo pela primeira vez. Folheto é um dos suportes O cordel pode estar numa canção (Ednardo, cordel do fogo encantado, Daúde), num vídeo ou num filme (Baile Perfumado), num balet (Parabelo, do grupo corpo), na xilo (de Juazeiro e daqui), em vários suportes, mídias e formas de

² Guaipuan Vieira, cordelista, presidente fundador do Cecordel, em entrevista à autora em 06.08.2006. Fortaleza, Ce

¹ Klévisson Viana, cordelista, editor proprietário da Tupynanquim, em entrevista a autora em 23.02.2006. Fortaleza, Ce

² Klévisson Viana, cordelista editor proprietário da Tupynanquim, em entrevista a autora em 23.02.2006. Fortaleza, Ce

expressão(em vários códigos). Se o rap é um novo repente, o cordel se atualiza e não pode ficar confinado no formato clássico.¹

Cobrar teorizações dos autores de folhetos também pode ser difícil, para Gilmar de Carvalho, as idéias dos cordelistas não são anti-éticas mas possuem interesses em relação à edição e venda dos folhetos. Contudo, quando os poetas tomam para si a responsabilidade do discurso de preservação da cultura do cordel, podem influenciar quem os absorver tomando como “verdadeiro e genuíno” um tipo de publicação em detrimento de outros.

Uma dinâmica comum entre o pesquisador Gilmar de Carvalho e os próprios poetas é em relação à internet. Nas páginas da rede www² as poesias ainda são consideradas poesia de cordel tanto por Guaipuan quanto por Klévisson como ainda veremos de maneira mais específica. Antes continuaremos com os discursos pertinentes aos cordéis de circunstâncias de ambas as produtoras.

4.2.3. Circunstâncias para compreender o presente.

Ambas as produtoras possuem o que se estrutura como um perfil editorial, mas sem restrições de publicações. As formas comerciais de publicação são diferenciadas como vimos, mas publicam todas as possibilidades de temáticas.

Entretanto, percebemos que o Cecordel publica mais títulos que chamamos de circunstância que a editora Tupynanquim. Esse fato possui motivações

¹ CARVALHO, Gilmar de. **Com as cordas do Coração: xilogravura e cordel**”. Caderno de referência exposição no Memorial da Cultura Cearense, Centro Dragão do Mar de arte e cultura: Fortaleza, 2002, p.06.

² Sistema chamado www (World Wide Web) é a rede digital internacional da Internet onde estão locados os websites, blogs, e estruturas afins.

comerciais que, de certa forma, não são colocadas como fator determinante. Quando o discurso sobre quais as publicações que possuem importância para a cultura do cordel a idéia proferida está atrelada às questões culturais, mas com a continuação dos depoimentos estruturados com gravadores e outras formalidades, em diálogos menos formais, conversas, o mercado propriamente dito é citado como um dos fatores das publicações serem ou não de circunstância de acordo com nossa classificação.

Vale refletir sobre como os produtores populares apropriaram-se de uma atividade editorial, e começaram a publicar folhetos de olho no mercado que iria fazer com que eles circulassem, cumprissem o papel encantatório, de ficção, e de notícia.¹

Percebemos essa situação de um discurso construído na fala de Rouxinol do Rinaré. Quando o poeta se apresenta em palestras, oficinas, entrevistas formais, sempre propaga que “o cordel só não morreu porque parou de abordar somente temática jornalística”,² mas quando a entrevista sai das estruturas formais, surgem conversas, impressões, sentimentos. E nos olhares de incompreensão, mas daquele que mesmo assim persiste, o “Rouxinol canta” sobre o mercado que



na época de Leandro (refere-se a Leandro Gomes de Barros) faziam mil folhetos e vendiam em um, dois meses...hoje a gente faz um milheiro passa um ano, um ano e meio para escoar tudo(...)só mesmo quando é estes temas de noticia, fato de repercussão que a gente vende mais rápido, ai escoo rapidinho a tiragem de um folheto desse...³

¹ CARVALHO, Gilmar de. Op. Cit., 2002, p.06

² Rouxinol do Rinaré, cordelista, I Congresso Brasileiro de poetas cordelistas, editores e folheteiros. 16.nov.2008. Centro de Convenções Fortaleza- CE.

³ O Romance do Pavão Misterioso é uma das temáticas mais conhecidas de poesia popular. De acordo com Alexia Brasil (BRASIL, Alexia. **Cordel Digital**. Fortaleza: Edições Leo, 2005,p.47)”um romance com direito a donzela prisioneira e herói salvador, não está entre os romances de origem européia, mas apresenta traços de parentesco com este grupo”. Alguns estudos trazem sua autoria como desconhecida, outras afirmam que a autoria é de João Melquíades, e uma versão mais aceita, que confere a autoria a José Camelo de Melo, todos datados na primeira metade do século XX.

Fig. 56

E pega um folheto de 11x16cm na mesinha. O que nos faz observar que muitas vezes, as práticas de mercado não validam as afirmações sobre o folheto de circunstância. Mesma relação acontece com Arievaldo Viana quando cita as tiragens de Pavão Misterioso que era necessário 50 mil folhetos desta temática a cada seis meses para abastecer as vendas de Leandro Gomes de Barros e “hoje passa um ano para escoar mil, a não ser que surja modismos, temas mais sérios não”,¹ o que ele dita como “mais sérios” são os chamados romances.

O cordel de circunstância é difundido e incentivado editorialmente, no Centro Cultural dos Cordelistas do Estado, o CECORDEL, pois para a associação, esta temática exerce um fascínio inclusive na cidade. Mesmo com os veículos de comunicação, a poesia dita “noticiosa” publicada pelo Cecordel é muito procurada, e podemos analisar exemplos desta procura pela fala de Rouxinol e Arievaldo, já citada e pelo arquivo de vendas do próprio Guaipuan, dos dez cordéis mais vendidos por Guaipuan Vieira, cinco deles são referentes a acontecimentos ligados à política, fatos marcantes, crimes, tragédias, temáticas que também são recorrentes na mídia e compõem essa classificação de circunstância.

E é este posicionamento editorial uma das principais divergências das produtoras. A Tupynanquim, representada por Klévisson Viana que tem no cordel de circunstância apenas um cordel “vendável, sazonal e efêmero”,² a editora concentra atividades e investimentos em cordéis de romance e nos clássicos do século XIX. Para Klévisson,

¹ Arievaldo Viana, cordelista, I Congresso Brasileiro de poetas cordelistas, editores e folheteiros. 16.nov.2008. Centro de Convenções Fortaleza- CE.

² Klévisson Viana, cordelista editor proprietário da Tupynanquim, em entrevista a autora em 23.02.2006. Fortaleza, Ce

O papel da editora é importantíssimo, pois você produz em grande quantidade, tem poeta que faz meia dúzia de xérox e dá a falsa impressão que publicou, isso mais atrapalha que ajuda, o folheto não circula o suficiente (...) também se publica textos de oito páginas atrelada aos folhetos que muitas vezes não sobrevivem a uma semana principalmente hoje com a rapidez dos fatos, nenhum texto de notícia se consolidou ou se estabeleceu como os clássicos.¹

Para Guaipuan os folhetos de notícia como ele chama possuem grande destaque. O poeta nos conta que disponibilizou três de seus títulos de folhetos no site Domínio Público, em 2003. Destes títulos disponíveis um deles é de acordo com nossa tipologia de causos populares com personagem histórico: “A chegada de Lampião no céu” com 7.457 visitas e um sobre crimes “Mainha o maior pistoleiro do Nordeste” com 1.522 acessos.²

O folheto de notícia tem linguagem boa, simples, rápida, diz tudo. Você vê o seguinte, o jornal você rasga, o cordel vira coleção, o homem do campo e da cidade lê e não joga no mato, dá pra outra pessoa, ele guarda, o jornal não, ele vai pra embrulho(...) títulos assim vendem não apenas na época, alguns vendem sempre, muitos fatos de imprensa permanecem e vende mais que os clássicos.³

É notável perceber como o discurso de importância cultural se adequa ao que cada produtor possui como valor mercantil. Muitas vezes a impressão é que os cordelistas dialogam entre si, incluindo a manifestação de ir contra a prática um do outro e também de atribuir importância da sua própria produtora e sua prática, como as ações responsáveis pela a cultura e perpetuação do cordel. Os aspectos referentes aos meios materiais e as forças produtivas dão suporte à circulação de bens simbólicos. É o que Fausto Neto dimensionou como um “complexo produtivo”.⁴

¹ Klévisson Viana, cordelista editor proprietário da Tupynanquim, em entrevista a autora em 12.03.2008. Fortaleza, Ce.

² www.dominiopublico.gov.br. Acesso 17.03.2008

³ Guaipuan Vieira, cordelista, presidente fundador do Cecordel, em entrevista à autora em 06.08.2006. Fortaleza, Ce

⁴ FAUSTO NETO, Antônio. Op. Cit., 1979.p.92.

À exemplo de *Narradores de Javé*¹, os cordelistas trazem a sua figura e da sua produtora como “heróis”, chegando a contrapor os discursos um do outro. Klévisson Viana considera os clássicos como a verdadeira representação da cultura nordestina.

Um dos papéis importantes da Tupynanquim foi trazer de volta os poetas que escrevem romances, temos 3 mil poetas em atividade e não temos nem 30 produzindo romance de cordel, poucos tem engenho para essa construção, o romance é supra-sumo, o que tem de mais elevado é o romance. Podem se perpetuar, ficar pra eternidade.²

O cordelista Guaipuan deixa sua crítica explícita

O Cecordel é o maior produtor de cordéis do estado, digo produtor, pois nossos poetas estão sempre fazendo e editando novos folhetos, sempre com notícias atuais e com grande repercussão, não somos apenas reprodutores de cordéis que já foram feitos há

décadas, produzimos diariamente, de acordo com os acontecimentos. É bom que se diga que produção no Ceará continua sendo o Cecordel, porque são títulos novos, você reeditar títulos não é produção e as editoras fazem isso, a Tupynanquim, Queima buxa no Rio Grande do Norte (...)³

A Tupynanquim, como vimos, possui os direitos dos clássicos e de acordo com o dono da editora, o que se associa com sua predileção aos romances. O

¹ Filme [brasileiro](#) de [2003](#), do gênero [drama](#), dirigido por [Eliane Caffé](#). No filme os moradores de Javé são incumbidos de narrar a história da cidade para ser escrita por um morador. Contudo a história como a narrativa escrita está sendo contruída pela memória, narrada através da oralidade pelos moradores. Acontece que nessa narração um campo de disputas é instaurado. Cada morador tem sua versão e contam a origem de Javé através de interesses pessoais colocando os antepassados de suas próprias famílias como heróis da cidade.

² Klévisson Viana, cordelista editor proprietário da Tupynanquim, em entrevista a autora em 12.03.2008. Fortaleza, Ce

³ Guaipuan Vieira, cordelista, presidente fundador do Cecordel, em entrevista à autora em 06.08.2006. Fortaleza, Ce

cordelista, Klévisson Viana também chega a ser mais explícito sobre o Cecordel e o mercado

Tem o Cecordel ai há 25 anos mas eu acho que não cresceram pois são atrelados ao folheto de notícias, folheto de notícias é efêmero, dificilmente se torna poeta de destaque com o de notícia.(...) Quando acontece um fato muito difundido, que sabemos que tem grande repercussão, fazemos cordéis sobre fato, as vezes contratamos um cordelista que faça, voltado mesmo para a venda, pois vendem naquele instante onde a noticia é quente e depois não mais, os que são resistentes ao tempo e que representam a cultura nordestina são os clássicos ¹

Entre as temáticas de circunstância encontradas, 75% são publicações do Cecordel. Nos 25% de publicações da Tupynanquim estão os casos de História e Memória, com enfoque nos acontecimentos e personalidades da história não tão recente, como Canudos e Antônio Conselheiro, muito difundidas em todo o Nordeste e também fatos recentes de repercussão como a vitória de Lula nas eleições presidenciais.

Uma coleção agora, da primeira década do século XXI, da Tupynanquim é responsável por alguns destes títulos de personagens e acontecimentos históricos, não recentes, citamos três destes que tem a capa diferenciada com gravuras coloridas, mas formato 11X16 e 32 páginas com os títulos de “A história da heroína Olga” de Antônio Queiroz de França, mas foi publicado atrelado à um fato recente, de repercussão, no ano de lançamento do filme Olga em 2004 e foi reeditado em 2006:

Caros amigos leitores
Como é meu ideário
Mais uma vez eu escrevo
Com base em documentário
Início no presente
Uma história comovente
Da heroína Olga Benário²

¹ Klévisson Viana, cordelista editor proprietário da Tupynanquim, em entrevista a autora em 23.02.2006. Fortaleza, Ce.

² Folheto **A história da heroína Olga**. Antônio Queiroz de França, Fortaleza:Tupynanquim, 2006

Sobre Zumbi dos palmares, o cordelista Fernando Paixão traz nos versos o objetivo de propagar a história através do cordel:

Porém minha pesquisa
É resgate da memória
Da escravidão no Brasil,
Narrarei a trajetória
Lembrando com poesia
Essa mancha na história¹

E também o Folheto sobre a própria Literatura de Cordel, de José Antonio dos Santos, revisado por Klévisson Viana e Rouxinol do Rinaré

Por isso, caro leitor
Em versos vou relatar
A história do cordel
E nesse livro vou narrar
Onde se deu essa sua origem
Vou logo aqui lhe explicar²

Fig. 57



A cordelista Maria Luciene é a autora de destaque nos folhetos sobre temáticas de história, a primeira mulher a se associar no Cecordel. Possui temáticas como “Cordel da praça dos mártires”(2003), “A história cearense Barra do Ceará berço dos 400 anos” (2003) “Origem de Quixadá ou Terra dos monólitos”(2004) e “Origem de Fortaleza na Barra do Ceará”(2005), todos com a mesma referência de ser um folheto para “guardar a memória” e a autora faz questão de relatar a pesquisa que realizou para compor esses versos:

Peço a Deus inspiração
Por ser reto juiz
Aqui registro a memória
O acontecimento diz
Barra é patrimônio histórico
Tá nas pesquisas que fiz.³

¹ Folheto **Zumbi dos Palmares**. Fernando Paixão, Fortaleza: Tupynanquim, 2006.

² Folheto **História da Literatura de Cordel**. José dos Santos, Fortaleza: Tupynanquim, 2007.

³ Folheto **Origem de Fortaleza na Barra do Ceará**. Maria Luciene, Fortaleza: Cecordel, 2005.

O Cecordel possui publicações marcantes sobre escândalos políticos, tema pouco explorado pela Tupynanquim. Dentre as publicações do Cecordel, o casal de cordelistas Vânia Freiras e Pardal assinam “No lamaçal do Mensalão” e “Cueção de dólares aperta a vida cearense”, ambos de 2005. Demonstram a idéia, já apresentada do cordelista, que “absorve” as notícias da mídia e que, não por este motivo é passivo, as críticas estão presentes em todos os cordéis desta temática de circunstância:

Precisa-se urgentemente
De cidadãos brasileiros
Imunes às roubalheiras
Que não sejam traiçoeiros
Pra que um dia nosso Brasil
Seja grande e varonil
De nortes alvissareiros²

Quem também marca as publicações de circunstância do Cecordel é o Cordelista Otávio Menezes. Seus títulos vão de temas inusitados da imprensa a críticas políticas como “O caso da merenda e a ética do deputado”(2001), e a “pequena história do Mensalão”(2005), mas sempre de circunstância.

Encontramos, nesse mercado de oportunidades, temáticas títulos sobre o mesmo assunto na duas produtoras, “A caveira do ET encontrada em Quixadá” de Arievaldo Viana e “O juiz que assassinou o juiz em sobral” de Lucas Evangelista publicados pela Tupynanquim e “Depoimento do Juiz Percy sobre a morte do vigia” e “A caveira do ET encontrada em Quixadá” ambos de Otávio Menezes, publicados pelo Cecordel. Para Guaipuan, essa dualidade de títulos entre as duas produtoras possibilita a difusão do cordel como um todo,

² Folheto **No lamaçal do Mensalão**. Vânia Freiras e Pardal. Fortaleza: Cecordel, 2005.

A disputa de títulos é válida pois incentiva a produção, um cordel só não é fato histórico, mas vários representam um fato, e também o cordel sobrevive da concorrência¹

Apesar da fala ser otimista sobre a concorrência de produção dos cordéis é notório o incomodo em ambos os casos de apresentar e falar sobre as práticas da outra produtora, inclusive em fazer parcerias, ambos, se fecham, a Tupynanquim, pela voz de seu proprietário, Klévisson Viana, afirmando que parceria possui com outras entidades citando inclusive a Aestrofe - Associação de escritores, trovadores e folheteiros do Estado do Ceará, na qual o próprio Klévisson é presidente no momento. E o Cecordel, pela voz de seu presidente, que admite parcerias com os próprios poetas e não com outras instituições.

Outro assunto em que percebemos o “mal-estar”, falas meio rancorosas, que tentam fugir dos olhos do entrevistador; trata-se da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Fundada em 1988, a ABLC possui quadro acadêmico de 40 cadeiras sob a presidência de Gonçalo Ferreira da Silva com sede no Rio de Janeiro O poeta Klévisson Viana ocupa a de número 11 de José Pacheco e seu irmão, também cordelista, Arievaldo Viana a cadeira de número 40 de João Mequíades Ferreira.

A ABLC publica muitos títulos de cordelistas cearenses sob intermédio da Editora Tupynanquim e também divulga eventos, publicações, fatos que envolvem a Literatura de Cordel como um todo e vende folhetos através de encomendas por telefone e pelo site. Entretanto, nenhum dos cordelistas associados ao Cecordel faz parte da Academia. O presidente do Cecordel admite sua discordância sobre as escolhas da Academia, incluído o título de cadeiras possuírem nomes como Capistrano de Abreu

¹ Guaipuan Vieira, cordelista, presidente fundador do Cecordel, em entrevista à autora em 06.08.2006. Fortaleza,Ce

e Câmara Cascudo, citados pelo poeta como pesquisadores e não cordelistas, e que para Guaipuan muitos cordelistas não foram lembrados, “a academia do cordel não tem visão aos vultos históricos, a visão é comercial, ali é comércio e etiqueta”¹ cita o poeta sem querer prolongar o assunto.

Assim percebemos que os discursos das produtoras sobre os folhetos de circunstância, podem ser aparentemente apenas ideológicos, como em um primeiro momento é proferido, contudo, estão ligados diretamente com o que possuem como mercado, suas vendas.

A editora possui consciência da importância das vendas inclusive se sustenta como empresa destas vendas; assim como o Cecordel que, por buscar mercado para o sustento da instituição, coloca o valor comercial dos cordéis de circunstância e não dos clássicos, dos quais não possuem o direito de reproduzi-los, um discurso atrelado ao valor simbólico e mercantil envolvendo a literatura de cordel. É também uma consciência e atuação no mercado da informação. Motivos sensacionalistas, no sentido de grande repercussão são sempre explorados intensamente, o que acontece, o que está acontecendo acaba recebendo uma atenção diferenciada, seja no sentido de busca pelo que será mais vendido ou por outras razões.

Impasses que constituem o mesmo grupo cultural, demonstrando as renovações constantes que se passam no dia a dia dos campos específicos, como o da cultura popular, e que fazem parte de uma cultura também de consumo adaptada constantemente aos novos interesses da sociedade.

¹ Guaipuan Vieira, cordelista, presidente fundador do Cecordel, em entrevista a autora em 06.08.2006. Fortaleza, Ce

O cordel muitas vezes é apontado pelos próprios poetas como a manifestação “autêntica do povo”, “a identidade cultural do nordestino” e outras formas de tentar reafirmá-lo na memória da sociedade. Neste circuito, as temáticas de circunstância são vistas pelos seus autores como responsáveis também pela discussão da memória e da história do presente. Uma história imediata que para os poetas “de circunstância” é narrada e discutida por eles de maneira pessoal, criativa e ligada à cultura popular e que será fonte de memória, tanto por suas temáticas como por suas práticas. Entendem como entendiam os antigos gregos, que aos poetas cabe, também, o papel de repassar os acontecimentos da sociedade para a sociedade.

É a memória que articula as questões do passado e também do presente por isso possui aspecto transformador. Para Jacques Le Goff é “a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica” ¹. E a memória social histórica recebe dados da tradição, do ensino, aproximando-se da concepção de passado coletivo. Por isso, conscientemente, muitos poetas se predispõem a narrar o presente, os acontecimentos imediatos, para que a futura concepção de passado possa também ter outras versões.

Nos cordéis de circunstância os fatos narrados não são apenas acontecimentos, acúmulo de informações passadas pelos meios de comunicação de massa, Nos cordéis são discutidos também, aspectos de valores morais, culturais, opiniões voltadas a estes fatos, por isso tão importantes para os que compõem a temática.

Não posso ser a favor
De um ato tão brutal

Porém não posso negar
Que o perverso capital
Vem sendo há muito tempo
Para os pequenos, um mal

¹ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Editora da UNICAMP: Campinas, 1992.p.203

Aqui foi outro resgate
Do poeta cordelista
Que também é um repórter
Igual a um jornalista
Mas narrando diferente
Do jornal e da revista ¹

Contudo, trabalhar com História Imediata é um domínio que apresenta dificuldades, pois a operação historiográfica pode “cair em armadilhas”. A história imediata, não para de se movimentar, mas entender a cultura popular também é acostumar-se e aprender a pesquisar e interpretar com estes movimentos.

Sabemos que a história do tempo presente mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo comoções que se desenrolam diante de nós e sendo, portanto, objeto de uma renovação sem fim. Aliás a história por si mesma não pode terminar. ²

E ao articular com história do presente que de certo modo pode ser visualizada também de forma imediata, em movimento, é também ter que assumir a influência dos meios de comunicação de massa em todas as suas possibilidades.

A noção de lembrar de um acontecimento, para os poetas que compõem “circunstância” é lembrar de como viu na Tv, rádio, jornal. As produções, os folhetos, exprimem não uma vivência em si dos acontecimentos, como podemos conhecer em relatos orais de experiências, mas como concebem essa vivência da sociedade sobre o fato.

¹ Folheto **Da ficção a realidade “Nova York em chamas”** de Paulo de Tarso. Fortaleza: Cecordel, 2002. 2ª edição.

² BÉDARIDA. François. Tempo presente e presença na história. In: MORAIS, Marieta; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral** (org). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p 229.

São versões e construções dos acontecimentos tal como concebem sua participação do individual no social, uma participação que se constrói na narrativa poética de um fato contemporâneo mas, visto “pela Tv”.

(...) nessa violência estranha
Por um direito meu
Vou contar para o leitor
Como o caso aconteceu
Cumprindo a lei do dever
Lutando para viver
O vigilante morreu(...)

Os rádios na mesma hora
Jornal escrito e falado
A televisão mostrou
Como o caso foi passado
Caneta, tinta e papel
Pelo poeta narrado ¹

Os acontecimentos, que se transformam em folhetos de circunstância pelas mãos dos poetas, possuem esta perspectiva. Escrever e poetizar os fatos é uma responsabilidade que o poeta se atribui para de maneira popular “guardar” a memória dos acontecimentos passados, o que representam nos próprios versos:

Fazendo um resgate histórico
Minha pena e verdadeira
Para a geração futura,
Que acaso pesquisar queira
Deixo um documento em versos
Sobre a Praça do Ferreira²

A voz da literatura
Que o leitor conhecerá
A tradição do Nordeste
No cordel destacará
Para ficar na memória
Como nasceu Quixadá³

¹ Folheto **O juiz que assassinou o vigilante e sobral**. Lucas Evangelista. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.

² Folheto **A história da praça do Ferreira**. Fortaleza: Tupynanquim, s/d

³ Folheto **Origem de Quixadá ou terra dos monólitos**. Maria Luciene. Fortaleza: Cecordel, 2004.

Ou ainda os fatos ditos imediatos, vivenciados na contemporaneidade, mas como vimos, presenciados pelo poeta através dos meios de comunicação. O poeta não esteve no Funeral do Papa João Paulo II, mas narra o acontecimento da forma que presenciou:

É que li pelos jornais
E reti em minha memória
Notícias do funeral
Efeméride, tão notória
Foi a maior cerimônia
De despedida da história¹

Desta forma percebemos o que Alistair Thomsom, Michael Frish e Paula Hamilton consideram como “colonização da memória pelos meios de comunicação de massa”². Tem havido a preocupação com a penetração da cultura popular no processo de rememoração “com possibilidade de as pessoas passarem a relatar as experiências que viram na televisão, por exemplo, como se fossem suas, substituem suas experiências de testemunhas oculares ou participantes”³.

Toda memória é uma relação com o presente, as forças dos acontecimentos imediatos agem na rememoração. As memórias em debate são lembradas à luz da experiência do presente e as relações com depoimentos orais facilitam a rememoração dinâmica e a interação de historiadores, de discursos históricos e memória coletiva, que os historiadores orais podem desempenhar um papel ímpar e central nas questões referentes à memória e à história do presente.⁴

Cada pesquisador está ligado ao seu tempo, a sua cultura a seu criador, e ele exprimirá com certeza um feixe de condicionamentos na orientação de sua pesquisa e na interpretação que dará, mesmo que suas fontes sejam chamadas de “documentos escritos oficiais” e datem de um passado distante.

¹ Folheto **Despedida do papa**. Otávio Menezes. Fortaleza: Cecordel, 2005.

² THONSON, Alistar; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos. In: In: MORAIS, Marieta ;AMADO, Janaina. Op. Cit. 1998.p.89.

³ Idem, Op. Cit., p.90

⁴ Idem, Op. Cit., p.91

Para Jean Lacouture, assim como para outros pesquisadores, a história “condenou” o estudo do presente para que a interpretação fosse “preservada” da subjetividade. Só que ao trabalharmos com história oral percebemos que essa subjetividade que está nas fontes, não necessariamente está só nas fontes orais e que pode também estar na interpretação do historiador do “imediato” sem contudo alterar a riqueza.

Não há pureza específica na fonte escrita. À história do presente cabe o privilégio da contemporaneidade, o historiador é também testemunha. Àquele que se dimensiona à História do Presente deve compreender sua complexidade de mecanismos; primeiramente que o passado rememorado é uma representação construída no presente e também perceber a trama que se instaura quando trabalhamos do imediato no próprio tempo imediato:

Voltado para seu tempo, insuficiente ou incompletamente provido do seu recurso necessário para dar a tal fato o verdadeiro valor, o documento de história imediata deve ser lido com distância (...) o ato histórico consiste em por a história em perspectiva depois de ter retirado desta os aspectos factuais que são apenas sua trama.¹

Por isso essa trama que se apresenta entre os cordéis de circunstância pode nos ajudar à compreender e desenvolver a reflexão histórica do presente a medida que este tempo vivido é a memória dos poetas sobre o mesmo tempo: o presente. Os acontecimentos imediatos são vividos e narrados sofrendo as mesmas mutações das análises contemporâneas.

E desta forma visualizamos que ao trabalharmos com acontecimentos “imediatos” somos levados, conscientemente, às novas multiplicidades do imediato, incluindo o mundo instantâneo da Internet. Os meios digitais não se apresentam mais apenas como uma possibilidade de capturar vozes ou imagens, nem como um

¹ CHAVEAU, Agnès, TETART, Phillippe. Op. Cit. p. 27.

“buscador” de referências no desenvolvimento quantitativo, novas práticas sociais e culturais são apresentadas. Os próprios poetas sabem disto e interagem utilizando a internet no sentido tanto mercadológico de estar “ligado ao mundo” como também nas múltiplas possibilidades que a rede digital proporciona na compreensão de espaço e ações do tempo presente.

4.3. Do sítio ao site.

Feiras, bancas, “cordões”... Espaços habituais para encontrar os folhetos de Cordel. Mas nos últimos tempos as grandes transformações da modernidade marcam o debate dos novos espaços ocupados pelas manifestações culturais, incluindo a Literatura de Cordel.

Agora com certeza, as discussões sobre o que é popular e o que é erudito vão tomar um fôlego novo. É possível a coexistência de uma forma literária tradicional, que manteve substratos de sua origem até hoje com as mais modernas tecnologias da comunicação sem que esses substratos se percam? ¹

4.3.1. O Cordel no Ciberespaço.

A percepção dos espaços como lugares essenciais para as dinâmicas da cultura traz a Literatura de cordel ao locus chamado de “ciberespaço”, onde circula a chamada “cibercultura”, novos conceitos explorados por Pierre Levy ² que em sua

¹ OLIVEIRA, José Erivan. **Literatura de Cordel no novo espaço...**2001, p.77.

² Pierre Levy tem formação em História, Sociologia e Filosofia com publicações sobre a experiência técnica na concepção de sistemas inteligentes, autor de *As tecnologias da inteligência*(1990), *O que é virtual*(1995) e *Cibercultura* (1999). Professor Dr da Universidade de Paris VIII(departamento de

reflexão apresenta estas transformações como a “mutação contemporânea da civilização”¹

Assim encontramos “poesia de cordel” em sites, blogs, comunidades da Internet². As produtoras estudadas, a editora Tupynanquim e o Cecordel, os próprios poetas e instituições culturais governamentais ou não, ocupam esse ciberespaço e divulgam, de certa forma, o cordel. As poesias que foram impressas em folhetos agora são transformadas em hipertextos (o texto que ocupa o ciberespaço), digitalizados e com acesso mundial na rede “www”, assim o texto digital reintroduz em uma linguagem simbólica de várias formas.

A proposta é discutir a percepção desta nova estrutura, pontualmente na Literatura de Cordel, como manifestação da cultura popular que “chega” a novos espaços. Apresentando uma cultura popular que não está mais restrita aos seus espaços “tradicionais”, ocupando novos lugares para difusão e reflexão como nos meios de comunicação de massa.



O cordel é um viajante que traz marcas de muitos territórios. Nele podemos reconhecer lembranças de cantorias e traços de livros. Através de sua natureza híbrida podemos por em questão separações entre oralidade e escritura. Com sua experiência podemos abrir novas trilhas, pelo meio digital.³

hipermídia).

¹ LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 113.

² A Internet é uma mídia informativa recente e suas repercussões e aplicações na sociedade atual ainda não foram devidamente dimensionadas. O filósofo francês Pierre Lévy, da Universidade de Ottawa, Canadá, é um dos maiores estudiosos sobre o assunto. Estes meios ocupam a rede internacional da internet os websites estão no sistema www (World Wide Web) que une em uma rede os hipertextos (imagens, sons, e textos) assuntos relacionados que o alimentam. Os blogs são um estilo de website que todo usuário comum pode criar sem ser necessário um conhecimento aprofundado sobre programação banco de dados ou webdesigner para criação de uma página, funciona muito como uma agenda. E as comunidades virtuais são grupos de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores conectados pela internet.

³ BRASIL, Alexia. **Cordel Digital**. Op. Cit., 2005, p.18.

A partir da segunda metade do século XX, o homem intensificou seu pensamento acerca da comunicação assim como também sobre a cultura, visualizando a si próprio como o produto e criador de uma cultura comunicacional.

Contrariamente do que algumas pessoas focalizam, a comunicação não é apenas meio de comunicação social, rádio, TV..., a comunicação envolve todos os mecanismos da vida em sociedade, é um complexo infinitamente maior que os meios de comunicação de massa, representados por aparelhos tecnológicos.

De acordo com Bordenave, toda comunicação se estabelece nas pessoas, que, ao se relacionarem com seres interdependentes, compartilham experiências, idéias e sentimentos, “influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas¹. Há na comunicação elementos básicos para ocorrer trocas de experiências o que Bordenave se refere, é necessário um emissor e um receptor que trocam uma mensagem através de um meio específico.

Essa relação é de fácil visualização nos meios de comunicação de massa. É notório a uma notícia jornalística como mensagem, passada através do rádio como o meio, de um emissor, na pessoa do locutor e da própria emissora radiofônica, aos seus receptores ouvintes daquela notícia. No ciberespaço há uma interação momentânea, o receptor logo pode se transformar no emissor, há um diálogo mais constante, a mensagem é multidirecional e também com múltiplos emissores.

Ainda nas décadas de 1980 e 1990 o movimento sociocultural de dimensão mundial, voltado à comunicação, tornou-se chave para questionamentos, reflexões e mudanças: a informatização digital da Internet. As tecnologias digitais surgiram com o que foi denominado de ciberespaço, um novo campo de comunicação e de sociabilidade, mas também um novo e complexo mercado.

¹ BORDENAVE, Juan, E. Diaz. Op. Cit., p.36.

O termo ciberespaço surgiu a primeira vez, de acordo com Pierre Levy, em 1984 por Willian Gibson no romance *Neuromante* como uma nova fronteira econômica e cultural das relações humanas e logo foi incorporado pelos usuários e criadores das redes digitais.

Para Levy “o ciberespaço será o principal canal de comunicação e suporte de memória do novo século” ¹ (referindo-se ao século XXI). Um meio de acesso à informação à distância, que possibilita transferência de arquivos, imagens, vídeos, inclusive imagens em tempo real.

É um sistema em que o emissor e receptor não se diferem, formam um sistema comum, onde em rede, receptores tornam-se emissores e em alguns instantes, segundos, tornam-se os emissores anteriores em receptores. Para Pierre Levy, há 5 estágios da comunicação:

- oralidade: mitos, ritos, transmissão oral.
- escrita: memória, técnica autônoma da imagem.
- alfabeto: universalização e digitalização da escrita.
- Imprensa: reprodução técnica do alfabeto e das imagens
- Ciberespaço: ecossistema de idéias

As sociedades atuais entram no estágio do ciberespaço intensamente nas ultimas décadas. Esta entrada não se dá apenas na questão financeira ou estrutural, mas social e cultural, uma “nova” cultura, chamada cibercultura, se instala. E podemos através dos séculos de modificações culturais e comunicacionais perceber a Literatura de Cordel sob diversos nomes e formas, passar pelos estágios da comunicação definidos acima e que, atualmente, “entram” no estágio do ciberespaço. Essa comunicação está sempre mediada por um meio ou agente que tem essa função. Essa mediação também marca a cultura do cordel, um entremeio entre a voz do poeta, o folheto, o papel das editoras e associações como vimos, e

¹ -LEVY,Pierre. Op. Cit. 1999, p.92.

com a cibercultura não existe interação total, a mediação continua de outras formas. A própria memória sobre os aspectos dessa narrativa está relacionada, sempre em movimento, recriada.

A própria relação da tradição oral no contínuo processo de renovação para a forma de impresso é um tipo de mediação. De acordo com Thompson ¹ os meios de comunicação de massa transformam muitas relações culturais em interações com multiplicidade de aspectos simbólicos em contextos de produção diferenciados, que não precisam mais do mesmo ambiente espaço-temporal, assim como nas novas tecnologias da comunicação como a internet.

Por um lado, o desenvolvimento dos meios de comunicação facilita o declínio da autoridade tradicional(...) por outro, novos meios de comunicação também proporcionam os meios de separação da transmissão da tradição em ambientes comuns, compartilhados criando assim, condições para renovamento de uma tradição numa escala que excede enormemente qualquer coisa existente no passado.²

Entretanto, como já vimos, o complexo é estipular quem é “povo” ou ainda o que é “popular” de acordo com as inúmeras definições e debates existentes. Assim, como também é muito imperativo colocar a morte de uma manifestação cultural do passado em detrimento das manifestações contemporâneas. Para Pierre Levy, a metáfora do “impacto” sobre as novas comunicações é inadequada, como se as novas tecnologias fossem análogas à projéteis destruidores e a sociedade um alvo vivo e inerte, a ser exterminado por completo e sem nenhuma reação criativa em prol de uma nova tecnologia.

Ao nascer, o cinema foi desprezado, como um meio de embotamento mecânico das massas, por quase todos os intelectuais bem pensantes da época assim como pelos porta-vozes “oficiais” da cultura. Hoje, no entanto, o cinema sobrevive reconhecido como arte completa, com todas as legitimidades

¹ THOMPSON, Jonh B. Op. Cit., p.77.

² Idem, Op. Cit., p.166.

culturais possíveis.(...)Parece contudo, que o passado não é capaz de nos iluminar¹

Para muitos estudiosos, como Pierre Levy, as relações virtuais, assim como as relações entre os meios de comunicação não substituem outras anteriores, o autor afirma que “É um erro pensar as relações entre antigos e novos dispositivos de comunicação em termos de substituição”.²

Essa estrutura de substituição para Thompson é uma herança do pensamento social clássico em que as sociedades modernas vislumbravam a tradição como fonte de mistificação, uma inimiga da razão que a tradição iria e até deveria ir se perdendo.

A cibercultura é formada por diferenças, novas implicações, mas não substitutivas, o ciberespaço descentraliza idéias antes concentradas em alguns, mas não extingue estes centros.

E essas transformações entre a tradição e a modernidade não se iniciaram com o advento da internet. Com o início dos meios de comunicação de massa, a mídia que se formou iniciou o papel crucial nas dinâmicas das culturas associadas a esses meios. De acordo com Thompson, a análise deveria se direcionar para entender as tradições como remodeladas e até fortalecidas e revigoradas

Se quisermos entender o impacto cultural dos meios de comunicação no mundo moderno, devemos por de lado a visão de que a exposição à mídia conduzirá o indivíduo invariavelmente ao abandono das maneiras tradicionais³

A mídia não possui o papel alienador que às vezes lhe é imposto como única possibilidade, o indivíduo possui recriação sobre o que dela absorve como já

¹ LEVY, Pierre. Op. Cit., p.11-12.(grifo nosso)

² Idem, Op. cit., p.129.

³ THOMPSON, John B. Op. Cit., p.172.

vimos no capítulo anterior.

O que a rede digital faz atualmente pode ser caracterizada como a mesma transformação que a memória produzida pela oralidade sofreu a partir do impresso. As sociedades antigas possuíam sua própria fala e memória para fixar fatos, tradições, conhecimentos. Estas comunidades possuíam o que James Fentress e Chris Wickham¹ chamam de chaves mnemônicas, métricas pré-elaboradas para que o autor comece a cantar, criando a percepção do discurso pelo som. Os conceitos seriam criados a partir deste tipo de articulação, que passa por transformações com a possibilidade da escrita e do papel como suporte de memória. A internet apresenta outro suporte de fixação na reprodução de conteúdos simbólicos do cotidiano, uma conexão entre o visual e o narrativo.

Essas transformações também não se apresentaram como substitutivas nem uma oposição civilizatória.

O contexto atual revela-nos que vivemos uma multiplicidade de eventos de comunicação artística pela voz, que denotam a confluência dos dois modelos de transmissão da herança cultural, a oralidade e a escrita.²

Nesta nova dinâmica de conhecimento refletida pela história imediata, do presente, a cibercultura possui todo um movimento social, interligando em redes empresas, governos, associações, institutos, pessoas comuns.³

¹ FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social: novas perspectivas do passado**. Teorema: Lisboa, s/data.

² RAMALHO, Elba Braga. **Cantoria Nordestina: proposta de novo enredo para o metro cantado**. Defesa para Professor titular Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2001. p. 42.

³ Sem a intenção, neste texto, de refletir sobre quem possui ou não acesso à redes como sistema de inclusão ou exclusão social, como é temática de muitos estudos, tratamos sobre a cibercultura já existente para muitos e difundida mesmo para aqueles que não possuem acesso às tecnologias, por exemplo em bancos, matrícula em escolas, inscrições, formulários, todos um sistema de atendimento colocado á sociedade. "A Internet é um instrumento de desenvolvimento social. Devemos lembrar

O ciberespaço pode ser caracterizado muito mais que a própria Internet, apesar de ser vislumbrado pelo sistema “www”, pois este sistema é o espaço de encontro, de compartilhamento, de invenção e intervenção coletiva. E este espaço, o ciberespaço, vem sendo utilizado na última década e intensamente nos últimos cinco anos, como espaço de divulgação e incentivo da poesia popular chamada Cordel.

4.3.2. Cordel e *cibercultura*: A circunstância do presente.

A internet pode ser pensada em seus usos como meio de pesquisa, assim como situa Luciano R. Figueiredo, um instrumento: o que oferece aos historiadores? Como seus pesquisadores mais assíduos gostam de explicar, ela é uma estrada de redes de informação(...) através dela é possível ter acesso a centenas e milhares de bases de dados.²

Mas continuo a pergunta, o que a Internet oferece ao historiador do presente? Pensar a *cibercultura* apenas como possibilidades de pesquisa, de comunicação é uma visão muito limitada frente suas possibilidades.

Quando o historiador volta-se a refletir sobre as articulações do presente estas manifestações culturais complexas que formam uma nova perspectiva de cultura, a cibercultura, são inevitáveis. Por isso a história do presente se dedica de forma clara e dimensionada para este novo espaço, que inclusive se apresenta

que a escrita demorou pelo menos 3000 anos para atingir o atual estágio, no qual todos sabem ler e escrever. A Internet tem apenas 10 anos(...) O importante é ver o índice de pessoas plugadas, concluiu Pierre Levy em conferência no SESC Vila Mariana, no dia 29 de agosto de 2006 Acesso em 24.06.2007. In: http://www.educar.ms.gov.br/index.php?templat=vis_&site=98&id_comp=213&id_reg=9691&voltar=home&site_reg=98&id_comp_orig=213

² FIGUEIREDO, Luciano R. História e Informática: o uso do computador. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. p.434

como espaços para o cordel de circunstância incluindo as duas produtoras pesquisadas.

A presença destas culturas digitais no mundo nos dá uma visão nova sobre o mesmo mundo atual e nos obriga a alargar a compreensão para o que envolve essas manifestações. Onde novas sociabilidades e sensibilidades são possíveis,

Voltados para o presente ou para o passado, esses materiais imagéticos constituem-se em documentos de memória coletiva que servirão de material ao historiador que pretende se comprometer como o tempo presente se refere o tempo passado; como interpreta e reapresenta em seus produtos culturais.¹

É preciso manter o contato mais firme com as outras áreas da comunicação a fim de contextualizá-las e compreender suas finalidades, as dinâmicas do ontem e do hoje. Novos desafios, novos campos e novas apresentações para o historiador dos imediatos.

Assim como uma manifestação em movimento, o cordel encontra novas dinâmicas que são apresentadas aos meios que divulgam e consomem essas poesias, sem que se perca a noção de tradição desta manifestação cultural.

Neste panorama do ciberespaço os estudos já não são tão inovadores, as pesquisas crescem a cada dia, a internet e as comunidades relacionadas como ferramentas para o cordel usadas por cordelistas, admiradores e instituições são referência para Maria Alice Amorim: “No visgo do improviso ou a peleja virtual entre cibercultura e tradição”² Alexia Brasil: “Cordel: memória e comunicação em

¹ ROSSINI, Miriam de Souza. Imagens audiovisuais: sociabilidades e sensibilidades contemporâneas. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy(org). **Sensibilidades e sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Editora UCG, 2008.p.67.

² AMORIM, Maria Alice **No visgo do improviso ou a peleja virtual entre cibercultura e tradição**. 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>. Acesso em: 12 de maio de 2008

rede"¹, Carlos Alberto de Assis Cavalcanti: "A atualidade da literatura de cordel"² e Madson Diniz: "Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces Hipertextuais da cultura popular"³.

No maior site de busca da atualidade⁴ o Google, encontramos em junho de 2008 cerca de 1.020.000 páginas em português sobre Cordel, incluindo assuntos paralelos à xilogravura, editoras, grupos de estudo, instituições, e também poetas de cordel.

Nas comunidades do site de relacionamento mais visitado da atualidade filiado a uma rede internacional, o Orkut⁵ encontramos grupos, por exemplo, denominados: "Cordel" com **18.824 membros**, "Literatura de Cordel" com 10.982 membros criada em 2005 em Pernambuco, "Oficina de Cordel" com 1.320 membros, criada em 2006 em Fortaleza, "Trova e Cordel" com 1.139 membros sem referencia de local, "Eu curto Literatura de cordel", com 599 membros criada em Fortaleza em 2006, "Acorda cordel na sala de aula" com 554 membros criada em

¹ BRASIL, Alexia. **Cordel: memória e comunicação em rede**. 2006. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/> Acesso em: 12 de maio de 2008.

² CAVALCANTI, Carlos de Assis. **A atualidade da literatura de cordel**. 2007. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa> Acesso em: 12 de maio de 2008.

³ DINIZ, Madson. **Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces Hipertextuais da cultura popular**. 2006. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/revista/>. Acesso em 8 de julho de 2008.

⁴ O Google: é o nome da empresa que criou e mantém o maior [site de busca](#) da [internet](#)

⁵ O site de relacionamentos **Orkut** é uma [rede social](#) filiada ao [Google](#), criada em [19 de Janeiro](#) de [2004](#) com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, [Orkut Büyükkökten](#), engenheiro [turco](#) do [Google](#). As pessoas podem entrar nas comunidades (as comunidades não possuem limite de participantes, mas você pode adicionar no máximo 1000 comunidades), que podem funcionar como [fóruns](#) de interesses comuns. O Orkut conta com um grande sistema de busca de [comunidades](#) e amigos. O banco de dados do Orkut conta com milhares de comunidades e perfis, por isso na hora de buscar deve-se ter todo um critério de busca para ser o mais preciso possível para não precisar achar uma certa pessoa página por página. O sistema possui atualmente mais de cinquenta milhões (50.455.326 em 12/04/2007) de usuários cadastrados. O [Brasil](#) é o país com o maior número de membros, superando inclusive os [EUA](#). Cerca de 55,82% dos usuários do sistema, aproximadamente 28 milhões de usuários, declaram ser [brasileiros](#). Na verdade esse número não apresenta muita exatidão, já que muitos membros criam mais de um perfil por usuário, ou declaram residir em outros países. Acesso em 09 de abril de 2007.

Caucaia- Ce, em 2007, “Admiradores de cordel”, com 324 membros, criada em 2006, sem referência de local.

Muitas editoras e associações também possuem comunidades, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel possui uma com 159 membros tendo como um dos organizadores Arievaldo Viana.

A Academia de Cordel do Crato fundada em 1991 possui uma comunidade com 216 membros, as editoras Luzeiro de São Paulo e a Queima Bucha de Natal também possuem comunidades, com 61 e 49 membros respectivamente. Já o Cecordel possui uma comunidade, mas desativada e a Tupynanquim não possui, por isso a análise está voltada aos sites das produtoras.

O Orkut com inúmeras comunidades sobre diversos teores tem objetivo de agregar pessoas, produtos, assuntos e vai além de temáticas de entretenimento.

Tem espaço para a leitura e para a Literatura, através das comunidades relacionadas, no que a Literatura de Cordel também achou lugar nesse meio virtual, de modo que com as várias comunidades relacionadas ao tema, as pessoas têm oportunidade de lerem, comprarem e até se aventurarem a produzir suas próprias poesias, no estilo do Cordel, já que um bom número de cordelistas conhecidos também está ligado nessas comunidades, dando suas contribuições, teorizando o Cordel e divulgando seus textos para quem desejar conhecê-los ¹

Além da Comunidade no Orkut, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel possui seu site: <http://www.ablc.com.br/>, com designer que lembra o estilo xilogravura mas é uma página da Internet, colocando o Cordel pertencendo não apenas ao espaço da feira, mas ao ciberespaço caracterizado neste texto, envolvendo diversas discussões, troca de informações, eventos, encontros de

¹ Rubervânio da Cruz Lima. “Novos Tempos: Lampião e o Cordel na Internet”. Artigo Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana – BA, Disponível em: www.ablc.com.br. Acesso 17 de abril de 2008.

poetas e pesquisadores, troca, venda e informações de folhetos, e como forma de difusão da própria poesia:

Fig 58 - Layout da página inicial ABLC



Em Fortaleza as principais instituições produtoras, O Cecordel – Centro de Cordelistas do Nordeste, que em 2007 completa 20 anos de existência e a Editora Tupynanquim fundada em 1997 possuem seus contatos, poesias e divulgação de eventos via Internet.

O site do Cecordel foi recentemente redesenhado e agora inclui acompanhamento de uma poesia popular com versos do poeta de Guaipuan Vieira e musicado por Antônio Jocélio. A cantoria trazida ao ciberespaço como forma, diferente, de divulgar e perpetuar a tradição.

Neste ponto o poeta Guaipuan admite que o suporte da internet não descaracteriza o cordel e expressa as possibilidades mercadológicas que um site possui.

Pra comercialização do cordel é importante estar no site, é o impacto das novas mídias, mas é aquela adaptação sem perder a forma da poesia, site com cantoria, não tira a característica do cordel, é um elo de comunicação e divulgação(...) se o poeta disser que não precisa de divulgação ele não está “girando” bem ¹

A editora Tupynanquim possui no sistema de blog(uma página que tem acesso de manutenção de informação mais fácil, feita pelo próprio dono da página da instituição e de alguns poetas para exercer sua modernização e também divulgar notícias e novos folhetos lançados. A percepção do ciberespaço como elemento fundamental de divulgação e interação com o público também faz parte da idéia o editor proprietário Klévisson Viana:

Não vejo essa modernidade como deslumbramento não, vejo como evolução natural das coisas, Silvio Romero disse que não ia sobreviver, Câmara Cascudo também não, nos anos 70 o poeta Alberto Porfilio que num chegava aos anos 2000 e chegou mais forte que nunca... a internet é mais um veículo, mais uma fatia, temos que aproveitar dessas novas mídias para divulgar a Literatura de Cordel, vejo como suporte, tenho muitas vendas, muito mais proveito que prejuízo. Internet ta se tornando popular o google tem paginas e paginas de poetas²

Para Maria Alice Amorim, com o advento da internet, abriu-se uma temporada de pelejas virtuais, um marco no ano de 1997 onde é inaugurada, de acordo com a autora, uma maneira nova de oferecer à leitores e ouvintes as pelejas impressas em folheto de cordel. A possível primeira “peleja virtual” ³ foi realizada pelos poetas Américo Gomes, cearense, e José Honório Silva(PB) e daí “abre-se a temporada das pelejas virtuais não mais inventadas, mas realmente tramadas em cada ponta de dois fios de uma rede: a internet.

¹ Guaipuan Vieira, cordelista, presidente fundador do Cecordel, em entrevista à autora em 25.02.2008. Fortaleza,Ce

² Klévisson Viana em Entrevista à autora Editora Tupynanquim, em 12.03.2008. Fortaleza, Ce.

³ AMORIM, Maria Alice. Op. Cit.

Assim se deu início a uma série de incursões de poetas pelo mundo da *web*, pelo correio eletrônico, pela conversa instantânea nos *chats*, pelos *blogs*, etc. O poeta Rouxinol do Rinaré, que publica a maior parte de seus folhetos utiliza a internet de maneira ampla, desde o envio de poesias para amigos

Feliz é o homem a quem
Deus concedeu o destino
De ter na vida esta musa
Chamada Aline Virino!¹

Até a própria peleja virtual entre poetas como a peleja de Rouxinol com Klévisson Viana por e-mail foi depois publicada em um folheto; o que pode ser visto como uma inversão na ordem dos suportes, já que normalmente os folhetos impresso são colocados na rede para divulgação.

A gente começou por e-mail e depois foi virando uma brincadeira e ai percebemos como representa as novas mídias de hoje, o poeta se reinventa sem perder a tradição da poesia e do próprio cordel que foi publicado aqui pela Tupynanquim.²



Fig. 59

R - Um amigo cartunista
E poeta popular -
Antonio Klévisson Viana) -
Ousou me desafiar...
Navego na Internet
Pra lhe bater de bofete
E ensiná-lo a pelejar!...

K - Você quer se pabular,
Pois pensa que é sabido...
Rouxinol do Rinaré

R - É pequeno e atrevido,
Teima do começo ao fim:

¹ Rouxinol do Rinaré <http://www.orkut.com.br/Scrapbook.aspx> Acesso em 12.12.2008.

² Rouxinol do Rinaré - em Entrevista á autora em 04.01.2008.

É igual mulher ruim,
Que não respeita o marido
(...) Fica difícil julgar

Quem causou mais sensações
Pois, na arte do Cordel,
Todos dois são campeões...
A análise dos cantores
Ficará para os leitores
Tirem suas conclusões!¹

Segundo Guaipuan Vieira, presidente fundador do Cecordel o site foi mudado “para acompanhar as novidades, já que o site é um meio de intensa divulgação, inclusive no exterior”² E para Klévisson Viana³, editor proprietário da Tupynanquim, o investimento no sistema de blog foi justamente pela facilidade de manutenção das notícias, que são semanais, e a interatividade com o internauta que também escreve comentários, envia dúvidas pela página.

Fig. 60
Layout inicial da página do Cecordel



¹ Rouxinol do Rinaré e Klévisson Viana In: <http://fotolog.terra.com.br/rinare:5> . Acesso 23.02.2008

² Guaipuan Vieira é cordelista, presidente do Cecordel desde sua fundação. Entrevista à autora em 25.02.2008.

³ Klévisson Viana é cordelista, cartunista e editor proprietário da Tupynanquim. Entrevista á autora em 23.04.2006 no mesmo mês da implantação dos blog's,

Fig 61
Layout Página Inicial do Blog da Tupynanquim



Podemos visualizar, desta forma, o vínculo deste ciberespaço utilizado pelos poetas populares para ampliação de seu mercado que determina as relações de sobrevivência no século XXI, mesmo de sobrevivência não só financeira da instituição, mas à própria manifestação cultural de tradições, que de certa forma, também busca visibilidade e mercado para sua manutenção.

Neste sentido, entre tradições e o mercado, as temáticas dos folhetos de cordel (também encontrados, como vimos, online) perpassam os chamados romances clássicos como também os noticiosos que se utilizam como fontes de inspiração das notícias divulgadas nos meios de comunicação de massa.

A cultura pode se articular do ponto de vista do produtor, da sociedade em que está inserida. Consciente ou inconscientemente, divulga seu trabalho na própria maneira de viver suas relações cotidianas, e propaga as características dos costumes e tradições do grupo que está inserido.

De acordo com Pierre Levy, um dos principais significados da emergência do ciberespaço é justamente o desenvolvimento de uma alternativa às mídias de massa, “o ciberespaço não são centros difusores como os meios de comunicação de massa, são espaços comuns”¹ que podem ser utilizados por vários emissores e receptores. No Cordel Noticioso, por exemplo, os cordelistas são receptores de notícias que lêem online e tornam-se emissores, quando colocam em suas páginas aquela notícia transformada em verso.

Esse hibridismo, transições, novos espaços de ocupação, como o ciberespaço, dinamizam desafios e dilemas ao historiador, principalmente com a história imediata e as transformações constantes nos meios de comunicação que desde o surgimento da escrita fomenta discussões de valores. Para Pierre Levy, com a escrita os atores da comunicação passaram a não mais interagir como no conhecimento transmitido de forma oral,

A emergência do ciberespaço, e fato terá, ou tem hoje um efeito tão radical sobre a pragmática das comunicações quanto teve, em seu tempo, a invenção da escrita(...) a verdade passa a ser a escrita, do modo dos escritos sagrados e sua autoridade²

Desta forma, como caracterizar de modo inquestionável se as poesias escritas em páginas da web por seus blogs são ou não cultura popular, e/ou devem receber o nome de poesia popular por estarem no circuito da classe social que possui acesso à internet?

Seria um pensamento retrógrado imaginar a “morte” de uma manifestação em detrimento de outra. O que vemos é uma “recriação”, referente ao que já caracterizamos como um movimento diferenciado na cultura popular, assim como

¹ LEVY, Pierre. Op. Cit., p.239.

² Idem. op. cit., p.114.

outros autores entre Nestor Garcia Canclini, Sebastião Breguez e Martine Kunz, e não sua “morte”; e que “os meios de comunicação eletrônica, que pareciam destinados a substituir a arte culta e o folclore, agora os difunde maciçamente”²

São imprescindíveis as divulgações na mídia, a distribuição eficiente, a abertura de novos espaços, fóruns de discussão e de publicação de textos de cordel, de autores tradicionais e contemporâneos, para dinamização do movimento da Poesia Popular “Universal” na Internet, por exemplo, fazendo parte das novas tecnologias que se coloca como espaço dinamizador de nossa literatura popular.

² CANCLINI, Nestor Garcia. Op. Cit., p.18.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fig. 62

Ao longo da dissertação, a cada página escrita entendemos que o exercício não é costurar um contorno impenetrável que estabelece a idéia final. Cultura popular, memória, história imediata, cordel; quem poderia contornar e fechar estes elementos? Assim o exercício primordial foi cruzar fronteiras, dialogar permanentemente, entrelaçando fontes, confrontando-as e complementando-as e na tentativa constante de não cair em generalizações, pois estes elementos trabalhados também são marcados por estereótipos.

Assim a intenção como jornalista não é encontrar o “furo” da reportagem nem como historiadora o ineditismo de uma obra, a qualificação do trabalho não é também apenas o tempo e sim os espaços, as práticas em seus domínios e discursos, a abertura de compasso à percepção e à crítica destes aspectos e o que garante esta construção é também a comparação de categorias, o olhar sobre as fontes, o desenrolar do que se passava como regra.

A memória é entendida como uma mediadora entre passado e o presente e assim possui um potencial crítico transformador. Nos cordéis de circunstância a relação do passado deixa de ser acúmulo de experiências para ser problematizado através de questões do tempo presente. As temáticas de circunstância do folheto de cordel são, em sua maioria, constituições do presente frente a acontecimentos contemporâneos notadamente àqueles que circulam através dos meios de comunicação, por isso foram escolhidas e nos guiaram entre as relações de teoria e trabalho empírico.

A operação historiográfica visa primordialmente uma busca de integridade, mas as relações de causa e efeito nem sempre são estruturadas, muitos acontecimentos não tem uma causa específica que possa ser mapeada, são os sentidos que dão luz à operação histórica, principalmente quando trabalhamos com aspectos ligados à memória e à cultura. E é a história oral como metodologia nos dá a perspectiva não apenas de dar a palavra àqueles que são os atores da história, mas também de encurtar os prazos entre os acontecimentos e seus sujeitos e as primeiras tentativas de interpretação destes.

Quando iniciamos o projeto envolvemos o cordel no âmbito da oralidade e da cultura escrita, tanto como metodologia de pesquisa e com a própria poesia, feita para ser narrada, cantada, e escrita sendo impressa nos folhetos. E perceber como os cordelistas também ocupam novos espaços, os virtuais, é ver a história em movimento. É entender a cultura popular nas suas nuances de um poeta, vindo do interior, que se sustenta da composição e venda de sua poesia. Ele chama o cordel de “multimídia”, exatamente, por ocupar o campo do oral, do escrito e das imagens impressas nas capas e ainda vislumbram a internet como maior aliado do cordel na atualidade.

Assim, os discursos sobre o folheto de cordel permeiam vários aspectos sobre esta manifestação, desde seus autores aos suportes que possuem para sua divulgação. Dentre esses suportes está a internet. Uma nova forma de mediação editorial, que possui assim como as outras, uma participação essencial na construção de significados. São agora práticas contemporâneas de edição, uma textualidade digital no mundo da escrita.

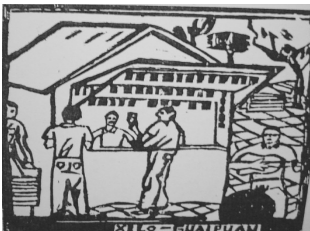


Fig. 63
Xilo de Guiapuan Vieira - Banca do Cordelista

Se é que cabe no caminho de sua pesquisa a emoção do historiador, cabe perceber a multiplicidade de coisas sensíveis ao historiador do presente além de poder ter contato com os olhos de sua fonte, ouvir suas vozes. É de perceber que em certas atitudes, das cotidianas a um congresso

estruturado, estão realmente “fazendo história” e assim poder vivenciar o aprendizado das primeiras aulas na graduação: dos sujeitos aparentemente comuns que um constroem a história. Estes poetas em suas ações e discursos “fazem” a sua própria história e a de seus pares, assim como de toda uma estrutura cultural que os envolve, já que o cordel tem aspecto referencial neste campo.

O Cordel dentro do contexto histórico também está imbricado entre a cultura e o consumo. As práticas, os discursos e os novos domínios do cordel de circunstância em Fortaleza estão ligados exatamente com estas construções. Cada produtora acaba por formatar um discurso que se enquadre no que para elas é visão certa sobre a cultura embasada em suas possibilidades mercadológicas.

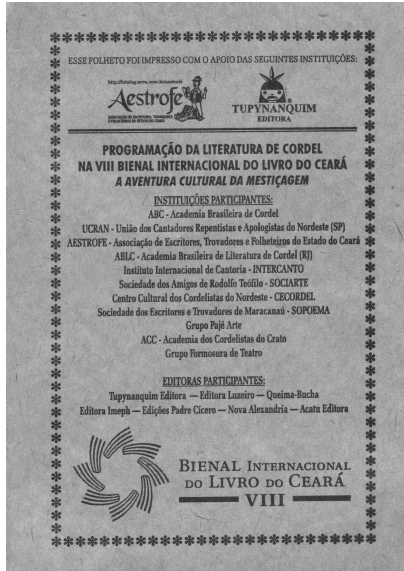
O que causa inquietação não são as possibilidades de ver o cordel como negócio, antigos poetas já vislumbravam e se empenhavam neste comércio, é o fato de que o discurso cultural se atrelar a estas práticas. Principalmente com o cordel de circunstância, discurso este, que não se sustenta mesmo nas práticas comerciais. Os cordéis noticiosos, de acontecimentos, não são a causa das poucas vendas do cordel em alguns períodos ou nas produções de algumas associações como do Cecordel. O que envolve as vendas esparsas ou em grande montantes são estruturas de mercado e de costumes da sociedade atual, uma conjuntura muito mais complexa do que os cordéis de circunstância que não se sustentam por causa dos meios de comunicação.

Também nos inquieta as divergências entre as duas principais produtoras de Fortaleza que podem interferir na construção histórica do cordel, já que em algumas fontes escritas de cada um deles não citam um ao outro. E também quando vão caracterizar o que é ou não cordel, acabam instituindo rótulo do que seja o verdadeiro cordel à prática de sua produtora. É claro que não se deve cobrar dos produtores as estruturas conceituais das suas práticas, mas quando se predispõem a compor os discursos à sociedade, como porta-vozes da cultura cabe exatamente a nós, pesquisadores, interpretar estes arranjos.

A relação dos poetas com a mídia está longe da cristalização de estereótipos de que apenas os intelectuais de elite possuem senso crítico e criativo, os poetas absorvem as circunstâncias da mídia, como se diz, pelo “bem e pelo mal”. Criam suas poesias, exprimem opiniões, divulgam os fatos de maneira própria, mas também colonizam a memória dos acontecimentos de acordo com o que viram na mídia. A cultura da mídia como mnemônica dos acontecimentos também envolve os cordéis de circunstância como espaços de simbólicos de história do presente.

Trabalhar com fontes orais também é um conhecimento surpreendente a cada dia. Muitos historiadores que trabalham com esta metodologia citam as riquezas pautadas nas emoções, nas possibilidades. Mas pudemos também absorver falas rancorosas ou silêncios estratégicos em busca de respostas construídas, que com o tempo, com a acomodação da conversa são desfeitos. Só foi possível perceber estes discursos e divergências que objetivamos depois destas primeiras conversas. O que tínhamos no início eram produções que não se juntavam em um local, e poucas fontes escritas que falassem das duas produtoras em um mesmo campo de construção do cordel em Fortaleza.

Trabalhar com História Imediata é também estar vivendo momentos que parecem cotidianos, mas que são transformadores. Já durante a conclusão dessa



dissertação, aconteceu em Fortaleza, durante a VIII Bienal Internacional do livro o I Congresso Brasileiro de Poetas Cordelistas, Editores e Folheteiros.

Fig. 64

Um evento

organizado pelas principais entidades de Fortaleza e que contou com a participação de várias editoras de todo o país. A possibilidade de vivenciar estes eventos traz muitas das impressões que às vezes são construídas ou desconstruídas durante as entrevistas mais pessoais.

Desta forma a reflexão não pode se resguardar das "últimas" circunstâncias. A programação feita em Folheto pelo curador do evento, o cordelista Klévisson Viana, que no verso traz os participantes, incluindo a própria Tupynanquim e o Cecordel, no mesmo evento. Ancorados no presente podemos ver os gestos dos vivos, a voz humana, as cores dos olhares, o caminhar das multidões, as estruturas que se mechem; e mesmo assim não concebemos a verdade, consideramos sensações, inclusive das coisas e pessoas que se movimentam apenas aparentemente.

O que me chamou atenção nos primeiros contatos com os folhetos em Fortaleza foi exatamente a presença dos cordéis das duas produtoras em locais

separados inclusive nos eventos. E assistir as mesas de discussão compostas por membros das duas produtoras foi enriquecedor. Não que o momento fosse um marco sensível para mudanças, longe disso, mesmos juntos expuseram divergências novamente, não na figura de seus fundadores, as estratégias conturbações foram “cantadas” entre Rouxinol e Pardal. Mas estas táticas fazem parte das articulações específicas; cultura não é composta apenas de manifestações espontâneas, faz parte do processo e no caso que trabalhamos, um processo produtivo e discursivo sobre o que é o cordel, do folheto como cultura, e de como os “de circunstância” compõem esse circuito.

Ao trabalhar com história imediata também precisamos conhecer sua forças e fraquezas, o historiador do presente não conhece o epílogo. Mas consideramos que mesmo aquele que trabalha com passado distante não fecha seu trabalho, seu epílogo também é mutável, surgem novas fontes, novas interpretações, novas possibilidades que podem “mudar o passado”, e poucos podem medir totalmente o impacto produzido. O trabalho do historiador do presente faz parte da trama, as nuances e surpresas fazem parte do processo e assim deve instigar a constante busca. Iluminamos acontecimentos presentes como coletores de fatos e parte da produção dos efeitos.

Desta forma também nos resguardamos de um juízo de valor sobre estes poetas. Trabalhar com fontes orais, com o presente, o imediato, também é fechar a pesquisa em certo tempo, como saber o movimento destes poetas amanhã?, O perfil editorial que ainda pode se firmar por outros aspectos? E em determinados momentos até “proteger” estas fontes da interpretação do pesquisador para que não seja determinante na continuidade suas práticas,. Não estamos em processo de “catequização” do que seria o certo e existe o desejo de continuar as pesquisas em outros aspectos, deixar as fontes receosas do que falar já foi um trabalho inicial vencido com custos.

Nem toda história cabe nos folhetos, os acontecimentos são selecionados, escolhidos para virarem poesias, assim como este trabalho não alcançaria tratar de toda a história do cordel, como nenhum conseguiria. A história também acaba sendo seleção dos aspectos analisados, do período; inclusive chamados de “corte temático”. Entretanto, uma parte da história fica nos folhetos, no jeito de escrever dos poetas, seu processo de criação, suas estruturas sociais e seus perfis editoriais, nas circunstâncias poetizadas e vividas; assim como concluímos, na intenção de fazer parte das pesquisas sobre o processo histórico dos folhetos em Fortaleza, mesmo que de forma circunstancial, pois a história continua em movimento.



Fontes:



- **Folhetos**

- BATISTA, Abraão. **Debates de Guerra entre Buxe e Sadan Russem**. Fortaleza, 1991.
- _____. **História de José Bezerra de Menezes**. Fortaleza, 1995.
- _____. **O cortejo fúnebre de Luiz Gonzaga**. Fortaleza, 1991.
- BATISTA, Otacílio. **O caçador de marajás**. Cecordel: Fortaleza, 1990.
- CARVALHO, Elias. **Do cruzado às eleições 1985- 1990**. Cecordel: Fortaleza, 1993.
- DINIZ, Antonio. **O desastre com o avião da Tam**. Fortaleza: Tupynanquim, 2007.
- EVANGELISTA, Lucas. **O juiz que assassinou o vigilante e sobral**. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.
- FRANÇA, Antonio Queiroz de. **A história da heroína Olga Benário**. Fortaleza: Tupynanquim, 2006.
- _____. **Antonio conselheiro e canudos**. Fortaleza: Tupynanquim, 2002.
- FREITAS, Vânia. **15 anos do Cecordel valorizando a cultura popular**. Fortaleza: Cecordel, 2002.
- _____. **A deputada que dançou porquê dançou**. Fortaleza: Cecordel, 2006.
- _____. **A vitória de Ana Maria Braga contra o câncer**. Fortaleza: Cecordel, 2002.
- _____. **A volta de Maria bonita: Festival de trovadores e repentistas de Quixeramobim**. Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **Bombas terroristas fazem vítimas em Madrid**. Fortaleza: Cecordel, 2004.
- _____. **Cuecão de dólares aperta a vida cearense**. Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **Do pau de arara à presidência da república**. Fortaleza: Cecordel, 2002.
- _____. **Juiz perde o juízo e mata vigia indefeso**. Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **O centenário do casarão**. Fortaleza: Cecordel, 2002.
- _____. **O lamaçal do mensalão**. Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **O mundo abalou pela tragédia do terror**. Fortaleza: Cecordel, 2002.
- _____. **Sociedade brasileira contaminada**. Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **Traços da vida de João Paulo II**. Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **Preserve a água para não faltar**. Fortaleza: Cecordel, 2003.
- JOTABÊ. **A chacina em Porto Alegre**. Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **A morte de Aírton Sena**. Fortaleza: Cecordel, 1994.
- _____. **A tragédia em Nova York**. Fortaleza: Cecordel, 2001.
- _____. **A vergonha da nação**. Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **Cuidado com o carro preto**. Fortaleza: Cecordel, 2005.

- _____. **Eleições e as promessas.** Fortaleza: Cecordel, 2002.
- _____. **Lula a esperança do Brasil.** Fortaleza: Cecordel, 2002.
- _____. **Lula mais uma vez no poder.** Fortaleza: Cecordel, 2007.
- _____. **O Fim do bandido mel.** Fortaleza: Cecordel, 2007.
- _____. **O maníaco do parque.** Fortaleza: Cecordel, 1998.
- _____. **O roubo ao banco central.** Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **Os problemas sociais.** Fortaleza: Cecordel, 2004.
- _____. **Collor fora.** Fortaleza: Cecordel, 1992.
- _____. **Violência na cidade.** Fortaleza: Cecordel, 2000.
- _____. **Patativa bateu asas e voou.** Fortaleza: Cecordel, 2002.
- LUCIENE, Maria. **Cordel da Praça dos mártires.** Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **Cordel de pesquisa Norte e Nordeste.** Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **Origem de Quixadá ou terra dos monólitos.** Fortaleza: Cecordel, 2004.
- _____. **Festival de trovadores.** Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **História cearense Barra do Ceará.** Fortaleza: Cecordel, 2001.
- _____. **Quando e quem inventou rádio.** Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **Linguajar Cearense na história em Cordel.** Fortaleza: Cecordel, 2004.
- _____. **Origem de Fortaleza.** Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **Jubileu 400 anos do Fortim de Santiago da Barra do Ceará.** Fortaleza: Cecordel, 2004.
- MAGALHÃES, Francisco Sergio. **O Homem que foi pra Canindé de Joelhos.** Fortaleza: Tupynanquim, 2007.
- MENEZES, Otávio. **A caveira do ET encontrada em Quixadá.** Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **A história do soldado detido porque pediu esmola fardado.** Fortaleza: Cecordel, 1986.
- _____. **A mulher que escondeu o celular na vagina.** Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **Caso da merenda do deputado.** Fortaleza: Cecordel, 2001.
- _____. **Chifre do Ronaldinho.** Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **Depoimento Percy sobre a morte do vigia.** Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **Deputado bundão.** Fortaleza: Cecordel, 2004.
- _____. **Despedida do papa.** Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **Lembrando a imortal Raquel.** Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **O caso do carro preto.** Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **O homem que se suicidou por causa da inflação.** Fortaleza: Cecordel, 1989.
- _____. **O maior corno do mundo.** Fortaleza: Cecordel, 2003.

- _____. **O padre que virou mulher.** Fortaleza: Cecordel, 1988.
- _____. **O trágico acidente do ônibus da Itapemirim.** Fortaleza: Cecordel, 2004.
- _____. **Pequena história do mensalão.** Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **A morte de Raul Seixas.** Fortaleza: Cecordel, 1989.
- _____. **O encontro de Raul e Luiz Gonzaga no céu.** Fortaleza: Cecordel, 1995.

NETO, Agostinho. **Brasil na Copa.** Cecordel: Fortaleza, 1994.

- _____. **Trovas do jogador animal.** Cecordel: Fortaleza, 1991.

OLIVEIRA, Vera. **Raquel de Queiroz: vida, obra e adeus.** Fortaleza: Tupynanquim, 2003.

- _____. **Sanfona que chora, morre rei do baião.** Fortaleza: Tupynanquim, 1990.

PAIXÃO, Fernando. **Zumbi dos Palmares.** Fortaleza: Tupynanquim, 2007.

PANELAS, Oliveira. **Bush, ditador do mundo.** Fortaleza: Tupynanquim, 2003.

PARDAL. **São Francisco contra a violência.** Fortaleza: Cecordel, 1998.

PAULINHO, Eliseu. **Rauzito, a saga do maluco beleza.** Fortaleza: Tupynanquim, 1999.

- _____. **Crime - Corrupção.** Fortaleza: Tupynanquim, 1999.

RINARÉ, Rouxinol. **A história da Praça do Ferreira.** Fortaleza: Tupynanquim, .

- _____. **Cptm e o metro.** Fortaleza: Tupynanquim, .

- _____. **Encontro de Camões com Salmão.** Fortaleza: Tupynanquim, s/d.

- _____. **Encontro de John Lenon com Raul Seixas no Céu.** Fortaleza: Tupynanquim, s/d.

- _____. **Grandes feitos de Rodolfo Teófilo.** Fortaleza: Tupynanquim, 2002.

- _____. **História do holandês que inventou a Folkmídia.** Fortaleza: Tupynanquim, 2002.

- _____. **Os sertões.** Fortaleza: Tupynanquim, 2002.

- _____. **Patativa deixa o nordeste de luto.** Fortaleza: Tupynanquim, .

- _____. **Raul Seixas e Elvis Presley: encontro de dois mitos.** Fortaleza:

Tupynanquim, s/d.

_____; VIANA, Klévisson. **Peleja de dois poetas sobre a transposição do Rio São Francisco.** Fortaleza: Tupynanquim, 2005

SALVINO, Chico. **A crise do mensalão.** Fortaleza: Cecordel, 2005.

- _____. **A lei seca.** Fortaleza: Cecordel, 2008.

- _____. **A prisão do Alemão.** Fortaleza: Cecordel, 2008.

- _____. **Brasil a rapadura é nossa.** Fortaleza: Cecordel, 2006.

- _____. **Morre o representante de Deus.** Fortaleza: Cecordel, 2005.

- _____. **Nicolau dos Santos Neto, o maior fraudador do Brasil.** Fortaleza: Cecordel, 2001.

- _____. **O mal da vaca louca.** Fortaleza: Cecordel, 2001.

- _____. **O político e o sucaterio.** Fortaleza: Cecordel, 2006.

- _____. **Ronda do quarteirão: a polícia da esperança.** Fortaleza: Cecordel, 2007.

- _____. **Tragédia no Iguatu**. Fortaleza: Cecordel, 2007.
- _____. **Tv Diário a Tv do Nordeste**. Fortaleza: Cecordel, 2006.
- SANTOS, Antonio José. **História da Literatura de cordel**. Fortaleza: Tupynanquim, 2007.
- SILVA, José da. **Fortaleza do passado**. Fortaleza: Cecordel, 1992.
- SILVA, Julie Ane. **Uma tragédia em família, ou o pai que matou o filho**. Fortaleza: Tupynanquim, 2004.
- TARSO, Paulo de. **A CPI e o Impeachment do Collor**. Cecordel: Fortaleza, 1993.
- _____. **A morte de Dom Helder e sua chegada no céu**. Cecordel: Fortaleza, 2005.
- _____. **A trágica morte dos Mamonas assassinas**. Cecordel: Fortaleza, 1996.
- _____. **Da ficção a realidade Nova York em chamas**. Cecordel: Fortaleza, 2001.
- _____. **Fortaleza esporte clube, sua história e suas glórias**. Cecordel: Fortaleza, 2005.
- _____. **Governado por doutores o Brasil ficou assim**. Cecordel: Fortaleza,
- _____. **O assassinato de Daniela Perez**. Cecordel: Fortaleza, 1993.
- _____. **O chamego do Itamar**. Cecordel: Fortaleza, 1995.
- _____. **O mensalão do PT envergonhou a nação**. Cecordel: Fortaleza, 2005.
- _____. **O metalúrgico que virou presidente**. Cecordel: Fortaleza, 1999.
- _____. **Os cães ladram e a caravana passa, Brasil em todas as copas**. Cecordel: Fortaleza, 2002.
- _____. **Tragédia que matou o campeão Sena**. Cecordel: Fortaleza, 1994.
- UCHOA, Felipe. **Encontro de Luiz Gonzaga com Lampião no céu**. Fortaleza: Cecordel, 1990.
- VIANA, Arievaldo. **A caveira do ET em Quixadá**. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.
- _____. **Brasil 500 anos de resistência popular**. Fortaleza: Tupynanquim, 2000.
- _____. **Encontro de FHC com Cabral**. Fortaleza: Tupynanquim, 1999.
- _____. **Luiz Gonzaga rei do baião**. Fortaleza: Tupynanquim, 1995.
- _____. **Um dia de eleição no país da bicharada**. Fortaleza: Tupynanquim, 2002.
- _____. **Sangrento ataque terrorista que abalou os EUA**. Fortaleza: Tupynanquim, 2001..
- VIANA, Klévisson. **A grande vitória do Lula**. Fortaleza: Tupynanquim, 2002.
- _____. **A morte de João Paulo II**. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.
- _____. **A triste partida de patativa**. Fortaleza: Tupynanquim, 2001.
- _____. **Charles Chaplin, o Carlitos**. Fortaleza: Tupynanquim, s/d.
- _____. **Conflito do Iraque e 3 tiranos de guerra**. Fortaleza: Tupynanquim, 2003.
- _____. **Leandro Gomes de Barros**. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.
- _____. **O dia que o Ceará vaiou o sol**. Fortaleza: Tupynanquim, s/d.
- _____. **O monstro Lusitano**. Fortaleza: Tupynanquim, 2002.

- _____. **O motorista de táxi que matou a mãe por um real.**Fortaleza: Tupynanquim,2000.
- _____. **O terrível assassinato de seis empresários portugueses.**Fortaleza: Tupynanquim, 1999.
- _____. **O Universo do Cordel.**Fortaleza: Tupynanquim, 2005.
- _____. **Os sertões de conselheiro.**Fortaleza: Tupynanquim, 2002.
- _____. **Mala do Folheteiro- Um cordelista na França.**Fortaleza: Tupynanquim, 2004.
- VIEIRA, Guaipuan. **A carta de seu lunga a FHC- sobre o apagão.**Fortaleza: Cecordel, 2001.
- _____. **A chegada de Lampião os céu.**Fortaleza: Cecordel, 5^o edição, 1997.
- _____. **A chegada de Raul Seixas no céu- festa dos artistas.**Fortaleza:Cecordel, 2003.
- _____. **A saga de Lula montado na besta fera.** Fortaleza: Cecordel, 2007.
- _____. **Adeus a um grande brasileiro Brizola.** Fortaleza: Cecordel, 2004.
- _____. **Carta do pistoleiro mainha a sociedade.**Fortaleza: Cecordel, 1992.
- _____. **Estados unidos em chamas.**Fortaleza: Cecordel,2001.
- _____. **História da execução dos médicos em Iguatu por um capitão.** Fortaleza: Cecordel, 2007.
- _____. **Índia Iracema e a lagoa de messejana.** Fortaleza: Cecordel, 2005.
- _____. **Inferno no Banfort.** Fortaleza: Cecordel,1993.
- _____. **Lula, um operário no poder.** Fortaleza: Cecordel, 2002.
- _____. **Mainha, o maior pistoleiro do nordeste.**Fortaleza: Cecordel, 1991.
- _____. **Monstro americano destrói inocentes no Iraque.** Fortaleza: Cecordel, 2003.
- _____. **O famoso mensalão e a caixa preta do PT.** Fortaleza: Cecordel,2005.
- _____. **Seleção canarinho traz o penta.**Fortaleza: Cecordel, 2002.
- _____. **Triste partida do rei do baião.**Fortaleza: Cecordel, 4^o edição, 2005.
- _____. **Turismo da morte- cruel chacina dos portugueses em fortaleza.**Fortaleza: Cecordel, 2001.
- _____. **Vida e morte de Frei Damião.**Fortaleza: Cecordel, 1997
- _____. **Visita de Bin Ladem ao inferno.**Fortaleza: Cecordel,2003.

- **Depoimentos orais**

FONTENELE,João Batista(JOTABÊ). **Entrevista a autora:** Casa Juvenal Galeno dia 06.08.2006,Casa Juvenal Galeno dia 08.10.2007;Casa Juvenal Galeno dia 18.02.2008.

FRANÇA, Antonio Queiroz de. **Entrevista a autora:** Bienal do Livro 18.08.2006.

FREITAS,Vânia. **Entrevista a autora:** Casa Juvenal Galeno dia 06.08.2006; Casa da Vânia dia 05.03.2007; Casa da Vânia dia 23. 05.2007.

LUCIENE,Maria. **Entrevista a autora:** Dragão do Mar dia 21.11.2005.

MENEZES, Otávio. **Entrevista a autora:** Secult dia 20.08.2006; Secult dia 21.08.2006

PAULINO,Eliseu. **Entrevista a autora:** Banca do Cordelista dia 13.09.2004; Banca do Cordelista dia 09.10.2005.

SILVA, Antonio Carlos (Rouxinol do Rinaré). **Entrevista a autora:** Tupynanquim dia 23.02.2006.

TARSO,Paulo de. **Entrevista a autora:** Casa Juvenal Galeno dia 06.08.2006.

VIANA,Klévisson. **Entrevista a autora:**Dragão do Mar dia 20.08.2005;Editora Tupynanquim dia 23.02.2006;Editora Tupynanquim 12.03.2008.

VIEIRA,Guaipuan. **Entrevista a autora:** Bienal do Livro 18.08.2006; Casa Juvenal Galeno dia 06.08.2006; Feira do sebo 05.02.2008.

- **Filmes**

CORDEL ESQUECIDO. Direção de Marcelo Rabelo. 2003, Salvador-Brasil. 15min. Vídeo.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção de Eliane Caffé. Produção Vânia Cartani e Bananeira Filmes. Distribuição Lumière e Rio Filme. 2003, Brasil. 100min. Filme cinematográfico.

O HOMEM QUE VIROU SUCO. Direção de João Batista de Andrade. Produção Raiz Produções. Distribuição Dina Filmes. 1980, Brasil. 90min. Filme cinematográfico.

- **Bibliografia: livros, artigos e trabalhos acadêmicos**

ABREU,Márcia. **História dos cordéis e folhetos.** Campinas: Mercado das letras,1999.

AMORIM, Maria Alice. **No visgo do imprevisto ou a peleja virtual entre cibercultura e tradição** São Paulo, 2007. 140 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica- SP.

ANDRADE, Cláudio Henrique(org). **Feira de Versos: Poesia de Cordel** – João Melquides da Silva, Leandro Gomes de Barros, Patativa do Ceará. São Paulo: Ática, 2006.

ARANTES,Antonio Augusto. **O que é cultura popular.** São Paulo: Brasiliense,1990.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** São Paulo: Contexto, 2006.

AYALA, Marcos; AYALA,Ignez. **Cultura Popular no Brasil.** São Paulo: Ática, 2002.

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

BORDENAVE, Juan, E. Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**. São Paulo: Vozes, 1986.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2001.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença na história. In: MORAIS, Marieta; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**(org). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BRASIL, Alexia. **Cordel: memória e comunicação em rede**. São Paulo, 2006. 168 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Programa de Estudos Pós graduados, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BRASIL, Alexia. **Cordel Digital**. Fortaleza: Edições Leo, 2005.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia - de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro : Jorge Zattar editor, 2004.

BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VINFAS, Ronaldo(org). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Gilmar de. Migrações, Narrativas e Sertão(O caso Cordel). **Revista de Ciências Sociais**. Volume 38 nº 1. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em cordel: o mote do consumo**. São Paulo: Annablume, 2002.

CARVALHO, Gilmar de.(org) **Bonito para chover**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

CARVALHO, Gilmar de. **Curadoria da exposição “Com as cordas do Coração: xilogravura e cordel”**. Caderno de referência: Exposição do Memorial da Cultura Cearense. Fortaleza: Centro Dragão do Mar de arte e cultura, 2002.

CARVALHO, Gilmar de. **Tramas da cultura: comunicação e tradição**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. A ideologia dos romeiros nordestinos na literatura de cordel. **Revista de Ciências Sociais**. Volume VIII nº 1 e 2 , Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1997.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore Brasileiro**. 11º Edição. São Paulo: Global, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

- CERTEAU, Michel de. **Cultura no Plural**. São Paulo: Papirus, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **L'écriture de l'histoire**. Paris : Gallimard, 1975.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa:Bertrand/ Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: MORAIS, Marieta ;AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**(org). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas,1998. p.218.
- CHAVEAU, Agnès, TETART, Phillippe (org). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Editora EDUSC.1999.
- CIVITTA, Victor. **Manual do Peninha**. São Paulo: Editora Abril (Walt Disney productions),1973.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Editora Ilumiuras, 2004.
- CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Edusp, 2003.
- DARNTON, Robert. **A História da Leitura**. In: BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.
- DIAZ,Juan. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense,1982.
- DIÉGUES, Manuel Junior. (org) **Literatura popular em verso- Estudos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- FAUSTO NETO, Antonio. **Cordel e a ideologia da punição**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.
- FINLEY,Moses. **Uso e abuso da história**. São Paulo:Martins fontes,1985.
- FROTA, Geraldo Carvalho. **Literatura de cordel como jornalismo popular**. Fortaleza,1988. 94 p. Monografia (Graduação em História) Universidade Federal do Ceará-UFC.
- FIGUEIREDO, Luciano R. História e Informática: o uso do computador. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- GALVÃO,Ana Maria.**Cordel, leitores e ouvintes**.Faculdade de educação: Minas Gerais,1994.
- GRANJEIRO, Claudia Rejanne. **O discurso religioso na Literatura de Cordel de Juazeiro do Norte**.Crato-Ce: A província edições, 2002.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A,1997.
- HOLANDA, Arlete. **O fantástico mundo do Cordel**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2006.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. Dicionário. 13^o edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1996; p.128
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. Dicionário. 9^o edição . São Paulo:.,1957.

JUCA, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2003.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O alcance da oralidade como opção metodológica In: VASCONCELOS, José Geraldo; MAGALHÃES, Antonio Germano Junior (org). **Linguagens da história**. Fortaleza: Imprepe, 2003.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O Nordeste e a História Oral: A contribuição dos grupos de pesquisa no Ceará. In: **Revista de História Oral**. Volume 9 nº 2. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral, Julho a Dezembro de 2006. p. 123- 135.

KUNZ, Martine. Melancia e Expedito: Cordel na fala e na escrita. **Revista de Ciências Sociais**. Volume 38 nº 1. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

KUNZ, Martine. **Cordel-voz e verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

LACOUTURE, Jean. A História Imediata. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LAGE, Nilson. Estrutura da notícia. São Paulo: Contexto, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Editora da UNICAMP: Campinas, 1992.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUYTEN, Joseph M. **A notícia na Literatura de Cordel**. São Paulo: Estação liberdade, 1992.

LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura popular**. Editora brasiliense: São Paulo, 1983.

LUYTEN, Joseph.(org) **Um século de Literatura de Cordel – Bibliografia especializada sobre Literatura popular em verso**. São Paulo: Nosso estúdio gráfico, 2001.

MACHADO, Francisca Clara Uchoa. **As profecias de PE Cícero na Literatura de Cordel . Fortaleza, 2006. 92p** Monografia (Graduação em comunicação). Universidade de Fortaleza- Unifor.

MAGALHÃES, Antonio Germano Junior. O historiador: suas escolhas teóricas e utilização da oralidade e da memória como linguagens de história. In: VASCONCELOS, José Geraldo; MAGALHÃES, Antonio Germano Junior (org). **Linguagens da história**. Fortaleza: Imprepe, 2003.

MARREIRO, Flávia. Irreverência cearense: atualização e permanência. In: CARVALHO, Gilmar de.(org) **Bonito para chover**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

MANUAL DO PENHINHA . Walt Disney. São Paulo. Editora Abril, 1979.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Patrimônio cultural e imaterial. **Revista de Ciências Sociais**. Volume 38 nº 1. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

MENEZES, Eduardo Diatay Bezerra de. Para uma leitura sociológica da literatura de cordel. **Revista de Ciências Sociais**. Volume VIII nº 1 e 2. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1997.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2001.

MORAIS, Marieta ;AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**(org). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas,1998.

NETO, Antonio Fausto. O discurso punido: uma leitura em torno da literatura de cordel. **Revista de Ciências Sociais**. Volume VIII nº 1 e 2. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1977.

NOBRE, Francisco Silva. **Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Edição ABCL, 2005.

NORA,Pierre. Entre memória e história: a Problemática dos lugares. In: **Edições Projeto história**, N.10. São Paulo:PUC,1993.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus,1998.

OLIVEIRA, José Erivan. **Literatura de Cordel no novo espaço urbano em Fortaleza**: trajetória, rupturas e inovações. Fortaleza, 2001,120p. Dissertação (Mestrado de Letras e Literatura) Universidade Federal do Ceará-UFC.

_____. Efeito e recepção: leituras e leitores de cordel no espaço urbano. **Revista de Letras**. n 21, vol1/2, Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 1999.

PEREZO,Cecília Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

PERRISÉ, Gabriel. **O leitor Criativo**. São Paulo: Omega Editora,2001.

PESAVENTO, Sandra Jathahy (org.). **Fronteiras do milênio**. Rio Grande do Sul: UFRS,2002.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Vol.2,n3,p3-15.Rio de Janeiro: UFRJ,1989.

POUDEUS, Ismael Jr. Cearencidade. In: CARVALHO, Gilmar de.(org) **Bonito para chover**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

PORTELLI, Alexandro. **O que faz a história oral diferente**. Rio de Janeiro: Projeto história. Agosto de1995.

RIOUX, Jean Pierre. Pode-se fazer uma história do presente?. In: CHAVEAU, Agnès, TETART, Phillippe (org). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Editora EDUSC.1999.

ROSSINI, Miriam de Souza. Imagens audiovisuais: sociabilidades e sensibilidades contemporâneas. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy(org). **Sensibilidades e sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Editora UCG, 2008.

RODRIGUES, Ruí Martinho. **Pesquisa acadêmica**. São Paulo: Atlas,2007.

RODRIGUES,Rui Martinho. A propósito da história oral. In: VASCONCELOS, José Geraldo; MAGALHÃES, Antonio Germano Junior (org). **Linguagens da história**. Fortaleza: Imprece,2003.

ROSSI,Clovis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: Editora brasiliense, 2006.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SUASSUNA, Ariano. **Literatura Popular em verso**. Fundação Rio de Janeiro: Rui Barbosa, 1976.

THONSON, Alistar; FRSCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos. In: In: MORAIS, Marieta ;AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**(org). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum: estudos sobre cultura popular e tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e terra, 1992.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira - o que é e como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

VIANA, Arievaldo. **Acorda Cordel em sala de aula**. Fortaleza: Ed. Tupynanquim, 2007.

VIRINO, Alyne. **Notícia Em Cordel: Produção Jornalística e Cultural de Cordéis de Circunstância em Fortaleza**. Monografia apresentada na Fanor, Jornalismo, Fortaleza, 2006.

VIRILIO, Paul. Os motores da história In: ARAÚJO, Hermetes (org). **Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estações liberdade, 1998.

WEYNE, Paul. **Como se escreve história**. Lisboa: Edições 70, 1999.

WILIANS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

• Jornais e revistas

FREITAS, Jotace. Assim Caminha o Cordel Contemporâneo. **Jornal Sopa e Poesia**. Ano I vol.3. Setembro de 2005.

FREITAS, Jotace. O Cordel Contemporâneo. **Jornal Sopa e Poesia**. Ano I vol.2. Julho de 2005.

FROTA, Geraldo Carvalho.(Pardal): **Jornal A Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 20.08.1995.

HAURÉLIO, Marco. A grande travessia do cordel e seus briosos vates pelo gigantesco mar das letras brasileiras. **Discutindo Literatura**. Ano 4 n 19. 2008.

LIMA, Simone Oliveira. Uma ponte para o mercado. **Jornal O Povo**. Caderno especial Pensar. 22 de outubro de 2006. Fortaleza Ce.

SALMITO, Ricardo Rigaud. Como ver o que se vê. **Jornal O Povo**. Caderno especial Pensar. 22 de outubro de 2006. Fortaleza Ce.

SANDES, José Anderson. Nem Lampeão, nem Pe. Cícero. **Jornal Diário do Nordeste**. Caderno 3. 20 de setembro de 2008.

- **Artigos on line**

ACADEMIA Brasileira de Literatura de Cordel. Disponível em: <www.ablc.ig.com.br>. Acesso em 30.04.04.

AMORIM, Maria Alice. **O folheto de circunstância: 11 de setembro em cordel**. Cecordel. Disponível em :<www.cecordel.cjb.net>. Acesso em 29.04.04.

ASSIS, Ângelo. **Uma breve história do cordel. Literatura popular**. Disponível em: <www.anovademocracia.com.br/0312_28.htm>. Acesso em 30.04.04.

BREGUEZ, Sebastião. **A literatura de cordel como produção de notícias e jornalismo popular: uma análise da obra de Teo Azevedo**. Disponível em: <www.breguez.jor.br_artigos.htm>. Acesso em 28.04.04.

CARVALHO, Gilmar de . **Poesia e liberdade: canto de trabalho**. Jornal de poesia. Disponível em: < www.secrel.com.br/jpoesia/cordel.html>. Acesso em 29.04.04.

CARVALHO, Gilmar de. **Folhetos da capital do cordel**. Cecordel. Disponível em : <www.cecordel.cjb.net>. Acesso em 29.04.04.

CORDELON - **História do Cordel**. Disponível em:< www.cordelon.hpg.com.br>. acesso em 30.04.04.

CORNIANI, Fábio. **Afinal o que é folkcomunicação?**. Disponível em <www.metodista.br/unesco/agora/pmc_acervo_pingos_fabio.pdf> Acesso em 01.02.2006

DEBS, Sylvie. **Le cordel: une expression littéraire en sursis?. Travaux du geric l'Ewop**. Disponível em:< www.palli.ch/~kapeskreyol/ewop/cordel.html>. Acesso em 29.04.04.

DINIZ, Francisco Ferreira Filho. **O que é a literatura de cordel**. Literatura de cordel. Disponível em:<www.literaturadecordel.vilabol.com.br/framehtm>. Acesso em 29.04.04

FREITAS, Enelado Bezerra. **Literatura de cordel e história oral: representações do imaginário da cultura popular em Rondônia**. Disponível em <www.geocities.yahoo.com.br/guirapurucordel/historico.htm>. Acesso em 01.02.2006.

KESSEL, Z. **Memória e memória coletiva**. Brasil, 200-. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/escolas/textos_apoio.htm> Acesso em : 20 de outubro de 2006.

MENEZES, Eduardo Diatay. **Das classificações temáticas da literatura de cordel**. Jornal de poesia. Disponível em:<www.secrel.com.br/jpoesia/cordel.html>. Acesso em 29.04.04

MENEZES, Otávio. **A peleja dos poetas e a banca dos cordelistas**. Disponível em :< www.cecordel.cjb.net>. Acesso em 29.04.04.

Mulher é detida com celular na vagina. **Jornal da Paraíba**. Paraíba, 12.04.2005 Polícia Militar da Paraíba - disponível em [http://www.pm.pb.gov.br/scripts/noticias - Ações Policiais](http://www.pm.pb.gov.br/scripts/noticias-Ações%20Policiais). Acesso em 20 de outubro de 2006.

PELLEGRINI, Américo Filho. **Literatura de cordel continua viva no Brasil**. Jornal de poesia. Disponível em: < www.secrel.com.br/poesia/cordel.html>. Acesso em 29.04.04.

ANEXOS





Mini currículo divulgado por alguns cordelistas

ROUXINOL DO RINARÉ

Nome de batismo é **Antonio Carlos da Silva**, nasceu em Rinaré-Quixadá-Ce. (atualmente Banabuiú). É poeta cordelista sócio-fundador da Sociedade dos Poetas e Escritores de Maracanaú (Sopoema), membro da Academia Brasileira de Cordel-ABC. Em Pajuçara (Maracanaú), onde reside há mais de 20 anos, também fundou, com alguns amigos, a Sociedade dos Amigos de Rodolfo Teófilo - Sociarte e os periódicos literários A Porta Cultural dos Aletófilos e O Benemérito, respectivamente. Tem vários trabalhos publicados em cordel pela Tupynanquim Editora, um título pela editora Philos Imprimatur, alguns independentes, e ainda vários inéditos. É um dos autores da 1ª Antologia Sopoema e da coletânea Cordel Canta Patativa, esta última, organizada por Gilmar de Carvalho e publicada pela Fundação Demócrito Rocha. Seu trabalho já foi citado em diversas revistas, nos principais jornais do país e até numa prova da UFC para o vestibular. No ano 2000 recebeu Menção Honrosa pela participação no VII Concurso Nacional de Poesia Menotti Del Picchia. Em setembro de 2001 foi entrevistado pela revista francesa QUADRANT. Em janeiro de 2002 conquistou o 1º lugar no I Concurso Paulista de Literatura de Cordel, de âmbito nacional, e em 2003 o 2º lugar, na categoria romance de cordel, no II Concurso Paulista de Literatura de Cordel. Rinaré viveu parte da sua infância no sertão central do Ceará (onde nasceu) e outra parte no interior maranhense de Pindaré-Mirim. Em ambos Estados teve contato, desde criança, com o cantador repentista e a literatura de cordel. No período em que o cordel era leitura obrigatória entre as famílias sertanejas (uma leitura coletiva, pois em cada família se destacava alguém alfabetizado para ler os folhetos para os demais), quando a televisão ainda não tinha chegado aos rincões distantes, Rinaré foi ouvinte e mais tarde leitor dessa literatura, tendo, assim, contato com os romances clássicos dos pioneiros Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Rezende, João Ferreira de Lima e José Pacheco.

GUAIPUAN VIEIRA

Nasceu em 11 de setembro de 1951, em Teresina/PI. É filho do saudoso poeta folclorista e indianista Hermes Vieira (hoje nome de rua em Teresina/PI). Conviveu com o homem sertanejo na propriedade rural do pai. É poeta cordelista, xilográfico e radialista, filiado à ACI - Associação Cearense de Imprensa. É graduado em Teologia, pelo Instituto de Ciências Religiosas/CE – ICRE. Estudou Filosofia. É funcionário da Receita Federal. Em sua terra natal, escreveu para vários jornais destacando-se no Jornal Correio do Povo, onde fora editor da página literária. Foi colaborador do Almanaque da Parnaíba. É citado na Revista Navigator, documentário histórico da Marinha/RJ, sobre o estudo "Carrancas do Rio Parnaíba". Integra o Dicionário Biográfico de Escritores Piauienses de Todos os Tempos, de Adrião Neto. Em 1977 publicou uma apostila intitulada "Folclore Piauiense", (ensaio), Edição Fundação Cultural do Piauí. Em 1978 publicou "Festa na Roça" (comédia folclórica), em edições do jornal "O Liberal"-PI. Nesse mesmo ano passou a ler bons autores da literatura de cordel, cultura tão questionada pela literatura erudita. Escrevendo posteriormente os folhetos: "A MENTIRA" (em quadra simples). Um ano após, em sextilha, "A triste aventura de um calango que de amar ficou cotó" e em sétima, "O macaco sabidão e o coelho ingênuo". Em fevereiro de 1979, fixou residência em Fortaleza, onde passou a

freqüentar a Casa de Juvenal Galeno, motivado pelas noitadas de viola, espetáculo ainda mantido por essa casa de cultura. Nesse mesmo ano, com apoio da Secretaria de Cultura e Desporto, através do Centro de Referência Cultural - Ceres e da Editora Henriqueta Galeno, foi editado "O macaco sabidão e o coelho ingên". A produção não mais parou. Em 1980, passou a escrever matéria literária nos jornais Meio-Dia e Folha do Ceará. Em 1984, ingressa na Ceará Rádio Clube, com um programa sertanejo, intercalado de notícias, culturais e políticas. Vale ressaltar que começou no serviço radiofônico na Rádio Pioneira de Teresina, através do programa intitulado "Poesias do Piauí", tendo como titular o professor Carlos Said. Tramitou pela Rádio Iracema. Há dez anos é integrante da equipe de locutores da Rádio Pitaguary (Maracanaú). Em 1987, familiarizado com a plêiade de poetas populares e pesquisadores dessa arte, pôs em prática a idéia de se criar algo representativo para os poetas cordelistas. Envolveu grandes nomes dessa arte, surgindo, com isso, a 1ª Exposição de Literatura de Cordel, mostra oficial, do Estado, sobre o auspício da Fundação ASSEFAZ, Associação dos Cantadores do Nordeste e Secretaria de Cultura e Desporto, através do Centro de Referência Cultural - Ceres. O sucesso o fez criar o Centro Cultural dos Cordelistas do Ceará - Cecordel, hoje do Nordeste. Nesse mesmo ano criou com apoio de empresa privada a Banca do Cordel, hoje Banca Nacional do Cordel sendo, atualmente, seu presidente. Hoje somam-se vários folhetos de cordel publicados com destaque nos jornais da capital alencarina O POVO, Diário do Nordeste e Tribuna do Ceará, "Gazeta Mercantil"(SP) e "Folha de São Paulo". É correspondente da Revista DE REPENTE(PI), foi editor da "página literária (Revista Cecordel), do jornal "OPINIÃO"-CE. Premiado pela Fundação Assistencial dos Servidores do Ministério da Fazenda-SP - IV FANFAZ. Pela Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará (Prêmio Ceará de Literatura Popular). Recebeu da Casa de Arte ASAUF (UFC) o certificado "Cidadão 92", destacando-se como poeta da resistência, por ter contribuído com o Movimento de Poesias do Ceará do Polo Cultural do Benfica. Em 2004, no Festival Internacional de Cantadores, em Quixadá – Ceará, foi outorgado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel –ABLC, com a Medalha de Mérito pelo relevante trabalho prestado em prol da literatura de cordel no Ceará. Tem composições gravadas em discos pelos intérpretes Acauã e Rosamato.

KLÉVISSON VIANA

Cordelista e editor fundador da **Editora Tupynanquim** em 1990

Nasceu em 1972 em Quixeramobim, Sertão Central do Ceará. É cartunista, poeta, editor, membro da ABLC-Academia Brasileira de Literatura de Cordel (RJ) e presidente da AESTROFE –Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará. Artista que transita por vários gêneros da poesia popular, através da sua Tupynanquim Editora já publicou uma centena de títulos de sua autoria e mais de quatrocentas obras de outros autores. É poeta popular, cartunista e tesoureiro da ABC - Academia Brasileira de Cordel e Cantoria. Nascido aos 3 de novembro de 1972 no sertão de Quixeramobim-CE, cresceu embalado pelas canções e repentes de viola, cordel e reisado. É também cartunista de renome, com participação em salões de humor internacionais. Seu primeiro livro solo, a HQ "Lampião - Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida", recebeu o prêmio HQ Mix 1988, na categoria melhor álbum nacional. No campo da poesia popular, assina diversos livretos de cordel, dentre os quais "Romance da Quenga que matou o Delegado", adaptado para a TV pelo programa "Brava Gente, da Rede Globo de Televisão. Dirige a Tupynanquim Editora e é um dos responsáveis pelo renascimento da literatura de cordel, dando oportunidade para novos talentos e reeditando grandes clássicos do romanceiro popular nordestino, através de uma parceria com a ABC - Academia Brasileira

de Cordel e Cantoria, com sede em Fortaleza-CE. É membro também da Academia Brasileira de Literatura de Cordel - ABLC (Rio de Janeiro-RJ), onde ocupa a cadeira de nº 11, cujo patrono é José Pacheco, o famoso autor de "Chegada de Lampião no Inferno".

ARIEVALDO VIANA

Poeta popular, escritor, ilustrador e publicitário, nasceu em Fazenda Ouro Preto, Quixeramobim-CE, aos 18 de setembro de 1967. É o criador do projeto ACORDA CORDEL NA SALA DE AULA, que utiliza a poesia popular na educação de crianças, jovens e adultos. Em 2000, foi eleito membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Em setembro de 2002 venceu o V Prêmio Domingos Olímpio de Literatura (modalidade Cordel), promovido pela Prefeitura de Sobral-CE, com Romance de Luzia Homem. Já lançou mais de 70 folhetos e tem três livros publicados: O Baú da gaiatice (crônicas e anedotas), São Francisco de Canindé na Literatura de Cordel (ensaio) e Acorda Cordel na Sala de Aula (didático). poeta popular, radialista, ilustrador e publicitário, nasceu em Fazenda Ouro Preto, Quixeramobim-CE, aos 18 de setembro de 1967. Começou a publicar sistematicamente os seus folhetos em 1999, quando lançou, juntamente com o poeta Pedro Paulo Paulino, uma caixa com 10 títulos chamada Coleção Cancão de Fogo. De 1988 a 1998 fez pequenas tiragens de seus folhetos em xerox, sistema bastante rudimentar, que foi completamente abolido pelo poeta após o lançamento da Coleção Cancão de Fogo. É o criador do Projeto ACORDA CORDEL na Sala de Aula, que utiliza a poesia popular na alfabetização de jovens e adultos, adotado pela Secretaria de Educação, Cultura e Desporto de Canindé-CE. Em 2000, foi eleito membro da ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL, na qual ocupa a cadeira de nº 40, patronímica de João Melchiades Ferreira. Em setembro de 2002 venceu o V Prêmio Domingos Olympio de Literatura (modalidade Cordel), promovido pela Prefeitura de Sobral-CE, com "Romance de Luzia Homem", uma adaptação da obra do famoso romancistas sobralense para a poesia popular. Nesse mesmo certame tirou ainda 3º e 4º lugares com os folhetos "Queixas de um vitalino" e "Viagem à Baixa-da-égua", respectivamente. Seu folheto "Brasil: 500 anos de resistência popular" teve uma tiragem de 12 mil exemplares, bancada pelo Sindicato dos Eletricitários de Belo Horizonte", sendo uma de suas obras mais divulgadas. Outra obra de destaque é "Peleja de Zé Limeira com Zé Ramalho da Paraíba", que tem um texto de apresentação escrito pelo próprio Zé Ramalho. Arievaldo tem alguns trabalhos escritos em parceria com outros poetas como Pedro Paulo Paulino, Jota Batista, Klévisson Viana, Gonzaga Vieira, Zé Maria de Fortaleza e Manoel Monteiro da Silva.

LUCAS EVANGELISTA

O que era feito como brincadeira tornou-se meio de vida. Lucas não tinha mesmo vocação para a agricultura, seu espírito era livre, nômade, como os trovadores de feira. Quando tinha por volta de quatorze anos a mãe se mudou para Fortaleza, "depois de ter descido esse sertão todinho". Lucas passou a trabalhar na fábrica de tecidos São José e comprou o primeiro violão de um evangélico, que lhe ensinou "umas posiçõesinhas, a acompanhar para o meu gasto". Adquiriram uma casinha na beira da praia, no Pirambu. Mas não dava para viver de poesia e Lucas, ajudante, depois fiandeiro, ficava aturdido com "aquele zum-zum da fábrica" e quando trabalhava à noite, para fazer um extra, contrariando a lei que protegia os menores, sonolento, "sentia a poesia em ebulição e começava a fazer versos, tudo que vinha na minha cabeça eu cantava e depois passava para o papel". Os primeiros versos foram a partir dos contos de fadas. Mas "eu era invocado mesmo com histórias de aventuras, negócio de brabeza desses cabras bons do sertão, história de moça bonita

casando com cabra valente”.

OTÁVIO MENEZES

Nascido em Fortaleza em 1956. É cordelista e xilógrafo, publicou o primeiro cordel em 1985. Formado em história pela UFC. seu trabalho baseia-se na informação jornalística: ocorrências, fatos d dia a dia, os temáticos “cordéis de circunstancia”. Além de folhetos publicados tem pesquisas na área de literatura popular editados em revistas de Fortaleza. Participa da Antologia Cordel canata Patativa de Gilmar de Carvalho, edições Demócrito Rocha de 2002; e Luiz Gonzaga na Literatura de Cordel, Pedro Bandeira 1994. foi membro da comissão julgadora do premio Ceará de Literatura de Cordel promovido pela Secult em 1994. É membro associado ao Cecordel e exerce função na Secult no dept de patrimônio Imaterial.

JOTABÊ- João Batista Vieira Fontenele

Nascido em Viçosa-Ce em 25 de setembro de 1953 cursou o primeiro grau incompleto e veio morar em Fortaleza em 1976. publicou mais de 250 obras com diversas temáticas. Recebeu várias premiações. Em 2002 recebeu o primeiro lugar em Literatura de Cordel da Secult com a obra “Juventude e as Drogas” seus trabalhos são expostos em vários lugares, com colégios, bancas e na residência do mesmo, sendo que não possui outro ofício para sustento, vivendo da poesia e dos folhetos que vende.

ELISEU PAULINO

Nascido em 28 de outubro de 1964 em Pacatuba- Ce. tem vários folhetos publicados e atualmente representa os poetas populares na banca do Cecordel na praça dos correios. É o único até agora visto que comuna edições no Cecordel e na Tuppyanquim

PAULO DE TARSO GOMES

Nascido em 1963 em Tauá na Fazenda Confiança, saiu da fazenda para a cidade em 1978 onde obteve ensino regular. Começou a escrever em 1981 e em 1987 publicou o primeiro folheto A história de Santa Cruz dos Milagres, romaria que acontece no Paiui. Concluiu a graduação em História em 1991, foi professor do Ginásio Anchieta e Fortaleza e em assumiu a docência concursado pela prefeitura de Maracanaú. Desenvolve projeto de Literatura de Cordel em 4 escolas de Pacatuba. Em 2006 eleito pela acadêmica Tauense de letras ocupando a cadeira 32. Membro de Cecordel.

PARDAL- Geraldo Frota

Membro de Cecordel, formado em Comunicação Social na UFC. Nascido em Campo Maior (PI). Poeta cordelista. Graduado em Filosofia Pura. Especializado em Tecnologia Educacional, em nível de pós-graduação “Lato sensu”. Formado em Comunicação Social na UFC na década de 1980. Em 1994, foi classificado entre os doze primeiros colocados do Prêmio de Literatura de Cordel do Ceará, promovido pelo Governo do Estado, com 120 concorrentes. Os trabalhos vencedores foram editados pelo Governo do Estado. É um dos fundadores do CCCORDEL, em Fortaleza (CE). Tem vários outros trabalhos publicados e atuante no incentivo do Cordel em sala de aula. Vice-diretor da Escola Municipal Madre Tereza de Calcutá A Assembléia Legislativa, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisa para o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), criou o cordel “Assembléia Legislativa vai à Escola Compartilhar Construção da Cidadania”. O livro, de autoria do poeta, escritor e

jornalista Gerardo Carvalho Frota - conhecido como Pardal – será distribuído para alunos da rede de ensino básico das escolas públicas do Estado.

VANIA FREITAS DE ALENCAR FROTA

Nasceu em 1948 Membro de Cecordel, mulher do Pardal, guarda o patrimônio material de fotos e matérias sobre o Cecordel, mas começou a escrever faz pouco tempo em relação aos outros membros. Principiante nas artes plásticas faz parte do Grupo experimental de Teatro.



ROTEIROS DE ENTREVISTAS

Data/Local

Nome : Antonio Klévisson Viana

Nascimento /local e data

Momento 1 : A Editora Tupynanquim

- A tupynanquim foi fundada quando? Por quem especificamente? E qual a intenção de se montar uma editora?
- Dificuldades enfrentadas para se consolidar?
- Momentos de conquistas da editora?
- Qual a diferença entre se montar uma associação ou uma editora?
- Como é a estrutura de publicação e financeira da editora? Possuem maquinário próprio?
- Qual o mercado que a editora alcança?
- Como escolhe, seleciona os autores para publicar na editora?
- Como escolhe as temáticas para publicação?
- Qual o papel da editora para a sociedade? Para a cultura do cordel?
- A editora tem parcerias com outras instituições? (cecordel por exemplo)
- Montar o blog foi porque?
- Alguns consideram que se o autor não é popular não é cordel, que se está na internet também não é cordel, e você?
- Novas perspectivas para a editora

Momento 2 : O Cordelista

- Como começou a ser cordelista?
- Quais suas principais temáticas?
- E o noticioso?

- O que é o cordel de circunstância? Noticiosos? Novo?
- Dentre seus cordéis % de circunstância
- Qual é o processo de pesquisa e criação?
- Como escolhe o tema?
- Qual o papel (Função/ objetivo) que deseja com seus temas?
- Volta sua temática para temas que sejam mais comerciais?
- Vantagens e desvantagens para o cordelista pertencer a uma editora ?

Data/Local

Nome : Guaipuan Vieira

Nascimento /local e data

Momento 1 : O Cecordel

- O Cecordel foi fundado quando? Por quem especificamente? E qual a intenção de se montar esta instituição?
- Dificuldades enfrentadas para se consolidar?
- Momentos de conquistas do cecordel ?
- Qual a diferença entre se montar uma associação ou uma editora?
- Como é a estrutura de publicação e financeira da instituição?
- Qual o mercado que a instituição alcança?
- Como os poetas se associam, como publicam pela instituição? Possuem maquinário próprio?
- Como escolhem as temáticas para publicação?
- Qual o papel do cecordel para a sociedade? Para a cultura do cordel?
- Tem parcerias com outras instituições? (editora tupynanquim por exemplo)
- Montar o site e mudá-lo foi porque?
- Alguns consideram que se o autor não é popular não é cordel, que se está na internet também não é cordel, e você?
- Novas perspectivas para o cecordel

Momento 2 : O Cordelista

- Como começou a ser cordelista?
- Quais suas principais temáticas?
- É o noticioso?

- O que é o cordel de circunstância? Noticiosos? Novo?
- Dentre seus cordéis % de circunstância
- Qual é o processo de pesquisa e criação?
- Como escolhe o tema?
- Qual o papel (Função/ objetivo) que deseja com seus temas?
- Volta sua temática para temas que sejam mais comerciais?
- Vantagens e desvantagens para o cordelista pertencer a uma instituição ?

Data/Local

Nome :

Nascimento /local e data

Momento 2 : Cordelista

- Como começou a ser cordelista?
- Quais suas principais temáticas?
- E o noticioso?
- O que é o cordel de circunstância? Noticiosos? Novo?
- Dentre seus cordéis % de circunstância
- Qual é o processo de pesquisa e criação?
- Como escolhe o tema?
- Qual o papel (Função/ objetivo) que deseja com seus temas?
- Volta sua temática para temas que sejam mais comerciais?
- Vantagens e desvantagens para o cordelista pertencer a uma instituição ?
- As instituições no estado são coesas? Possuem o mesmo direcionamento?
- Alianças e conflitos trazem o que para a cultura do cordel?
- Qual a
- relação que vê entre o Cecordel e a Tupynaquim?
- Publicam com a sua produtora poesias na internet, e alguns consideram que se o autor na é popular não é cordel, que se esta na internet também não é cordel, e você?



FOLHETOS E RECORTES DO ACERVO DE VÂNIA FREITAS



Uma das primeiras programações culturais do Centro de Arte Dragão do Mar

Com as Cordas do Coração: Xilogravura e Cordel



Apresenta um panorama dessa expressão popular/tradicional, fixada no imaginário coletivo, como parte da tradição que a literatura oral ganhou no Ceará. Além de traduções contemporâneas da Xilogravura e do Cordel, através de recursos multimídia, a mostra contará com xilógrafos e cordelistas de Fortaleza e Juazeiro do Norte, que se revezarão em oficinas no cenário de uma gráfica. A curadoria é de Gilmar de Carvalho. **De 22 de agosto a 30 de novembro**

XILOGRAVURA



PROGRAMA

Dia 05/11 - 09h:
- Solenidade de abertura com a participação de artistas, violonistas e poetas de Cordel.

Dia 18/11 - 17h:
- Debate sob tema "Literatura de Cordel como Veículo de Comunicação". Moderado por Gerardo Freta (Paraná) participação dos cordelistas Vidal Santos (AP), Gualpuan Vieira (CECORDERL), Ribamar Lopes, Martini Kuntz, F.S. Nascimento, Barros Alves, Gilmar de Carvalho, Gaspar Lima (Pesquisadores).

Além de folhetos de Cordel há pequena mostra de xilogravuras com trabalhos de Otávio Mendes e José Lourenço Gonzaga, de Jaguarão do Norte e também reproduções de xilogravuras de mestre Nona e Abraão Batista.

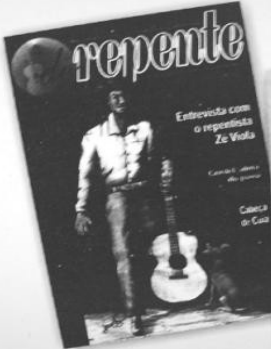
LITERATURA DE CORDEL

ARTE DO POVO

PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO



QUARTA Literária





quarta literária centro dragão do mar de arte e cultura quarta literária

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e a Livraria Livro Técnico convidam para o lançamento do livro **Canta Cordel** de Gualpuan Vieira e da revista **De Repente**, publicação da Fundação Nordestina do Cordel.

Quarta, dia 16 de janeiro de 2002
Horário: 19h
Local: Livraria Livro Técnico
Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
Rua Dragão do Mar, 81 - Praia de Iracema
Fortaleza - Ceará - Brasil



QUARTA Literária





PRÊMIO CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE LITERATURA POPULAR

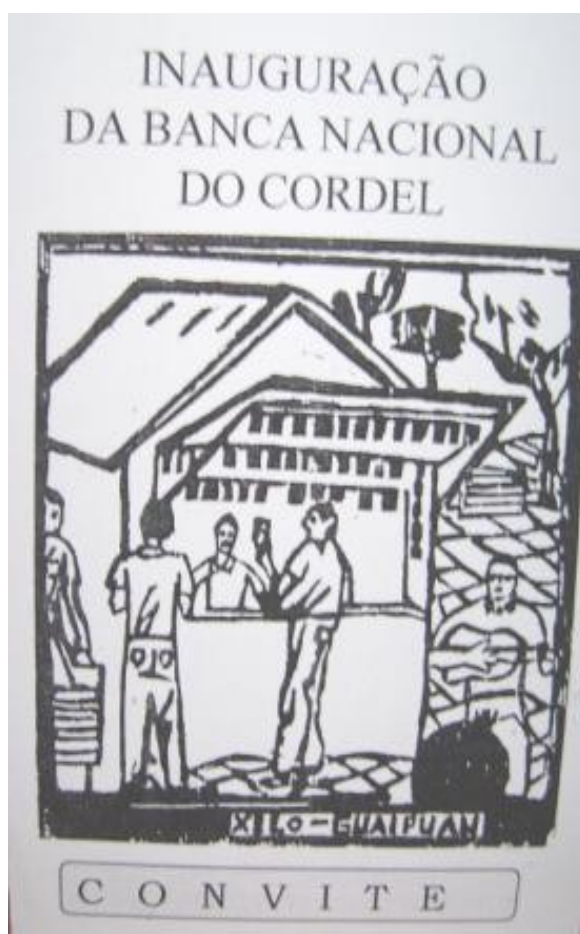
REALIZAÇÃO:

CENTRO CULTURAL DOS CORDELISTAS DO CEARÁ - CECORDERL.

PATROCÍNIO:

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

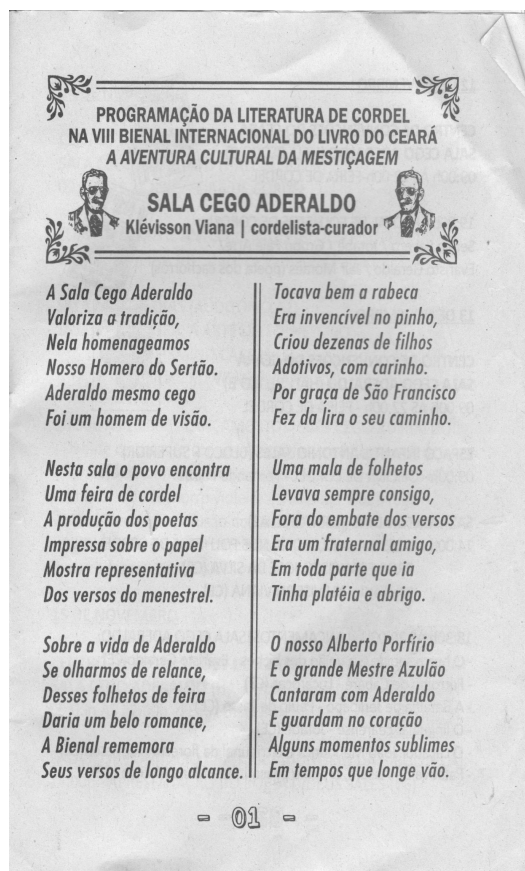
Fortaleza (CE), _____ de 1997



Vânia guarda folhetos, recorta jornais,
para um acervo próprio e também
guarda arquivos do Cecordel com o
Pardal que já foi secretário, atualmente
tesoureiro, do Centro



**I CONGRESSO BRASILEIRO DE POETAS CORDELISTAS
EDITORES E FOLHETEIROS.**



12 DE NOVEMBRO

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

19:00h - RECITAL DE FOLHETOS DE CORDEL:
Sergio Severo / Jotabê / Grupo Pajé Arte/
Evaristo Geraldo / Jair Moraes (poeta dos cachorros)

13 DE NOVEMBRO

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

ESPAÇO INFANTIL ANTONIO SALES (BLOCO F SUPERIOR)
09:00h - OFICINA DE CORDEL - Fernando Paixão

SALA MILTON DIAS (AUDITÓRIO A2)
14:00h - PALESTRA: A FILOSOFIA NOS FOLHETOS DE CORDEL
PROF. FRANCISCO JOSÉ DA SILVA (CE)
Mediação: KLÉVISSON VIANA (CE)

18:30h ÀS 20:00h - LANÇAMENTOS | SALA CEGO ADERALDO:
- O burro sabido e a união dos bichos - Evaristo Geraldo (CE)
- Ferrolho de Cabaré - Lucarocas (CE)
- A Batalha de Jenipapo - Paulo de Tasso (CE)
- O linguajar cearense - Jotabê (CE)
- O caçador João Mendonça e o tribunal da floresta - Klévisson (CE)
- Patativa do Assaré, o poeta passarinho - Maria Matilde (CE)

- 02 -

14 DE NOVEMBRO

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

ESPAÇO INFANTIL ANTONIO SALES (BLOCO F SUPERIOR)
09:00h - OFICINA DE CORDEL - Fernando Paixão

SALA MILTON DIAS (AUDITÓRIO A2)
16:00h - PALESTRA: A ARTE DO FOLHETEIRO
JOÃO FIRMINO CABRAL (SE)
Mediação: KLÉVISSON VIANA (CE)

18:30h ÀS 20:00h - LANÇAMENTOS | SALA CEGO ADERALDO:
- Debate de Satanás com o Pai Eterno - José Barbosa (PI)
- Agripino e Rizonete ou o poder da fada - José Barbosa (PI)
- A história do cachorro violeiro - Guaipuan Viêira (CE)
- Mané Neco e a confusão do espelho - Guipuan Vieira (CE)
- A história do gato-do-mato que procurava um preá para matar a fome - Párdal (CE)

15 DE NOVEMBRO (Sáb.)

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

SALA JOSÉ BONIFÁCIO CÂMARA (AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA)
14:00h - APRESENTAÇÃO DO POETA DIDEUS SALES (CE)

- 03 -

SALA MILTON DIAS (AUDITÓRIO A2)
14:00h - PALESTRA: A PRESENÇA DOS POETAS
CORDELISTAS EM SÃO PAULO
ASSIS ÂNGELO (SP)
Mediador: Klévisson Viana (CE)

18:30h ÀS 20:00h - LANÇAMENTOS | SALA CEGO ADERALDO:
- O herói da floresta e a princesa encantada e As aventuras de Davi e o gigante Golias - João Firmino Cabral (Aracaju-SE)
- Zé Charada no reino dos sabichões - Rouxinol do Rinaré (CE)
- A onça que não queria caçar - Sergio Severo (Fortaleza-CE)

16 DE NOVEMBRO (Dom.)

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

14:00h às 18:00
I CONGRESSO BRASILEIRO DE POETAS CORDELISTAS, EDITORES E FOLHETEIROS

14:00h - SESSÃO SOLENE DE ABERTURA
COM MESTRE AZULÃO

14:50h - Mesa: A ATUAL SITUAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL, SUAS CONQUISTAS E PRINCIPAIS OBSTÁCULOS PARA SUA DIFUSÃO NA ATUALIDADE
ASSIS ÂNGELO (SP)
JOÃO FIRMINO CABRAL (SE)
LUCAROCAS | CECORDEL (CE)
VIDAL SANTOS | ABC (CE)
Mediação: MARCO HAURÉLIO (SP)

- 04 -

16:00h - Mesa: O CORDEL NA SALA DE AULA
ARIEVALDO VIANA | Projeto Acorda Cordel (CE)
GUAIPUAN VIEIRA | CECORDEL (CE)
MESTRE AZULÃO (RJ)
PARDAL | CECORDEL (CE)
MESTRE BULE-BULE (BA)
Mediação: ROUXINOL DO RINARÉ | SOCIARTE | AESTROFE

17:20h - Mesa: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A LITERATURA DE CORDEL
FLÁVIO MARTINS | Editora IMEPH (CE)
MARCO HAURÉLIO | Editora Nova Alexandria (SP)
ZÉ MARIA DE FORTALEZA | AESTROFE (CE)
Mediação: KLÉVISSON VIANA | AESTROFE

18:00h - APRESENTAÇÃO DOS POETAS
MESTRE BULE-BULE (BA)
FRANCISCO MELCHIADES (CE)
KLÉVISSON VIANA (CE)
SERGIO SEVERO (CE)
18:30h ENCERRAMENTO

19:00h ÀS 20:30h - LANÇAMENTOS | SALA CEGO ADERALDO:
- A Lei Maria da Penha - Mestre Alberto Porfírio (CE)
- História de Rosa Alice e o velho Gondim - Mestre Alberto Porfírio (CE)
- Peleja de Mestre Azulão com Bezerra do Ceará (RJ)
- O Arranca-rabo de Yoko Ono com Maria Bonita - Sávio Pinheiro (CE)
- O cangaceiro do futuro e o jumento espacial - Klévisson (CE)

- 05 -

17 DE NOVEMBRO (Seg) ✓

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

ESPAÇO INFANTIL ANTONIO SALES (BLOCO F SUPERIOR)
09:00h - OFICINA DE CORDEL - Fernando Paixão

18:30h ÀS 20:00h LANÇAMENTOS|SALA CEGO ADERALDO:
- O encontro da aranha com o reumatismo - Bule-Bule (BA)
- Seu André, o professor do Seu Lunga - Serra Azul (CE)
- O Terrível duelo da feiteira Maria Piauí com o
Cabeça-de-Cuíá - Guaipuan Vieira (CE)
- As ruas de Fortaleza - Guaipuan Vieira (CE)

18 DE NOVEMBRO (Terça) ✓

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

18:30h ÀS 20:00h - LANÇAMENTOS|SALA CEGO ADERALDO:
- O Mistérios dos Perfumes - Rouxinol do Rinaré e
Klévisson Viana (CE)

Estande da Editora IMEPH

16:30h - Lançamento dos livros infantis em cordel:

- O pulo do gato - Klévisson Viana
- A festa no céu - Klévisson Viana
- O sapo com medo d'água - Rouxinol do Rinaré
- João e Maria - Evaristo Geraldo

- 06 -

19 DE NOVEMBRO (Qua) ✓

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

18:30h ÀS 20:00h - LANÇAMENTOS|SALA CEGO ADERALDO:
- Traquinagens de João Grilo - Marco Haurélio (SP)
- A Maldição das sandálias do pão-duro Abu Kasem -
Marco Haurélio (SP)
- A mulher dourada e o menino careca - Paulo de Tarso (CE)
- Artimanhas de Pedro Malazartes - Klévisson Viana (CE)
- As façanhas de Josué e seu bode milagreiro - Pardal (CE)
- Assim começou a história do Ceará - Pardal (CE)
- Aventuras do guerrilheiro Che Guevara - Antonio Queiroz (CE)

20 DE NOVEMBRO (Qui) ✓

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

ESPAÇO INFANTIL ANTONIO SALES (BLOCO F SUPERIOR)
09:00h - OFICINA DE CORDEL - Fernando Paixão

SALA MILTON DIAS (AUDITÓRIO A2)

16:00h - PALESTRA: A VIDA E A OBRA DOS GRANDES

MESTRES DO CORDEL

MARCO HAURÉLIO (Brasil)

Mediação: KLÉVISSON VIANA (Brasil)

- 07 -

19:30h ÀS 20:00h - LANÇAMENTOS|SALA CEGO ADERALDO:
- O PRÍNCIPE QUE VIA DEFEITO EM TUDO - Marco Haurélio

COLEÇÃO CLÁSSICOS EM CORDEL|Editora Nova Alexandria - SP:
- OS MISERÁVEIS - Adaptação do clássico de Victor Hugo
por Klévisson Viana
- O ALIENISTA - Adaptação do clássico de Machado de Assis
por Rouxinol do Rinaré

21 DE NOVEMBRO (Sex) ✓

CENTRO DE CONVENÇÕES DO CEARÁ
SALA CEGO ADERALDO (HALL BLOCO B)
09:00h ÀS 22:00h - FEIRA DE CORDEL

SALA MILTON DIAS (AUDITÓRIO A2)
16:00h - PALESTRA: LEANDRO GOMES DE BARROS, VIDA E OBRA
ARIEVALDO VIANA LIMA (CE) ✓
Mediação: Klévisson Viana (CE)

18:30h ÀS 20:00h - LANÇAMENTOS|SALA CEGO ADERALDO:
- O homem que foi vender cachaça no céu - Jotabê (CE)
- O Amor de A a Z - Ivonete Moraes (CE)
- Coronel, Blú das Quengas e as Eleições - Paulo de Tarso (CE)

19:30h - ENCERRAMENTO COM RECITAL E PERFORMANCE
DE FOLHETOS DE CORDEL:
Grupo Formosura de Teatro / Klévisson Viana /
Grupo Pajé Arte / Julie Ane Oliveira / Edson Neto /
Francisco Melchliades / Sergio Severo

- 08 -

ESTE FOLHETO FOI IMPRESSO COM O APOIO DAS SEGUINTES INSTITUIÇÕES:

Aestrofe

TUPYNANQUIM
EDITORA

PROGRAMAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL
NA VIII BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DO CEARÁ
A AVENTURA CULTURAL DA MISTIÇAGEM

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES:

ABC - Academia Brasileira de Cordel
UCKAN - União dos Cantadores Repentistas e Apologistas do Nordeste (SP)
AESTROFE - Associação de Escritores, Trovadores e Folhetistas do Estado do Ceará
ABLC - Academia Brasileira de Literatura de Cordel (RJ)
Instituto Internacional de Cantoria - INTERCANTO
Sociedade dos Amigos de Rodolfo Teófilo - SOCIARTE
Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste - CECORDEL
Sociedade dos Escritores e Trovadores do Maracaná - SOPOEMA
Grupo Pajé Arte
ACC - Academia dos Cordelistas do Crato
Grupo Formosura de Teatro

EDITORAS PARTICIPANTES:

Tupynanquim Editora — Editora Luzzini — Quema-Bucha
Editora Lineph — Edições Padre Cicero — Nova Alexandria — Acatu Editora



BIENAL INTERNACIONAL
DO LIVRO DO CEARÁ
VIII

